ISAAC ASIMOV

A TERRA TEM ESPAÇO

Tradução de:
Affonso Blacheye

dedicado

àqueles cavalheiros admiráveis e afáveis
que originaram a primeira publicação
deste livro:

ANTHONY BOUCHER
HOWARD BROWNE
JOHN CAMPBELL
HORACE GOLD
ROBERT LOWNDES
LEO MARGULIES
RAY PALMER
JAMES QUINN
LARRY SHAW
RUSS WINTERBOTHAM

O PASSADO MORTO

Arnold Potterley era professor de História Antiga o que, por si só, não constituía perigo algum. O que modificou o mundo além de todos os sonhos foi o fato de que ele se parecia a um professor de História Antiga.

Thaddeus Araman, chefe de Departamento da Divisão de Cronoscopia, poderia ter adotado as medidas adequadas se o professor Potterley tivesse um queixo avantajado e quadrado, olhos reluzentes, nariz aquilino e fosse bastante espadaúdo.

Assim não sendo, Taddeus Araman via-se em seu gabinete diante de uma criatura bem-educada, cujos olhos azuis desbotados o fita varri com atenção e cuja figura de pequena estatura e elegantemente trajada parecia algo diluída, desde os cabelos castanhos e ralos até os sapatos muito bem engraxados, completando um terno de talhe conservador e de classe média.

Araman perguntou, afável:

– Em que posso ajudá-lo, professor Potterley?

O professor Potterley respondeu em voz baixa que parecia combinar muito bem com tudo o mais nele:

– Senhor Araman, vim procurá-lo porque o senhor é quem decide as coisas na cronoscopia.

Araman sorriu e retrucou:

– Não é bem assim. Acima de mim encontra-se o Comissário Mundial de Pesquisas e acima dele encontra-se o Secretário Geral das Nações Unidas. E acima de ambos, é claro, estão os povos soberanos da Terra.

O professor Potterley sacudiu a cabeça, rejeitando aquelas palavras.

– Eles não estio interessados na cronoscopia. Vim procurá-lo, senhor, porque há dois anos que tento obter permissão para fazer alguma visita no tempo... cronoscopia, é do que estou falando... relacionada às minhas pesquisas sobre a antiga Cartago. E não obtenho essa permissão. Meus fundos para pesquisa são todos eles muito cer-

tos, não existe qualquer irregularidade nas minhas pesquisas intelectuais, mas ainda assim...

– Tenho certeza de que não se trata de irregularidade alguma – contrapôs Araman, visando acalmar o visitante. Vasculhou então as folhas finas de reprodução, na pasta à qual o nome de Potterley havia sido afixado. Tinham sido produzidas pelo Multivac, cuja vasta memória amplamente analógica cuidava de todos os registros do departamento. Terminado isso as folhas podiam ser destruídas e depois reproduzidas, a pedido, em questão de minutos.

E enquanto Araman examinava aquelas páginas, a voz do professor Potterley prosseguiu, em tom monótono. Dizia ele:

– Preciso explicar que meu problema é muitíssimo importante. Cartago foi o comercialismo antigo levado ao zênite. Cartago pré-romana foi o análogo antigo mais próximo à América pré-atômica, pelo menos na medida de seu relacionamento ao comércio, ao mundo dos negócios em geral. Também foram os marujos e exploradores mais audaciosos antes dos vikings, e se saíram melhor nisso do que os gregos, a quem tanta gente louva em demasia.

Ele fez uma pausa, prosseguiu:

– Conhecer Cartago seria muito valioso e profícuo, mas ainda assim o conhecimento único que temos a seu respeito vem das obras escritas por inimigos ferozes que os cartagineses tiveram, os gregos e os romanos. A própria Cartago nunca escreveu coisa alguma em sua defesa e, se o fez, tais livros não sobreviveram. Como resultado disso os cartagineses têm estado entre os vilões preferidos da história e talvez isso não seja justo. A visita no tempo pode endireitar os fatos.

O professor Potterley disse muitas outras coisas e Araman observou, ainda revirando as folhas de reprodução que tinha diante de si:

– O senhor deve compreender, professor Potterley, que a cronoscopia ou visita no tempo, se assim preferir chamá-la, é processo dos mais difíceis.

O professor Potterley fechou a cara, por ter sido interrompido, e contrapôs:

– Estou pedindo apenas algumas visitas escolhidas, a lugares e épocas que indicaria.

Araman suspirou.

– Até algumas visitas, mesmo uma só Trata-se de arte inacreditavelmente delicada. Existe a questão da focalização, obter a cena

correta e mantê-la. Existe a sincronização do som, que pede circuitos inteiramente separados.

– Mas meu problema tem importância bastante para justificar um esforço mais considerável.

– Sim, senhor. Não resta dúvida. – Araman apressou-se em dizer. Diminuir a importância do problema de pesquisas de alguém seria medida imperdoavelmente grosseira. – Mas o senhor deve compreender como a visita mais simples ainda assim se mostra complexa. E existe uma longa fila para uso do cronoscópio, uma fila ainda maior para o uso do Multivac, que nos orienta no uso dos controles.

Potterley remexeu-se, insatisfeito.

– Mas não há alguma coisa que se possa fazer? Por dois anos...

– É uma questão de prioridade, senhor. Sinto muito Quer um cigarro?

O historiador recuou diante da oferta, seus olhos repentinamente se esbugalharam enquanto ele fitava o maço de cigarros que fora estendido em sua direção. Araman pareceu surpreso, retirou o maço e fez um movimento como se fosse levar um cigarro à boca, mas mudou de idéia.

Potterley soltou um suspiro de alívio bem indisfarçado ao desaparecer de sua vista o maço de cigarros. Disse, então:

– Existe algum modo de examinar a questão, levando-me tão à frente quanto for possível? Não sei como explicar...

Araman sorriu, pois sob circunstâncias semelhantes alguns haviam oferecido dinheiro, expediente que naturalmente de nada lhes servira. Explicou, então:

– As decisões sobre a prioridade são passadas pelo computador. Eu não poderia de modo algum modificar arbitrariamente essas decisões.

Potterley se pôs rigidamente em pé. Não teria mais de um metro e sessenta de estatura.

– Nesse caso, senhor, bom-dia.

– Bom-dia, professor Potterley. E acredite que fico penalizado.

Estendeu a mão em cumprimento, Potterley tocou-a de leve. O historiador se retirou e um toque da cigana trouxe ao gabinete a secretária de Araman. Ele lhe entregou a pasta.

– Isto – ordenou – pode ser jogado fora.

Novamente a sós ele sorriu com amargura. Mais um episódio do serviço que por um quarto de século prestava à raça humana. O serviço pela negação.

Pelo menos aquele camarada tinha sido fácil de mandar embora. Às vezes a pressão de natureza acadêmica tinha de ser utilizada, até mesmo a retirada dos fundos para pesquisas.

Cinco minutos depois esquecera o professor Potterley. Tampouco, como pensaria mais tarde, poderia lembrar-se de ter sido assaltado por qualquer presságio de perigo.

Nos primeiros anos de sua frustração, Arnold Potterley não sentira outra coisa senão isso – frustração. No decurso do segundo ano, todavia, essa frustração dera origem a uma idéia que de começo o assustara e depois passara a fasciná-lo. Duas coisas tinham-no impedido de tentar traduzir a idéia em atos e nenhuma das barreiras era o fato indubitável de que se tratava de idéia das menos éticas.

A primeira resumia-se somente na esperança continuada de que o governo finalmente concedesse permissão e lhe tomasse desnecessário fazer qualquer coisa a mais. Essa esperança finalmente derruíra no encontro que acabara de ter com Araman.

A segunda barreira não fora uma esperança, em absoluto, porém a compreensão melancólica de sua própria incapacidade. Não era um físico e não conhecia físicos que pudessem ajudá-lo. O Departamento de Física da universidade era composto de homens muito bem supridos em dotações e totalmente imersos em especialidades. Na melhor das hipóteses não lhe dariam ouvidos e, na pior, dariam parte dele por anarquia intelectual, e até sua dotação básica cartaginesa poderia ser facilmente retirada.

Não pedia arriscar-se a tanto. Mas ainda assim a cronoscopia era o meio de prosseguir com o trabalho. Sem ela seria o mesmo que lhe tirarem a dotação.

O primeiro vislumbre de que a segunda barreira poderia ser ultrapassada ocorrera-lhe uma semana antes do encontro com Aramam e passara desapercebido na ocasião. Ocorrera em um dos chás dados pela faculdade. Potterley aparecia a essas reuniões invariavelmente, já que entendia o comparecimento às mesmas como um dever de sua parte e era homem que levava seus deveres a sério. Uma vez lá, contudo, não acreditava ser responsabilidade sua manter conversação leve ou formar novas amizades. Bebericava de modo abstêmio, to mando um copo ou dois, trocava palavras educadas com o decano ou com o chefe de departamento que estivessem presentes, outorgava um sorriso muito ralo para os demais e finalmente se retirava.

Em geral não teria dado atenção, naquele último chá, a um rapaz que se mantinha em pé e calado, até um tanto acanhado, a um

canto. Jamais teria pensado em lhe falar. Mesmo assim uma pontada de acaso o persuadira daquela vez a se comportar de modo contrário à sua natureza.

Nessa manhã, ao desjejum, a Sra. Potterley anunciara sombriamente que mais uma vez sonhara com Laurel, mas dessa feita uma Laurel crescida, embora mantendo o rostinho de três anos de idade que a assinalava como filha deles. Potterley deixara a esposa falar. Houvera época na qual combatera a preocupação demasiadamente freqüente da mulher com as coisas passadas e com a morte. Laurel não voltaria a eles, quer por meio de sonhos ou por meio de conversa, mas se isso acalmava Caroline Potterley, que sonhasse e falasse.

Mas quando Potterley foi para a faculdade aquela manhã descobriu que, pelo menos dessa vez, ficara afetado pelas insanidades de Caroline. Laurel crescida! Ela morrera cerca de vinte anos atrás;fora a única filha deles, em todos os tempos. E por todo esse tempo, quando pensava nela, pensava em uma menina de três anos de idade.

Agora, entretanto, imaginava: mas se nossa filha estivesse viva não estaria com três anos de idade, teria cerca de vinte e três.

Foi impossível deixar de pensar em Laurel como criança que ia se tomando cada vez mais velha e, afinal, chegando a vinte e três anos de idade. Não obteve êxito na empreitada, todavia.

Ainda assim tentou. Laurel usando maquilagem. Laurel saindo com rapazes. Laurel casando-se!

Assim é que, ao ver o rapaz pairando nas adjacências do grupo de fria circulação e formado pelos professores, ocorreu-lhe o pensamento quixotesco de que, a bem do fato, um rapaz como aquele poderia ter se casado com Laurel. Talvez aquele próprio rapaz, quem podia dizer?

Laurel poderia tê-lo conhecido ali, na universidade, ou em alguma noite na qual ele houvesse sido convidado para jantar na casa dos Potterley. Talvez um se interessasse pelo outro e Laurel com certeza teria sido bonita, aquele rapaz tinha bom aspecto. Era de cor morena, o rosto magro e atento, o porte desenvolto.

Esse sonho se desfez, mas ainda assim Potterley verificou que olhava tolamente para o rapaz, não a fitá-lo como um rosto estranho, mas como um possível genro no terreno da fantasia. E verificou que abria caminho na direção do homem. Era como se fosse uma forma de auto-hipnotismo.

Estendeu a mão, então.

– Eu sou Arnold Potterley, do Departamento de História. Você é novo aqui, estou certo?

O rapaz pareceu levemente espantado e se atrapalhou com o copo de bebida, passando-o á mão esquerda para aceitar a mão que lhe era estendida.

– Eu me chamo Jonas Foster, senhor. Sou o novo instrutor de física. Comecei neste semestre.

Potterley assentiu.

– Espero que sua estada seja feliz e que tenha grande êxito. Foi só. Potterley voltara a seus sentidos com alguma dificuldade, descobria-se embaraçado e se afastou. Olhou pelo ombro uma vez, mas a ilusão do parentesco desaparecera. A realidade voltara. Ele se aborrecia por ter sido presa da conversa tola da esposa no tocante a Laurel.

Uma semana depois, entretanto, mesmo enquanto Araman lhe falava, a lembrança do rapaz lhe voltara. Instrutor de física. Instrutor novo. Ter-lhe-ia acometido um acesso de surdez na ocasião? Teria ocorrido um curto-circuito entre o ouvido e o cérebro? Ou seria aquilo o resultado de uma auto-censura automática, devido ao próximo encontro que ia ter com o chefe da Cronoscopia?

O encontro fracassara, no entanto, e foi a lembrança do rapaz com quem ele trocara duas frases o que impediu Potterley de preparar seu apelo para que o pedido fosse reexaminado. Estava quase aflito por afastar-se dali. E no expresso-autogiro de volta à universidade quase sentia desejo de ser supersticioso. Poderia, nesse caso, consolar-se com o pensamento de que o encontro casual e sem sentido fora na verdade dirigido por um Destino providencial.

Jonas Foster não era elemento novo na vida universitária. A luta prolongada e difícil para obter o seu doutorado teria feito de qualquer homem um veterano. E o trabalho posterior, assistente de ensino pós-doutorado, servira como reforço.

Agora, entretanto, ele era o Instrutor Jonas Foster. A dignidade professoral achava-se à sua frente e ele se encontrava em uma espécie nova de relação com os demais professores.

Entre outras coisas esses professores estariam na votação que decidiria as promoções futuras. E outra, ele próprio não se encontrava em condições para dizer naquele momento qual o membro do corpo docente que teria ou não acesso especial ao decano ou mesmo ao presidente da universidade. Não se considerava um político de universidade e tinha certeza de que não serviria para tanto, mas de na-

da adiantava dar pontapés no próprio traseiro só para provar isso a si mesmo.

Assim é que Foster dera ouvidos àquele historiador educado que, de modo vago, ainda assim parecia irradiar tensão e não o fez calar-se, pondo-o para fora abruptamente. Tal foi o seu primeiro impulso, porém.

Lembrava-se bastante bem de Potterley. Este viera falar-lhe naquele chá (que fora uma coisa deplorável). O camarada lhe dissera frases, hirto, o olhar um tanto vidrado, depois voltara a si com um sobressalto visível e se retirara afobadamente.

Na ocasião Foster se divertira com o incidente, mas agora...

Potterley podia estar deliberadamente tentando travar conhecimento com ele ou então tentando impressionar Foster, levando-o a pensar que fosse um camaradinha gozado, excêntrico e inofensivo.

Podia estar agora sondando as opiniões de Foster, procurando opiniões prejudiciais. Com certeza eles já deveriam ter feito investigações antes de lhe conceder sua nomeação, mas, quem sabe...

Potterley podia estar falando sério, podia não compreender sinceramente o que fazia. Ou talvez compreendesse muito bem o que estava fazendo, talvez nada mais fosse do que um patife perigoso.

Foster resmungou:

– Bem, vamos ver... – e para ganhar tempo, estendeu um maço de cigarros, pretendendo oferecer um deles a Potterley e acender outro para si, bem devagar.

Mas Potterley atalhou no mesmo instante:

– Por favor, professor Foster. Nada de cigarros.

Foster pareceu sobressaltado.

– Sinto muito, senhor.

– Não. Quem sente sou eu. Não agüento o cheiro. Ë uma idiossincrasia minha. Sinto muito.

Empalidecera por completo e Foster guardou o maço de cigarros.

Logo em seguida, sentindo a ausência do cigano, adotou a saída fácil.

– Sinto-me lisonjeado por ter vindo pedir minha orientação e tudo o mais, professor Potterley, mas eu não sou especialista em neutrínica. Nada sei fazer que seja profissional, nesse sentido. Até mesmo dar uma opinião seria tolice e, francamente, prefiro que o senhor não entre em qualquer detalhe.

No rosto do historiador os traços se tornaram mais duros.

– O que quer dizer, que não conhece a neutrínica? O senhor ainda não é nada. Não recebeu qualquer dotação, verdade?

– Este é o meu primeiro semestre.

– Sei disso. Suponho que ainda não tenha pedido uma dotação.

Foster sorriu ralo. Em três meses na universidade ele não conseguira colocar seus pedidos iniciais de dotação para pesquisa em redação suficientemente boa para entregar a um redator científico profissional, muito menos à Comissão de Pesquisa.

(Seu Chefe de Departamento, por sorte, aceitara aquilo muito bem. "Leve o tempo que quiser, Foste?', dissera, "e organize bem os pensamentos. Tenha a certeza de que enxerga bem o caminho e para onde o mesmo vai, porque depois de receber uma dotação a sua especialização será oficialmente conhecida e, certa ou errada, será sua por todo o resto da vida", Tal conselho fora bastante trivial, mas a trivialidade muitas vezes tem o mérito da verdade e Foster o reconhecera.)

Foster disse:

– Por educação e inclinação, professor Potterley, sou homem da hiperóptica, com estudo em gravítica. Foi assim que me descrevi ao preencher o formulário para este cargo. Pode não ser ainda minha especialização oficial, mas será. Outra coisa se mostraria impossível. Quanto à neutrínica, nem mesmo estudei a matéria.

– E por que não? – interpelou Potterley, no mesmo instante. Foster se pós a fitá-lo. Aquele era o tipo de curiosidade grosseira, quanto à posição profissional alheia, o que sempre se mostrava bastante irritante. Disse, já não tão educadamente:

– O curso em neutrínica não era dado em minha universidade.

– Santo Deus, qual delas freqüentou?

– A M.I.T. – disse Foster, ainda calmo.

– E eles não ensinam neutrínica?

– Não, não ensinam – respondeu Foster, e descobriu que enrubescia, era colocado em situação defensiva. – Trata-se de matéria muitíssimo especializada e sem grande valor. Talvez a cronoscopia tenha algum valor, mas é a única aplicação prática e não passa de um beco sem saída.

O historiador o fitava cheio de aflição.

– Diga-me uma coisa. Sabe onde posso encontrar um conhecedor de neutrínica?

– Não, não sei – retorquiu Foster, sem mais rodeios.

– Muito bem, nesse caso conhece alguma faculdade que ensine neutrínica?

– Não, não conheço.

Potterley sorriu de leve, os lábios apertados e sem qualquer bom-humor.

A Foster esse sorriso ofendeu, julgou perceber alguma ofensa no sorriso e irritou-se o bastante para dizer:

– Gostaria de fazer-lhe ver, senhor, que está saindo da linha.

– O quê?

– Estou dizendo que como historiador o seu interesse em qualquer espécie de física, e seu interesse profissional, é... – fez uma pausa, incapaz de dizer a palavra.

– Sem ética?

– Isso mesmo, professor Potterley.

– Às minhas pesquisas me levaram a tanto – retorquiu Potterley, em murmúrio cheio de fervor.

– A Comissão de Pesquisas é o lugar a consultar. Se eles permitirem

– Eu fui lá e não recebi qualquer satisfação.

– Nesse caso o senhor deve abandonar isso, é evidente – e Foster sabia que estava dizendo palavras sufocantemente virtuosas, mas não ia deixar que aquele homem o atraísse a uma expressão de anarquia intelectual. Era cedo demais em sua carreira para arriscar-se de modo estúpido.

Ao que pareceu, no entanto, tal observação causou efeito em Potterley. Sem qualquer advertência o homem explodiu em uma tempestade verbal de irresponsabilidade.

Os estudiosos, no que disse, só poderiam ser livres se pudessem seguir com liberdade sua curiosidade de oscilação igualmente livre. As pesquisas, ao que afirmou, forçadas a unia configuração pré-desenhada pelas forças que retinham os cordões das bolsas tornavam-se escravizadas e tinham de estagnar. Ninguém, afirmou então, tinha o direito de ditar os interesses intelectuais dos outros.

Foster ouviu tudo aquilo cheio de descrença. Nada lhe parecia conhecido no que o homem dizia. Ele ouvira os estudantes de faculdade falarem assim, visando chocarem os mestres, e uma ou duas vezes também se divertira desse modo. Qualquer pessoa que houvesse estudado história da ciência sabia que muitos homens haviam, em tempos idos, pensado dessa maneira.

Ainda assim parecia-lhe estranho, quase contra a natureza, que um homem moderno de ciência pudesse acreditar em tanta bobagem. Ninguém podia supor que uma fábrica fosse dirigida permitindo-se a cada operário fazer o que bem lhe agradasse no momento, ou em comandar um navio de acordo com as idéias casuais e contraditórias de cada tripulante por si. Devia-se aceitar naturalmente em que alguma espécie de órgão supervisor centralizado existisse em todos os casos. Por que a direção e a ordem haveriam de beneficiar uma fábrica e um navio, mas não a pesquisa científica?

Algumas pessoas talvez afirmassem que a mente humana era de algum modo qualitativamente diferente de um navio ou fábrica, mas a história dos esforços intelectuais vinha provar o contrário.

Quando a ciência era jovem e as complexidades de tudo ou da maior parte do que se sabia encontrava-se dentro do alcance de u'a mente individual talvez não houvesse necessidade de direção. A marcha cega sobre as trilhas desconhecidas da ignorância podia levar a descobertas maravilhosas, por mero acidente.

Mas á medida que o conhecimento crescera, uma soma cada vez maior de dados tivera de ser absorvida antes que jornadas valiosas no terreno da ignorância pudessem ser organizadas. Os homens tinham que se especializar. O pesquisador necessitava dos recursos de uma biblioteca que ele próprio não poderia possuir e, depois, de instrumentos que ele próprio não poderia comprar. Cada vez mais o pesquisador individual dera lugar à equipe de pesquisa e à instituição de pesquisa.

As dotações necessárias para pesquisa tornavam-se maiores à medida que os instrumentos se tornavam mais numerosos. Que faculdade era tão pequena, hoje, que não precisasse de, pelo menos, um micro-reator nuclear e de, pelo menos, um computador de três etapas?

Séculos antes os indivíduos, por si só, já não tinham podido financiar as pesquisas. À altura de 1940, apenas o governo, as grandes indústrias e as grandes universidades ou instituições de pesquisas podiam financiar adequadamente as pesquisas básicas.

À altura de 1960 até mesmo as universidades maiores dependiam por completo de dotações governamentais, enquanto as instituições de pesquisa não podiam existir sem concessões fiscais e subscrições públicas. No ano de 2000 os conjuntos industriais haviam-se tomado um ramo do governo mundial e, dali em diante, o financia-

mento das pesquisas e, portanto, a direção das mesmas, havia sido naturalmente centralizada sob um departamento do governo.

Tudo viera a se formar de modo natural. Cada ramo da ciência se ajustava claramente ás necessidades do público e os diversos ramos da ciência eram decentemente coordenados, O progresso material do último meio-século vinha apresentar argumentação suficiente para o fato de que a ciência não marchava para a estagnação.

Foster tentou dizer um pouco de tudo isso e não conseguiu, devido aos gestos impacientes de Potterley, que atalhava:

– O senhor está papagueando a propaganda oficial. Está sentado no meio de um exemplo inteiramente contrário ao ponto de vista oficial. E consegue acreditar nisso?

– Francamente, não.

– Muito bem, por que diz que a viagem no tempo é um beco sem saída? Por que a neutrínica não tem importância? O senhor diz que sim, e diz de modo taxativo, mas nunca a estudou. Afirma ignorar completamente a matéria. Ela nem sequer é lecionada em sua faculdade...

– O simples fato de não ser lecionada não constitui prova bastante?

– Ah, entendo. Não é lecionada porque não tem importância. E não tem importância porque não é lecionada. Este raciocínio o satisfaz?

Foster sentiu-se tomado por confusão crescente.

– Está nos livros.

– Só isso, não? Os livros dizem que a neutrínica não tem importância. Os seus professores dizem isso, também, porque foi o que leram nos livros. Os livros dizem isso porque foram escritos pelos professores. E quem diz, com base em experiência e conhecimento pessoais? Quem faz pesquisas no terreno? Conhece alguém?

Foster observou:

– Acho que não estamos chegando a qualquer conclusão, professor Potterley. Preciso trabalhar...

– Um momento. Quero que pense numa coisa. Veja como lhe parece. Eu digo que o governo está suprimindo as pesquisas básicas na neutrínica e na cronoscopia. Eles estão suprimindo a aplicação da cronoscopia.

– Ora, essa não!

– E por que não? Está ao alcance deles. Veja só essa pesquisa dirigida por um centro. Se eles recusam dotações para as pesquisas

em qualquer setor da ciência, esse setor acaba. Eles acabaram com a neutrínica. Podem acabar com qualquer setor, e foi o que fizeram.

– Mas por que motivo?

– Não sei. Quero que o senhor descubra. Eu mesmo o faria, se soubesse o bastante. Vim procurá-lo porque o senhor é um jovem, acabou de receber educação nova. As suas artérias intelectuais já se endureceram? Não existe curiosidade no senhor? Não quer saber? Não quer ter as respostas?

O historiador fitava com atenção o semblante de Foster. Seus narizes não tinham mais que um palmo de distância entre si e Foster estava tão imerso em pensamentos que não se lembrou de recuar.

Devia, por todos os títulos, ter ordenado a Potterley que se retirasse. Se fosse preciso, devia tê-lo expulso dali.

Não foi o respeito pela idade ou pela posição que o deteve. Não se tratava, em absoluto, de que o arrazoado de Potterley o houvera convencido. Na verdade tratava-se de uma pequena questão de orgulho estudantil.

Por que o M.I.T. não dava um curso em neutrínica? A bem do fato, pensando bem no assunto, duvidava que houvesse um só livro sobre neutrínica na biblioteca universitária. Não conseguia lembrar-se de ter visto um só.

Parou então, para pensar sobre isso.

E foi o desastre.

Caroline Potterley já fora uma bela mulher. Havia ocasiões, tais como jantares ou reuniões na universidade, nas quais graças a esforço considerável, restos dessa atração podiam ser reapresentados.

Nas ocasiões comuns ela decaía. Era a palavra que aplicava a si mesma, nos momentos em que se detestava. Engordara ao correr dos anos mas a flacidez em seu corpo não era inteiramente gordura. Era como se seus músculos houvessem desistido e amolecido, de modo que arrastava os pés ao caminhar, enquanto os olhos se tornavam empapuçados e as faces rotundas. Até os cabelos grisalhos pareciam cansados, em vez de lisos. Seu caimento parecia ser o resultado de uma entrega total à gravidade e nada mais.

Caroline Potterley fitava-se no espelho e reconhecia estar em um de seus dias ruins. E sabia também qual o motivo.

Fora o sonho com Laurel. Aquele sonho estranho, com Laurel crescida. Desde então ela estivera pessimamente.

Ainda assim lamentava ter mencionado o sonho a Arnold. Ele não dissera uma só palavra, não falava mais sobre o assunto, mas tal lhe causara mau resultado. Mostrava-se especialmente reservado por dias seguidos. Talvez estivesse a preparar-se para aquele encontro importante com o grande funcionário do governo (ele lhe dizia sempre que não contava com qualquer êxito), mas podia ser igualmente o resultado do sonho que lhe contara.

Tudo fora melhor tempos atrás, quando ele se voltava para ela, gritando com aspereza: "Deixe o passado ir embora, Caroline! A conversa não a trará de volta, os sonhos também não".

Aquilo fora ruim para ambos. Horrível. Ela estivera fora de casa e vivera cheia de culpa desde então. Se houvesse ficado em casa, se não houvesse saído para fazer compras desnecessárias, nesse caso os dois estariam presentes. Um deles teria conseguido salvar Laurel.

O pobre Arnold não conseguira. Deus sabia que ele tentara. Quase morrera ele mesmo, e saíra da casa incendiada, cambaleante de sofrimento, queimado, sufocado, quase cego, tendo nos braços a filha morta.

O pesadelo continuava existindo, nunca terminava por completo.

Arnold criara lentamente uma carapaça em torno de si mesmo. Cultivava uma suavidade em voz baixa, suavidade essa que nada rompia, nem mesmo um relâmpago. Tornara-se puritano e chegara a abandonar os vícios pequenos, a inclinação para algumas palavras menos educadas, conforme a ocasião. Obtivera a dotação para a pre aração de uma história de Cartago e subordinara tudo o mais a essa meta.

Caroline tentara ajudá-lo. Procurava as referências, datilografava suas anotações e as microfilmava. E depois aquilo terminara de repente.

Ela saíra correndo da escrivaninha, certa noite, chegara ao banheiro a tempo e vomitara de modo abominável. O marido viera atrás, cheio de confusão e preocupação.

– Caroline, o que se passa?

Foi necessário um copo de bebida para acalmá-la, e ela perguntara então:

– É verdade? O que eles faziam?

– Quem fazia o quê?

– Os cartagineses.

Ele a fitara e ela se explicara por meio indireto, não conseguira dizer claramente de que se tratava.

Os cartagineses, ao que parecia, adoravam Moloch, na forma de um ídolo oco e de bronze, tendo no ventre uma fornalha. Nos momentos de crise nacional os sacerdotes e o povo se reuniam e criancinhas, após as cerimônias de invocações adequadas, eram atiradas vivas naquelas chamas.

Recebiam alimentos especiais pouco antes do momento crucial, para que a eficácia do sacrifício não fosse arruinada por desagradáveis gritos de pânico. Os tambores rufavam logo após aquele momento, a fim de abafarem os poucos segundos de gritos infantis. Os pais se achavam presentes, presumivelmente satisfeitos porque o sacrifício agradava aos deuses.

Arnold Potterley fizera carranca. Eram mentiras perversas, ao que ele afirmou, mentiras inventadas pelos inimigos de Cartago. Devia tê-la prevenido. Afinal de contas tais mentiras propagandísticas não eram incomuns. De acordo com os gregos, os antigos hebreus adoravam uma cabeça de asno em seu Santo dos Santos. De acordo com os romanos, os primeiros cristãos eram homens que odiavam a todos e sacrificavam crianças pagãs nas catacumbas.

– Eles não faziam isso, então? – perguntara Caroline.

– Tenho certeza que não. Os fenícios primitivos podem ter feito. O sacrifício humano é comum nas culturas primitivas. Mas Cartago, nos seus grandes dias, não foi uma cultura primitiva. O sacrifício humano muitas vezes abre caminho a atos simbólicos, como a circuncisão. Os gregos e romanos podem ter-se enganado e tomado o simbolismo cartaginês como rito verdadeiro, por ignorância ou por maldade.

– Você tem certeza?

– Não posso ter certeza ainda, Caroline, mas quando contar com provas suficientes vou pedir licença para usar a cronoscopia, e isso resolverá o assunto de uma vez por todas.

– A cronoscopia?

– É voltar ao passado, vendo o que ocorreu no passado. Pode mos focalizar a Cartago Antiga em algum momento de crise, o desembarque de Cipião Africano em 202 A.C., por exemplo, e ver com nossos próprios olhos o que aconteceu de verdade. E você vai ver, vai ver que tenho razão.

Bateu-lhe no ombro para reconfortá-la e dedicou-lhe um sorriso de encorajamento, mas a esposa sonhou com laurel todas as noites por duas semanas seguidas e nunca mais voltou a ajudá-lo em seu

trabalho sobre Cartago. Tampouco o marido lhe pediu que voltasse a fazê-lo.

Ela, agora, preparava-se para a chegada do marido. Ele a chamara depois de chegar à cidade, dizendo-lhe que tinha estado com o homem do governo e que a coisa andara como esperava. Isso significava fracasso, mas ainda assim o pequenino sinal de abatimento estivera ausente na voz dele, seus traços fisionômicos tinham parecido bastante calmos no televisor. Ele tinha outra coisa a fazer, avisara, antes de ir para casa.

Isso significava que o marido chegaria tarde, porém tal não importava. Nenhum dos dois se preocupava quanto ao horário das refeições, nem quando os mantimentos eram tirados do congelador, ou mesmo quais eram os mantimentos, ou até quando o mecanismo auto-aquecedor entrava em ação.

Quando ele chegou, surpreendeu-a. Nada havia de aborrecido em Potterley, pelo menos que se pudesse notar. Beijou-a como de costume e sorriu, tirou o chapéu e perguntou se as coisas haviam andado bem durante a sua ausência. Estivera quase tudo inteiramente normal. Quase.

No entanto, ela aprendera a perceber coisas pequenas. E o modo do marido andar, durante tudo aquilo, mostrava-se um pouco apressado. Bastava mostrar-lhe que ele se achava sob tensão.

Perguntou, então:

– Aconteceu alguma coisa?

Ele disse:

– Vamos ter um convidado para o jantar daqui a duas noites, Caroline. Você se importa?

– Não, não me importo. É alguém que eu conheço?

– Não. Um jovem instrutor. Um recém-chegado. Conversei com ele. – Subitamente, o marido voltou-se para ela, tomou-lhe os braços pelos cotovelos, segurou-os por um momento e logo os soltou, cheio de confusão, como se estivesse desconcertado por ter demonstrado alguma emoção.

Potterley disse, então:

– Quase não o fiz entender. Imagine só. É terrível, terrível, o modo como todos nós nos submetemos à canga, a afeição que sentimos pelos arreios a que estamos presos.

A Sra. Potterley não tinha certeza de haver entendido, mas durante um ano estivera a observar o marido, percebendo que ele se

tornava sossegadamente mais rebelde; pouco a pouco mais audacioso em suas críticas ao governo. Perguntou-lhe:

– Você não disse alguma tolice a ele, disse?

– O que quer dizer com tolice? Ele vai trabalhar para mim em neutrínica.

"Neutrínica" era tolice polissilábica para a Sra. Potterley, mas esta sabia que nada tinha a ver com o estudo da história, e contrapôs, sem vigor:

– Arnold, não gosto que você faça isso. Vai perder sua posição. É...

– É anarquia intelectual, minha cara – concordou ele. – É essa a expressão que você procura. Muito bem, sou um anarquista. Se o governo não me permite prosseguir com as minhas pesquisas eu prosseguirei por conta própria. E quando mostrar o caminho, os outros acompanharão... E se não acompanharem, não faz diferença alguma. É Cartago que conta e também o conhecimento humano, e não você e eu.

– Mas você conhece esse moço. E se for um agente do Comissário de Pesquisa?

– Improvável e eu vou me arriscar – retrucou o marido, cerrando o punho direito e esfregando-o com suavidade na palma da mão esquerda. – Ele agora está a meu lado, tenho certeza. Não pode ser de outro jeito. Eu reconheço a curiosidade intelectual quando a percebo nos olhos, no rosto e na atitude de um homem, é uma doença fatal para o cientista amestrado. Mesmo hoje preciso de tempo para consegui-la em um homem e os jovens são vulneráveis... Oh, por que parar, afinal? Por que não construir nosso próprio cronoscópio e dizer ao governo para ir...

Parou abruptamente, sacudiu a cabeça e voltou-se para outro lado.

– Espero que tudo dê certo – disse a Sra. Potterley, na certeza indefesa de que nada daria certo e assustada antecipadamente pela posição professoral do marido e a segurança da velhice de ambos.

Apenas ela, entre todos, tinha o pressentimento violento de encrencas. E encrencas do tipo errado, está claro.

Jonas Foster chegou com cerca de meia hora de atraso à casa dos Potterley, que não ficava no conjunto universitário. Até aquela noite não resolvera por completo se iria ou não. E no último instante verificou que não conseguiria cometer um crime social de desmarcar

um jantar uma hora antes do momento aprazado. Isso e mais o impulso da curiosidade.

O jantar, em si mesmo, pareceu interminável. Foster comeu sem qualquer apetite, a Sra. Potterley permanecia sentada, distraída e distante, saindo dessa apatia apenas uma vez para perguntar se ele era casado e para emitir um som de depreciação ao saber que não. O próprio professor Potterley fez perguntas inteiramente tolas sobre sua história profissional, assentindo cerimoniosamente às respostas.

Fora tudo tão sossegado, indigesto – na verdade, cacete – quanto possível.

Foster pensava: ele parece tão inofensivo.

Foster passara os dois últimos dias lendo sobre o professor Potterley. De modo muito casual, e, está claro, muito furtivamente. Não morria de desejos de que o vissem na Biblioteca de Ciências Sociais. A história era certamente uma dessas atividades fronteiriças e as obras históricas serviam freqüentemente de leitura para divertimento ou edificação do público em geral.

Mesmo assim um físico não era considerado um "público em geral". Se Foster começasse a ler histórias seria considerado esquisito, criatura tão firme quanto a relatividade, e após algum tempo o Chefe de Departamento estaria dando tratos à bola, pensando se o novo instrutor que recebera era de fato "o homem para o lugar".

Por esses motivos precisava ter cautela. Sentou-se nos lugares mais isolados e procurou entrar e sair em horas de pouco movimento, sempre de cabeça baixa.

O professor Potterley, ao que verificou, escreveu três livros e perto de uma dúzia de artigos sobre os antigos mundos mediterrâneos e os artigos mais recentes (todos eles em "Revistas Históricas") haviam lidado com a Cartago pré-romana, demonstrando ponto de vista solidário.

Isso, pelo menos, conferia com o relato feito por Potterley e servira para abrandar um pouco as desconfianças de Foster... e este achava que teria sido mais aconselhável e mais seguro descartar-se do assunto logo de início,

Um cientista não devia ser demasiadamente curioso, estava agora pensando em completa insatisfação consigo mesmo. Isso é um traço perigoso.

Após o jantar foi levado ao estúdio de Potterley e estacou de súbito no umbral. Às paredes estavam simplesmente cobertas de livros.

Havia alguns filmes, está claro, mas estes se viam muitíssimo superados, em número, pelos livros – impressos em papel. Ele não teria julgado possível que tantos livros existissem ainda em bom estado.

A observação causou incômodo a Foster. Por que haveria alguém de querer ter tantos livros em casa? Por certo todos aqueles volumes estavam à disposição na biblioteca da universidade ou, na pior das hipóteses, na Biblioteca do Congresso, caso alguém quisesse se dar ao trabalho de conferir um microfilme.

A existência de uma biblioteca em casa implicava em um elemento de sigilo, transpirava a anarquia intelectual. Esse último pensamento, por singular que fosse, veio acalmar Foster. Ele preferia que Potterley fosse um anarquista autêntico do que um *agent provocateur* trabalhando para alguém.

E agora as horas começavam a passar com rapidez e espanto.

– A questão – disse Potterley, voz clara e sem pressa – era descobrir, se fosse possível, alguém que já houvesse usado a cronoscopia no trabalho. Está claro que eu não podia fazer perguntas abertas, pois tal constituiria pesquisa desautorizada.

– Sim – concordou Foster com muita sequidão, um pouco surpreso que tal pensamento pudesse parar aquele homem.

– Usei métodos indiretos.

E usara realmente. Foster pasmou-se diante do volume de correspondência lidando com pequenas questões debatidas sobre a cultura mediterrânea que, de algum modo, haviam conseguido produzir a observação casual repetidas vezes: "Está claro que, sem ter feito uso da cronoscopia..." ou: "Esperando a aprovação de meu pedido de dados cronoscópicos, que parece improvável no momento..."

– Pois bem, não se trata de perguntas cegas – afiançou Potterley. – Há um livreto mensal publicado pelo Instituto de Cronoscopia, no qual as questões referentes ao passado, esclarecidas pelas viagens no tempo, se acham impressas. Apenas uma ou duas questões.

Fez uma pausa, prosseguiu:

– O que me impressionou de início foi a trivialidade da maioria dessas questões, sua insipidez. Por que haveriam tais pesquisas de obter prioridade sobre o meu trabalho? Por isso escrevi às pessoas que deveriam estar fazendo pesquisas nas direções descritas pelo folheto. E de maneira uniforme, como acabei de lhe mostrar, elas *não faziam* uso do cronoscópio. Agora vamos examinar a questão tintim por tintim.

Finalmente Foster, com a cabeça girando diante dos detalhes meticulosamente reunidos por Potterley, perguntou:

– Mas, por quê?

– Não sei o motivo – respondeu Potterley – mas tenho uma teoria. A invenção inicial do cronoscópio foi de Sterbinski... como vê, sei até isso... ele recebeu grande divulgação. Mas depois o governo apoderou-se do instrumento e resolveu suprimir quaisquer outras pesquisas no assunto ou qualquer uso da máquina. Mas a essa altura as pessoas podiam querer saber por qual motivo a máquina não estava sendo utilizada. A curiosidade é um vício tremendo, professor Foster.

Sim, o físico concordou intimamente.

– Imagine portanto a eficácia – prosseguiu Potterley – de fingir que o cronoscópio estava sendo empregado. Nesse caso não seria um mistério, mas um lugar-comum. Não constituiria motivo adequado para a curiosidade ilícita.

– O senhor teve curiosidade – Foster fez ver.

Potterley pareceu um pouco inquieto.

– Em meu caso era diferente – respondeu, com amargura. – Tenho algo que precisa ser feito e não me submeteria ao modo ridículo pelo qual continuavam a me tratar.

Um pouquinho paranóico, além do mais, pensava Foster, cheio de desalento.

Mesmo assim obtivera algo, paranóico ou não. Foster não podia negar que algo estranho se passava no setor de neutrínica.

Mas o quê procurava Potterley? Isso continuava amolando Foster. Se Potterley não estava a lhe contar tudo aquilo a fim de pôr à prova a sua ética, o quê queria, então?

Foster procurava encarar a coisa com lógica. Se um anarquista intelectual com certa dose de paranóia queria usar o cronoscópio e se achava convencido de que forças ocultas estavam deliberadamente tentando impedi-lo, o que podia fazer?

E se eu estivesse nessa situação? Perguntava a si próprio. O que faria?

Respondeu então, falando devagar:

– Talvez o cronoscópio não exista, afinal, será assim?

Potterley sobressaltou-se visivelmente. Sua calma geral quase foi por água abaixo. Por momentos Foster se viu diante de um homem que não era calmo, em absoluto.

O historiador, contudo, manteve o equilíbrio e contrapôs:

– Oh, não, *tem* de haver um cronoscópio.

– Por quê? O senhor já o viu? Eu já vi? Talvez seja essa a explicação para tudo. Talvez eles não estejam deliberadamente escondendo o cronoscópio que têm. Talvez eles não o tenham, logo para começar.

– Mas Sterbinski viveu, montou um cronoscópio. Isso é fato consumado.

– Assim diz o livro – observou Foster friamente.

– Escute aqui – e Potterley chegou a estender o braço para agarrar a manga do paletó de Foster. – Eu preciso do cronoscópio. Preciso dele. Não me diga que não existe. O que vamos fazer é descobrir neutrínica suficiente para podermos...

Potterley atalhou o que dizia, Foster retirou a manga presa pela mão do outro. Não precisava que o outro completasse a frase iniciada. Ele próprio a completou, dizendo:

– Construir um para nós?

Potterley pareceu aborrecido, como se desejasse que tal não fosse dito tão à queima-roupa. Mesmo assim perguntou:

– E por que não?

– Porque está fora de cogitações – explicou Foster. – Se o que li for certo, então Sterbinski precisou de vinte anos para construir a máquina e de diversos milhões em dotações gerais. O senhor acha que podemos, os dois, fazer o mesmo que ele fez, e ilegalmente? Suponhamos que tivéssemos o tempo, coisa que não temos, e suponhamos que eu pudesse aprender o bastante nos livros, o que duvido, onde iríamos obter o dinheiro e o equipamento? O cronoscópio, pelo que sei, deve preencher alguma coisa como um edifício de cinco andares, pelo amor de Deus!

– Nesse caso o senhor não vai me ajudar?

– Bem, vou-lhe dizer o que farei. Existe um jeito pelo qual eu posso descobrir algo...

– E qual é? – perguntou Potterley imediatamente.

– Não importa, não vem ao caso. Mas eu talvez possa descobrir o bastante para lhe dizer se o governo está deliberadamente suprimindo as pesquisas pelo cronoscópio. Posso confirmar as indicações que o senhor já tem, ou posso ser capaz de provar que as suas indicações não estão corretas. Não sei de que isso poderá servir-lhe em qualquer dos casos, mas é o que posso fazer, é o meu limite.

Potterley ficou a olhar enquanto o rapaz finalmente se retirava. Sentia raiva de si próprio. Por que motivo se tornara tão descuidado a ponto de permitir que aquele camarada adivinhasse que ele pensava em construir um cronoscópio próprio? Era algo muito prematuro.

Nesse caso, entretanto, por que aquele jovem imbecil teria de supor que um cronoscópio não existisse, em absoluto?

Tinha de existir. *Tinha*. De que adiantava dizer que não existia?

E por que não podia ser construído um outro? A ciência havia avançado muito nos cinqüenta anos decorridos após Sterbinski e tudo que se precisava era de conhecimento.

Que o jovem juntasse o conhecimento. Que pensasse em resolver a questão com um pouco de coleta de conhecimento. Tendo tomado a trilha para a anarquia, não havia limites. Se o rapaz não fosse levado à frente por algo em si mesmo, os primeiros passos constituiriam erro suficiente para forçar tudo o mais. Potterley tinha toda a certeza de que ele não hesitaria em usar a chantagem.

Dedicou-lhe um último aceno de despedida e olhou para cima. Começava a chover.

Com certeza! Chantagem, se fosse preciso, mas ele não pararia mais.

Foster dirigiu o carro para fora das cercanias desoladas da cidade e quase não se apercebia da chuva.

Era mesmo um imbecil, repetia para si próprio, mas não podia deixar as coisas no pé em que se encontravam. Tinha de saber. Amaldiçoava esse traço de curiosidade indisciplinada, mas tinha de saber.

Não iria além do tio Ralph, porém. Jurara a si próprio, com toda a firmeza, que se deteria ali. Desse modo não haveria qualquer indicação contra ele, nenhuma indicação real. O tio Ralph seria discreto.

De certo modo, ele se envergonhava secretamente do tio Ralph. Não falara do tio a Potterley, em parte devido à cautela e em parte porque não queria ver o outro erguer a sobrancelha e exibir o inevitável sorriso de mofa. Os redatores científicos profissionais, por mais úteis que fossem, achavam-se um pouco fora das cogitações sérias e mereciam apenas um desprezo cheio de superioridade, O fato de que, como classe, ganharem mais dinheiro do que os cientistas dedicados à pesquisa, só fazia piorar a situação, naturalmente,

Ainda assim, havia momentos nos quais um redator científico que fosse da família podia mostrar-se conveniente. Não tendo rece-

bido educação real, não precisava especializar-se, Por decorrência, um bom redator científico sabia praticamente tudo... E o tio Ralph era um dos melhores,

Ralph Nimmo não tinha diploma universitário e se orgulhava bastante do fato. – O diploma – comentara certa feita para Jonas Foster, quando ambos eram muito mais jovens – é o primeiro passo na direção de uma estrada desastrosa, Você não quer desperdiçá-lo, de modo que passa a trabalho de graduação e pesquisas doutorais. Termina como uni ignorante total sobre tudo no mundo, a não ser por uma fatia subdividida de nada,

– Por outro lado, se você cultivar com cuidado a sua mente e mantê-la limpa de qualquer entulho de informações até alcançar a maturidade, preenchendo.a apenas com inteligência e adestrando-a apenas em pensamento claro, então, terá um instrumento poderoso e poderá tomar-se um redator científico,

Nimmo recebera sua primeira designação para trabalho quando tinha vinte e cinco anos de idade, após haver completado seu aprendizado e ter estado no trabalho de campo por menos de três meses. Esse trabalho viera na forma de um original coagulado, cujas palavras não transmitiriam o menor vislumbre de compreensão a qualquer leitor, por mais capacitado que fosse, sem estudo cuidadoso e algum trabalho inspirado de adivinhação. Nimmo o despedaçara e voltara a emendar (após cinco encontros prolongados e exasperantes com os autores, que eram biofísicos), tornando a linguagem significativa e clara, usando estilo que conferira à obra um brilho agradável.

– E por que não? – indagaria cheio de tolerância ao sobrinho que rebatia suas restrições aos diplomas, incriminando-o por sua presteza a permanecer na orla da ciência. – A orla é importante. Os seus cientistas não conseguem escrever. E por que haveriam de saber? Não se espera deles que sejam grandes mestres no xadrez ou virtuosos no violino, e assim sendo por que contar que seriam capazes de usar as palavras? Por que não deixar também isso aos especialistas?

– Santo Deus, Jonas, leia a sua literatura de cem anos atrás. Faça o devido desconto para o fato de que a ciência está desatualizada e que algumas das expressões estão desatualizadas. Procure ler e entender o sentido. É tudo difícil, coisa de amador. Páginas e mais páginas são publicadas sem necessidade, artigos inteiros incompreensíveis ou inúteis.

– Mas o senhor não recebe qualquer reconhecimento, tio Ralph – protestava o jovem Foster, preparando-se para iniciar sua carreira universitária, à qual encarava com olhar vidrado. – O senhor poderia ser um pesquisador e tanto.

– Recebo conhecimento – disse Nimmo. – Não pense por um só instante que não o recebo. Está claro que um bioquímIco ou um estrato-meteorologista não me vêm com aclamações, mas pagam-me bastante. Procure descobrir o que acontece quando algum químico de primeira categoria descobre que a Comissão cortou sua dotação anual para a redação científica. Ele lutará mais para obter fundos com os quais possa me pagar, ou a alguém como eu, do que para obter um ionógrafo gravador.

Sorrira amplamente e Foster retribuíra com outro sorriso. Na verdade, sentia-se orgulhoso de seu tio barrigudo, rosto redondo e dedos manchados de nicotina, cuja vaidade o levava a escovar a pífia madeixa de cabelos inutilmente sobre o deserto da calva e o levava a vestir-se como uma pilha de feno feita às pressas, pois a negligência constituía sua marca registrada. Envergonhava-se mas orgulhava-se também.

E Foster, agora, entrava no apartamento atravancado do tio sem o menor motivo para sorrir. Ambos estavam, agora, nove anos mais velhos. Por nove anos a mais, as monografias de todos os setores da ciência tinham-lhe chegado às mãos para redação e um pouco de cada uma viera ocupar um canto de sua mente espaçosa.

Nimmo comia passas sem sementes, jogando-as à boca uma por vez. Atirou um pacote a Foster e esse só o conseguiu pegar por milagre, depois abaixou-se para recolher aquelas passas que haviam escapado e caído ao chão.

– Deixe aí, não se incomode – disse Nimmo, descuidado. – Alguém aparece aqui para fazer a limpeza, uma vez por semana. O que se passa? Alguma dificuldade na redação de seu requerimento de dotação?

– Ainda não cheguei a esse ponto.

– Não chegou? Cuide do caso, rapaz. Você está esperando que eu me ofereça para fazer a redação final?

– Não posso pagar o que o senhor cobra, Titio.

– Ora, deixe disso. Fica tudo em casa. É só me dar todos os direitos de publicação popular e não precisa pensar em dinheiro.

Foster assentiu.

– Se fala sério está fechado o negócio.

– Fechado, então,

Era um jogo, naturalmente, mas Foster conhecia bastante a capacidade de redação do tio para saber que talvez desse resultado. Alguma descoberta dramática de interesse público sobre o homem primitivo, ou sobre uma nova técnica cirúrgica, ou qualquer setor da espaçonáutica poderia representar artigo muito bem pago em qualquer dos meios de comunicação de massa.

Fora Nimmo, por exemplo, quem redigira para consumo científico a série de monografias de Bryce e co-autores elucidando a estrutura fina de dois vírus de câncer, trabalho pelo qual pedira o pagamento ridículo de mil e quinhentos dólares, desde que os direitos de publicação popular fossem incluídos. Depois escrevera com exclusividade o mesmo trabalho em forma semidramática para uso no video tridimensional, em troca de um adiantamento de vinte mil dólares e mais direitos de arrendamento que ainda lhe chegavam às mãos após cinco anos.

Foster foi diretamente ao assunto:

– O que sabe de Neutrínica, titio?

– Neutrínica? – e os olhos pequeninos de Nimmo traduziam surpresa. – Está trabalhando nisso? Pensei que fosse a óptica pseudogravítica a sua ocupação.

– Pois é, mesmo. Acontece que estou perguntando a respeito da neutrínica.

– É uma trapalhada dos infernos, você meter-se nisso. Está saindo do sério. Sabe que está, não é?

– Não creio que o senhor vá chamar a Comissão só porque estou um pouco curioso sobre algumas coisas.

– Talvez eu devesse fazer isso, antes que você se meta em encrencas. A curiosidade é uni perigo profissional, no caso dos cientistas. Já vi isso acontecer. Um deles segue trabalhando sossegadamente em um problema e depois a curiosidade o leva a algum lugar esquisito. Depois vemos que eles trabalharam tão pouco em seu problema que não podem justificar uma renovação de dotação. Já vi mais...

– Tudo que quero saber – explicou Foster, cheio de paciência – é o que tem passado ultimamente por suas mãos, lidando com neutrínica.

Nimmo encostou-se na cadeira, pensativo, mastigando uma passa.

– Nada. Nada, nunca. Não me lembro de ter recebido um só trabalho sobre neutrínica.

– O quê! – Foster se espantava totalmente. – Quem recebe esse trabalho, então?

– Já que você pergunta, não sei. Não me lembro de pessoa alguma falando a esse respeito nas convenções anuais. Acho que não se está trabalhando muito nesse setor.

– E por que não?

– Ei, não precisa gritar. Não estou fazendo nada. Acho que...

Foster se exasperou.

– O senhor não sabe?

– Espere aí. Vou lhe dizer o que sei sobre a neutrínica. Ela diz respeito às aplicações dos movimentos de neutrinos e as forças envolvidas...

– Claro. Claro. Assim como a eletrônica lida com as aplicações dos movimentos dos elétrons e as forças envolvidas é a pseudogravítica lida com as aplicações dos campos gravitacionais artificiais. Não vim perguntar isso. É só o que sabe?

– É – disse Nimmo, cheio de calma – a neutrínica é a base da viagem visual no tempo. Isso é *tudo* que sei.

Foster encostou-se na cadeira e massageou o rosto magro, cheio de força. Sentia-se raivosamente insatisfeito. Sem que o formulasse de modo explícito em seu próprio espírito, tivera a certeza de que Nimmo apareceria com alguns relatórios recentes, revelaria facetas interessantes da neutrínica moderna e poderia assim mandá-lo de volta a Potterley, capacitado a dizer que o velho historiador estava equivocado, que seus dados eram enganadores e as deduções erradas.

Poderia, então, voltar a seu trabalho.

Agora, porém...

Dizia raivosamente a si mesmo: Eles, então, não estão fazendo grande coisa nesse setor. E isso dá lugar a pensar que seja uma supressão deliberada? E se a neutrínica for uma disciplina estéril? Talvez seja, não sei. Potterley não sabe. Por que desperdiçar os recursos intelectuais da humanidade em algo que não compensa? Ou então o trabalho pode ser secreto, por algum motivo legítimo. Pode ser...

O problema era que ele tinha de saber. Não podia mais deixar as coisas no pé em que se encontravam, não podia!

Disse, então:

– Existe um compêndio de neutrínica, tio Ralph? Refiro-me a uma obra simples, clara, elementar.

Nimmo pensou, as faces gorduchas movimentaram-se em uma série de suspiros.

– Você faz as perguntas mais desgraçadas. O único de que já ouvi falar foi o de Sterbinski e um outro camarada. Nunca o vi, mas lembro-me de algo a respeito... Sterbinski e LaMarr, isso mesmo.

– É esse o Sterbinski que inventou o cronoscópio?

– Acho que sim. Prova que o livro deve ser bom.

– Existe uma edição recente? Sterbinski morreu há trinta anos.

Nimmo deu de ombros e nada disse.

– Você pode descobrir?

Permaneceram sentados e silenciosos por alguns momentos, enquanto Nimmo remexia o corpanzil aos estalidos da cadeira em que se sentava. Depois o redator científico perguntou:

– Você vai me dizer do que se trata?

– Não posso. Você pode me ajudar, ainda assim, tio Ralph? Pode me arranjar um exemplar do compêndio?

– Bem, você me ensinou tudo que sei sobre pseudogravítica. Eu devia ser reconhecido por esse fato. Vou-lhe dizer uma coisa... ajudo, sim, com uma condição.

– E qual é?

De repente o velho tomou-se muito sério.

– De que você tenha cuidado, Jonas. Torna-se claro que você está fora de seu setor e fora da linha, seja lá o que estiver fazendo. Não destrua sua carreira só porque está curioso sobre algo que não lhe designaram e que não é de sua conta. Compreendeu?

Foster assentiu, mas quase não ouvira as palavras, imerso que se achava em pensamentos furiosos.

Uma semana depois, Ralph Nimmo surgiu com seu corpo rotundo no pequeno apartamento de Jonas Foster, na universidade e disse, em murmúrio roufenho:

– Trouxe unia coisa.

– O quê? – e Foster se pusera imediatamente curioso.

– Um exemplar de Sterbinski e LaMarr.

Ato continuo pôs à vista o livro referido, ou melhor, um canto do mesmo, sob seu sobretudo bem amplo.

Foster quase automaticamente olhou para a porta e janelas a fim de ter certeza de que estavam fechadas e de cortinas baixadas, depois estendeu a mão.

A caixa de filmes tomara-se escamosa após tanto tempo decorrido e quando ele a abriu, o filme estava desbotado, tornara-se quebradiço. Perguntou, com aspereza:

– Está aqui?

– Gratidão, rapaz, gratidão! – exclamou Nimmo, sentando-se com um grunhido e enfiando a mão no bolso, do qual tirou u'a maçã.

– Ora, estou grato, mas é tudo tão velho!

– Muita sorte eu tive em conseguir. Tentei arranjar um filme na Biblioteca do Congresso. Não adiantou. O livro era proibido.

– E como obteve isso, então?

– Roubei – explicou o tio, mordendo ruidosamente a maçã. – Na Biblioteca Pública de Nova Iorque.

– O quê?

– Muito simples. Eu tenho entrada às estantes, naturalmente. Assim sendo ultrapassei a mureta quando ninguém estava por perto, apanhei isto e saí. Eles confiam muito nas pessoas, naquele lugar. Além do mais, não vão sentir falta, por muitos anos... só que é melhor você não deixar que alguém veja isto, sobrinho.

Foster fitava o filme como se o mesmo fosse uma coleção de brasas quentes.

Nimmo livrou-se do miolo da maçã e enfiou a mão no bolso, retirando a segunda.

– Uma coisa engraçada. Não existe nada mais recente em todo o terreno da neutrínica. Nem uma só monografia, nenhum trabalho, nenhuma anotação. Nada, desde o aparecimento do cronoscópio.

– Pois é – disse Foster, distraído.

Foster trabalhou por noites inteiras na casa dos Potterley. Não podia confiar em seus próprios aposentos no centro universitário para fazer o que queria. O trabalho noturno tomou-se mais real para ele do que as suas próprias solicitações de dotação. Às vezes ele se preocupava a respeito delas. Mas isso também acabou. Seu trabalho consistia, de início, em ver e rever o texto do filme. Depois consistia em pensar (às vezes, enquanto uma parte do livro se adiantava no projetor de bolso, sem merecer sua atenção).

Havia ocasiões nas quais Potterley vinha assistir, sentava-se com expressão empertigada e olhar atento, como a esperar que os processos mentais se solidificassem e se tomassem visíveis em todas as suas convoluções. Só interferia de dois modos: não permitia que Foster fumasse e às vezes falava.

Não era conversa, jamais. Tratava-se mais de um monólogo em voz baixa com o qual, ao que parecia, quase não contava receber a menor atenção. Era muito mais como se estivesse aliviando uma tensão interna.

Cartago! Sempre Cartago!

Cartago, a Nova Iorque do Mediterrâneo antigo. Cartago, império comercial e rainha dos mares. Cartago, tudo que Siracusa e Alexandria fingiam ser. Cartago, infamada pelos inimigos e incapaz de defender-se verbalmente.

Fora derrotada uma vez por Roma e expulsa da Sicília e Sardenha, mas voltara para recuperar as perdas graças a novos domínios na Espanha, apresentara Aníbal para aterrorizar os romanos por dezesseis anos a fio.

Ao final voltara a perder pela segunda vez, reconciliara-se com o destino e reconstruíra com instrumentos partidos uma vida aleijada em território afundado, obtendo tamanhos êxitos que Roma, invejosa, forçou deliberadamente a terceira guerra.

E então Cartago, tendo apenas as mãos nuas e sua tenacidade, construíra armas e obrigara Roma a sustentar uma guerra de dois anos que apenas terminara com a destruição completa da cidade, seus moradores lançando-se nas casas incendiadas em vez de se renderem.

– Como podiam as pessoas lutar de tal maneira por uma cidade e um modo de vida como os escritores antigos descreviam? Aníbal era general melhor do que qualquer romano e seus soldados dedicavam-lhe fidelidade total. Seus próprios inimigos, os mais acendrados, o louvaram. Esse foi um cartaginês. Está na moda dizer que ele era um cartaginês não-típico, melhor do que os demais, um diamante no meio do lixo. Mas se assim é, por que foi tão fiel a Cartago, mesmo em sua morte após anos de exílio? Eles falam de Moloch...

Nem sempre Foster ouvia, mas às vezes não podia deixar de fazê-lo; nessas ocasiões estremecia e enjoava diante do relato sangrento de sacrifício de crianças.

Potterley, no entanto, prosseguia com afã:

– Ainda assim não é verdade. Isso é uma mentira de dois mil e quinhentos anos, iniciada pelos gregos e romanos. Eles tinham seus escravos, crucificação e tortura, seus torneios de gladiadores. A história de Moloch é o que as idades posteriores teriam chamado de propaganda de guerra, a grande mentira. Posso provar que foi mentira. Posso provar e, por Deus, provarei... provarei...

Murmurava essa promessa repetidas vezes, em sua aflição.

A Sra. Potterley também o visitava mas o fazia com menos freqüência, geralmente às terças e quintas-feiras, quando o próprio professor Potterley tinha de dar aulas noturnas e não se achava presente.

Ela vinha sentar-se em silêncio, quase sem falar, o rosto sem expressão e sem energia, o olhar parado, toda a sua atitude era distante e fechada.

Na primeira vez em que o fez, Foster procurou, pouco à vontade, sugerir que ela se retirasse.

Ela respondeu, a voz sem qualquer graça

– Eu atrapalho?

– Não, claro que não – mentiu Foster, inquieto. – É só que... que... – e não conseguiu terminar a frase.

Ela assentiu como se aceitasse um convite para ficar. Depois abriu a bolsa de pano que trouxera e dali tirou um caderno sem costura, de folhas de *vitron*, que passou a tecer com movimentos rápidos e delicados de dois despolarizadores finos e tetrafacetados, cujos fios alimentados à pilha conferiam-lhe o aspecto de alguém que segurava uma aranha enorme.

Certa noite ela disse baixinho.

– Minha filha, Laurel, tem a sua idade.

Foster sobressaltou-se tanto diante do som inesperado de sua fala quanto das palavras, e comentou:

– Eu não sabia que a senhora tinha uma filha.

– Ela morreu. Há anos.

O *vitron* crescia sob seus movimentos hábeis, tornando-se algo parecido a uma peça de, roupa que Foster ainda não podia identificar. Nada lhe restava senão murmurar inutilmente:

– Sinto muito.

A Sra. Potterley suspirou.

– Sonho muito com ela – e ergueu os olhos azuis e distantes direção dele.

Foster encolheu-se e desviou o olhar.

Em outra noite, puxando uma das folhas do *vitron* para soltá-lo do vestido, ela perguntou.

– O que é a visão no tempo, afinal?

Esta observação acarretava uma seqüência complexa de pensamentos e Foster respondeu, prontamente:

– O Sr. Potterley pode explicar-lhe.

– Ele já tentou. Oh, tentou. Mas acho que ele é um pouco impaciente comigo. Ele o chama de cronoscopia, na maior parte do tem-

po. A gente realmente vê as coisas no passado, como nos tridimensionais? Ou é uma visão que faz as formas de pontinhos, como no computador que o senhor usa?

Foster olhou com desagrado para o computador manual. Funcionava bem, mas todas as operações tinham de ser controladas manualmente e as respostas eram obtidas em código. Se pudesse usar o computador da faculdade... Bem, para que sonhar, já se sentia bastante conspícuo como estava, levando um computador manual sob o braço todas as noites, ao sair do gabinete.

Disse, então:

– Eu mesmo nunca vi o cronoscópio, mas tenho a impressão de que é possível ver figuras e ouvir o som.

– Dá para ouvir as pessoas falando, também?

– Creio que sim – já um tanto desesperado – escute Sra. Potterley, isso deve ser muitíssimo chato para a senhora. Sei que a senhora não gosta de deixar um hóspede sozinho, mas francamente, Sra. Potterley, não deve sentir-se obrigada a...

– Eu não me sinto obrigada – disse ela. – Estou sentada aqui e esperando.

– Esperando? Esperando o quê?

Ela disse, com muita compostura:

– Eu ouvi vocês naquela noite. Naquela noite em que o senhor falou com Arnold pela primeira vez. Ouvi atrás da porta.

Foster contrapôs:

– A senhora fez isso?

– Sei que não devia ter feito, mas estava muitíssimo preocupada com Arnold. Achava que ele ia fazer alguma coisa que não devia, e queria saber o que era. E depois, quando ouvi... – ela fez unia pau sa, inclinando-se sobre o *vitron* e olhando para aquele material.

– Ouviu o quê, Sra. Potterley?

– Que o senhor não construiria um cronoscópio.

– Claro que não.

– Achei que talvez o senhor pudesse mudar de idéia.

Foster lançou-lhe um olhar furioso.

– Quer dizer que a senhora tem vindo aqui esperando que eu construa o cronoscópio, querendo que eu construa esse aparelho?

– Espero que o faça, professor Foster. Oh, espero que o faça.

Era como se, de repente, um véu houvesse caído de seu rosto, deixando-lhe todos os traços fisionômicos bem claros e nítidos, le-

vando-lhe cor às faces, vida ao olhar, vibrações de algo que se aproximava à animação em sua voz.

– Não seria maravilhoso – prosseguiu ela – ter um aparelho assim? As pessoas do passado poderiam voltar a viver. Os faraós e os reis e... as pessoas comuns. Espero que o senhor construa o aparelho, professor Foster. Espero mesmo.

Engasgou, ao que parecia, com o fervor de suas próprias palanas e as folhas do *vitron* caíram de seu regaço. Ela se levantou e subiu correndo as escadas do porão enquanto o olhar de Foster seguia os movimentos de seu corpo desajeitado e em fuga, cheio de espanto e perturbação.

Aquilo se adentrara pelas noites de Foster e o deixava insone, cansado e cheio de pensamentos. Parecia-se muito a uma indigestão mental.

Suas solicitações de dotação estavam finalmente chegando a Ralph Nimmo. Não depositava qualquer esperança nelas e pensava, entorpecido: não vão ser aprovadas.

Se não forem está claro que criaria um escândalo no departamento e provavelmente sua designação na universidade não seria renovada, chegado o final do ano letivo.

Quase não se preocupava. Era o neutrino, o neutrino, apenas o neutrino. Sua trilha curvava-se e desviava-se acentuadamente, deixava-o quase sem fôlego por caminhos desconhecidos, que o próprio Sterbinski e LaMarr não tinham acompanhado.

Chamou Nimmo.

– Tio Ralph, preciso de algumas coisas. Estou chamando de fora da universidade.

O rosto de Nimmo, na teia de vídeo, parecia jovial, a voz era áspera. Ele disse:

– Você está precisando é de um curso de comunicações. Estou tendo uma trabalheira infernal para pôr a sua solicitação em termos inteligíveis. Se é por isso que está chamando...

Foster sacudiu a cabeça, cheio de impaciência.

– Não é por isso que estou chamando. Preciso disto aqui – e garatujou com rapidez em uma folha de papel, erguendo-a diante do receptor.

Nimmo chiou.

– Ei, você acha que sou capaz de fazer tanta coisa assim?

– Arranje isto para mim, titio. O senhor sabe que pode.

Nimmo voltou a ler com atenção a relação de artigos, com movimentos silenciosos dos lábios gordos, pareceu muito sério.

– O que acontece quando você junta essas coisas? – perguntou.

Foster sacudiu a cabeça, em negativa.

– Você vai ter os direitos exclusivos de publicação popular, qualquer que seja o resultado, como sempre foi. Mas não me faça perguntas agora.

– Não posso fazer milagres, você sabe.

– Faça este. É preciso. É preciso. O senhor é um redator científico e não um homem de pesquisas. Não precisa explicar tudo. Tem amigos e boas relações. Eles podem fazer vista grossa, não é mesmo, para ganharem alguma coisa de você na publicação seguinte?

– Sobrinho, sua fé é comovente. Vou tentar.

Nimmo conseguiu. Material e equipamentos foram trazidos em hora avançada de certa noite, em carro particular. Nimmo e Foster levaram o material para dentro, com os resmungos de homens desabituados ao trabalho braçal.

Potterley surgiu à entrada do porão após Nimmo ter se retirado. Perguntou baixinho:

– Para que é isso?

Foster arredou da testa os cabelos que ali haviam caído e fez massagem suave no pulso torcido. Explicou, então:

– Quero fazer algumas experiências simples.

– É mesmo? – e os olhos do historiador reluziam de animação.

Foster sentiu-se explorado. Sentia-se como se estivesse sendo levado por urna estrada perigosa, e levado por dedos que lhe beliscavam o nariz, como se pudesse antever o desastre que o esperava mais adiante, mas ainda assim a andar com decisão e pressa. O pior de tudo é que sentia ser de si mesmo o impulso que o levava pelo nariz.

Fora Potterley quem o iniciara, Potterley quem agora se apresentava ali, satisfeito, mas a compulsão era dele mesmo.

Foster respondeu, azedo:

– Vou querer estar a sós agora, Potterley. Não dá para você e sua esposa virem aqui e me interromperem.

Estava pensando: se o ofender, que me expulse da casa. Que ponha fim a tudo.

No íntimo, todavia, não achava que ser expulso faria com que parasse aquilo.

A coisa não se saiu assim. Potterley não dava qualquer demonstração de achar-se ofendido e seu olhar suave não se modificava. Ele respondeu:

– Está claro, professor Foster, está claro. Fique sozinho, não o perturbaremos.

Retirava-se sob o olhar de Foster, mas este não o observou por toda a retirada, sentindo-se perversamente satisfeito e odiando-se por estar assim.

Passou a dormir em um catre no porão dos Potterley e passar ali todos os fins de semana.

Durante esse período recebeu o aviso preliminar de que suas dotações (redigidas por Nimmo) tinham sido aprovadas. O chefe de Departamento foi quem trouxe a notícia, dando-lhe parabéns.

Foster fitava à distância e murmurou comentários com tão pouca convicção que o chefe do Departamento fechou a cara e lhe voltou as costas, sem dizer mais uma só palavra.

Foster não pensou mais no assunto. Era questão de menor importância, não valia qualquer atenção. Pensava em algo que tinha importância real, uma prova crucial que efetuaria aquela noite.

Uma noite, a segunda e a terceira e depois, macilento e quase transbordante de agitação, chamou Potterley.

Este desceu as escadas e olhou em volta para toda aquela instalação. Perguntou então, em voz baixa:

– A conta de luz tem estado bem alta. Não me importa a despesa, mas a Cidade pode começar a fazer indagações. Há algum jeito de remediar isso?

Estavam em noite quente mas Potterley usava colarinho apertado e colete. Foster, em camiseta, ergueu o olhar cansado e disse, trêmulo:

– Não será por muito mais tempo, professor Potterley. Eu o chamei para contar-lhe uma coisa. Podemos construir um cronoscópio. Pequeno, está claro, mas pode ser feito.

Potterley agarrou-se ao corrimão, o corpo derreou. Conseguiu murmurar:

– Pode ser feito aqui?

– Aqui no porão – disse Foster, cansado.

– Santo Deus, O senhor disse...

– Eu sei o que disse – retrucou Foster, cheio de impaciência. – Eu disse que não dava para fazer. Nessa ocasião eu não sabia nada. O próprio Sterbinski não sabia nada.

Potterley sacudiu a cabeça.

– O senhor tem certeza? Não está equivocado, professor Foster? Eu não agüentaria se...

Foster interveio:

– Não estou equivocado. Com os diabos, senhor, se apenas a teoria fosse o bastante podíamos ter um visor de tempo há mais de cem anos, quando o neutrino foi postulado pela primeira vez. O problema estava em que os primeiros pesquisadores o consideraram apenas uma partícula misteriosa, sem massa ou carga, que não podia ser detectada. Não passava de algo para fechar o balanço e salvar a lei de conservação da energia de massa.

Não tinha certeza de que Potterley entendia o que estava falando. Nem se importava. Precisava de um descanso. Precisava desabafar um pouco, no meio de todos aqueles pensamentos coagula dos. E precisava de explicações para o que teria de dizer em seguida a Potterley.

Prosseguiu, então:

– Foi Sterbinski quem descobriu pela primeira vez que o neutrino rompia a barreira cruzada do espaço-tempo, que viajava tanto pelo tempo como pelo espaço. Foi também Sterbinski quem aperfeiçoou um método para detectar os neutrinos. Inventou um gravador de neutrinos e aprendeu a interpretar a configuração da torrente de neutrinos. Está claro que a torrente tinha sido afetada e desviada por toda a matéria pela qual passava em seu percurso pelo tempo e os desvios podiam ser analisados e convertidos em imagens da matéria que causara o desvio. A visão do tempo passado era possível. Até as vibrações do ar podiam ser percebidas, e assim, convertidas em som.

Potterley não ouvia, isso estava fora de dúvida. Limitou-se a dizer:

– Sim. Sim. Mas quando o senhor pode construir um cronoscópio?

Cheio de urgência, Foster explicou:

– Deixe-me terminar. Tudo depende do método usado para desviar e analisar a torrente de neutrinos. O método de Sterbinski era difícil e indireto. Precisava de montanhas de energia, mas eu estudei a pseudogravidade, professor Potterley, a ciência dos campos gravitacionais artificiais. Especializei-me no comportamento da luz em

tais campos. É uma ciência nova. Sterbinski nada sabia sobre isso. Se soubesse teria visto... qualquer pessoa teria visto... um meio muito melhor e mais eficiente de detectar os neutrinos, usando um campo pseudogravítico. Se eu conhecesse melhor a neutrínica, logo de inicio, teria visto de imediato.

Potterley parecia animar-se um pouco.

– Eu sabia – comentou, – Mesmo porque as pesquisas na neutrínica se estacionaram e o governo não sabe como ter certeza de que as descobertas em outros ramos da ciência não refletirão conheci mentos na neutrínica. Está vendo qual o valor da direção centralizada da ciência? Faz muito tempo que pensei nisso, professor Foster, muito antes que o senhor viesse trabalhar aqui.

– Dou-lhe parabéns pela descoberta – disse Foster – mas há unia coisa...

– Oh, não se importe com isso. Responda-me, por favor. Quando pode construir uni cronoscópio?

– Estou tentando dizer-lhe algo, professor Potterley. Um cronoscópio da nada servirá ao senhor – é aqui que a coisa desanda, pensava ele.

Potterley desceu vagarosamente a escada, pôs-se diante de Foster.

– O que quer dizer? Por que não vai me ajudar?

– O senhor não verá Cartago. É o que preciso dizer-lhe. É o que justifica a minha explicação. O senhor nunca poderá ver Cartago.

Potterley sacudiu a cabeça, contestou:

– Ora, não, o senhor está errado. Se tem o cronoscópio basta focalizar corretamente...

– Não, professor Potterley. Não se trata de focos. Existem fatores aleatórios que afetam a torrente de neutrinos, assim como afetam todas as partículas subatômicas. É o que chamamos de princípio da incerteza. Quando a torrente é registrada e interpretada, o fator aleatório se apresenta como esmaecimento ou "ruído", como costumam dizer os moços que lidam com comunicações. Quanto mais penetramos no tempo, tanto mais pronunciado o embaciamento, maior o ruído. Depois de algum tempo o ruído afoga a imagem. O senhor entendeu?

– Mais força – disse Potterley, em voz inteiramente sem vida.

– De nada adianta. Quando o ruído apaga o detalhe, a ampliação do detalhe amplia o ruído também. O senhor nada pode ver em um filme queimado pelo sol se o ampliar, não é mesmo? Entenda

bem uma coisa. A natureza física do universo estabelece limites quanto à debilidade de um som que pode ser percebido por qualquer instrumento, O comprimento de uma onda luminosa ou de uma onda de elétrons estabelece limites às dimensões dos objetos que podem ser vistos por qualquer instrumento. Isso também funciona na cronoscopia. Só se pode ver no tempo até certa distância.

– Que distância? Que distância?

Foster respirou fundo.

– Um século e um quarto. É o máximo.

– Mas o boletim mensal que a Comissão publica lida com a história antiga quase inteira. – O historiador riu, e riu gostosamente. – O senhor deve estar equivocado. O governo tem dados que remontam até a 3000 A.C.

– E quando é que o senhor passou a acreditar neles? – inter pelou Foster, cheio de desdém. – Foi o senhor quem começou isto, provando que estavam mentindo, que nenhum historiador havia feito uso do cronoscópio. Não está vendo agora qual o motivo? Nenhum historiador, a não ser aquele que se interesse pela história contemporânea, poderia fazê-lo. Nenhum cronoscópio consegue ver no tempo passado além de 1920, em qualquer condição.

– O senhor está errado. Nâo sabe tudo – redargüiu Potterley.

– A verdade não vai dobrar-se à sua conveniência. Enfrente os fatos. O que o governo tem feito é perpetuar uma mistificação.

– Por quê?

– Não sei qual o motivo.

O nariz de Potterley retorcia-se, os olhos se esbugalhavam. Ele suplicou:

– É apenas teoria, professor Foster. Construa o cronoscópio. Construa e experimente.

Foster segurou Potterley pelos ombros, com força e, de repente, gritou:

– E acha que não o fiz? Acha que eu diria isto antes de ter verificado por todos os modos? Eu construí um. Está aqui mesmo em volta. Olhe só!

Correu para as chaves de força e as ligou, uma após outra. Ajustou uma resistência, outros botões, apagou as luzes do porão.

– Espere só. Deixe esquentar.

Surgiu um brilho pequeno no centro da parede. Potterley balbuciava incoerências, mas Foster limitou-se a ordenar de novo:

– Olhe só!

A luz se tomou mais forte e mais clara, irrompeu em figuras claras e escuras, Homens e mulheres! Embaciados. Traços fisionômicos embaciados. Braços e pernas não passavam de manchas. Um antigo automóvel, veículo que andava pelo chão, nada claro mas reconhecível como um modelo que já usara motores a combustão interna, acionado a gasolina, passou com rapidez na imagem.

Foster comentou:

– Meados do século vinte, em algum lugar. Não posso ainda ligar o áudio, de modos que não temos o som. Com tempo podemos tê-lo. De qualquer modo o meado do século XX é mais ou menos a distância máxima a que podemos ir. Acredite em mim, é o melhor foco que conseguiremos.

Potterley voltou à carga:

– Construa u'a máquina maior, mais forte. Melhore os seus circuitos.

– Não pode derrotar o Princípio da Incerteza, homem, assim como não pode viver na superfície do sol. Existem limites físicos ao que podemos fazer.

– Está mentindo, Não acredito no senhor. Eu...

Uma outra voz se fez ouvir, num tom estridente para se impor ao diálogo deles.

– Arnold! Professor Foster!

O jovem físico voltou-se no mesmo instante. O professor Potterley permaneceu parado por momentos prolongados e depois disse, sem se voltar:

– O que é Caroline? Deixe-nos em paz.

– Não! – e a Sra. Potterley descia a escada. – Ouvi o que diziam. Não pude deixar de ouvir. O senhor tem um visor do tempo aqui, professor Foster? Aqui no porão?

– Sim, tenho, Sra. Potterley. Uma espécie de visor de tempo. Não é muito bom. Ainda não consigo o som e a imagem está muito embaciada, mas funciona.

A Sra. Potterley entrelaçou os dedos e os manteve bem apertados ao peito.

– Que maravilhoso. Que maravilhoso.

– Não é maravilhoso de modo algum – contrapôs Potterley. – Este jovem imbecil não consegue ir além de...

– Escute aqui... – começou Foster, exasperado.

– Por favor! – gritou a Sra. Foster. – Escutem o que vou dizer. Arnold, você não percebe que se podemos usar isso para ver vinte

anos atrás, será possível voltarmos a ver Laurel? Que nos importa Cartago, que nos importam os tempos antigos? É Laurel que podemos ver. Ela voltará a estar viva para nós. Deixe a máquina aqui, professor Foster. Mostre-nos como operá-la.

Foster fitou-a, depois ao marido. O rosto de Potterley se tornara lívido. Embora a voz continuasse baixa e calma, essa calma recebera forte abalo. Ele disse:

– Você é uma idiota!

– Arnold! – foi a exclamação débil da esposa.

– Você é uma idiota, entendeu? O que vai ver? O passado. O passado está morto. A Laurel fará alguma coisa que não fez? Você vai ver alguma coisa que não viu? Você vai viver três anos outra vez, e mais outra, observando uma criança que nunca crescerá, por mais que esteja olhando?

A voz dele estava próxima a se embargar, mas ainda assim se manteve. Ele se aproximou dela, segurou-a pelo ombro e a sacudiu com brusquidão.

– Você sabe o que vai acontecer se fizer isto? Eles virão para levá-la daqui, porque você enlouquecerá. Sim, enlouquecerá. Quer receber tratamento mental? Quer ser trancafiada, passar pela sonda psíquica?

A Sra. Potterley afastou-se com um repelão. Não havia qualquer suavidade ou vagueza em sua atitude. Transformara-se numa megera.

– Quero ver minha filha, Arnold. Ela está nesta máquina e eu a quero.

– Ela não está na máquina. O que temos ali é uma imagem. Você não entende? Uma imagem. Uma coisa que não é verdadeira!

– Quero minha filha, está ouvindo? – E acossou-o, gritando, esmurrando-o com os punhos cerrados. – *Quero minha filha.*

O historiador recuou diante do ataque, gritando. Foster adiantou-se, interpôs-se aos dois e a Sra. Potterley caiu ao chão, soluçando tresloucadamente.

Potterley se voltou, os olhos com expressão desesperada. Com movimento repentino agarrou uma barra de ferro, girando e afastando-se de Foster, estonteado por tudo que ocorria e incapaz de detê-lo.

– Para trás! – arquejou Potterley. – Ou eu o mato. Juro que mato.

Desferiu um golpe violento e Foster pulou para trás.

Potterley voltou-se com fúria para todas as peças daquela montagem no porão e Foster, após o primeiro estilhaçar de vidros, se pós a observar, aturdido.

Potterley dissipou sua raiva e logo em seguida estava em pé, sossegado, em meio a fragmentos e estilhaços, porém ainda tinha à mão a barra de ferro. Disse a Foster, em um murmúrio:

– Agora saia daqui! Não volte mais! Se alguma coisa do que aqui está lhe custou algo, mande-me a conta e eu pagarei. Pagarei dobrado.

Foster deu de ombros, apanhou a camisa e seguiu em direção à escada do porão. Ouvia os soluços altos da Sra. Potterley e, ao voltar-se no patamar para olhar pela última vez, viu o professor Potterley inclinado sobre ela, o rosto transtornado de pesar.

Dois dias depois, tendo encerrado o dia letivo e Foster procurando para ver se encontrava algum dado sobre seus projetos recém-aprovados, que desejava levar para casa, o professor Potterley apareceu mais uma vez. Estava em pé diante da porta aberta no gabinete de Foster.

O historiador se apresentava tão bem vestido como antes. Ergueu a mão num gesto vago demais para ser cumprimento, insuficiente como apelo. Foster limitou-se a fitá-lo fixamente.

Potterley disse:

– Eu esperei até às cinco horas, até que o senhor estivesse... Posso entrar?

Foster assentiu.

Potterley disse:

– Vim para pedir desculpas pelo que fiz. Fiquei pavorosamente decepcionado, estava fora de mim. Mesmo assim, foi imperdoável.

– Aceito suas desculpas – disse Foster. – É tudo?

– Acredito que minha esposa o chamou.

– Chamou, sim.

– Ela tem estado histérica. Contou-me que chamou o senhor, mas eu não podia ter certeza...

– Chamou, sim.

– O senhor pode me dizer... pode ter a bondade de me contar o que ela queria?

– Ela queria um cronoscópio. Disse que tinha dinheiro próprio e que estava pronta a pagar.

– O senhor... se comprometeu?

– Eu disse que não me dedico à fabricação.

– Ótimo – arquejou Potterley, o peito arfando com o alívio. – Por favor, não receba mais chamadas dela. Ela não está... bem...

– Escute, professor Potterley – disse Foster. – Não vou entrar em qualquer briga de família mas é melhor o senhor se preparar para uma coisa. Os cronoscópios podem ser construídos por qualquer pessoa. Algumas peças simples podem ser compradas em algum centro de vendas elétricas e ele pode ser construído em casa. Pelo menos a parte de vídeo.

– Mas ninguém mais vai pensar no assunto, só o senhor, não é mesmo? Ninguém pensou.

– Eu não pretendo manter segredo.

– Mas não pode publicar. É pesquisa ilegal.

– Isso não importa mais, professor Potterley. Se eu perder minhas dotações, estarão perdidas. Se a universidade não gostar, pedirei demissão. Não me importa mais.

– O senhor não pode fazer isso!

– Até agora – disse Foster – o senhor não se importava se eu ia ou não perder as dotações e o cargo. Por que se mostra tão preocupado agora? Vou explicar-lhe uma coisa. Quando me procurou pela primeira vez eu acreditava em pesquisas organizadas e dirigidas, a situação como existia, em outras palavras. Considerava-o um anarquista intelectual, professor Potterley, e perigoso também. Mas por este ou aquele motivo eu mesmo fui um anarquista por meses seguidos, e alcancei grandes coisas.

Fez uma pausa, prosseguiu:

– Essas coisas foram conseguidas não porque eu seja um cientista brilhante. De modo nenhum. Foi apenas que a pesquisa científica tinha sido dirigida de cima e havia buracos que podiam ser preenchidos por qualquer pessoa olhando na direção certa. E qualquer pessoa teria olhado na direção certa se o governo não se preocupasse em tentar impedi-Ia.

Nova pausa, ele encerrava a explicação:

– Agora faça o favor de me compreender. Ainda acredito que a pesquisa dirigida possa ser útil. Não sou a favor de uma passagem à anarquia total, mas deve haver um campo médio. A pesquisa dirigida pode manter flexibilidade, O cientista deve ter o direito de seguir sua curiosidade, pelo menos em seu próprio tempo de folga.

Potterley sentou-se e disse, procurando agradar:

– Vamos discutir o assunto, Foster. Admiro o seu idealismo. Você é jovem, quer a lua. Mas não pode destruir-se com idéias fantasiosas sobre o que a pesquisa pode ser. Eu o meti nisto, sou responsável e me incrimino amargamente. Eu agia por impulso emocional. O meu interesse por Cartago cegou-me, fui um idiota total.

Foster interveio:

– Quer dizer que o senhor mudou inteiramente em dois dias? Cartago não é nada? A supressão das pesquisas pelo governo não é nada?

– Mesmo um imbecil total como eu consegue aprender, Foster. Minha esposa me ensinou algo. Agora compreendo o motivo para o governo suprimir a neutrínica. Dois dias atrás, não entendia. E quando compreendi, aprovei. Você viu como minha mulher se portou diante da notícia de um cronoscópio no porão. Eu imaginara um cronoscópio utilizado para fins de pesquisa. Tudo que ela conseguia enxergar era o prazer pessoal de voltar neuroticamente a um passado pessoal, um passado morto, O pesquisador puro, Foster, constitui a minoria. Pessoas como minha mulher poderiam superar-nos pelo número.

Ele prosseguia:

– Se o governo viesse a incentivar a cronoscopia, isso quereria dizer que o passado de todos se tomaria visível. Os funcionários do governo estariam sujeitos à chantagem e pressão indevida, pois aqui na Terra quem tem um passado inteiramente limpo? O governo organizado talvez se tomasse impossível.

Foster molhou os lábios.

– Talvez, Talvez o governo tenha alguma justificativa a seus próprios olhos. Mesmo assim existe um princípio importante em jogo. Quem sabe quantos outros progressos científicos estão sendo abafados porque os cientistas são levados a uma trilha estreita? Se o cronoscópio se torna motivo de pavor para alguns políticos, tal é o preço que precisa ser pago. O público deve entender que a ciência precisa ser livre e não existe modo mais claro de mostrá-lo do que publicar minha descoberta, de um modo ou de outro, legal ou ilegalmente.

A fronte de Potterley estava cheia de suor, porém sua voz continuou calma.

– Oh, não são apenas alguns políticos, professor Foster. Não pense nisso. Seria também o terror. Minha mulher passaria o tempo vivendo com sua filha morta. Ela se retiraria ainda mais da realidade.

Enlouqueceria revivendo as mesmas cenas repetidas vezes. E não seria apenas o meu terror. Haveria outros como ela. Filhos que procurariam os pais mortos ou sua própria juventude. Teríamos todo um mundo vivendo no passado, Loucura de verão.

Foster observou:

– Os juízos morais não podem impedir. Não surgiu qualquer progresso, em qualquer época da história, que a humanidade não tenha tido o engenho de perverter. A humanidade precisa ter também o engenho de impedir. Quanto ao cronoscópio, as incursões pelo passado morto logo se tomarão cansativas. Eles verão seus pais adorados em algumas das coisas que seus pais adorados faziam e perderão o entusiasmo por eles. Mas tudo isso não tem importância. Comigo se trata de uma questão de princípio importante.

Potterley voltou à carga:

– Que se dane o seu princípio. Não consegue compreender os homens e mulheres, ideais como princípio? Não entende que minha mulher viverá pelo incêndio que matou nossa filha? Não poderá impedi-la, eu a conheço. Ela acompanhará cada passo, tentando evitá-lo. Voltará a viver aquilo repetidas vezes, contando a cada feita que aquilo não aconteça. Quantas vezes você quer matar Laurel? – e a voz se punha roufenha.

A Foster ocorreu um pensamento.

– O que receia que ela possa descobrir, professor Potterley? O que aconteceu na noite do incêndio?

O historiador cobriu imediatamente o rosto com as mãos, seu corpo passou a estremecer com soluços. Foster desviou o olhar, passou a fitar a janela, embaraçadíssimo.

Após algum tempo, Potterley explicou:

– Faz muito tempo que não penso no assunto. Caroline tinha saído. Eu fazia companhia à menina. Entrei no dormitório dela no meio da noite, para ver se estava coberta. Levava comigo o cigarro... naqueles dias eu fumava. Devo tê-lo amassado antes de colocá-lo no cinzeiro sobre a cômoda. Sempre tive muito cuidado. A menina estava bem. Voltei para a sala de estar e dormi diante do vídeo. Acordei sufocado, cercado pelo fogo. Não sei como começou.

– Mas acha que pode ter sido o cigarro, não é isso? – perguntou Foster. – Um cigarro que o senhor deixou de apagar?

– Não sei. Tentei salvá-la, mas estava morta em meus braços quando saí daquela casa.

– Acredito que nunca tenha contado à sua mulher sobre o ci garro.

Potterley sacudiu a cabeça, em negativa.

– Mas tive que viver com essa lembrança.

– Só agora, com o cronoscópio, ela poderá descobrir. Talvez não tenha sido o cigarro. Talvez o senhor o tenha realmente apagado, não acha possível?

As lágrimas haviam secado no rosto de Potterley. A vermelhidão desaparecera. Ele disse:

– Não posso me arriscar... Mas não se trata apenas de mim mesmo, Foster. O passado tem terrores reservados para a maioria das pessoas. Não liberte estes terrores sobre a raça humana.

Foster caminhava pelo aposento. De algum modo aquilo explicava o motivo para o desejo raivoso e irracional de Potterley no sentido de prestigiar os cartagineses, deificá-los, e acima de tudo, derrubar o relato dos sacrifícios que faziam a Moloch. Libertando-os da culpa do infanticídio pelo fogo, ele se libertava simbolicamente da mesma culpa.

Desse modo, o mesmo incêndio que o impelira a causar a construção de um cronoscópio, impelia-o agora para sua destruição.

Foster fitou o outro, cheio de tristeza.

– Compreendo a sua situação, professor Potterley. Mas isto ultrapassa os sentimentos pessoais. Tenho de acabar com esse estrangulamento na garganta da ciência.

Potterley voltou à carga, em tom selvagem:

– Você quer dizer que deseja a fama e o dinheiro que tal descoberta lhe traria.

– Não sei sobre o dinheiro, mas também isso, ao que creio. Sou apenas humano.

– Não vai suprimir seu conhecimento?

– Em circunstância nenhuma.

– Bem, nesse caso... – e o historiador se pôs em pé e ali ficou por momentos, olhar furioso.

Foster teve um momento singular de pavor. O homem era mais velho do que ele, menor, mais fraco, não parecia estar armado. Ainda assim...

Ele disse:

– Se pensa em me matar ou fazer qualquer coisa assim é bom saber que tenho todas as informações em um cofre fechado e ali as pessoas poderão descobrir, caso eu desapareça ou morra.

Potterley disse:

– Não seja idiota – e se retirou.

Foster fechou a porta, trancou-a e sentou-se para pensar. Sentia-se um imbecil. Não guardara informação alguma em qualquer cofre fechado, naturalmente. Tal afirmação melodramática não lhe teria ocorrido em condições ordinárias. Mas acontecera agora.

Sentindo-se ainda mais imbecil, passou toda uma hora escrevendo as equações da solicitação da óptica pseudogravítica para gravação neutrínica e alguns diagramas para os detalhes de construção. Fechou tudo num envelope e escreveu o nome de Ralph Nimmo no mesmo.

Passou uma noite bastante inquieta, bem como a manhã seguinte. A caminho da faculdade colocou o envelope no banco, deixando instruções adequadas ao funcionário, que o fez assinar um documento permitindo que a caixa fosse aberta após seu falecimento.

Chamou Nimmo para falar-lhe da existência do envelope e recusou-se terminantemente a revelar qualquer coisa sobre o teor.

Nunca se sentira tão ridiculamente na berlinda quanto naquele instante.

Nessa noite e na seguinte Foster só conseguiu sono agitado, descobrindo-se frente a frente com o problema eminentemente prático de publicar os dados obtidos de maneira nada ética.

Os Trabalhos da Sociedade de Pseudogravítica, periódico científico que melhor conhecia, certamente não poria as mãos em qualquer monografia que não incluísse a nota mágica: “O trabalho descrito nesta monografia foi possibilitado pela Dotação 149 tal-e-qual, dada pela Comissão de Pesquisas das Nações Unidas”.

Tampouco, ou muito menos, o faria o *Journal of Physics.*

Sempre havia outras publicações que podiam fazer vista grossa para a natureza do artigo, devido à sensação que o mesmo causasse, mas isso precisaria de alguma negociação financeira na qual ele hesitava em embarcar. Talvez fosse melhor pagar o custo e publicar um pequeno panfleto para distribuição geral entre os estudiosos. Nesse caso ele estaria em condições até mesmo de dispensar os serviços de um redator científico, sacrificando a apresentação em favor da rapidez. Teria de encontrar um impressor idôneo. Talvez o tio Ralph conhecesse alguém em tais condições.

Seguiu pelo corredor até o gabinete, aflito e imaginando se talvez não fosse melhor não gastar mais tempo, não dar a si próprio

qualquer outra oportunidade de entrar em indecisão e arriscar-se a chamar Ralph de seu próprio gabinete. Estava tão absorto nesses pensamentos que não notou de início a presença naquele gabinete, até voltar-se do armário das roupas e aproximar-se da mesa.

O professor Potterley lá estava, em companhia de um homem a quem Foster não reconheceu.

Foster os fitou fixamente.

– De que se trata?

Potterley disse:

– Sinto muito, mas tinha de detê-lo.

Foster continuou a fitá-lo.

– De que está falando?

O desconhecido entrou na conversa.

– Permita apresentar-me. – Era homem de dentes grandes, um tanto desiguais, e parecia dentuço quando sorria. – Sou Thaddeus Araman, Chefe de Departamento da Divisão de Cronoscopia. Estou aqui para falar-lhe a respeito de informações que me foram trazidas pelo professor Arnold Potterley e confirmadas por nossas próprias fontes...

Potterley interveio, quase sem fôlego.

– Eu fiquei com toda a culpa, professor Foster. Expliquei que fui eu quem o convenceu, contra sua vontade, a atividades sem ética. Ofereci-me a aceitar plena responsabilidade e castigo. Não quero que seja prejudicado de modo algum. É só que a cronoscopia não pode ser permitida!

Araman assentiu.

– Ele assumiu a culpa, como afirma, professor Foster, mas o assunto já está fora das mãos dele.

Foster perguntou:

– E então? O que vai fazer? Cortar meu nome de todas as dotações para pesquisa?

– Isso vai ser feito – concordou Araman.

– Ordenar à universidade que me demita?

– Isso também pode ser feito.

– Muito bem, siga em frente. Pode fazer. Deixo agora mesmo meu gabinete, com vocês. Mais tarde mandarei buscar meus livros. Se insistir, deixo também os livros. Isso basta?

– Não de todo – explicou Araman. – O senhor pode comprometer-se a não fazer qualquer pesquisa em cronoscopia, a não publicar qualquer descoberta que tenha feito nesse sentido e, naturalmente, a

não construir cronoscópio algum. Continuará indefinidamente sob vigilância para termos certeza de que honrará essa promessa.

– E se eu me recusar a prometer? O que podem fazer? Efetuar pesquisas fora de meu campo pode ser coisa sem ética, mas não constitui crime.

– No caso da cronoscopia, meu jovem amigo – disse Araman, cheio de paciência – é sim, um crime. Se for preciso você será encerrado e mantido preso.

– Por quê? – gritou Foster. – Qual é a mágica na cronoscopia?

Araman explicou:

– A coisa é assim. Não podemos permitir maiores progressos nesse setor. A minha tarefa e obrigação é primordialmente a de providenciar isso, e pretendo executar meu trabalho. Por infortúnio não tive informação, nem qualquer pessoa no departamento, de que a óptica dos campos de pseudogravidade podia ser tão aplicável à cronoscopia. Lavramos um verdadeiro tento de ignorância geral, mas daqui para a frente a pesquisa será orientada corretamente também nesse aspecto.

Foster disse:

– De nada vai adiantar. Algo pode surgir, coisa com a qual nem o senhor nem eu nem sequer sonhamos. Toda a ciência se prende entre si. Ê uma só peça. Se quiser deter uma parte tem de parar tudo.

– Verdade, sem dúvida alguma – concordou Araman – em teoria. Pelo lado prático, todavia, conseguimos muito bem manter a cronoscopia no nível inicial de Sterbinski, durante cinqüenta anos. Tendo detido o senhor a tempo, professor Foster, contamos continuar a fazê-lo indefinidamente. E também não teríamos chegado tão perto ao desastre se eu houvesse percebido no professor Potterley algo mais do que ele aparentava.

Voltou-se para o historiador e ergueu as sobrancelhas em imitação de bem-humorada autocrítica.

– Receio, senhor, que o tenha considerado um professor de história e nada mais que isso, por ocasião de nosso primeiro encontro. Se eu houvesse executado meu trabalho corretamente e investigado o senhor, isto não teria acontecido.

Foster interveio abruptamente:

– Alguém teve tempo de usar o cronoscópio do governo?

– Ninguém fora de nossa divisão, sob pretexto algum. Digo isso porque se torna evidente a meus olhos que o senhor já adivinhou até

esse ponto. Quero adverti-lo, no entanto, que qualquer repetição desse fato será uma transgressão criminosa, já não ética.

– E seu cronoscópio não vai além de cento e vinte e cinco anos, mais ou menos, verdade?

– Verdade.

– Nesse caso seu boletim com relatos de visão do tempo em épocas antigas é uma mistificação?

Araman respondeu com calma:

– Mediante o conhecimento que o senhor tem, toma-se evidente que já sabe disso com certeza. Mesmo assim confirmo sua observação. O boletim mensal é uma mistificação.

– Nesse caso – disse Foster – não vou prometer suprimir o meu conhecimento de cronoscopia. Se deseja prender-me, pode fazê-lo. Minha defesa no julgamento será suficiente para destruir esse castelo de cartas das pesquisas dirigidas e derrubá-lo para sempre. Dirigir as pesquisas é uma coisa, suprimi-las e privar a humanidade de seus benefícios é outra, muito diferente.

Araman observou:

– Muito bem, vamos entender uma coisa, professor Foster. Se o senhor não colaborar, irá diretamente paia a cadeia. Não terá advogado, não será acusado, não terá julgamento algum. Ficará simplesmente preso.

– Ora, não – disse Foster. – O senhor está blefando. Não estamos no século vinte, lembra-se?

Houve algum movimento fora do gabinete, ruído de passadas, um grito em voz alta, grito esse que Foster julgou reconhecer. A porta se abriu com estrondo, a fechadura arrebentada, três figuras abrutalhadas entraram por ali, de qualquer maneira.

Ao entrarem, um dos homens ergueu sua arma e desferiu forte coronhada no crânio do outro.

Ouviu-se uma expiração forte e aquele cuja cabeça fora golpeada derreou-se todo.

– Tio Ralph! – gritou Foster.

Araman fechou a cara.

– Ponham-no naquela cadeira – ordenou – e tragam água para ele.

Ralph Nimmo, esfregando a cabeça com uma espécie curiosa de desagrado, fez a observação:

– Não era preciso engrossar, Araman.

Este explicou:

– O guarda devia ter engrossado antes e mantido você fora daqui, Nimmo. Você estaria melhor.

– Vocês se conhecem? – perguntou Foster.

– Andei lidando com esse cara – disse Nimmo, esfregando ainda a cabeça. – Se ele está aqui em seu gabinete, sobrinho, é porque você está em apuros.

– E você também – retorquiu Araman, raivoso. – Sei que o professor Foster o consultou sobre literatura neutrínica.

Nimmo enrugou a testa e depois a alisou com um piscar de olhos, como se sentisse dor.

– E então? – perguntou. – O que mais sabe a meu respeito?

– Vamos saber tudo a seu respeito, e não demora. Enquanto isso, basta uma coisa para implicá-lo. O que está fazendo aqui?

– Meu caro professor Araman – e Nimmo já se mostrava mais lépido – anteontem um sobrinho imbecil me chamou. Colocara algumas informações misteriosas...

– Não conte! Não conte nada! – gritou Foster.

Araman lançou-lhe um olhar gélido.

– Sabemos tudo a respeito, professor Foster. A caixa forte foi aberta e o conteúdo retirado.

– Mas como pode saber... – e a voz de Foster se desfez em meio a uma espécie de frustração furiosa.

– De qualquer modo – disse Nimmo – resolvi que a rede devia estar-se fechando em volta dele e depois de cuidar de algumas coisas vim dizer-lhe para largar isso que está fazendo. Não vale a carreira dele.

– Isso quer dizer que você sabe o que ele está fazendo, não é? – perguntou Araman.

– Ele nunca me contou – explicou Nimmo – mas sou redator científico com muita experiência. Sei qual lado do átomo é eletronificado. O rapaz, Foster, especializa-se em óptica pseudogravítica e foi ele quem me ensinou o assunto. Levou-me a arranjar um compêndio de neutrínica e eu dei uma espiada no assunto antes de entregar. Dá para somar dois com dois. Ele me pediu para arranjar algumas peças de equipamento físico e isso também serviu para deduções. Pode corrigir se estou errado, mas meu sobrinho construiu um cronoscópio semi-portátil e de baixa potência. Sim, ou... sim?

– Sim – respondeu Araman, apanhando pensativamente um cigarro e sem dar atenção alguma ao professor Potterley (que observava em silêncio, como se tudo aquilo fosse um sonho), que se esqui-

vou, arquejando, afastando-se do pequeno cilindro branco. – Outro engano meu. Devo pedir demissão. Devia ter mandado vigiá-lo também, Nimmo, em vez de me concentrar só em Potterley e Foster. Não dispunha de muito tempo, está claro, e você acabou chegando aqui por conta própria, mas isso não constitui desculpa para mim. Está preso Nimmo.

– E por quê? – interpelou o redator científico.

– Pesquisa desautorizada.

– Eu não estava fazendo pesquisa alguma. Não posso fazer pesquisa sem ser um cientista registrado. E mesmo que pudesse, isso não constitui crime.

Foster entrou no assunto, em tom selvagem:

– Não adianta, tio Ralph. Este burocrata faz as próprias leis.

– Que tipo de leis? – interpelou Nimmo.

– Uma prisão perpétua sem julgamento.

– Tolice – disse Nimmo. – Não estamos no século vin...

– Já tentei isso – explicou Foster. – Ele nem se importa.

– Ora bolas – gritou Nimmo. – Escute aqui, Araman. Meu sobrinho e eu temos parentes que mantêm contato conosco, como sabe. O professor também tem alguns, ao que suponho. Você não pode fazer com que desapareçamos. Vão surgir perguntas e todo um escândalo. Não estamos no século vinte. Se a sua intenção é nos assustar, não está dando certo.

O cigarro partiu-se entre os dedos de Araman e ele o jogou fora com violência. Disse, então:

– Com os diabos, não sei o que fazer. Nunca foi assim antes... Olhem! Vocês três, três idiotas, nada sabem do que estão tentando fazer. Não compreendem coisa alguma. Podem ouvir o que tenho a dizer?

– Ora, ouviremos – disse Nimmo, em tom sombrio.

(Foster manteve-se em silêncio, olhar raivoso, lábios apertados. As mãos de Potterley retorciam-se como duas cobras entrelaçadas.)

Araman disse:

– O passado para vocês é o passado morto. Se já examinaram a questão, aposto que usaram esta expressão. O passado morto. Se soubessem quantas vezes ouvi essas três palavras, também engasgariam com elas.

Fez uma pausa curta e logo prosseguia:

– Quando as pessoas pensam no passado, pensam nele como se estivesse morto, distante e acabado há muito tempo. Nós as incenti-

vamos a pensarem assim. Quando fazemos relatórios sobre as visões do passado sempre falamos em visões de séculos passados, embora os senhores, cavalheiros, saibam que ver além de um século, mais ou menos, é impossível. As pessoas aceitam o que dizemos. O passado significa a Grécia, Roma, Cartago, o Egito, a Idade da Pedra. Quanto mais distantes, melhor.

Nova pausa, ele retomava a explicação:

– Vocês três, agora, sabem que um século é mais ou menos o limite, e assim sendo o que significa o passado para vocês? Sua juventude, a primeira namorada, a mãe morta. Vinte anos atrás. Trinta anos atrás. Cinqüenta anos atrás. Quanto mais mortos, melhor... Mas quando é que o passado começa realmente?

Fez nova pausa, tomado de raiva. Os outros o fitavam e Nimmo se remexia inquieto na cadeira.

– Pois bem – prosseguiu Araman – quando foi que ele começou? Há um ano? Cinco minutos atrás? Um segundo, que seja? Não se torna evidente que o passado começa um instante antes? O passado morto é apenas outro nome para o presente vivo. E o que acontece se vocês focalizam o cronoscópio no passado de um centésimo de um segundo antes? Não estão observando o presente? Estão começando a entender?

Nimmo disse:

– Inferno.

– Inferno – repetiu Araman, imitando-o. – Depois de Potterley ter vindo a mim com o relato da noite de anteontem, como acha que eu tenha investigado vocês dois? Eu o fiz com o cronoscópio, focalizando momentos cruciais até este instante de agora.

– E foi assim que soube da caixa de guarda? – perguntou Foster.

– E de todos os outros fatos importantes. Pois bem, o que acha que aconteceria se deixássemos circular a notícia de que o cronoscópio pode ser feito em casa? As pessoas talvez começassem observando sua juventude, os pais e assim por diante, mas não tardaria para compreenderem as possibilidades. A dona de casa vai esquecer- se da pobre mãe morta e começar a vigiar a vizinha em casa e seu marido no trabalho. O homem de negócios observará o competidor, o empregado vigiará o empregador.

Explicava, em seguida:

– Não haverá mais o que chamamos de vida particular. A linha partidária, o olho espião por trás da cortina nada será, em confronto a isso. As estrelas e astros do vídeo serão observados atentamente, em

todos os momentos, por todas as pessoas. O homem será o seu próprio espião e não haverá como escapar à observação alheia. Até a escuridão não constituirá refúgio porque a cronoscopia pode ser ajustada ao infravermelho e as figuras humanas podem ser vistas por seu próprio calor corporal. Às figuras serão difusas, está claro, e o ambiente escuro, mas isto tornará o divertimento ainda maior, ao que suponho... Ora bolas, os homens encarregados da máquina, em nossos dias, às vezes fazem experiência a despeito dos regulamentos que os proíbem.

Nimmo parecia enjoado a ponto de vomitar.

– Sempre se pode proibir a fabricação particular...

Araman voltou-se para ele como uma fera.

– Está claro que podemos, mas de que isso adianta? Podemos legislar com êxito contra o alcoolismo, o fumo, adultério ou os mexericos trocados na cerca dos fundos? E essa mistura de intromissão e safadeza causará mais males á humanidade do que qualquer dos vícios conhecidos. Santo Deus, com mil anos de tentativas nem mesmo conseguimos acabar com o tráfico de heroína, e você vem falar de legislar contra um dispositivo que permite observar qualquer pessoa em qualquer época, e que pode ser fabricado em casa.

Foster, de repente, anunciou:

– Não vou publicar.

Potterley prorrompeu, entre soluços:

– Nenhum de nós falará. Eu lamento...

Nimmo interveio:

– Você disse que não me vigiou no tocante ao cronoscópio, Araman.

– Não tive tempo – explicou Araman, fatigado. – As coisas não se movem mais depressa no cronoscópio do que na vida real. Não podemos acelerá-lo como o filme ou o carretel no gravador. Passamos vinte e quatro horas completas procurando pegar os momentos importantes nos últimos seis meses de Potterley e Foster. Não havia tempo para mais nada e já era o suficiente.

– Não era – contrapôs Nimmo.

– De que está falando? – e no rosto de Araman estampou-se um alarme repentino, infinito.

– Eu lhe disse que meu sobrinho, Jonas, me chamou para dizer que havia guardado informações importantes em uma caixa-forte. Ele agia como se estivesse em apuros. É meu sobrinho, eu tinha de tirá-lo do aperto. Levou algum tempo e depois vim aqui para contar-

lhe o que tinha feito. Eu lhe disse quando cheguei aqui, logo depois do seu guarda me acertar, que havia cuidado de algumas coisas.

– O quê? Pelo amor de Deus...

– Só isso: mandei os detalhes do cronoscópio portátil a meia dúzia de meus canais comuns de publicidade.

Ninguém falou. Não se ouvia um só ruído. Ninguém parecia respirar. Já não eram necessárias quaisquer demonstrações.

– Não fiquem olhando assim – gritou Nimmo. – Não entende o que digo? Eu tinha os direitos de publicação popular. O Jonas reconhecerá isso. Eu sabia que ele não podia publicar cientificamente de qualquer modo legal. Tinha certeza de que ele planejava publicar ilegalmente e preparara a caixa-forte por esse motivo. Achei que se divulgasse os detalhes prematuramente toda a responsabilidade caberia a mim e a carreira dele estaria a salvo. E se minha licença para redigir ciência fosse cancelada, minha posse exclusiva dos dados cronométricos bastaria para viver. Jonas ficaria com raiva, eu contava com isso, mas poderia explicar os motivos e dividiríamos o dinheiro meio a meio... Não fique olhando para mim desse jeito. Como eu ia saber...

– Ninguém sabia de nada – comentou Araman, cheio de amargura – mas vocês todos acharam natural que o governo fosse uma coisa estupidamente burocrática, má, tirânica, devotada a suprimir as pesquisas só pelo prazer de fazê-lo. Nunca lhes ocorreu o pensamento de que estávamos tentando proteger a humanidade o melhor que pudéssemos.

– Não fique aí sentado e falando – gemeu Potterley. – Arranje os nomes das pessoas que souberam...

– Tarde demais – disse Nimmo, dando de ombro. – Eles tiveram mais de um dia. Houve tempo para a notícia se espalhar. Minhas turmas já terão chamado qualquer número de físicos para examinar e verificar meus dados, antes de prosseguirem, e vão falar uns com os outros, dando a notícia. Basta que os cientistas ponham a neutrínica e a pseudogravítica juntas, a cronoscopia feita em casa se torna evidente. Antes do fim da semana quinhentas pessoas saberão como construir um pequeno cronoscópio e como é que vão pegar todas elas?

Suas faces gordas pendiam, flácidas, ele prosseguiu:

– Acho que não há meio de recolocar a nuvem-cogumelo de volta naquela esfera bonita e reluzente de urânio.

Araman se pôs em pé.

– Vamos tentar, Potterley, mas concordo com o Nimmo. Tarde demais. Que tipo de mundo vamos ter de agora em diante, não faço a menor idéia, não sei dizer, mas o mundo que conhecemos foi destruído completamente. Até agora todos os costumes e hábitos, todos os modos de vida, por menores que fossem, sempre encararam certa medida de sigilo e retiro com naturalidade, mas tudo acabou.

Cumprimentou cada um dos três com formalismo requintado.

– Entre vocês três, souberam criar um mundo novo. Dou-lhes os parabéns. Um belo aquário de peixes dourados para vocês, para mim, para todos, e que cada um vá ser assado no inferno e para sempre. A prisão é revogada.

DIREITO DE VOTAR

Linda, com dez anos de idade, era a única pessoa da família que parecia gostar de estar acordada.

Norman Muller a ouvia agora, em meio a seu estado de coma, drogado e insalubre. (Finalmente conseguira adormecer uma hora antes, mas mesmo assim fora mais esgotamento do que sono.)

Ela viera à beira de sua cama e o sacudia.

– Papai, papai, acorda. Acorda!

Ele conseguiu evitar o gemido.

– Está bem, Linda.

– Mas, papai, tem mais policiais por aí do que nos outros dias! Carros de polícia e tudo o mais!

Norman Muller desistiu e suspendeu-se, fatigado, pelos cotovelos. Começava o dia, lá fora surgiam os primeiros vestígios do amanhecer, o início de um dia miserável que parecia tão miserável como se sentia. Dava para ouvir Sarah, a esposa, cuidando de suas obrigações de desjejum na cozinha. O sogro, Matthew, gargarejava com força no banheiro. Não havia dúvidas de que o agente Handley estava pronto e à sua espera.

Era aquele o dia.

Dia de Eleições!

De início tinha sido como qualquer outro ano. Talvez um pouco pior, pois se tratava de ano presidencial, mas não pior do que outros anos presidenciais, para quem atentasse bem.

Os políticos falavam ao “ga-rande eleitorado” e à vasta “inteligência elec-torô-nica” que o servia. A imprensa analisava a situação com computadores industriais (o Times de New York e o Post- Dispatch de St. Louis tinham seus próprios computadores), apresentavam-se cheios de pequenas insinuações sobre o que seria de esperar. Os comentaristas e colunistas detalhavam o estado e município cruciais, cheios de felizes contradições entre si.

O primeiro sinal de que aquele *não ia* ser como os outros anos foi quando Sarah Muller disse ao marido, na noite de 4 de outubro (com o Dia de Eleições a um mês de distância):

– Cantwell Johnson diz que Indiana vai ser o Estado este ano. Ele é o quarto. Pense só, dessa vez é o *nosso* Estado.

Matthew Hortenweiler tirou o rosto carnudo de trás do jornal, fitou azedamente a filha e resmungou:

– Esses camaradas são pagos para mentir. Não dê atenção ao que dizem.

– Quatro deles, papai – observou Sarah, com suavidade. – Todos eles dizem Indiana.

– Indiana é mesmo um Estado-chave, Matthew – disse Norman, com a mesma suavidade – por causa da Lei Hawkins-Smith e essa bagunça em Indianápolis. E...

Matthew retorceu o rosto em sinal de alarme e gargarejou:

– Ninguém fala no município de Bloomington ou Monroe, fala?

– Bem... – começou Norman a dizer.

Linda, cujo rostinho de queixo fino estivera a se voltar de um para outro, acompanhando a conversa, interveio com voz esganiçada de que era possuidora:

– Você vai votar este ano, papai?

Norman sorriu com gentileza e disse:

– Acho que não, querida.

Mas aquilo acontecia na animação crescente de um outubro, em ano de eleição presidencial, e Sarah levava uma vida tranqüila, sonhando coisas acerca das pessoas da casa. Foi ela quem observou, anelante:

– Não seria maravilhoso, no entanto?

– Se eu votasse? – Norman Muller tinha um pequeno bigode louro que lhe devia conferir aspecto jovial aos olhos da jovem Sarah, mas que, ao agrisalhar-se gradualmente, baixara para simples falta de distinção. A testa exibia rugas cada vez mais fundas, resultantes de incertezas que, de modo geral, jamais seduzira sua alma de funcionário com pensamento de que nascera grande ou viria, em qualquer circunstância, a alcançar grandeza. Tinha esposa, emprego e uma filhinha, e só em condições excepcionais de entusiasmo ou abatimento se inclinava a considerar isso como acordo adequado que obtivera com a vida.

Por isso ficou um pouco embaraçado, e mais do que inquieto, com a direção que os pensamentos da esposa estavam tomando.

– Na verdade, minha querida – observou – existem duzentos milhões de pessoas no pais e com chances tão pequenas, que não devemos gastar tempo pensando no assunto.

A esposa retorquiu:

– Ora essa, Norman, não se trata de uma coisa como duzentos milhões de pessoas e você sabe muito bem. Em primeiro lugar só as pessoas entre vinte e sessenta anos de idade são cogitadas e sempre são homens, de modo que isso reduz as possibilidades a cerca de cinqüenta milhões contra uma. Nesse caso, se for realmente Indiana...

– Nesse caso seria um milhão e um quarto de milhão contra um. Você não gostaria que eu apostasse em um cavalo contra tantas possibilidades, não é? Vamos jantar.

Matthew murmurou, atrás do jornal:

– Tolice infernal.

Linda voltou a perguntar:

– Você vai votar este ano, papai?

Norman sacudiu a cabeça, em resposta, e todos seguiram para a sala de jantar.

A 20 de outubro a animação de Sarah crescia com rapidez. Ao tomarem café ela avisou que a Sra. Schultz, tendo um primo que era secretário de um deputado, dissera que todo o “dinheiro dos sabidos” fora apostado em Indiana.

– Ela diz que o Presidente Vil vai até fazer um discurso em Indianápolis.

Tendo passado um dia dos mais trabalhosos na loja, Norman Muller encarou aquelas palavras com um erguer das sobrancelhas, e não se manifestou.

Matthew Hortenweiler, criatura cronicamente insatisfeita com Washington, afirmou:

– Se o Vil fizer um discurso em Indiana isso significa que na opinião dele o Multivac escolherá Arizona. Ele não teria coragem para ir mais longe, aquele idiota.

Sarah, criatura que sabia ignorar os ditos do pai sempre que o pudesse fazer com alguma decência, observou:

– Não vejo motivo por que não anunciam o estado assim que podem, e depois o município, e assim por diante. Nesse caso as pessoas que fossem eliminadas podiam descansar.

– Se eles agissem assim – fez ver Norman – os políticos acompanhariam as informações como abutres. A altura em que a escolha

chegasse a um distrito haveria um ou dois congressistas em cada esquina de rua.

Matthew apertou os olhos e cofiou maldosamente os cabelos ralos e grisalhos.

– São abutres assim mesmo. Escutem...

– Ora, papai. – murmurou Sarah.

A voz de Matthew prosseguiu trovejante, contra o protesto da filha, sem se deter ou cambalear.

– Escutem, eu estava lá quando instalaram o Multivac. Disseram que aquilo ia acabar com a política partidária. Não se gastaria mais dinheiro dos eleitores em campanhas políticas. Não haveria mais palermas sorridentes, cheios de palavras e fazendo campanha para o Congresso ou para a Casa Branca. E o que aconteceu? Mais campanhas do que antes, só que agora fazem às cegas. Vão mandar uns camaradas à Indiana por causa da Lei Hawkins-Smith e outros caras à Califórnia, caso a situação de Joe Hammer se mostre mais importante. A coisa é acabar com toda essa besteirada. Voltar aos bons dias...

Linda perguntou, de repente:

– Você não quer que o papai vote este ano, vovô?

Matthew brindou a neta com olhar severo.

– Não se meta nisso. – Ato contínuo, voltou-se para Norman e Sarah. – Houve época em que eu votei. Ia até a cabine de votação, enfiava a mão nas alavancas e votava. E era só isso. Eu dizia apenas: escolhi este camarada e voto por ele. E assim que devia ser.

Linda perguntava, animadíssima:

– Você votou, vovô? Votou mesmo?

Sarah inclinou-se à frente para impedir o relato do que poderia, facilmente, tornar-se uma narrativa incongruente, circulando pela vizinhança.

– Não é nada, Linda. O vovô não quer dizer que votou de verdade. Todos faziam esse tipo de votação e seu avô também, mas não era votação de verdade.

Matthew explodiu:

– Não, quando eu era menino. Eu tinha vinte e dois anos e votei por Langley, foi votação de verdade. Meu voto não teve grande importância, talvez, mas era tão bom quanto o de qualquer pessoa. Qualquer pessoa. E não havia nenhum Multivac para...

Norman interveio:

– Muito bem, Linda, é hora de dormir. E pare de fazer perguntas sobre a votação. Quando você crescer vai compreender tudo.

Beijou-a com gentileza anti-séptica e a filha seguiu com relutância, levada pela mãe e pela promessa de que poderia assistir o vídeo na cama até 9:15h se não demorasse com o ritual do banho.

Linda disse "vovô" e permaneceu de queixo para baixo, as mãos atrás das costas até que o jornal dele se baixasse a ponto das sobrancelhas hirsutas e os olhos, aninhados em rugas muito finas, se mostrassem. Era sexta-feira, 31 de outubro.

Ele disse:

– Sim?

Linda aproximou-se e colocou os antebraços sobre um dos joelhos do velho, de modo que este foi obrigado a abandonar inteiramente o jornal que lia.

Ela disse:

– Vovô, você votou mesmo, uma vez?

Ele respondeu:

– Você ouviu quando eu contava, não ouviu? Acha que conto mentiras?

– N-não, mas a mamãe diz que todo mundo votava nessa época.

– E votavam, mesmo.

– Mas como podiam? Como é que todos podiam votar?

Matthew fitou-a com olhar solene e depois a ergueu, colocando-a sobre o joelho.

Chegou a ponto de moderar o tom da voz, ao dizer:

– A questão, Linda, é que até cerca de quarenta anos atrás todos sempre votavam. Digamos que a gente queria resolver quem ia ser o novo Presidente dos Estados Unidos. Os democratas e os republicanos designavam alguém como candidato e todos diziam qual dos dois queriam. Quando acabava o Dia de Eleição eles contavam quantas pessoas tinham votado pelos democratas e quantas tinham votado pelos republicanos. Aquele que recebesse mais votos era eleito. Você entendeu?

Linda assentiu e perguntou:

– E como as pessoas todas sabiam em quem votar? Era o Multivac quem dizia a elas?

As sobrancelhas de Matthew baixaram, ele adotou um ar severo.

– Elas usavam o próprio discernimento, menina.

Ela se afastou do avô, este voltou a baixar a voz.

– Não estou com raiva de você, Linda. Mas a questão é que, às vezes, era preciso trabalhar a noite toda para contar o que as pessoas haviam dito e as pessoas ficavam impacientes. Por isso inventaram máquinas especiais que podiam examinar os primeiros votos e comparar com os votos dos mesmos lugares nos anos anteriores. Desse modo a máquina podia calcular como a votação total seria e quem estava eleito. Você entendeu?

Ela assentiu.

– Como o Multivac.

– Os primeiros computadores eram muito menores do que o Multivac, mas as máquinas foram ficando maiores e podiam dizer como a eleição ia ser, contando um número de votos cada vez menor. E depois eles finalmente construíram o Multivac, que sabe dizer tudo, com base em um só voto.

Linda sorriu por ter chegado a parte da estória que conhecia e disse:

– Isso é bom.

Matthew fechou a cara e disse:

– Não senhora, não é bom. Eu não quero máquina nenhuma a me dizer como teria votado só porque algum engraçadinho no Milwaukee diz que está contra impostos mais altos. Talvez eu sinta vontade de votar uma besteira, só pelo prazer de fazer isso. Talvez eu não queira nem votar. Talvez...

Mas Linda já se desvencilhara de seu joelho e batia em retirada. Encontrou a mãe à porta. A mãe, que continuava usando o casaco e não tivera tempo de tirar o chapéu, ordenou sem fôlego:

– Vá andando, Linda. Não fique na minha frente.

Depois dirigiu-se a Matthew, ao tirar o chapéu da cabeça e recolocar os cabelos no lugar:

– Estive na casa da Agatha.

Matthew fitou-a com ar censorial e não se dignou sequer a brindar tal informação com um grunhido, enquanto voltava a procurar o jornal.

Sarah perguntou, enquanto desabotoava o casaco:

– Adivinhe só o que ela me contou.

Matthew estendeu o jornal para lê-lo, com estralejar acentuado e retorquiu:

– Não me importa.

Sarah disse:

– Ora, papai... – mas não teve tempo para enraivecer-se. Era preciso contar a notícia e Matthew era o único por perto, ao que prosseguiu: – O Joe da Agatha é policial, como você sabe, e diz que chegou ontem à noite a Bloomington um caminhão cheio de homens do serviço secreto.

– Não estão procurando por mim.

– Você não entende,papai? Agentes do serviço secreto e é quase dia de eleição. Em Bloomington.

– Talvez estejam procurando algum assaltante de banco.

– Há tanto tempo que não há um assalto a bancos por aqui... Papai, você não tem jeito.

Dito isso afastou-se, furiosa.

Tampouco Norman Muller recebeu a notícia com animação perceptivelmente maior.

– Ora, Sarah, como é que o Joe da Agatha soube que eram agentes do serviço secreto? – perguntou calmamente. – Eles não andam por aí com cartões de identificação colados na testa.

Na noite seguinte, todavia, tendo o mês de novembro transcorrido o seu primeiro dia, ela pôde dizer, triunfalmente:

– Todo o mundo em Bloomington está esperando que uma pessoa daqui seja o eleitor. Foi praticamente o que o News de Bloomington disse no vídeo.

Norman remexeu-se, inquieto. Não podia negá-lo, e seu coração esfriava. Se Bloomington ia, de fato, ser atingida pelo relâmpago do Multivac, isso representaria jornalistas, espetáculos no vídeo, turistas, toda a espécie de perturbações estranhas. A Norman agradava a rotina tranqüila de sua vida, e a agitação distante da política começava a tomar-se incomodamente próxima.

Ele disse:

– É tudo boato, nada mais.

– Espere para ver, então. É só esperar para ver.

Na verdade o tempo de espera foi pouquíssimo, já que a campainha da porta tocou com insistência. Quando Norman Muller foi abrir e verificar quem chamava, um homem alto e de semblante sério perguntou:

– Você é Norman Muller?

Norman confirmou, mas o fez em voz sumida e esquisita. Pelo porte do desconhecido não era difícil ver que ele tinha autoridade e a natureza de sua missão tornava-se repentinamente tão clara como, momentos antes, fora impossível imaginar.

O cidadão apresentou as credenciais, entrou na casa, fechou a porta e disse em tom oficial:

– Sr. Norman Muller, devo informar-lhe, em nome do Presidente dos Estados Unidos, que o senhor foi escolhido para representar o eleitorado americano na quinta-feira, 4 de novembro de 2008.

Norman Muller conseguiu com dificuldade caminhar, por si só, até a cadeira. Ali sentou-se, lívido e quase insensível, enquanto Sarah trazia água, batia-lhe as mãos tomadas de pânico e gemia para o marido, entredentes:

– Não fique assim, Norman. *Não fique* assim. Eles escolherão outra pessoa.

Quando Norman conseguiu falar saiu apenas um cochicho:

– Sinto muito, senhor.

O agente do serviço secreto despira o casaco, desabotoara o paletó e sentava-se à vontade no sofá.

– Está tudo certo – anunciou, e o tom oficial parecia ter desaparecido após suas palavras iniciais, possibilitando-lhe agora ser apenas um homem grandalhão e muito afável. – Esta é a sexta vez que anunciei isto a alguém e já recebi todos os tipos de reação. Nenhum deles foi aquele tipo que a gente vê no vídeo. Sabe do que estou falando? A expressão santificada, devotada e a pessoa dizendo: "Será um grande privilégio servir minha pátria". Esse tipo de coisa – e ele riu confortadoramente.

A risada de Sarah, a acompanhá-lo, tinha um sinal de pura histeria.

O agente disse:

– Pois bem, o senhor vai estar comigo por algum tempo. Eu me chamo Phil Handley. Gostaria que me chamasse de Phil. O Sr. Muller não pode sair de casa até o Dia da Eleição. Precisa informar ao supermercado que ele adoeceu, Sra. Muller. Pode cuidar de sua vida por algum tempo, mas não pode contar a ninguém qualquer coisa a esse respeito, certo, Sra. Muller?

Sarah assentiu, cheia de vigor.

– Não senhor, nem uma palavra.

– Muito bem. Mas, Sra. Muller – e Handley parecia grave – não estamos brincando, entende? Saia apenas se for preciso e será seguida quando sair. Sinto muito, mas precisamos agir desse modo.

– Seguir-me?

– Não será coisa às abertas, não se preocupe. E isso por dois dias apenas, até que seja feita a declaração oficial à nação. Sua filha...

– Ela está na cama – apressou-se Sarah a dizer.

– Ótimo. Vão ter de dizer a ela que sou um parente ou amigo que vai ficar aqui com vocês. Se ela descobrir a verdade terá de ser mantida na casa. Seu pai também não deve sair em caso algum.

– Papai não vai gostar – observou Sarah.

– Não há outro jeito. Pois bem, como não existem outras pessoas morando aqui...

– Pelo que parece o senhor sabe tudo a nosso respeito – cochichou Norman.

– Muita coisa – concordou Handley - – De qualquer modo essas são as instruções que temos a dar-lhes, por enquanto. Procurarei colaborar o mais possível e incomodá-los o menos que puder. O governo paga todas as minhas despesas, de modo que não vou custar lhes nada. Serei substituído todas as noites por alguém que ficará sentado nesta sala, de modo que não haverá problema quanto a espaço para dormir. Muito bem, Sr. Muller...

– Senhor?

– Pode chamar-me de Phil – voltou a dizer o agente. – O objetivo da preliminar, dois dias antes da declaração oficial, é habituar o senhor à sua posição. Preferimos que o senhor enfrente o Multivac em estado de espírito tão normal quanto possível. É só colocar-se à vontade e procurar sentir-se como num dia comum. Ok?

– Ok – concordou Norman. Depois sacudiu a cabeça com violência. – Mas eu não quero essa responsabilidade. Por que me escolheram?

– Muito bem – disse Handley – vamos acertar isso logo, para começar. O Multivac leva em conta todos os tipos de fatores conhecidos, bilhões de fatores. Um fator não é conhecido, no entanto, e não será por muito tempo. É o padrão de reação da mente humana. Todos os americanos se encontram sujeitos à pressão modeladora do que outros americanos fazem e dizem, às coisas que são feitas a eles e as coisas que eles fazem com os outros. Qualquer americano pode ser levado ao Multivac e ele faz o levantamento de sua inclinação mental. A partir daí a inclinação de todas as outras mentes no pais pode ser calculada. Alguns americanos são melhores para esse objetivo do que outros, em dado momento, dependendo dos acontecimentos do ano. O Multivac escolheu o senhor como o mais representativo deste ano. Não é o mais esperto, nem o mais forte, nem o que tem mais sorte, só o mais representativo. Pois bem, nós não temos dúvidas quanto ao Multivac, temos?

– Será que ele não pode errar? – perguntou Norman.

Sarah, que ouvia com impaciência, veio interromper.

– Não escute o que ele diz, senhor. Meu marido está nervoso, isso. Na verdade, ele lê muito e sempre acompanha a política de perto.

Handley disse:

– É o Multivac quem toma as decisões, Sra. Muller. Ele escolheu seu marido.

– Mas ele sabe tudo? – insistia Norman, tresloucado. – Não pode ter cometido um engano?

– Sim, pode. De nada adianta evitar a franqueza. Em 1993 um Eleitor escolhido morreu do coração, duas horas antes de receber a notificação, o Multivac não predisse isso, nem poderia prever. Um Eleitor poderia ser mentalmente instável, moralmente inadequado ou mesmo desleal à pátria. O Multivac não pode saber tudo sobre qualquer pessoa até receber todos os dados existentes. Por isso escolhas alternadas são sempre efetuadas, para se estar pronto. Não creio que vamos usar uma delas desta vez. O senhor está bem de saúde, Sr. Muller, e foi cuidadosamente investigado. O senhor serve.

Norman encobriu o rosto com as mãos e permaneceu sentado, imóvel.

– Amanhã de manhã, senhor – disse Sarah – ele vai estar muitíssimo bem. Só precisa habituar-se com a notícia, é tudo.

– Está claro – disse Handley.

No retiro do dormitório, Sarah Muller exprimiu-se de modo diverso e mais enérgico. O tema forte de sua preleção foi:

– Trate de se controlar, Norman. Você está tentando jogar fora a oportunidade de toda uma vida.

Norman cochichou, em desespero:

– Isso me assusta, Sarah. Essa coisa toda.

– Pelo amor de Deus, por quê? Que existe nisso, além de responder a uma ou duas perguntas?

– A responsabilidade é grande demais. Eu não agüento.

– Que responsabilidade? Não existe responsabilidade nenhuma. O Multivac escolheu você. A responsabilidade é dele, do Multivac. Todo mundo sabe disso.

Norman sentou-se na cama, em acesso repentino de rebelião e angústia.

– Todos *deviam* saber isso. Mas não sabem. Eles...

– Fale mais baixo – e Sarah sibilava em sua voz mais gelada. – Vão ouvir você lá no centro da cidade.

– Eles não sabem – prosseguia Norman, baixando rapidamente para um murmúrio. – Como falam sobre o governo Ridgely de 1988, dizem que ele ganhou com promessas absurdas e falatório racista? Não! Falam sobre o “maldito voto do MacComber”, como se Humphrey MacComber fosse o único homem responsável, por ter enfrentado o Multivac. Eu mesmo já disse isso... mas agora acho que o pobre coitado era só um lavrador que não queria ser escolhido. Por que foi mais culpa dele do que de outra pessoa? Agora o nome dele é como uma maldição.

– Você está sendo criança – comentou Sarah.

– Estou sendo sensato. Escute, Sarah, não vou aceitar. Eles não podem me fazer votar se eu não quiser. Vou dizer que adoeci, vou dizer...

Era o bastante para Sarah.

– Pois muito bem, escute uma coisa – cochichou, tomada de fúria. – Você não vai pensar só em si mesmo. Sabe o que significa ser o Eleitor do Ano? E num ano presidencial, além do mais! Isso significa publicidade, fama, e talvez dinheiro, muito dinheiro...

– E depois volta a ser um caixeiro.

– Não volta. Vai ter uma gerência de seção, pelo menos, se usar os miolos, e vai ter de usar, porque eu lhe direi o que fazer. Você controla o tipo de publicidade se souber fazer as coisas, e pode forçar as Lojas Kennell a fazer um bom contrato, e mais uma cláusula de promoção no seu salário, e mais uma pensão decente.

– Não é para isso que escolhem o Eleitor, Sarah.

– Pois será, para você. Se não deve nada a si próprio ou a mim... não estou pedindo por mim mesma... deva alguma coisa a Linda.

Norman gemeu.

– Bem, você não deve? – interpelou Sarah.

– Sim, querida – murmurou Norman.

A 3 de novembro foi feito o anúncio oficial e era tarde demais para Norman recuar, mesmo se conseguisse reunir coragem bastante para tal tentativa.

A casa deles foi isolada. Agentes do serviço secreto apareciam abertamente, impedindo qualquer aproximação.

De início o telefone tocou sem parar, mas Philip Handley, com sorriso encantadoramente escusatório, atendeu todas as chamadas. Mais tarde o centro telefônico desviou as chamadas diretamente para a delegacia de polícia.

Norman imaginava que, desse modo, seria poupado não apenas dos parabéns borbulhantes (e invejosos?) dos amigos, mas também da egrégia pressão de vendedores que farejavam um possível comprador e da suavidade interesseira dos políticos vindos de todo o país... Talvez até de ameaças de morte feitas pelos inevitáveis malucos.

Os jornais já não podiam entrar em casa, a fim de manter isenção contra pressões, e a televisão foi gentil mas firmemente desligada, embora sob protestos vociferantes de Linda.

Matthew resmungava e permanecia em seu quarto; Linda após a primeira onda de animação, punha-se taciturna e choramingava porque não podia sair da casa; Sarah dividia o tempo entre a preparação das refeições para os presentes e os planos para o futuro; e o abatimento de Norman vivia e se alimentava de si próprio.

E a manhã de quinta-feira, 4 de novembro de 2008, veio final mente, chegara o Dia de Eleição.

Estavam no desjejum, mas somente Norman Muller comeu, e o fez maquinalmente Até o banho de chuveiro e a barba feita não tinham conseguido trazê-lo de volta à realidade ou arredar sua própria convicção de que estava tão sujo por fora como se sentia por dentro.

A voz afável de Handley fazia o possível para espalhar alguma normalidade naquele amanhecer cinzento e inamistoso (a previsão do tempo anunciara dia encoberto e possibilidade de chuva antes do meio-dia)

Handley disse:

– Vamos manter esta casa isolada até que o Sr. Muller volte, mas depois disso vocês estarão livres de nós. – O agente do serviço secreto envergava agora uniforme completo, que incluía armas leves em coldres de bronze.

– O senhor não causou dificuldade alguma, Sr. Handley – asseverou Sarah, com sorriso afetado.

Norman tomou duas xícaras de café forte, limpou os lábios com guardanapo, levantou-se e disse, abatido:

– Estou pronto.

Handley também se levantou.

– Muito bem, senhor. E obrigado, Sra. Muller, por sua hospitalidade tão bondosa.

O carro blindado seguia por ruas vazias, vazias mesmo àquela hora da manhã.

Handley fez ver o fato e comentou:

– Eles sempre desviam o tráfego da linha de percurso, desde a tentativa de bombardeio que quase arruinou a Eleição Leverett de 92.

Quando o carro parou, Norman recebeu a ajuda de um Handley sempre educado, para desembarcar e seguir a um túnel subterrâneo cujas paredes exibiam fileiras de soldados em posição de sentido.

Foi levado a um aposento fartamente iluminado e no qual três homens de uniformes brancos o saudaram sorridentes.

Norman disse, com aspereza:

– Mas isso é o hospital.

– Não há outra intenção – explicou Handley imediatamente. – É só que o hospital tem as instalações necessárias-

– Bem, o que faço?

Handley assentiu e um dos três homens em branco adiantou-se e disse:

– Eu me encarrego agora, agente.

Handley fez continência descuidada e retirou-se.

O homem de branco disse:

– Não quer sentar-se, Sr. Muller? Eu sou John Paulson, chefe do computador. Estes senhores são Samson Levine e Peter Dorogobuzh, meus auxiliares.

Norman apertou a mão de todos, parecendo entorpecido. Paulson era homem de estatura média, rosto suave que parecia acostumado a sorrir e usava peruca bem evidente. Usava também óculos com armação de plástico, de modelo antigo, e acendeu um cigarro enquanto falava. (Norman recusou a oferta de cigarro que lhe foi feita.)

Paulson disse:

– Em primeiro lugar, Sr. Muller, quero que saiba que não temos pressa alguma. Queremos que fique conosco por todo o dia se for preciso, de modo a poder habituar-se com o ambiente e livrar-se de qualquer pensamento de que exista qualquer coisa invulgar nisto, qualquer coisa de aspecto clínico, se entende o que quero dizer.

– Está certo – disse Norman. – Prefiro acabar logo com isto.

– Compreendo o que sente. Mesmo assim queremos que o senhor saiba com exatidão o que se passa. Em primeiro lugar, o Multivac não está aqui.

– Não está? – de algum modo, durante todo o seu abatimento Norman desejara ver o Multivac. Haviam comentado que era uma instalação com mais de dois quilômetros de comprimento e três andares de altura, que cinqüenta técnicos andavam pelos corredores dentro de sua construção, em qualquer momento. Era uma das maravilhas do mundo.

Paulson sorriu.

– Não, não é portátil, como sabe. Acha-se em algum lugar subterrâneo, na verdade, e pouquíssimas pessoas sabem exatamente onde. O senhor entende isso, já que se trata de nosso maior recurso natural. Acredite em mim, as eleições não são as únicas coisas com que o Multivac trabalha.

Norman achou que o homem estava sendo deliberadamente tagarela e continuou intrigado.

– Pensei que ia ver. Gostaria de ver.

– Tenho certeza que sim, mas é preciso uma ordem do presidente, e mesmo assim precisa ser assinada também pela Segurança. De qualquer modo estamos ligados ao Multivac bem aqui, por transmissão de feixe. O que o Multivac diz pode ser interpretado aqui, e o que dizemos é irradiado diretamente ao Multivac, de modo que estamos na presença dele, de um certo modo.

Norman relanceou o olhar em volta. As máquinas dentro do aposento eram todas desconhecidas.

– Agora quero explicar uma coisa, Sr. Muller – prosseguiu Paulson. – O Multivac já tem quase toda a informação de que precisa para resolver todas as eleições, as nacionais, estaduais e municipais. Só precisa verificar certas atitudes imponderáveis do espírito e vai usá-lo nesse sentido. Não podemos predizer que perguntas ele fará, mas elas talvez não façam muito sentido para o senhor, ou mesmo para nós. Pode perguntar-lhe como se sente no tocante ao serviço de limpeza pública da cidade; se o senhor é a favor de incineradores centrais. Talvez lhe pergunte se o senhor tem médico próprio ou se usa a Medicina Nacional, Ltda. Está compreendendo?

– Sim, senhor.

– Seja lá qual for a pergunta do Multivac, o senhor deve responder em suas próprias palavras, de qualquer modo que lhe agrade.

Se acha que deve explicar bastante, faça isso. Fale por uma hora, se for preciso.

– Sim, senhor.

– Pois bem, mais uma coisa. Teremos de utilizar alguns dispositivos simples que registrarão automaticamente a sua pressão sangüínea, batidas cardíacas, condutibilidade da pele e configuração da onda cerebral enquanto o senhor fala. As máquinas podem parecer formidáveis, mas é tudo inteiramente indolor, O senhor nem vai saber o que se passa.

Os dois outros técnicos já se ocupavam com aparelhagem reluzente sobre rodinhas bem oleadas.

Norman perguntou:

– Isto é para verificar se eu estou mentindo ou não?

– De modo algum, Sr. Muller. Não se trata de mentir. É apenas uma questão de intensidade emocional. Se a máquina pedir sua opinião quanto à escola de sua filha, o senhor pode dizer, por exemplo, "Acho que tem alunos demais". São apenas palavras. Pelo modo co mo seu cérebro, coração, hormônios e glândulas sudoríparas funcionarem, o Multivac poderá avaliar com exatidão a intensidade dos seus sentimentos no assunto. Ele compreenderá seus sentimentos melhor do que o senhor,

– Nunca ouvi falar nisso – continuou Norman.

– Não, tenho certeza de que não ouviu. Os detalhes do funcionamento do Multivac são segredos de estado. Por exemplo, quando o senhor se retirar pedirão para assinar um papel jurando que nunca revelará a natureza das perguntas que lhe foram feitas, a natureza de suas respostas, o que foi feito ou como foi feito. Quanto menos souberem sobre o Multivac tanto menores as possibilidades de pressões externas sobre os homens que cuidam dele. – Dito isso, sorriu sombriamente. – Nossas vidas já são muito difíceis, no pé em que as coisas estão.

Norman assentiu.

– Compreendo.

– E agora gostaria de comer ou beber alguma coisa?

– Não. Nada, por enquanto.

– Tem alguma pergunta?

Norman fez que não.

– Nesse caso pode dizer-nos quando estiver pronto.

– Estou pronto agora mesmo.

– Tem certeza?

– Toda.

Paulson assentiu e ergueu a mão em gesto para os demais. Eles avançaram com aquele equipamento e Norman Muller sentiu que sua respiração se acelerava um pouco enquanto observava aquilo.

A provação durou quase três horas, com parada curta para tomar café e encontro rápido e embaraçoso com um urinol. Durante todo esse tempo Norman Muller continuou encastrado em maquina rias. Ao final achava-se cansadíssimo.

Sarcasticamente pensava que sua promessa de nada revelar sobre o que se passava por ali seria fácil de honrar, todas as perguntas já eram uma verdadeira mixórdia, sem clareza em sua recordação.

De modo algum ele julgara que o Multivac falaria em voz sepulcral e sobre-humana, cheia de ressonâncias e ecos, mas isso, afinal de contas, era apenas uma idéia formada com base em muitos programas de televisão que assistira, percebia agora. A verdade surgia perturbadoramente simples. As perguntas eram tiradas de um tipo de folha metálica cheia de perfurações. Uma outra máquina convertia isso em palavras e Paulson lia as mesmas para Norman, e depois lhe dava a pergunta e o deixava ler por si.

As respostas de Norman eram registradas por u'a máquina, tocadas para Norman a fim de confirmá-las, com emendas e outras observações que desejasse fazer. Tudo isso era levado a um instrumento preparador de configurações que, por sua vez, irradiava para o Multivac.

A única pergunta de que Norman conseguia lembrar-se no momento fora incongruentemente mexeriqueira: "O que você pensa do preço dos ovos?"

Agora estava terminado e eles, com gentileza, retiraram os eletrodos das diversas partes de seu corpo, desenrolaram a faixa pulsante de seu braço e arredaram dali as máquinas.

Ele se pôs em pé, respirou fundo e estremecendo, perguntou:

– É só? Acabaram?

– Ainda não – explicou Paulson que acorreu a ele, sorrindo-lhe de modo reconfortante. – Temos de pedir-lhe para ficar mais uma hora.

– Por quê? – Norman quis saber.

– O Multivac vai precisar desse tempo para levar os novos dados aos trilhões de outras informações de que dispõe. Milhares de eleições dependem disso, como sabe. É tudo muito complicado. E po-

de ser que um torneio aqui e ali, um cargo de controlador no Phoenix, no Arizona, ou algum conselheiro em Wilkesboro, na Carolina do Norte, fique em dúvida. Neste caso, o Multivac pode ser obrigado a fazer-lhe uma ou duas perguntas para esclarecer o assunto.

– Não – disse Norman. – Não volto mais a isso.

– É provável que não seja preciso – afiançou Paulson, cheio de reconforto. – Raramente acontece. Mas ainda assim o senhor precisa ficar. – Era uma pitada de aço, apenas uma pitada, que surgia em sua voz. – Não pode fazer outra coisa, como sabe. Precisa.

Norman voltou a sentar-se, cansado, dando de ombros.

Paulson disse:

– Não podemos dar-lhe um jornal para ler, mas se quiser uma história policial, ou se quiser jogar xadrez, ou se quiser alguma coisa para ajudar a passar o tempo, basta falar.

– Está tudo certo. Vou esperar, só isso.

Levaram-no a um pequeno aposento ao lado daquele em que tinha sido interrogado. Ele se afundou em uma poltrona coberta de plástico e fechou os olhos.

Tinha de esperar aquela hora final o melhor que pudesse.

Permaneceu sentado e inteiramente imóvel, lentamente a tensão o abandonou. Sua respiração tomou-se menos irregular e conseguiu agarrar as mãos sem perceber o tremor nos dedos.

Talvez não viessem mais perguntas. Talvez estivesse tudo acabado.

Se estivesse acabado viriam em seguida as procissões à luz de archotes e os convites para falar em todas as espécies de ocasiões. O Eleitor do Ano!

Ele, Norman Muller, caixeiro comum de pequena loja em Bloomington, em Indiana, que não nascera grande nem conseguira a grandeza, encontrar-se-ia na posição extraordinária de ter a grandeza trazida a si.

Os historiadores falariam sobriamente sobre a Eleição Muller de 2008. Seria esse o nome da coisa, a Eleição Muller.

A publicidade, o emprego melhor, a dinheirama que causava tanto interesse a Sarah, ocupavam apenas uma parte de seu espírito. Tudo aquilo seria bem-vindo, sem dúvida. Não podia recusá-lo mas naquele momento outra coisa começava a preocupá-lo.

Era o patriotismo latente que se fazia sentir. Afinal de contas, ele representava todo o eleitorado. Ele era o ponto focal deles. Ele era, em sua própria pessoa, durante aquele dia, toda a América!

A porta se abriu e assim despertou sua atenção. Por momentos o estômago se apertou. Não responderia qualquer outra pergunta!

Paulson, no entanto, sorria.

– Não é preciso mais nada, Sr. Muller.

– Não farão mais perguntas, senhor?

– Nenhuma será necessária. Tudo ficou muito claro. O senhor será levado de volta à sua casa e depois voltará a ser mais um cidadão comum. Ou tão comum quanto o público permitir.

– Obrigado. Obrigado. – Norman enrubescia e dizia:

– Quem será... quem foi eleito?

Paulson sacudiu a cabeça em negativa.

– Isso terá de esperar a declaração oficial. As regras são muito severas. Não podemos dizer, nem ao senhor. O senhor compreende, naturalmente.

– Naturalmente. Sim – Norman sentia-se embaraçado.

– O serviço secreto terá os documentos necessários para o senhor assinar.

– Sim – de repente Norman Muller sentia-se orgulhoso. Aquilo o acometia agora com força total. Estava orgulhoso.

Naquele mundo imperfeito, os cidadãos soberanos da primeira e maior Democracia Eletrônica haviam, por intermédio de Norman Muller (por intermédio dele!), exercido mais uma vez seu direito de voto livre e irrestrito.

A CELA DE BRONZE

– Ora, vamos – disse Shapur com toda a educação, levando-se em conta que era um demônio. – Está me fazendo perder tempo. E o seu também, ao que parece, porque só tem meia hora. – E a cauda retorcia.

– Não é desmaterialização – perguntou Isidore Wellby, imerso em pensamentos.

– Já disse que não – respondeu Shapur.

Pela centésima vez, Wellby olhou para o bronze inquebrável. Inconsútil e ininterrupto que o cercava por todos os lados, O demônio tivera o prazer demoníaco (que outro prazer podia ter, na verdade?) de fazer ver que o teto, o chão e as quatro paredes eram lajes de bronze sem qualquer traço distinto, dois palmos de grossura, soldados e sem costura.

Tratava-se da prisão suprema e Wellby tinha apenas meia hora para sair dela enquanto o demônio observava com expressão de quem prelibava tudo aquilo.

Dez anos antes (até aquele dia, naturalmente) Isidore Wellby assinara o documento.

– Nós lhe pagamos adiantadamente – dissera Shapur, cheio de persuasão na voz. – Dez anos de tudo que quiser, dentro de limites razoáveis, e depois você será um demônio. Será um de nós, com novo nome e poder demoníaco e muitos privilégios além disso. Nem vai perceber que é um condenado. E se não assinar, poderá acabar no fogo, de qualquer modo, como no decurso comum das coisas. Nunca se sabe... aqui, olhe para mim... Não estou me saindo muito mal. Assinei, servi meus dez anos e aqui estou. Nada mau.

– E por que parece tão aflito para que eu assine, então, se eu posso me danar de qualquer modo? – perguntou Wellby.

– Não é fácil recrutar o pessoal do inferno – explicou o demônio, com dar de ombros cheio de franqueza e que levou o leve odor

de dióxido de enxofre a tomar-se um pouco mais forte naquela atmosfera. – Todos querem arriscar-se a terminarem no céu. É um jogo com poucas possibilidades, mas existem. Acho que você é sensato demais para esse tipo de coisa. Enquanto isso, porém, estamos com um número maior de almas condenadas do que podemos cuidar e uma escassez crescente na parte administrativa.

Wellby, que acabara de dar baixa do exército e nada tinha para apresentar a seu favor a não ser a perna que coxeava e uma carta de despedida de uma jovem a quem ainda amava, deu a alfinetada no dedo e assinou.

Está claro que lera, antes de assinar, o que ali se achava escrito em letras miúdas. Uma certa soma de poder demoníaco seria depositada em sua conta ao assinar com sangue. Não saberia detalhadamente como se manipulavam esses poderes, nem mesmo a natureza de todos eles, mas ainda assim seus desejos seriam satisfeitos de tal maneira que pareceriam ter ocorrido por meio de mecanismos inteiramente normais.

Está claro que nenhum desejo podia ser realizado que interferisse com os objetivos e fitos superiores da história humana. Wellby arreliou-se ao ler isso.

Shapur tossiu.

– É precaução que nos é imposta por... bem... Lá De Cima. Você é homem sensato. Tal limitação não vai atrapalhá-lo.

Wellby observou:

– E parece haver uma cláusula especial, também.

– Coisa parecida, sim. Afinal de contas temos de verificar sua capacidade para o lugar. Ela diz, como pode ler, que deverá executar uma tarefa para nós ao encerrar os seus dez anos, tarefa que seus poderes demoníacos tornarão inteiramente possível executar. Não podemos dizer-lhe agora qual a natureza dessa tarefa, mas você terá dez anos para estudar a natureza dos poderes que vai adquirir. Você pode muito bem encarar tudo isso como um exame de admissão.

– E se eu não passar na prova, o que acontece?

– Nesse caso – explicou o demônio – você será apenas uma alma condenada e comum. – E porque era um demônio, seus olhos fumegaram ao pensar no assunto, seus dedos de garras torceram-se como se já os sentisse bem enfiados nas entranhas do outro. Mas aduziu suavemente. – Ora, vamos, a prova será muito simples. Preferimos ter você como membro de nosso quadro do que como mais uma incumbência.

Wellby, cheio de pensamentos tristes e referentes à amada que estava fora de seu alcance, importava-se pouquíssimo, nesse momento, com o que aconteceria após dez anos, e assinou.

Mesmo assim os dez anos passaram com rapidez. Isidore Wellby foi sempre sensato, como o demônio predissera, e as coisas deram certo. Aceitou a posição e por estar sempre no lugar certo, no momento exato e dizendo o que convinha ao homem certo, foi rapidamente promovido à condição de grande autoridade.

Os investimentos que fazia invariavelmente traziam proveito e, o que era ainda mais satisfatório, sua namorada voltou-lhe com o arrependimento mais sincero e a adoração mais satisfatória.

O casamento foi feliz e abençoado com quatro filhos, dois meninos e duas meninas, todos inteligentes e razoavelmente bem comportados. Ao final dos dez anos achava-se no ápice de sua autoridade, reputação e saúde, enquanto a esposa, entre outras coisas, se tornara mais bela ao amadurecer.

E dez anos (até aquele dia, naturalmente) após a assinatura do pacto, acordou e encontrou-se não no dormitório, mas em pavorosa câmara de bronze com a solidez mais assustadora e sem outra companhia senão um demônio ansioso.

– Você só precisa sair, e será um de nós – explicou Shapur. – Isso pode ser feito de modo justo e lógico, usando seus poderes demoníacos, desde que saiba com exatidão o que está fazendo. E deve saber, a essa altura.

– Minha esposa e filhos vão ficar perturbados com meu desaparecimento – observou Wellby, em quem o pesar começava a se revelar.

– Encontrarão o seu corpo morto – explicou o demônio para consolá-lo. – Você parecerá ter morrido de ataque do coração e terá um belo funeral, O sacerdote vai encomendá-lo ao Céu e nós não o desapontaremos, nem aos que escutarem, Muito bem, vamos com isso, Wellby, você tem até meio-dia.

Wellby, tendo-se inconscientemente preparado para aquele momento durante dez anos, sentia menos pânico do que teria sido possível. Olhou em volta, conjeturando.

– Este aposento é totalmente fechado? Não há aberturas disfarçadas?

– Não há abertura em lugar algum na parede, chão ou teto – disse o demônio, deliciando-se profissionalmente com sua própria

obra. – Nem nos encontros de quaisquer dessas superfícies, a bem dizer. Você já está desistindo?

– Não, não. É só me dar algum tempo.

Wellby pensou com afinco. Não parecia haver sinal algum de fechamento no aposento. Nem mesmo se sentia o ar a mover. O ar talvez estivesse entrando ali após se desmaterializar para atravessar as paredes. Talvez o demônio houvesse entrado pela desmaterialização e talvez o próprio Wellby pudesse sair desse modo. Perguntou.

O demônio sorriu.

– A desmaterialização não é um dos seus poderes. Tampouco eu a usei para entrar.

– Tem certeza do que diz?

– Este quarto é de minha própria criação – explicou o demônio, delambido – e foi especialmente construído para você.

– E você entrou vindo de fora?

– Entrei.

– Com os poderes demoníacos razoáveis que eu também possuo?

– Exatamente. Vamos, sejamos precisos. Você não pode mover-se pela matéria mas pode mover-se em qualquer dimensão, por um simples esforço da vontade. Pode mover-se para cima e para baixo, para a direita e esquerda, transversalmente e assim por diante, mas não pode mover-se através da matéria de modo algum.

Wellby continuava pensando e Shapur continuava fazendo ver a solidez imovível das muralhas, teto e soalho de bronze, sua inquebrabilidade total.

A Wellby parecia evidente que Shapur, por mais que acreditasse na necessidade de recrutar pessoal para trabalhar, restringia a custo seu deleite demoníaco em poder contar com uma alma condenada comum a fim de divertir-se com ela.

– Pelo menos – comentava Wellby, como tentativa lamentável de filosofar – terei dez anos felizes para lembrar. Está claro que é um consolo, mesmo para uma alma condenada no inferno.

– De modo algum – contrapôs o demônio. – O inferno não seria inferno se a pessoa pudesse ter algum consolo. Tudo que alguém ganhar na Terra por pactos com o demônio, como no seu caso (ou no meu caso, também) é exatamente o que se poderia ganhar sem esse pacto, caso a pessoa houvesse trabalhado com diligência e confiança completa no... bem... Lá Em Cima. Isso é que faz estes pactos tão

demoníacos – e o demônio riu com uma espécie de uivo animadíssimo.

Cheio de indignação,Wellby observou:

– Você quer dizer que minha esposa teria voltado a mim, mesmo se eu não assinasse seu contrato-

– Poderia voltar – disse Shapur. – O que acontece é a vontade de... bem... Lá Em Cima, você sabe. Nós não podemos fazer coisa alguma para modificar isso.

O pesar desse momento deve ter aguçado o espírito de Wellby, pois foi quando ele desapareceu e deixou o aposento vazio, a não ser pela presença do demônio surpreso. E a surpresa transformou-se em fúria absoluta quando o demônio olhou o contrato com Wellby, contrato que ele, até então, estivera segurando na mão para tomar as medidas finais, de um ou de outro modo.

Havia se passado dez anos (até aquele dia, naturalmente) desde que Isidore Wellby assinara o pacto com Shapur, e foi quando o demônio entrou no gabinete de Wellby e disse, cheio de raiva:

– Olhe aqui...

Wellby passou a olhá-lo, atônito.

– Quem é você?

Você sabe muito bem quem sou – retorquiu Shapur.

– Não, absolutamente. – assegurou Wellby.

O demônio fitou o homem ameaçadoramente.

– Vejo que está dizendo a verdade, mas não consigo entender os detalhes. – E prontamente encheu a mente de Wellby com os acontecimentos dos últimos dez anos.

Wellby disse:

– Oh, sim. Posso explicar, está claro, mas você tem certeza de que não seremos interrompidos?

– Não seremos – garantiu o demônio, cheio de sombras no olhar e na voz.

– Eu estava sentado naquele quarto de bronze fechado – disse Wellby.

– Deixe para lá – interveio o demônio, apressado. – Eu quero saber...

– Por favor. Deixe-me contar como sei.

O demônio estalou as mandíbulas e exalou tanto dióxido de enxofre que Wellby se pôs a tossir, parecendo sentir dores.

Ele pediu:

– Se você puder se afastar um pouco... Obrigado... Pois bem, eu estava sentado naquele quarto de bronze fechado e me lembrei como você não parava de acentuar a inquebrabilidade total das quatro paredes, do teto e do soalho. Fiquei pensando nisso: por que você era tão taxativo? O que mais havia além de paredes, teto e soa lho? Você tinha um espaço tridimensional inteiramente fechado.

Tossiu um pouco e prosseguiu:

– E era isso mesmo: tridimensional. O quarto não estava fechado na quarta dimensão. Não existia indefinidamente no passado. Você disse que o tinha criado para mim. Por isso, se eu viajasse para o passado me encontraria em algum ponto do tempo, afinal onde o quarto não existisse, e assim sairia dali.

Terminava a explicação:

– E mais, você tinha dito que eu podia movimentar-me em qualquer direção, e o tempo pode com certeza ser visto como uma dimensão. De qualquer modo, assim que resolvi caminhar para o passado encontrei-me vivendo para trás, em velocidade tremenda e de repente não havia mais bronze em volta de mim.

Shapur gritou, cheio de angústia:

– Eu posso calcular tudo isso. Não seria possível você escapar de qualquer outro modo. É este contrato seu o que me preocupa. Se você não é uma alma condenada comum, muito bem, isso faz parte do jogo. Mas você deve ser pelo menos um de nós, um em nosso quadro de pessoal; para isso você foi pago, e se eu não entregar você lá embaixo vou me desgraçar todo.

Wellby deu de ombros.

– Lamento muito, pode crer, mas nada posso fazer para ajudá-lo. Você deve ter criado o quarto de bronze logo depois que eu coloquei minha assinatura no papel, porque quando saí dali encontrei-me exatamente naquele ponto do tempo em que fazia o negócio com você. Lá estava você de novo, lá estava eu, você empurrava o contrato em minha direção, bem como o estilete com que eu tinha de furar o dedo. Está claro que como eu voltara no tempo, minha memória do que se tornava o futuro ia esmaecendo, mas não de todo, ao que parece. Quando você empurrava o contrato para mim senti-me pouco à vontade. Não me lembrava bem do futuro mas sentia intranqüilidade. Por isso não assinei. Recusei sua oferta.

Shapur fez ranger os dentes.

– Eu devia ter sabido. Se os padrões de probabilidade afetassem os demônios eu teria passado com você para este novo mundo ima-

ginário. No pé em que as coisas estão só posso dizer que você perdeu os dez anos felizes que lhe pagamos. E um consolo. E acabaremos por pegá-lo, afinal. Esse é outro consolo.

– E essa agora? – interveio Wellby. – Existem consolos no inferno? Por todos os dez anos que já vivi eu nada soube do que poderia ter obtido. Mas agora você resolveu recolocar em minha mente a recordação dos dez anos que poderiam ter sido, lembro-me que, no quarto de bronze, você me disse que os acordos demoníacos não podiam dar coisa alguma que não pudesse ser obtida por diligência e confiança em Lá Em Cima. Eu fui diligente e confiei.

Os olhos de Wellby recaíram sobre a fotografia da bela esposa e quatro belos filhos e depois percorreram o luxo de bom-gosto em seu gabinete.

– E posso escapar inteiramente do inferno. Também isso está além do seu poder de decidir.

E o demônio, com um uivo pavoroso, desapareceu para sempre.

COISA DE CRIANÇA

A primeira indicação de náusea e Jan Prentiss disse:

– Com os diabos, você é um inseto.

Era uma afirmação de coisa real e não um insulto, e a coisa sentada sobre a escrivaninha de Prentiss respondeu:

– Claro que sim.

Tratava-se de algo com um palmo de comprimento, muito fina, e sua forma era caricatura avançadíssima e miniaturizada de um ser humano. Os braços e pernas finos originavam-se aos pares da parte superior do corpo. As pernas eram mais compridas e grossas do que os braços e se estendiam pelo comprimento do corpo, inclinando-se à frente do joelho.

A criatura sentava-se sobre esses joelhos e, ao fazê-lo, a ponta de seu abdômen penugento ficava pouquíssimo acima da escrivaninha de Prentiss.

Houve tempo bastante para Prentiss perceber tais detalhes. O objeto não fazia qualquer objeção a que o examinassem. Parecia acolher o exame, na verdade, como se estivesse habituado à admiração.

– O que é você? – perguntou Prentiss, que não se sentia inteiramente racional, Cinco minutos antes estivera sentado diante da máquina de escrever, trabalhando com calma na estória que prometera a Horace W. Browne para a edição do mês anterior de *Ficção Fantasia Avançada*. Seu estado de espírito fora inteiramente comum e ele se sentia muito bem, muitíssimo bem, perfeitamente lúcido.

E fora quando uma parte do ar, logo à direita da máquina de escrever, brilhara, ficara encoberta e se condensara naquele pequeno vapor que balançava os pés negros e reluzentes pela beba da escrivaninha.

Prentiss, um tanto desligado, imaginava por que motivo se dava ao trabalho de falar com a coisa. Era a primeira vez em que sua profissão vinha afetar tão cruamente os sonhos. Tem de ser um sonho, dizia a si próprio.

– Sou avaloniano – explicou a coisa. – Venho de Avalon, em outras palavras.

O rosto minúsculo terminava em boca mandibular. Duas antenas oscilantes e de três polegadas saíam de um ponto acima de ambos os olhos, enquanto estes brilhavam muito, a seu modo de múltiplas facetas. Não havia qualquer sinal de narinas.

Claro que não, pensou Prentiss, aloucadamente. Tem de respirar por meio de respiradouros no abdômen. Deve estar falando com o abdômen, neste caso. Ou então usando telepatia.

– Avalon? – repetiu, em tom estúpido. Pensava agora: Avalon? A terra do elfo na época do Rei Arthur?

– Por certo – confirmou a criatura, respondendo com lisura ao pensamento. – Eu sou um elfo.

– Oh, não! – e Prentiss levou as mãos ao rosto, tirou-as de lá e continuou a ver o elfo ali, os pés batendo na gaveta de cima. Prentiss não bebia, não era nervoso. Na verdade os vizinhos o consideravam uma pessoa de tipo muito prosaico. Era dono de uma barriga avolumada e cômoda, quantidade razoável porém não excessiva de cabelo sobre a cabeça, esposa amável e filho de dez anos, menino muito ativo. Os vizinhos, naturalmente, ignoravam o fato de que ele pagava a hipoteca da casa escrevendo fantasias deste ou daquele tipo.

Até então, todavia, esse vício secreto jamais viera a afetar-lhe a psique. A esposa naturalmente sacudira a cabeça por causa de tal predileção, e o fizera muitas vezes. Mantinha a opinião de que ele desperdiçava e até pervertia o talento de que era dotado.

– Quem lê essas coisas? – seria seu comentário. – Tudo isso sobre demônios e gnomos e anéis mágicos e elfos. Toda essa coisa de criança, se quer minha opinião sincera.

– Está erradíssima – replicava Prentiss, em tom rígido. – As fantasias modernas são muito avançadas e constituem tratamento amadurecido das motivações populares. Por trás da fachada de irrealidade existem com freqüência comentários incisivos sobre o mundo de nossos dias. A fantasia em estilo moderno é acima de tudo uma predileção adulta.

Blanche dava de ombros. Ela o ouvia falar em convenções, de modo que tais comentários não eram novidades.

– Além disso – ele aduzia – as fantasias pagam a hipoteca, não acha?

– Talvez paguem – concordava ela – mas seria bom se você passasse a escrever histórias policiais. Pelo menos receberia porcentagens e poderíamos até dizer aos vizinhos o que você faz para viver.

Prentiss gemeu intimamente. Blanche podia entrar a qualquer momento e encontrá-lo a conversar consigo mesmo (era real demais para ser um sonho, talvez fosse alucinação). Depois disso ele teria de escrever histórias de crimes para viver – ou começar a trabalhar.

– Equivoca-se inteiramente – disse o elfo. – Isto não é sonho nem alucinação.

– Nesse caso por que não vai embora? – perguntou Prentiss,

– Pretendo ir. Não é este o lugar em que pretendo viver. E você vem comigo.

– Eu não vou. Que diabo pensa que é, dizendo o que devo fazer?

– Se você acha que esse é o modo respeitoso de se dirigir a um representante de cultura mais antiga, não posso louvar a sua educação.

– Você não é uma cultura mais antiga... – e sentiu vontade de acrescentar: você é apenas um fruto de minha imaginação, mas era escritor há muito tempo para não utilizar tal chavão.

– Nós, insetos – disse o elfo, em tom regelado – existimos meio bilhão de anos antes de ser inventado o primeiro mamífero. Nós vimos os dinossaurinhos chegarem e vimos quando sumiram. Quanto a vocês, Homens-coisa... não passam de arrivistas.

Prentiss observava pela primeira vez que, do ponto no corpo do elfo do qual brotavam os membros, existia um terceiro par vestigial. Isso aumentava a inseticidade do objeto e aumentou a indignação de Prentiss.

Ele afirmou:

– Você não precisa perder tempo com seus inferiores sociais.

– Eu não perderia – contrapôs o elfo – pode crer em mim. Mas a necessidade obriga, como sabe. É uma história muito complicada, mas quando tiver conhecimento vai querer ajudar.

Inquieto, Prentiss observou:

– Escute, não tenho muito tempo. Blanche,, minha esposa entrará a qualquer momento. Ela vai ficar perturbada.

– Ela não estará aqui – disse o elfo. – Eu coloquei um bloqueio em sua mente.

– O quê!

– É coisa inofensiva, pode ter certeza. Nós, afinal de contas, não podemos ser perturbados, não acha?

Prentiss voltou a sentar-se na cadeira, aturdido e infelicíssimo, O elfo disse:

– Nós, elfos, começamos nossa associação com vocês, homens-coisas, logo após o início da última era glacial. Tinha sido uma época terrível para nós, como pode imaginar. Não podíamos usar carcaças animais ou viver em buracos, como faziam seus grosseiros ancestrais. Foi necessário usarmos somas inacreditáveis de energia psíquica para continuarmos aquecidos.

– Quantidades inacreditáveis de quê?

– Energia psíquica. Você nada sabe a esse respeito. Sua mente é grosseira demais para aceitar o conceito. Faça o favor de não interromper.

O elfo prosseguiu:

– A necessidade levou-nos a experimentar com os cérebros de sua gente. Eram brutos, mas grandes. As células se mostravam ineficazes, quase inúteis, mas havia amplo número delas. Podíamos usar esses cérebros como dispositivos de concentração, uma espécie de lente psíquica e aumentar a energia disponível, que nossas mentes saberiam aproveitar. Sobrevivemos muito bem à era glacial e não foi preciso retirarmo-nos para os trópicos, como nas eras anteriores.

Ele prosseguia:

– Está claro que ficamos mal acostumados. Quando o calor voltou não abandonamos os homens-coisa. Nós os usamos para aumentar de um modo geral o padrão de vida que desfrutávamos. Podíamos viajar mais depressa, comer melhor, fazer mais, e perdemos para sempre nosso modo de vida antigo, simples e virtuoso. E havia o leite, também.

– Leite? – indagou Prentiss. – Não vejo qualquer relação.

– É um líquido divino. Só o provei uma vez em minha vida. Mas a poesia clássica dos elfos fala dele e usa superlativos. Nos dias de Antanho os homens sempre nos supriam com abundância. O motivo pelo qual os mamíferos, logo eles, foram abençoados com o leite e os insetos não, eis um mistério total... Um infortúnio que os homens-coisa perderam.

– Foi assim?

– Há duzentos anos.

– Que bom, para nós,

– Procure não ser tão tacanho – retorquiu o elfo, menos cordial. – Foi uma associação útil para todos os interessados até que vocês, homens-coisa, aprendessem a usar as energias psíquicas em quanti-

dade maior. Exatamente o tipo de coisa grossa que suas mentes são capazes de fazer.

– o que havia demais nisso?

– Difícil de explicar. Para nós está muito bom acender essas fantasias noturnas com vagalumes iluminados pelo emprego de dois homens-força de energia psíquica. Mas vocês, criaturas-homens, instalaram luzes elétricas. Nossa recepção por antena é muito boa por muitos quilômetros, mas vocês inventaram o telégrafo, telefones e rádios. Nossos gnomos domésticos tiravam o minério com eficiência muito maior do que fazem as coisas-homens, até que os homens-coisa inventassem dinamite. Está percebendo?

– Não

– Torna-se evidente que criaturas sensíveis e superiores como os elfos não vão ficar assistindo enquanto um grupo de mamíferos peludos os ultrapassam. A coisa não seria tão ruim se pudéssemos imitar o aperfeiçoamento eletrônico, mas nossas energias psíquicas eram insuficientes para tanto. Muito bem, nós nos retiramos da realidade. Ficamos taciturnos, definhávamos, decaíamos. Chame a isso de complexo de inferioridade se quiser, mas a partir de dois séculos atrás abandonamos lentamente a humanidade e nos retiramos para centros tais como Avalon.

Prentiss pensava furiosamente.

– Vamos entender as coisas. Vocês podem manusear as mentes.

– Claro.

– Você pode me levar a pensar que você é invisível? Hipnoticamente, é o que quero dizer.

– Expressão grosseira, mas sim.

– E quando você apareceu, acabou de aparecer, fez isso retirando uma espécie de bloqueio mental. Foi o que fez?

– Para responder a seus pensamentos, em vez de responder às suas palavras: você não está dormindo, não está louco e eu não sou sobrenatural.

– Eu só queria ter certeza. Está dizendo, portanto, que pode ler minha mente.

– Claro que sim. Ë o tipo do trabalho muito sujo e sem recompensa, mas posso fazer quando necessito, O seu nome é Prentiss e você escreve ficção imaginativa. Tem uma larva que se encontra em lugar onde recebe instrução. Sei muito a seu respeito.

Prentiss encolheu-se,

– E onde fica Avalon?

– Você não vai encontrar – o elfo estalou as mandíbulas duas ou três vezes. – Não fique conjeturando sobre a possibilidade de avisar às autoridades. Logo seria colocado em uma casa de loucos. Avalon, caso pense que tal conhecimento possa ajudá-lo, encontra-se no meio do Oceano Atlântico e é inteiramente invisível, sabia? Depois da invenção do barco a vapor vocês, homens-coisa, passaram a andar por aí de modo tão irracional que tínhamos de encobrir toda a ilha com um escudo psíquico.

Uma pausa e a explicação prosseguia:

– Está claro que os incidentes acontecem. Certa vez uma nave intensa e bárbara atingiu-nos bem no centro e foi necessário toda a energia psíquica de toda a população para dar à ilha o aspecto de um iceberg. Titanic, ao que creio, era o nome escrito nesse navio. E hoje existem aviões sobrevoando por todo o tempo e, às vezes, ocorrem desastres aéreos. Houve uma vez em que recolhemos latas de leite enlatado. Foi quando eu provei o leite.

Prentiss perguntou:

– Bem, nesse caso, com os diabos, por que não continua em Avalon? Por que saiu de lá?

– Recebi ordens – explicou o elfo, cheio de raiva. – Os idiotas.

– Hem?

– Você sabe como são as coisas, quando se é um pouco diferente. Eu não sou como o resto dos outros e os próprios imbecis, levados pela tradição, não gostaram. Sentiram inveja. Essa é a melhor explicação. Inveja!

– E como você é diferente deles?

– Entregue-me aquela lâmpada –. ordenou o elfo. – Oh, é só desatarraxar. Você não precisa de lâmpada de leitura durante o dia.

Com um espasmo de repugnância, Prentiss fez o que foi mandado e passou aquele objeto às mãozinhas do elfo. Este, com cuidado, dedos tão finos e fortes que se pareciam a gavinhas, tocou o fundo e o lado do soquete de latão.

O filamento avermelhou-se fracamente.

– Santo Deus – disse Prentiss.

– Isso – explicou o elfo, cheio de orgulho – é o meu grande talento. Eu lhe contei que nós, elfos, não conseguimos adaptar a energia psíquica à eletrônica. Muito bem, eu posso! Não sou um elfo comum. Sou um mutante! Um superelfo! Sou a etapa seguinte na evolução dos elfos. Esta luz se deve apenas à atividade de minha fraca mente, sabia? Agora observe, enquanto eu uso a sua como foco.

Enquanto dizia isso, o filamento da lâmpada se tornava branco e incandescente, difícil de olhar, enquanto uma sensação formigante, vaga e não desagradável, ingressava no crânio de Prentiss.

A lâmpada se apagou e o elfo colocou-a sobre a escrivaninha, atrás da máquina de escrever.

– Ainda não tentei – explicou, cheio de orgulho – mas desconfio que posso também fissionar o urânio.

– Mas olhe aqui, acender uma lâmpada requer energia. Você não pode só segurar

– Eu lhe contei sobre a energia psíquica. Grande Oberon, homem-coisa, procure entender.

Prentiss sentia-se cada vez mais inquieto e disse com cautela:

– O que você pretende fazer com esse dom?

– Voltar a Avalon, está claro. Eu devia deixar aqueles idiotas acabarem com a vida, mas o elfo também tem algum patriotismo, ainda que seja um coleóptero.

– Um o quê?

– Nós, os elfos, não somos todos de uma só espécie, como sabe. Eu descendo dos besouros. Está vendo?

Pôs-se em pé e, sobre a mesa, deu as costas para Prentiss. O que parecera apenas uma cutícula negra e luzidia abriu-se de súbito e se levantou. De baixo dela duas asas cheias de veias e peliculas se agitaram.

– Oh, você pode voar – observou Prentiss.

– Você é muito idiota – disse o elfo, cheio de desdém – por não compreender que sou grande demais para voar. Mas elas são lindas, não acha? Gostou da iridescência? Os lepidópteros têm asas repugnantes, em comparação às minhas. São delicadas e coloridas. Além disso estão sempre estendidas para fora.

– Os lepidópteros? – e Prentiss se sentia totalmente confuso.

– Os clãs das borboletas. São orgulhosos. Estão sempre se exibindo aos humanos para serem admirados. Mentes muito pequenas, devo notar. E é esse o motivo pelo qual as suas lendas sempre dão às fadas asas de borboletas, em vez de asas de besouros, que são muito mais diáfanas e belas. Daremos uma lição aos lepidópteros quando voltarmos, você e eu.

– Ei, espere aí...

– Pense só – disse o elfo, balançando-se de um lado para outro no que parecia verdadeiro êxtase – nossos devaneios noturnos no domínio das fadas serão um esplendor de luz de arabescos em tubos

de neon. Podemos soltar os enxames de vespas que atrelamos a nossos carros voadores e instalar motores de combustão interna. Podemos acabar com esse negócio de enrodilhar nas folhas quando é hora de dormir e construir fábricas a fim de produzir colchões decentes. Estou lhe dizendo, vamos *viver...* E o resto deles comerá terra, por ter mandado que eu me retirasse.

– Mas não posso ir com você – baliu Prentiss. – Tenho responsabilidades, uma esposa e filho. Você não pode tirar um homem de seu... sua larva, pode?

– Não sou cruel – asseverou o elfo e voltou os olhos para Prentiss. – Tenho uma alma de elfo. Mesmo assim, que escolha me resta? Preciso de um cérebro humano para focalizar, ou nada realizarei; e nem todos os cérebros humanos são adequados.

– Por que não?

– Grande Oberon, criatura! Um cérebro de homem não é coisa passiva, feito de madeira e pedra. Precisa colaborar para ser útil. E só pode colaborar tendo plena ciência de nossa própria capacidade de elfo em manipulá-lo. Posso usar o seu cérebro, por exemplo, mas o de sua esposa seria inútil para mim. Ela precisaria de anos seguidos a fim de compreender quem e o que sou.

Prentiss disse:

– Aí temos um insulto infernal. Você está me dizendo que acredito em fadas? Pois fique sabendo que sou um racionalista completo.

– É mesmo? Quando me revelei pela primeira vez você estava com alguns pensamentos débeis sobre sonhos e alucinações mas falou comigo, aceitou-me. Sua esposa teria começado a gritar e caído em histeria total.

Prentiss manteve silêncio, não encontrava resposta para aquilo.

– Aí está a dificuldade – disse o elfo, desanimado. – Quase todos vocês, os seres humanos, esqueceram a nossa existência, desde que os deixamos. Suas mentes se fecharam, tornaram-se inúteis. Está claro que as suas larvas acreditam em nossas lendas sobre os "pequeninos", mas os cérebros dessas larvas não foram desenvolvidos e só servem para processos simples. Quando amadurecem perdem a crença. Francamente, não sei o que faria se não fosse por vocês, escritores de fantasias.

– O que quer dizer com isso, escritores de fantasias?

– Vocês são os poucos adultos restantes que acreditavam no povo dos insetos. Você, Prentiss, acima de todos. Você tem sido um escritor de fantasia nos últimos vinte anos.

– Está louco. Não acredito nas coisas em que escrevo.

– Precisa acreditar. Não tem outro recurso. Quer dizer, enquanto você está escrevendo tem de levar o assunto a sério. Depois de algum tempo sua mente se toma naturalmente cultivada e útil... mas para que discutir? Eu o usei. Você viu a lâmpada iluminar. Por isso vê também que precisa vir comigo.

– Mas não vou – e Prentiss firmou os pés e os braços cheio de teimosia. – Você pode fazer com que eu vá contra a vontade?

– Posso, mas isso talvez o danificasse e eu não quero que aconteça. Suponhamos o seguinte: se você não concorda em vir, eu posso focalizar uma corrente de eletricidade de alta voltagem em sua esposa. Seria uma coisa revoltante, mas compreendo que sua própria gente executa os inimigos do estado desse modo, de forma que você provavelmente acharia o castigo menos horrível do que eu. Pode parecer brutal, mesmo para um homem-coisa.

Prentiss percebeu que o suor encharcava-lhe os cabelos das têmporas.

– Espere – Pediu – Não faça uma coisa assim. Vamos conversar.

O elfo pôs as asas peliculares para fora, bateu-as e devolveu-as ao alojamento.

– Conversa, conversa, conversa. É cansativo. Você com certeza tem leite em casa. Não parece ser um anfitrião dos mais educados, pois teria oferecido alguma coisa para me refrescar, já desde muito tempo.

Prentiss tentou ocultar o pensamento que lhe ocorreu, levá-lo o mais que podia para baixo da pele externa da mente. E disse em tom casual:

– Tenho uma coisa melhor do que leite. Espere, vou buscar.

– Fique onde está. Chame sua mulher. Ela o trará.

– Mas eu não quero que ela o veja. Ficaria assustada.

O elfo disse:

– Não precisa preocupar-se. Sei lidar com ela de modo que não se perturbará de modo algum.

Prentiss levantou o braço. O elfo disse:

– Qualquer ataque que faça contra mim será muito mais lento do que o raio de eletricidade que golpeará sua mulher.

Prentiss baixou o braço, foi até a porta do estúdio.

– Blanche! – chamou para o pavimento de baixo.

Blanche estava à vista na sala de estar, sentada e imóvel na poltrona ao lado da estante. Parecia adormecida, de olhos abertos.

Prentiss voltou-se para o elfo.

– Alguma coisa errada em minha mulher.

– Ela se acha em estado de sedação. Ouvirá o que você diz. Diga-lhe o que deve fazer.

– Blanche! – chamou de novo. – Traga a gemada e um copo pequeno, por favor.

Sem qualquer sinal de animação, além de movimento mais simples, Blanche se levantou e desapareceu.

– O que é gemada? – perguntou o elfo.

Prentiss tentou entusiasmar-se.

– É uma mistura de leite, açúcar e ovos batidos, em consistência deliciosa. O leite, por si só, é bobagem em comparação.

Blanche chegou trazendo a gemada. Seu belo rosto não exibia qualquer expressão, tinha os olhos voltados para o elfo mas não compreendiam o significado do que via.

– Tome, Jan – disse e sentou-se na cadeira antiga e revestida de couro perto da janela, as mãos caindo no regaço.

Por momentos Prentiss a observou, cheio de inquietação.

– Você vai mantê-la aqui?

– Será mais fácil de controlá-la... Bem, você não vai me oferecer a gemada?

– Ora, é claro. Tome!

Entornou o líquido branco e grosso no copo de coquetel. Preparara cinco garrafas de leite com a gemada, duas noites antes, para os rapazes da Associação de Fantasia de New York, e usara medidas generosas, já que os escritores de fantasia são reconhecidamente inclinados a essa bebida.

As antenas do elfo tremeram com violência.

– Aroma celestial – murmurou.

Passou as extremidades dos braços finos em volta da haste do pequeno copo e levou-o à boca. O nível do líquido baixou. Quando metade fora sorvida ele baixou o copo e suspirou.

– Veja a perda para minha gente. Que criação! Que coisas existem! Nossas histórias nos dizem que nos dias antigos um espírito afortunado conseguia de vez em quando tomar o lugar de um homem-

1arva no nascimento, de modo a poder sorver o liquido recém-feito. Será que até mesmo aqueles já sentiram alguma coisa parecida a esta?

Prentiss retorquiu com uma pitada de interesse profissional:

– Então, este é conceito por detrás daquela estória de crianças trocadas por fadas?

– Naturalmente. A criatura-homem feminina tem um grande dom. Por que não tirar vantagem? – E o elfo voltou o olhar para o arfar no peito de Blanche, suspirou de novo.

Prentiss disse (calma, agora; não se perca):

– Vá em frente. Beba o que quiser.

Também ele observava Blanche, esperando sinais de animação, aguardando o inicio da falha no controle do elfo.

Este disse:

– Quando a sua larva volta do lugar onde recebe instrução? Preciso dele.

– Volta logo – prometeu Prentiss, muito nervoso. Consultou o relógio de pulso. Na verdade o filho estaria de volta, pedindo aos berros uma fatia de bolo e leite, em cerca de quinze minutos.

– Um só, outra vez – disse, com fervor. – Encha de novo.

O elfo bebericava com alacridade e disse:

– Depois de chegar a larva você pode ir.

–Ir?

– Apenas à biblioteca. Precisa obter livros sobre eletrônica. Necessitarei dos detalhes sobre como construir televisão, telefones, tudo isso. Necessitarei das regras sobre a fiação, instruções para construir válvulas. Detalhes, Prentiss, detalhes! Temos tarefas enormes à nossa frente. Perfuração de petróleo, refinação de gasolina, motores, agricultura científica. Construiremos uma nova Avalon, você e eu. Uma Avalon técnica, uma terra de fadas científica. Criaremos um mundo novo.

– Ótimo! disse Prentiss. – Olhe aí, não esqueça a sua bebida.

– Você entende, está ficando empolgado com a idéia – disse o elfo. – E será recompensado. Terá uma dúzia de homens-coisas femininas para si.

Maquinalmente Prentiss fitou Blanche. Não havia qualquer indicação de que ela ouvia, mas como podia saber? Disse, então:

– De nada me servem homens-cois... femininas, isto é, mulheres.

– Ora, vamos – disse o elfo, censurando-o. – Fale a verdade. Vocês homens-coisa são conhecidos de nossa gente como criaturas

lascivas e bestiais. Por gerações seguidas as mães assustaram os filhos ameaçando-os com os homens-coisas... Jovem, ah! – e levou o copo de gemada ao ar e disse: – A meus próprios filhos – e o esvaziou.

– Encha de novo – apressou-se Prentiss a dizer. – Encha outra vez.

O elfo assim fez e disse:

– Terei muitos filhos. Escolherei as melhores coleópteras e criarei minha linhagem. Continuarei com a mutação. Neste momento sou o único, mas quando tivermos uma dúzia ou cinqüenta, eu os intercruzarei e aperfeiçoarei a raça dos superelfos. Uma raça de maravilhas electro... upa... eletrônicas e de futuro infinito... Se eu pudesse tomar mais um! Néctar! É o verdadeiro néctar!

Ouviu-se um ruído repentino, o ruído de uma porta que era escancarada e uma voz jovem chamando:

– Mamãe! Ei, Mamãe!

O elfo, olhos vidrados, uni tanto apagados, proclamava:

– Depois começaremos a nos apoderar dos homens-coisas. Alguns já acreditam, os demais nós... upa... ensinaremos. Será como nos dias idos, porém melhor, elfos mais eficientes, uma união mais íntima.

A voz de Júnior estava mais próxima e cheia de impaciência.

– Ei, Mãe!

– Ei, Mãe! Você não está em casa?

Prentiss sentia os olhos esbugalharem de tensão. Blanche continuava sentada e rígida. A fala do elfo estava um pouco arrastada, seu equilíbrio um pouco incerto. Se Prentiss ia arriscar-se, havia chegado o momento.

– Sente-se aí – ordenou o elfo, em tom peremptório. – Está sendo um imbecil. Eu sabia que existia álcool na gemada, desde o momento em que você imaginou o seu plano ridículo. Vocês, homens-coisa, são muito ladinos. Nós, elfos, temos muitos provérbios a seu respeito. Por sorte o álcool causa pouco efeito em nós. Pois bem, se houvesse experimentado a gatária com um pouquinho de mel... Ah, eis que surge a larva. Como vai, homem-coisa pequenino?

O elfo permanecia sentado, tendo o copo de gemada a pouca distância das mandíbulas, enquanto Jan Júnior surgia no umbral da porta. O rosto de Jan Júnior, com dez anos de idade estava moderadamente sujo, o cabelo imoderadamente emaranhado e havia expressão da maior surpresa em seus olhos cinzentos. Os livros escolares

muito surrados oscilavam na extremidade da correia que segurava com a mão.

Ele disse:

– Papai! O que se passa com a Mamãe? E... o que é isso?

O elfo disse a Prentiss:

– Vá depressa à biblioteca. Não podemos perder tempo. Você sabe de que livros preciso.

Todos os sinais de embriaguez inicial haviam sumido e a coragem de Prentiss desabou. A criatura estivera brincando com ele.

Prentiss levantou-se para sair.

O elfo disse:

– E nada de humano, nada furtivo, nenhum truque. Sua mulher continua sendo refém. Posso usar a mente da larva para matá-la; é suficiente para isso. Não gostaria de fazê-lo, sou membro da Sociedade Ética dos Elfos e nós pregamos o tratamento cortês aos mamíferos, de modo que pode confiar em meus princípios nobres, se fizer o que digo.

Prentiss se sentiu invadido por um impulso forte que o levava a sair. Cambaleou em direção à porta.

Jan Júnior gritou:

– Papai, ele fala! Diz que vai matar a Mamãe! Ei, não vá embora!

Prentiss já saíra do aposento quando ouviu o elfo dizer:

– Não olhe para mim assim, larva. Não vou fazer mal à sua mãe se você agir exatamente como eu disser. Eu sou um elfo, uma fada. Você sabe o que é uma fada, naturalmente.

E Prentiss já se achava na porta de entrada da casa quando ouviu a voz fina de Jan Júnior, erguer-se em gritos, seguida por berro e mais berro na trêmula voz de soprano de Blanche.

O elástico forte, porém invisível, que puxava Prentiss para fora da casa, soltou-se e desapareceu. Ele caiu de costas, endireitou o corpo e rumou em carreira escada acima.

Blanche, quase saturada de vida trêmula, achava-se pernibamba de costas para um canto do aposento, os braços passados em volta de Jan Júnior, este em prantos.

Sobre a escrivaninha via-se uma carapaça negra derruída, cobrindo u’a mancha feia da qual escorria um líquido sem cor.

Jan Júnior soluçava com histeria.

– Bati nele. Bati com meus livros. Estava machucando a Mamãe.

Passou-se uma hora e Prentiss sentiu que o mundo normal vol tava aos interstícios deixados pela criatura vinda de Avalon. O próprio elfo era cinza no incinerador atrás da casa e o que restava de sua existência era a mancha úmida ao pé de sua escrivaninha.

Blanche continuava lívida, eles falavam em cochichos. Prentiss disse:

– Como está Jan Júnior?

– Assistindo televisão.

– Ele está bem?

– Oh, *ele* está bem, mas eu vou ter pesadelos por semanas inteiras.

– Eu sei. Eu também, a menos que a gente afaste isso do pensamento. Não creio que apareça outra dessas... coisas por aqui.

Blanche disse:

– Não posso explicar, era horrível demais. Eu ouvia tudo que dizia, mesmo quando estava lá embaixo, na sala de estar.

– Telepatia, entende?

– Eu não podia me mexer! Depois, quando você saiu, pude começar a mexer um pouco. Quis gritar, mas tudo que pude fazer foi gemer e choramingar. Depois Jan Júnior amassou-o de uma vez e fiquei livre. Não compreendo como aconteceu.

Prentiss sentiu certa satisfação sombria.

– Acho que sei. Eu estava sob controle dele porque aceitei a verdade de sua existência. Ele manteve você sob controle por meu intermédio, Quando saí da sala, a distância que foi aumentando tornou mais difícil usar minha mente como lente psíquica e você pôde começar a se mover. Quando cheguei à porta da frente o elfo pensou que era hora de passar de minha mente para a de Jan Júnior. Foi o engano que cometeu.

– De que jeito? – perguntou Manche.

– Ele supôs que todas as crianças acreditassem em fadas, mas estava errado. Aqui, na América de hoje, as crianças não acreditam em fadas. Nunca ouvem falar delas. Acreditam em Tom Corbett, em Hopalong Cassidy, em Dick Tracy, em Hardy Doody, .no Super-homem e em uma série de outras coisas, mas não em fadas.

Fez uma pa prosseguiu:

– O elfo nunca percebeu as mudanças culturais repentinas que foram causadas pelas histórias em quadrinhos e pela televisão, e quando tentou pegar a mente de Jan Júnior, não conseguiu. Antes de poder recuperar o equilíbrio psíquico, Jan Júnior estava em cima dele

cheio de pânico, porque pensou que você estava sendo machucada, e tudo acabou.

Ele terminava:

– É como eu sempre disse, Blanche. As crenças dos velhos nas lendas só sobrevivem nas revistas de fantasia moderna e a fantasia moderna é predileção apenas para adultos. Você entende finalmente o que digo?

Blanche disse, cheia de humildade:

– Sim, querido.

Prentiss enfiou as mãos nos bolsos e sorriu, devagar.

– Sabe de uma coisa, Blanche? Na próxima vez que estiver com Walt Rae, acho que vou dar a entender que escrevo esta coisa. É hora dos vizinhos saberem, ao que parece.

Jan Júnior, segurando uma fatia enorme de pão com manteiga, foi entrando no estúdio do pai à procura da recordação que já se esmaecia. O pai não parava de lhe dar tapinhas nas costas e a mãe não parava de pôr pão e bolo em suas mãos, e ele já se esquecia do motivo. Tinha havido aquela coisa velha e grande sobre a escrivaninha, uma coisa que falava...

Tudo acontecera tão depressa que se embaralhava em sua mente.

Deu de ombros e, à luz do final da tarde, olhou para a folha parcialmente datilografada na máquina do pai, depois para a pequena pilha de papel sobre a mesa.

Leu por algum tempo, torceu o lábio e resmungou:

– Puxa vida. São as fadas, outra vez. Sempre coisa de criança! – e deu o fora.

UM LUGAR AQUOSO

Nunca teremos a viagem espacial. E mais, nenhum extraterrestre pousará na Terra – pelo menos nenhum deles pousará mais.

Não estou sendo apenas um pessimista. A bem do fato, a viagem espacial é realmente possível; os extraterrestres já pousaram. Eu sei disso. As espaçonaves usam o espaço em meio a um milhão de mundos, é bem provável, mas jamais iremos ter com elas. Também sei disso. Tudo por causa de um erro ridículo.

Vou explicar.

Na verdade foi um erro de Bart Cameron, e você terá de compreender quem é Bart Cameron. Ocupa o cargo de xerife em Twin Gulch, no Idaho, e sou auxiliar dele. Bart Cameron é homem impaciente e fica impacientíssimo quando tem de preparar sua declaração para o imposto de renda. A questão é que, além de ser xerife, ele também é o dono e dirigente do armazém, tem algumas ações em um rancho de ovelhas, faz um pouco de ourivesaria e recebe uma espécie de pensão como ex-combatente incapacitado (joelho defeituoso e algumas outras coisas assim). Como é natural, isso complica bastante suas cifras na declaração do imposto.

A coisa não seria tão ruim se ele deixasse que um especialista trabalhasse nos formulários em sua companhia, mas insiste em fazê-lo sozinho e isso o torna um homem amargurado. Por volta do dia 14 de abril ninguém pode lhe falar.

Por isso foi uma pena o disco voador ter pousado a 14 de abril de 1956.

Eu vi quando pousou. Minha cadeira estava encostada na parede, no gabinete do xerife, e eu fitava as estrelas pelas janelas, sentia-me indolente demais para voltar à leitura da revista, imaginava se devia acabar com o expediente e dormir ou continuar a ouvir enquanto Cameron amaldiçoava com palavras firmes, enquanto examinava suas colunas de cifras pela centésima vigésima sétima vez.

De início pareceu uma estrela cadente, mas a trilha de luz se dividiu em duas coisas que se pareciam a tubos retropropulsores de fo-

guetes e a coisa desceu com doçura, firme e sem ruído algum. Uma folha morta e velha teria caído ao chão com mais ruído e feito mais barulho ao bater. Dois homens desembarcaram.

Eu não podia dizer ou fazer coisa alguma, nem engasgar ou apontar para lá, nem mesmo conseguia desviar os olhos. Permaneci sentado como estava.

Cameron? Este nem olhou.

Bateram à porta que não estava trancada. Ela se abriu e os dois homens do disco voador entraram. Eu teria dito que eram camaradas da cidade se não tivesse visto o disco voador pousar na macega. Usavam temos cinzentos, camisas brancas e gravatas marrons. Estavam com sapatos pretos e chapéus pretos. Eram morenos, cabelo negro ondulado e olhos castanhos Suas expressões fisionômicas eram muito sérias e teriam cerca de um metro e oitenta de altura. Pareciam muitíssimo um com o outro.

Deus, eu me achava apavorado.

Mas Cameron limitou-se a olhar quando a porta se abriu, e fechou a cara. Em outras ocasiões acredito que ele teria rido até estourar o botão da camisa ao ver roupas como aquelas em Twin Gulch, mas se achava tão ocupado com o imposto de renda que nem sequer esboçou uni sorriso. Disse apenas:

– O que posso fazer por vocês, minha gente? – e bateu com as mãos no formulário, tornando evidente que não dispunha de muito tempo.

Um dos dois adiantou-se e disse:

– Estivemos mantendo a sua gente sob observação por muito tempo – e pronunciava cada palavra cuidadosamente, separada uma da outra.

Cameron disse:

– Minha gente? Tudo que tenho é uma esposa. O que foi que ela fez?

O camarada vestido de terno disse:

– Escolhemos esta localidade para nosso primeiro contato por que é isolada e sossegada. Sabemos que o senhor é o chefe por aqui.

– Sou o xerife, se é o que quer dizer, e vá falando. Qual é o problema?

– Tivemos o cuidado de adotar o seu modo de vestir e até assumir a sua aparência.

– É esse o meu modo de vestir? – E Cameron deve tê-lo notado pela primeira vez.

– O modo de vestir de sua classe social dominante, é o que quero dizer. Também aprendemos a sua língua.

Dava para ver que a luz se fez para Cameron, que perguntou:

– Vocês são de fora?

Cameron não gostava muito dos forasteiros, nunca conhecera muitos deles fora do exército mas, de modo geral, procurava ser justo.

O homem do disco perguntou:

– Forasteiros? Na verdade somos. Viemos do lugar aquoso que sua gente chama de Vênus.

(Eu começava a juntar as forças para piscar os olhos, mas isso me mandou de volta ao nada. Vira o disco voador. Vira quando pousara. Tinha de acreditar naquilo! Aqueles homens – ou aquelas coisas – vinham de Vênus.)

Cameron, no entanto, não piscou um olho, limitou-se a dizer:

– Muito bem, aqui é EUA. Todos temos direitos iguais, qualquer que seja a raça, crença, cor ou nacionalidade. Estou a seu serviço. Em que posso ajudá-lo?

– Gostaríamos que providenciasse preparativos imediatos para que os homens importantes do seu EUA, como chama, sejam trazidos aqui para debates no sentido de que sua gente se junte à nossa grande organização.

Cameron se punha vagarosamente rubro.

– Nossa gente ingressar em sua organização. Já fazemos parte da ONU. E só Deus sabe do que mais. E eu tenho de trazer o Presidente aqui, é isso? Agora mesmo? A Twin Gulch? Mandar uma mensagem para que se apresse?

Dito isso fitou-me, como se quisesse ver o sorriso em meu rosto, mas eu nem sequer cairia se alguém houvesse tirado a cadeira em que estava sentado.

O homem do disco disse:

– A rapidez é desejável.

– Quer que traga o Congresso, também? O Supremo Tribunal?

– Se eles puderem ajudar, xerife.

Foi quando Cameron verdadeiramente explodiu. Esmurrou o formulário do imposto de renda e berrou:

– Bem, vocês não estão me ajudando e eu não tenho tempo para engraçadinhos que aparecem, muito menos forasteiros. Se não derem o fora daqui muitíssimo depressa vou trancá-los no xadrez por perturbarem o sossego e nunca mais os deixo sair.

– Quer que nos retiremos? – perguntou o homem vindo de Vênus.

– Agora mesmo! Vão dando o fora daqui, e voltem para o lugar de onde vieram, não me apareçam mais. Não quero vê-los e ninguém mais por aqui quer vê-los.

Os dois homens se entreolharam, contorcendo um pouco os semblantes

Aquele que estivera falando adiantou-se:

– Dá para ver em sua mente que você realmente deseja, com grande intensidade, ficar sozinho. Não costumamos forçar nossa presença, ou de nossa organização, a pessoas que não nos desejam. Respeitaremos o seu retiro e sairemos. Não regressaremos. Giraremos em volta do seu mundo como advertência e ninguém entrará, e seu povo jamais terá de sair.

Cameron disse:

– Moço, estou cansado dessa porcaria, de modo que vou contar até três...

Eles se voltaram e saíram, e eu sabia que tudo quanto haviam dito era verdade. Estivera ouvindo o que diziam, o que Cameron não fizera, porque estava ocupado pensando no imposto de renda, e era como se pudesse ouvir-lhes as mentes, compreendem? Sabia que haveria uma espécie de cerco em volta da Terra, encurralando-nos aqui, impedindo-nos de sair, impedindo que outros entrassem. Eu sabia que era assim.

E quando eles se retiraram recuperei a voz – tarde demais.

Berrei:

– Cameron, pelo amor de Deus, eles são do espaço. Por que os mandou embora?

– Do espaço? – e ele me fitava.

Berrei:

– Olhe só!

Não sei como foi que o fiz, pois Cameron pesava quinze quilos mais do que eu, mas arranquei-o da cadeira até a janela, pela gola da camisa, arrebentando-lhe todos os botões.

A surpresa era grande dentais para resistir e quando voltou a si o bastante para começar a tomar posição a fim de me esmurrar, percebeu o que se passava lá fora e perdeu todo o fôlego.

Eles estavam embarcando no disco voador, aqueles dois homens, e lá estava o disco grande, redondo, brilhante e parecia muito poderoso, como imaginam. Em seguida decolou. Subiu com tanta facilidade quanto uma pena e um brilho vermelho-alaranjado surgiu a

um dos lados, tornou-se mais brilhante, enquanto a nave se apequenava até voltar a ser uma estrela cadente, desaparecendo devagar.

E eu disse:

– Xerife, por que os mandou embora? Eles tinham de falar com o Presidente. Agora nunca mais voltarão.

Cameron disse:

– Pensei que fossem forasteiros. Eles disseram que foi preciso aprender nossa língua. E falavam de um modo engraçado.

– Oh, ótimo. Forasteiros.

– Eles disseram que eram forasteiros e pareciam italianos. Pensei que fossem italianos.

– E como podiam ser italianos? Eles disseram que eram do planeta Vênus. Ouvi o que foi dito. Eles afirmaram isso.

– O planeta Vênus – e os olhos dele se arregalaram de verdade.

– Foi o que disseram. Chamaram de lugar aquoso, ou coisa assim. Você sabe que Vênus tem muita água.

Mas a questão é que foi tudo um erro, um erro estúpido, o tipo que qualquer pessoa poderia cometer. Só que agora a Terra nunca mais vai ter a viagem espacial e nunca mais pousaremos na Lua, nem virá outro venusiano nos visitar. Aquele besta, o Cameron, e seu imposto de renda!

Porque ele murmurou: – Vênus! Quando falaram sobre o lugar cheio de água pensei que falavam de Veneza!

ESPAÇO VITAL

Clarence Rimbro não se opunha a morar na única casa de um planeta desabitado, assim como não se opusera a qualquer dos trilhões de habitantes da Terra.

Se alguém o houvesse interrogado acerca de possíveis objeções, ele certamente teria fitado a pessoa, sem entender. Sua casa era muito maior do que qualquer casa poderia ser na Terra, propriamente dita, e muito mais moderna. Contava com seu suprimento independente de ar e abastecimento de água, muita comida nos congeladores. Achava-se isolada no planeta sem vida, sobre o qual estava presa por um campo de força, mas os aposentos tinham sido feitos em volta de uma fazenda de cinco acres (por baixo de vidro, está claro) que, à luz do sol benéfico daquele planeta, cultivava flores para o prazer da vista e legumes para a saúde. Sustentava até algumas galinhas. Proporcionava à Sra. Rimbro algo para fazer às tardes e lugar para os dois pequenos Rimbros brincarem quando estavam cansados de ficarem dentro de casa.

Ademais, se alguém quisesse estar na Terra, propriamente dita, se alguém insistisse nisso, se alguém precisasse ter pessoas em volta de si e ar para respirar no terreno aberto ou água para nadar, bastava sair pela porta principal da casa.

Onde se encontrava a dificuldade, então?

Lembremos, também, que no planeta sem vida no qual se situa a casa Rimbro havia silêncio completo, a não ser pelos efeitos monótonos e ocasionais do vento e da chuva. Reinava um retiro absoluto e a sensação de propriedade total de trezentos milhões de quilômetros quadrados de superfície planetária.

Clarence Rimbro apreciava tudo aquilo, tempos atrás. Era contador, competente no trato de modelos muito avançados de computadores, preciso em seus modos e na indumentária, não muito dado a sorrir, dono de bigode bem cuidado e corretamente ciente de seu próprio valor. Quando dirigia da cidade para casa passava pelo local

da ocasional residência na Terra propriamente dita e não deixava de olhar para lá com certa presunção.

Pois bem, quer por motivos comerciais ou perversão mental, algumas pessoas simplesmente precisavam viver na Terra propriamente dita. Uma pena para eles pois, afinal de contas, o solo da Terra propriamente dita tinha de fornecer os elementos minerais e o abastecimento alimentar básico para todo o trilhão de habitantes (em cinqüenta anos seriam dois trilhões) e o espaço tinha valor elevadíssimo. As casas na Terra propriamente dita simplesmente não podiam ser maiores do que aquilo e as pessoas que precisavam morar nelas tinham de ajustar-se a esse fato,

Até o modo de entrar na casa apresentava suave agrado. Ele entrava no ponto comunitário de rotação que lhe fora designado (e que se parecia, como todos eles, a um obelisco tosco) e ali encontrava invariavelmente outras pessoas aguardando o momento de usá-lo. Um maior número de pessoas chegava, antes dele alcançar a cabeça da fila. Era hora sociável.

– Como vai seu planeta? E o seu? – A conversinha costumeira. Às vezes alguém estaria em apuros. Panes das máquinas ou tempo ruim que alterava desfavoravelmente o terreno. Não era freqüente.

Mas isso fazia passar o tempo. Logo Rimbro estaria à frente da fila, punha sua chave na fresta, a combinação correta seria marcada e ele retorcido em um novo padrão de probabilidade; seu próprio padrão pessoal de probabilidade, o que lhe fora designado ao casar-se e tornar-se um cidadão produtor, o padrão de probabilidade em que a vida jamais se desenvolvera na Terra. E torcendo-se para essa Terra sem vida e determinada ele entrava em seu próprio saguão.

Era assim, simples.

Nunca se preocupou por estar em outra probabilidade. Por que haveria de preocupar-se? Nem sequer pensava nisso. Havia um número infinito de Terras possíveis. Cada qual existia em seu próprio nicho, com seu próprio padrão de probabilidade. Como em um planeta igual à Terra existiam, de acordo com os cálculos, cerca de cinqüenta por cento de probabilidades de formação de vida, metade de todas as Terras possíveis (ainda assim um número infinito, já que metade do infinito era o infinito, possuía vida, e metade (ainda infinito) não a possuía. E vivendo em cerca de trezentos bilhões das Terras desocupadas havia trezentos bilhões de famílias, cada qual com sua bela casa, alimentada pelo sol dessa probabilidade e cada qual muito

firme em sua paz. O número de Terras assim ocupadas crescia cada dia aos milhões.

E foi quando, um dia, Rimbro voltou para casa e Sandra (a es posa) lhe disse, ao chegar:

– Tenho ouvido um barulho muito esquisito.

As sobrancelhas de Rimbro ergueram.se em surpresa e ele e-xaminou atentamente a esposa. A não ser por certa inquietação nas mãos finas e o ar pálido ao redor dos cantos da boca ela parecia normal.

Rimbro disse, ainda segurando o capote na direção da serviçal que esperava pacientemente por isso:

– Barulho? Que barulho? Não ouço coisa alguma.

– Agora parou – explicou Sandra. – Na verdade era coisa como uma batida ou trovejar profundo. Dava para ouvir um pouco, depois parava. Depois voltava-se a ouvir, assim por diante. Nunca ouvi coisa parecida.

Rimbro entregou o capote.

– Mas isso é impossível.

– Eu ouvi.

– Vou examinar as máquinas – murmurou ele. – Talvez alguma coisa esteja errada.

Nada estava errado que seus olhos de contador pudessem descobrir e, dando de ombros, foi para a ceia. Ouviu as serviçais zumbirem, ocupadas em tarefas diferentes, observou enquanto uma varria os pratos e talheres para depois recuperá-los e disse, apertando os lábios:

– Talvez alguma das serviçais esteja desarranjada. Vou examiná-las.

– Não era nada assim, Clarence.

Rimbro foi deitar-se sem pensar mais no assunto e acordou com a mão da esposa agarrando-lhe o ombro. No mesmo instante sua mão foi mecanicamente para a faixa de contato que iluminava as paredes.

– O que se passa? Que horas são?

Ela sacudiu a cabeça.

– Escuta! Escuta!

Santo Deus, pensava Rimbro, existe mesmo um barulho. Um trovejar bem claro. Ele aparecia e sumia.

– Terremoto? – murmurou. Claro que era possível, embora, tendo todo o planeta para escolher, acreditavam estar fora das regiões atingidas.

– Por que todo o dia? – perguntou Sandra, preocupada. – Acho que é outra coisa.

E foi quando deu voz ao pavor secreto de toda dona de casa nervosa:

– Acho que existe alguém neste planeta, conosco. Esta Terra é habitada.

Rimbro fez o que era lógico. Chegada a manhã, levou a esposa e filhos para a casa da mãe. Ele próprio tirou o dia de folga e dirigiu-se imediatamente ao Gabinete de Alojamento do Setor. Estava muito amolado com tudo aquilo.

Bill Ching, do Gabinete de Alojamento, era um homem baixote, jovial e orgulhoso de sua ancestralidade parcialmente mongol. Achava que os padrões de probabilidade haviam resolvido até o último dos problemas da humanidade. Alec Mishnoff, que também trabalhava no Gabinete de Alojamento, achava que os padrões de probabilidade eram uma arapuca à qual a humanidade fora arrastada. De início se formara em arqueologia e estudara uma série de matérias antigas, com as quais sua cabeça elegantemente colocada continuava cheia. O rosto conseguia parecer sensível a despeito das sobrancelhas enormes, e vivia acalentando uma idéia favorita que até então não se atrevera a contar a ninguém, embora a preocupação com a mesma o houvesse expulsado da arqueologia, passando ao setor de alojamento.

Ching gostava de dizer: – Ao inferno com Malthus! – Era quase sua marca registrada a afirmação: – Ao inferno com Malthus. Não podemos mais superpovoar. Por mais freqüentemente que dobremos e redobremos, o homo Sapiens continua finito em número e as Terras desabitadas continuam infinitas. E não temos de pôr uma casa em cada planeta. Poderemos pôr cem, mil, um milhão. Existe muito espaço e muita força vinda de cada sol de probabilidade.

– Mais de um em um planeta? – indagou Mishnoff, azedamente.

Ching sabia exatamente a que ele se referia. Quando os padrões de probabilidade haviam sido postos inicialmente em uso, a propriedade exclusiva fora sedução poderosa junto aos primeiros colonos. Isso atraía a parte aristocrática e despótica em cada pessoa. Que homem era tão pobre, afirmava o refrão, que não possa ter um império maior do que o de Gêngis Khan? Surgir agora com a colonização múltipla afrontaria a todos.

Ching disse, dando de ombros:

– Muito bem, seria necessário a preparação psicológica. E dai? Precisou-se disso para começar tudo, logo de início.

– E o alimento? – indagou Mishnoff.

– Você sabe que estamos pondo as instalações hidropônicas e de cereais em outros padrões de probabilidade. E se for preciso podemos cultivar o solo deles.

– Usando roupas espaciais e importando oxigênio.

– Podíamos trocar o bióxido de carbono por oxigênio até que as plantas comecem a agir, e depois elas cuidarão do caso.

– Após um milhão de anos.

– Mishnoff, o seu problema – observou Ching – é que lê quantidade demasiada de antigos livros de história. Você é um obstrucionista.

Mas Ching era homem gentil demais para estar falando sério e Mishnoff continuou a ler os livros e a preocupar-se. Ansiava pelo dia em que pudesse juntar a coragem necessária para ver o Chefe da Seção e pôr à mostra, diante de todos – sem mais aquela – exatamente o que o preocupava.

Mas era agora um Sr. Clarence Rimbro quem os defrontava, suando de leve e fantasticamente raivoso pelo fato de que precisara de dois dias para chegar até aquela altura, o Gabinete.

E atingia o clímax de sua exposição, afirmando:

– E estou dizendo que o planeta é habitado, e não pretendo aturar isso.

Tendo-lhe ouvido todo o relato, Ching procurou utilizar a atitude pacificadora, dizendo:

– Ruído assim deve ser algum fenômeno natural, apenas isso.

– Que tipo de fenômeno natural? – interpelou Rimbro. – Eu quero que faça uma investigação. Se for um fenômeno natural quero saber de que espécie. Estou dizendo que o lugar é habitado. Existe vida por lá, por Deus, e não vou pagar aluguel de um planeta para dividi-lo com outros. E com dinossauros, a julgar pelo barulho que fazem.

– Ora, vamos, Sr. Rimbro, há quanto tempo que vive em sua Terra?

– Quinze anos e meio.

– E já encontrou alguma indicação de vida?

– Encontrei agora e, como cidadão com folha de produção classificada A-1, exijo que faça uma investigação.

– Está claro que investigaremos, senhor, mas podemos assegurar-lhe que tudo corre bem. O senhor sabe com que cuidado escolhe mos nossos padrões de probabilidade?

– Sou contador e faço idéia muito clara – retorquiu Rimbro no mesmo instante.

– Nesse caso deve saber que nossos computadores não podem falhar. Nunca escolhem uma probabilidade que tenha sido escolhida antes. Isso é impossível a eles. E são programados para escolherem apenas padrões de probabilidade nos quais a Terra tem uma atmosfera de bióxido de carbono, no qual a vida vegetal e, portanto, a vida animal, nunca se tenha formado. Porque se as plantas houvessem evoluído, o bióxido de carbono teria sido reduzido a oxigênio. O senhor compreende, não?

– Compreendo muito bem e não estou aqui para ouvir preleções – disse Rimbro. – De vocês eu quero uma investigação, nada mais que uma investigação. É bastante humilhante pensar que esteja dividindo meu mundo, meu próprio mundo, com uma coisa ou outra, e não vou aturar isso.

– Não, claro que não – respondeu Ching, evitando o olhar sardônico de Mishnoff. – Estaremos lá antes do anoitecer.

Seguiram para o ponto de rotação com equipamento total.

Mishnoff disse:

– Quero perguntar-lhe uma coisa. Por que você se dedica a essa rotina de "não precisa preocupar-se, senhor"? Eles sempre se preocupam, não adianta. De que lhe serve isso?

– Preciso tentar. Eles não deviam se preocupar – retorquiu Ching, petulante. – Já ouviu falar em um planeta de bióxido de carbono que fosse habitado? Rimbro, ademais, é desse tipo que dá início aos boatos. Eu percebo gente assim. À altura que ele tenha acabado, por receber incentivo, dirá que seu sol tornou-se uma nova.

– Isso acontece às vezes – observou Mishnoff.

– E então? Uma casa é eliminada e uma família morre. Veja só, você é um obstrucionista. Nos tempos antigos, aqueles tempos de que você gosta, se houvesse uma inundação na China ou em algum lugar, milhares de pessoas morriam. E isso em uma população com apenas um ou dois bilhões.

Mishnoff murmurava:

– Mas como sabe que o planeta de Rimbro não tem vida?

– Atmosfera de bióxido de carbono.

– Mas suponhamos...

Não adiantava. Mishnoff não conseguia dizê-lo. Encerrou a frase de qualquer maneira: – Suponhamos que a vida vegetal e animal possa formar-se, capaz de viver de bióxido de carbono.

– Nunca foi observado.

– Em número infinito de mundos, qualquer coisa pode acontecer – e ele encerrou isso murmurando. – Tudo precisa acontecer.

– As possibilidades são uma em um duodecilhão. – Observou Ching, dando de ombros.

Chegaram ao ponto de rotação e, tendo utilizado o ponto de rotação para seu veículo (sendo assim enviados à área de armazenamento de Rimbro), entraram também no padrão de probabilidade Rimbro. Primeiro Ching, depois Mishnoff.

– Bela casa – comentou Ching, satisfeito. – Modelo muito bom. Bom gosto.

– Está escutando alguma coisa? – perguntou Mishnoff.

Ching seguiu para o jardim.

– Ei – gritou de lá. – Galinhas Rhode Island!

Mishnoff foi ter lá, fitando o teto de vidro. O sol se parecia àquele de um trilhão de outras Terras.

Distraído, comentou:

– Podia haver vida vegetal, começando. O bióxido de carbono podia estar começando a cair em concentração. O computador não saberia.

– E seriam necessários milhões de anos para que a vida animal começasse, e muitos outros milhões para que saísse do mar.

– Esse padrão não precisa ser seguido.

Ching estendeu o braço, passou-o pelo ombro do companheiro.

– Você está cismado. Um dia vai me contar o que realmente o apoquenta, em vez de insinuar, e haveremos de endireitá-lo.

Mishnoff deu de ombros, livrando-se do braço que o envolvia com uma careta de amolação. A tolerância de Ching era sempre difícil de suportar. Começou a dizer:

– Não vamos psicoterapeutizar... – e se interrompeu, continuou em seguida: – Escute.

Havia o trovejar distante. Novamente.

Colocaram o sismógrafo no centro do aposento e ativaram o campo de força que penetrava chão abaixo, fixando-o rigidamente à rocha no fundo. Observaram enquanto a agulha trêmula registrava os choques.

Mishnoff disse:

– Apenas ondas superficiais. Muito superficiais. Não é coisa subterrânea.

Ching parecia um pouco mais desalentado.

– O que é, então?

– Acho melhor descobrirmos – e o rosto de Mishnoff estava cinzento de tanta apreensão. – Vamos ter de instalar um sismógrafo em outro lugar e obter uma medida do foco de perturbação.

– Está claro – disse Ching. – Eu sairei com o outro sismógrafo. Você fica aqui.

– Não – disse Mishnoff com energia. – Eu vou sair. Sentia-se apavorado mas não lhe restava escolha. Se aquilo fosse o que esperava, estaria preparado. Emitiria um aviso. A saída de Ching, que de nada suspeitava, constituiria verdadeiro desastre. Tampouco podia advertir Ching, que certamente não acreditaria nele.

Mas como Mishnoff não tinha têmpera de herói, tremia ao entrar na roupa de oxigênio e achou difícil encontrar a chave ao tentar desmanchar localmente o ponto de força para libertar a saída de emergência.

– Algum motivo pelo qual você quer ir? – perguntou Ching, observando a falta de jeito do companheiro. – Eu posso ir.

– Tudo bem, vou sair – anunciou Mishnoff, com a garganta seca, e passou para a comporta que dava para a superfície de uma Terra sem vida. Uma Terra presumivelmente sem vida.

A visão não lhe era desconhecida. Ele vira aquilo dezenas de vezes. Rocha nua, trabalhada pelo intemperismo, amassada e reduzida a pó com areia nas gargantas; um riacho pequeno e cantarolante que se esbatia no curso de pedra. Tudo marrom e cinzento, sem qualquer sinal de verde. Nenhum som de vida.

Mas o sol era o mesmo e, ao cair da noite, as constelações seriam as mesmas.

A situação da moradia ficava naquela região em que a Terra propriamente dita se chamaria de Labrador. (Também era Labrador ali, na verdade. Fora calculado que, em não mais de uma entre um quatrilhão de Terras, surgissem alterações sensíveis na formação geológica. Os continentes eram reconhecíveis por toda a parte, até os menores detalhes.)

A despeito da situação e da época do ano, que era outubro, a temperatura se mostrava viscosamente quente devido ao efeito de estufa do bióxido de carbono na atmosfera morta daquela Terra.

Dentro da roupa e olhando pelo visor transparente, Mishnoff observava aquilo sombriamente. Se o epicentro do ruído estivesse próximo e o ajuste do segundo sismógrafo a quilômetro e meio de distância, mais ou menos, seria o bastante para a leitura. Se não fosse, teriam de trazer um veículo aéreo. Bem, era então uma questão de procurar inicialmente a complicação menor.

De modo metódico ele seguiu por uma encosta rochosa. Uma vez lá em cima poderia escolher o local.

Chegado ao topo, bufando e sentindo o calor desagradabilíssimo, verificou que não era necessário.

O coração batia de tal maneira que quase não conseguia ouvir sua própria voz enquanto berrava no microfone de rádio:

– Ei, Ching, aqui temos uma construção sendo feita.

– O quê? – veio o grito de espanto a seus ouvidos.

Não havia como enganar-se. O terreno estava sendo nivelado, máquinas funcionavam. Rochas eram dinamitadas.

Mishnoff gritou:

– Estão dinamitando. O ruido é esse.

Ching retorquiu da distância:

– Impossível! O computador jamais escolheria duas vezes o mesmo padrão de probabilidade. *Não pode ser*.

– Você não entende – começou Mishnoff a dizer.

Mas Ching acompanhava os seus próprios processos mentais.

– Vá até lá, Mishnoff. Eu também já vou.

– Não, com os diabos. Você ficará aí – gritou Mishnoff, cheio de alarme. – Mantenha contato de rádio comigo e, pelo amor de Deus, esteja pronto a partir para a Terra propriamente dita, o mais depressa que puder, se eu avisar.

– Por quê? – interpelou Ching. – O que se passa?

– Ainda não sei – disse Mishnoff. – Dê-me a oportunidade de descobrir.

Para sua própria surpresa, notou que os dentes estavam batendo.

Lançando imprecações ao computador, aos padrões de probabilidade e à necessidade insaciável de espaço vital para mais de um trilhão de seres humanos que se expandiam como uma nuvem de fumaça, Mishnoff escorregou e deslizou pelo outro lado da encosta, pondo pedras a rolar e criando ecos especiais.

Um homem veio recebê-lo, trajando roupa à prova de gás, diferente em muitas coisas da roupa de Mishnoff mas claramente destinada ao mesmo fim – levar oxigênio aos pulmões.

Mishnoff arquejou sem fôlego em seu microfone:

– Calma aí, Ching, um homem se aproxima. Mantenha contato – sentia o coração bater com mais facilidade e os foles dos pulmões trabalharem menos.

Os dois homens se entreolharam. O outro era louro e de rosto muito áspero. A expressão de surpresa que exibia era grande demais para ser fingida.

Disse, em voz áspera:

– *Wer sind Sie? Was machen Sie Hier?*

Mishnoff teve a impressão de ser fulminado por um raio. Estudara alemão antigo por dois anos, nos dias em que contara ser arqueólogo, e entendeu a pergunta a despeito do fato de que a pronúncia não era o que lhe tinham ensinado. O estranho pedia sua identidade e queria saber o que fazia por ali.

Gaguejou, estupidamente: – *Sprechen Sie Deutsch*? – e depois teve de traduzir as palavras para Ching, cuja voz agitada no fone exigia explicações sobre aquelas palavras desconhecidas.

Aquele que falava alemão não respondeu diretamente. Repetiu – Wer sind Sie – e aduziu com impaciência – *Hier ist für einen verrückten Spass keine Zeit.*

Mishnoff também não via piada alguma, ainda mais uma piada tola, mas prosseguiu: – *Sprechen Sie Planetisch?*

Não sabia como dizer “Língua Padrão Planetária” em alemão,`de modo que tinha de adivinhar. Tarde demais percebeu que devia ter se referido a ela em inglês.

O outro homem fitou-o com olhos arregalados.

– *Sind Zie wahnsinnig?*

Mishnoff quase aceitava aquilo, mas em débil defesa de si próprio afirmou:

– Não sou biruta, com os diabos. Quis dizer – *Auf der Erde woher Sie Gekom...*

Desistiu de falar alemão, mas a nova idéia que estralejava em seu crânio não parava de perturbá-lo. Tinha de descobrir algum meio de pô-la á prova e disse, cheio de desespero:

– *Welches ,Jahr ist es Jetzt?*

Era de presumir que o desconhecido, que já punha em dúvida sua sanidade mental, convencer-se-ia da loucura de Mishnoff, agora que o mesmo perguntava em que ano estavam, mas era uma pergunta para a qual Mishnoff conhecia alemão bastante.

O outro murmurou alguma coisa que pareceu-se muitíssimo a bons palavrões em alemão e depois explicou:

– *Es ist doch zwei tausend drei hundert vier-und-sechzig, und warum...*

A torrente de alemão que se seguiu foi inteiramente incompreensível para Mishnoff, mas de qualquer modo ele já tinha o bastante para satisfazer, por enquanto. Se traduzia o alemão corretamente o ano dado fora de 2364, o que correspondia acerca de 2000 anos no passado. Como era possível?

Ele murmurou:

– *Zwei tausend drei hundert vier-und sechzig?*

– *Ja, Ja* – disse o outro, cheio de sarcasmo. – *Zwei tausend drei hundert vier-und-sechzig. Der ganze Jahr lang ist es so gewesen.*

Mishnoff deu de ombros. A afirmação de que tinha sido assim por todo aquele ano era uma piada das mais fracas, mesmo em alemão e não adquiria melhor cor ao ser traduzida. Ficou a pensar.

Com o tom de ironia a se acentuar, aquele que falava alemão prosseguiu:

– *Zwei tausend drei hundert vier-und-sechzig nach Hitler. Hilft das Ihnen Welleicht? Nach Hitler!*

Mishnoff berrou de prazer.

– Isso me ajuda. *Es hilft! Hõren Sie, bitte..* – e passou a falar em alemão entrecortado e entremeado de fragmentos de Linguagem Planetária: – Pelo amor de Deus, um Gottes willen...

O ano de 2364 após Hitler era coisa inteiramente diferente. Ele juntava as palavras em alemão, desesperado, tentando explicar.

O outro fechou a cara e se pôs pensativo. Ergueu a mão enluvada para afagar o queixo ou fazer um gesto equivalente, bateu no visor transparente que cobria o rosto e deixou a mão ali, inútil, enquanto pensava.

De repente disse:

– *Jch heiss George Fallenby.*

A Mishnoff pareceu que o nome devia ser de origem anglo-saxônica, embora a mudança em forma vogal, pronunciada pelo outro, o fizesse parecer teutônico.

– *Guten Tag* – disse Mishnoff, desajeitado. – *Jch heiss Alec Mishnoff* – e percebeu de repente a origem eslava de seu nome.

– *Kommen Sie mit mir, Herr Mishnoff*– disse Fallenby.

Mishnoff o acompanhou com sorriso constrangido, murmurando em seu transmissor:

– Está tudo certo, Ching, está tudo certo.

De volta à Terra propriamente dita, Mishnoff defrontou-se com o Chefe de Gabinete de Setor, que envelhecera no Serviço e em quem todos os cabelos brancos davam a entender um problema enfrentado e solucionado, e em quem todos os cabelos que faltavam mostravam um problema evitado. Era homem cauteloso, os olhos ainda brilhantes e dentes que ainda eram os seus. Chamava-se Berg.

Sacudia a cabeça.

– E falam alemão; mas o alemão que você estudou tinha dois mil anos de idade.

– Verdade – confirmou Mishnoff. – Mas o inglês que Hemingway usou tem dois mil anos de idade e o Planetário se aproxima o bastante para qualquer pessoa poder ler.

– Muito bem. E quem é esse Hitler?

– Uma espécie de chefe tribal, em tempos antigos. Levou a tribo alemã a uma das guerras do século XX, mais ou menos quando principiou a Era Atômica e começou a verdadeira história.

– Antes da Devastação, é o que diz? -

– Certo. Houve uma série de guerras na ocasião. Os países anglo-saxões venceram e acho que é este o motivo pelo qual a Terra fala Planetário.

– E se Hitler e seus elementos houvessem ganho, o mundo estaria falando alemão?

– Eles ganharam na Terra de Fallenby, senhor, e falam alemão.

– E marcam as datas “após Hitler” em vez de A.C.?

– Certo. E acredito que exista uma Terra em que as tribos eslavas venceram e todos falem russo.

- De algum modo – comentou Berg – parece-me que devíamos ter previsto isso e no entanto, até onde sei, ninguém previu. Afinal de contas, existe um número infinito de Terras habitadas, e não podemos ser a única que resolveu solucionar o problema da população ilimitada expandindo-se para os mundos da probabilidade.

– É exatamente isso – confirmou Mishnoff, aflito – e a mim parece que, pensando bem, devem haver Terras habitadas incontáveis fazendo isso, e devem haver muitas preocupações múltiplas nos trezentos bilhões de Terras que nós mesmo ocupamos. O único motivo pelo qual pegamos esta é que, por mera casualidade, eles resolveram construir a menos de dois quilômetros da morada que ali colocamos. É algo que precisamos verificar.

– Você dá a entender que devemos vasculhar todas as nossas Terras.

– É fato, senhor. Precisamos fazer algum acordo com outras Terras habitadas. Afinal de contas, existe lugar para todos nós e expandir sem acordo pode resultar em todos os tipos de encrencas e conflitos.

– Sim – concordou Berg, pensativo. – Acho que tem razão.

Clarence Rimbro olhava desconfiadamente para o rosto idoso de Berg, rosto esse que agora se enrugava em todos os tipos de benevolência.

– Tem certeza, agora?

– Total – disse o Chefe de Gabinete. – Sinto muito que o senhor tenha de aceitar alojamento temporário nas duas últimas semanas...

– A mim parece que são três.

– ... três semanas, mas receberá uma compensação.

– Que barulho era aquele?

– Puramente geológico, senhor. Uma rocha se achava em equilíbrio delicado e, com o vento, fazia contato ocasional com as rochas da encosta. Nós a retiramos e examinamos a região para termos a certeza de que nada mais voltará a acontecer nesse sentido.

Rimbro apanhou o chapéu e disse:

– Bem, obrigado pelo trabalho que teve.

– Não precisa agradecer, posso assegurar-lhe, Sr. Rimbro. Estamos aqui para isso.

Alguém acompanhou Rimbro até a saída e Berg voltou-se para Mishnoff, que era espectador silencioso desse encerramento do caso Rimbro.

Berg disse:

– Os alemães foram muito camaradas, afinal. Reconheceram que tínhamos prioridade e partiram. Existe lugar para todos, foi o que disseram. Está claro que, como verificamos, eles constroem qualquer número de moradas em cada mundo desocupado... E existe agora o projeto de fazer o levantamento de nossos outros mundos e entrar em acordos semelhantes com quem encontrarmos por lá. Tudo isso é rigorosamente confidencial. Não pode ser levado ao conhecimento da população sem muitos preparativos... Mesmo assim nada disto é assunto sobre o qual quem lhe falar.

– Oh? – disse Mishnoff. Os acontecimentos não o haviam animado muito. Sua própria preocupação ainda o atormentava.

Berg sorriu para o homem mais jovem.

– Você entende, Mishnoff, no Gabinete e no Governo Planetário precisamos muito do seu raciocínio rápido, sua compreensão da situação. O que houve podia ter se tornado, algo muito trágico, não fosse pela sua presença. Essa apreciação vai ser manifestada de algum modo tangível.

– Obrigado, senhor.

– Mas, como lhe disse antes, isto é algo em que muitos de nós deviam ter pensado. Como foi que você pensou?... Também, examinamos um pouco seus antecedentes. O seu colega, Ching, nos diz que você deu a entender no passado a existência de algum perigo sério envolvido em nosso arranjo de padrão de probabilidade e que você insistiu em sair para encontrar-se com os alemães, embora estivesse claramente assustado. Você contava com o que encontrou, não é? E como foi que aconteceu?

Mishnoff estava confuso.

– Não, não. Eu não pensava nisso, em absoluto. Foi uma surpresa. Eu...

E, de repente, preparou-se. Por que não agora? Eles estavam reconhecidos ao que fizera. Tinha provado ser um homem que precisava ser levado em conta. Uma coisa inesperada já acontecera.

Ele disse, com firmeza:

– Há algo mais?

– Sim?

(Como se começava?)

- Não existe vida no Sistema Solar além daquela na Terra.

– Isso mesmo – concordou Berg, cheio de benevolência.

– E as computações afirmam que as probabilidades de surgir qualquer forma de viagem interestelar são tão pequenas que se mostram infinitesimais.

– Onde quer chegar?

– Tudo isso é assim nesta probabilidade! Mas devem haver alguns padrões de probabilidade em que outra vida existe no Sistema Solar ou na qual as propulsões interestelares são aperfeiçoadas pelos moradores em outros sistemas estelares.

Berg fechou a cara, mas concordou:

– Teoricamente .

– Numa dessas probabilidades a Terra pode ser visitada por tais inteligências. Se fosse um padrão de probabilidade no qual a Terra é habitada, tal não nos afetaria; eles não teriam ligação alguma conos-

co na Terra propriamente dita. Mas se fosse um padrão de probabilidade no qual a Terra estivesse desabitada e eles instalassem algum tipo de base, poderiam encontrar, por coincidência, um de nossos lugares de morada.

– Por que nosso? – interpelou Berg, secamente. – Por que não um lugar de morada dos alemães, por exemplo?

– Por que nós situamos nossas moradas, uma para cada mundo. A Terra alemã não o faz. Provavelmente pouquíssimos outros o fazem. As possibilidades são a nosso favor em bilhões contra um. E se os extraterrestres encontrarem tal morada investigarão e descobrirão o caminho para a Terra propriamente dita, um mundo altamente desenvolvido e rico.

– Não se desligarmos o ponto de rotação – disse Berg.

– Depois de saberem que existem os pontos de rotação, podem construir os deles – disse Mishnoff. – Uma raça com inteligência suficiente para viajar pelo espaço poderia fazê-lo e a partir do equipamento na morada eles poderiam prosseguir, encontrar com facilidade nossa própria probabilidade... E neste caso enfrentaríamos os extraterrestres? Eles não são alemães, nem outras Terras. Teriam psicologias e motivações alienígenas. E nem sequer estamos em guarda. Não paramos de instalar um número cada vez maior de mundos e a aumentar a possibilidade, a cada dia, de que...

Sua voz alçara em agitação e Berg gritou-lhe:

– Bobagens. Tudo isso é ridículo...

A campainha se fez ouvir e a comuniplaca acendeu-se, surgiu o semblante de Ching. E a voz dele dizia:

– Sinto interromper, mas...

– O que é? – interpelou Berg, mal-educado.

– Temos aqui uru homem e não sabemos o que fazer. Está bêbado ou louco. Queixa-se que a casa dele está cercada e que existem coisas olhando pelo teto de vidro de seu jardim.

– Coisas? – gritou Mishnoff.

– Coisas purpúreas, com veias vermelhas e grandes, três olhos e algum tipo de tentáculo, em vez de cabelo. Eles têm...

Mas Mishnoff e Berg não ouviram o resto. Entreolhavam-se, apavorados.

A MENSAGEM

Bebiam cerveja e rememoravam, como homens que se encontraram após prolongada separação. Recordavam os dias em que haviam estado sob fogo. Lembravam-se de sargentos e de pequenas, exagerando em ambos os casos. Coisas mortíferas tomavam-se bem-humoradas ao serem vistas em retrospecto e banalidades a que não tinham dado atenção por dez anos eram agora trazidas à baila e areja das.

Incluindo, naturalmente, o mistério perene.

– Como você explica aquilo? – perguntou o primeiro. – Quem começou?

O segundo deu de ombros.

– Ninguém começou. Todo mundo fazia isso, como se fosse uma doença. Você também, eu acho.

O primeiro deu uma risadinha.

O terceiro disse maciamente:

– Eu nunca vi graça naquilo. Talvez porque tenha encontrado pela primeira vez quando estava sob fogo também pela primeira vez. África do Norte.

– Verdade? – perguntou o segundo.

– A primeira nas praias de Oran - Eu procurava cobertura, corri na direção de um barraco nativo e vi aquilo à luz de uma labareda...

George delirava de felicidade. Mais dois anos de burocracia e ele finalmente regressava ao passado. Agora podia completar sua monografia sobre a vida social de soldados da infantaria da Segunda Guerra Mundial, apresentando alguns detalhes autênticos.

Egresso da sociedade pacifista e insípida do século XXX, encontrava-se por um momento cheio de glória no drama carregado e superlativo do belicoso século XX.

África do Norte! Local da primeira grande invasão pelo mar, naquela guerra! Como os físicos temporais haviam esquadrinhado a região procurando o local perfeito e o momento! Essa sombra de um

edifício vazio e feito de madeira era o local. Nenhum ser humano se aproximaria por determinado número de minutos. Nenhuma explosão viria afetá-la seriamente dessa vez. Estando ali, George não afetaria a história, seria aquele ideal do físico temporal, o "observador puro".

A coisa era melhor ainda do que imaginara. Lá estava o estrondo perpétuo da artilharia, lá estava o rugido invisível dos aeroplanos sobrevoando o local. Viam-se linhas periódicas de projéteis luminosos varrendo o céu e o brilho ocasional e fantasmagórico de labaredas caindo.

E ele estava ali! Ele, George, fazia parte da guerra, parte de um tipo de vida cheio de pavor e que desaparecera para sempre do mundo do século XXX, século que se amestrava, tomara-se gentil.

Imaginava ver as sombras de uma coluna de soldados a avançar, ouvia os monossílabos cautelosos e em voz baixa que trocavam entre si. Como ansiava por ser um deles na verdade, e não apenas um simples intruso momentâneo, um "observador puro"...

Parou em suas notações e fitou o estilete com que escrevia, hipnotizado momentaneamente por sua microluz. A idéia repentina o avassalava e ele olhou para a madeira em que encostava o ombro. Aquele momento não podia passar esquecido para a história. O que faria não podia afetar coisa alguma, com certeza. Usaria o dialeto inglês mais antigo e não haveria qualquer desconfiança.

Agiu com rapidez e espiou, então, um soldado que corria desesperadamente para a construção, esquivando-se a uma rajada de balas. George sabia que o homem estava liquidado e nesse exato momento descobriu-se de volta ao século XXX.

Não importava, pois naqueles poucos minutos ele participara da Segunda Guerra Mundial. Desempenhara um papel pequeno, porém um papel. E outros saberiam disso. Talvez não soubesse que sabiam, mas alguém talvez repetisse a mensagem a si próprio.

Alguém, talvez aquele homem que corria à procura de abrigo, leria e saberia que juntamente com todos os heróis do século XX estivera o "observador puro", o homem vindo do século XXX, George Kilroy. Ele estivera lá!

SATISFAÇÃO GARANTIDA

Tony era alto e moreno, bem apessoado, com aspecto inacreditavelmente aristocrata marcando-se em todos os traços de sua expressão imutável e Claire Belmont o fitava pela rachadura da porta, com um misto de horror e desalento.

– Não posso, Larry. Não posso aceitá-lo na casa.

Febrilmente ela vasculhava a mente paralisada, procurando um modo mais positivo de dizê-lo, um modo que fizesse sentido e resolvesse a questão, mas só conseguia encerrar pela repetição simples:

– Bem, não posso!

Larry Belmont olhava rigidamente para a esposa e havia aquela centelha de impaciência em seus olhos, a centelha que Claire detestava perceber, pois ali via sua própria incompetência espelhada.

– Estamos comprometidos, Claire – observou ele – e você não pode recuar agora. A companhia vai mandar-me para Washington nessa base e isso deve representar uma promoção. É coisa perfeitamente garantida e você sabe. Por que não concorda?

Ela fazia caretas, Indefesa.

– É que fico com medo. Não poderia agüentá-lo.

– Ele é tão humano quanto você ou eu, quase. Assim sendo, parece tolice. Venha, trate de sair.

Ele tinha a mão nas costas dela, empurrando, e Claire foi levada para sua própria sala de visitas, tremendo. Aquilo estava lá, fitando-a com educação precisa, como se avaliasse a sua anfitriã das três semanas seguintes. A Dra. Susan Calvin também se achava presente, sentada rigidamente e imersa em abstração, os lábios apertados. Ostentava o olhar frio e distante de alguém que trabalhou com máquinas por tanto tempo que uma parte do aço tivera ingresso em seu sangue.

– Olá – balbuciou Claire em cumprimento geral e pouquíssimo eficaz.

Larry, contudo, vinha salvar a situação com alegria falsa:

– Aqui, Claire, quero que conheça Tony, um grande sujeito. Esta é minha esposa, Claire, meu chapa Tony. – E a mão de Larry foi colocar-se amistosamente no ombro de Tony, mas este permaneceu sem expressão e sem reação ao contato. Disse:

– Como vai, Sra. Belmont?

E Claire deu um salto ao ouvir a voz de Tony. Era profunda e suave, macia como os cabelos em sua testa ou a pele em seu rosto.

Não pode evitar a exclamação:

– Ora, que coisa... você fala.

– E por que não? Julgava que eu não falasse?

Claire só pode sorrir debilmente, em resposta. Não sabia com certeza o que contara encontrar. Desviou o olhar e deixou que ele deslizasse com suavidade para o canto do olho. Os cabelos dele eram lisos e negros, como plástico polido – ou seria realmente feito de fios separados? E aquela pele lisa e cor de oliva de suas mãos e rosto continuava além da obstrução da roupa em feitio preciso?

Ela se perdeu nessas conjecturas trêmulas e teve de obrigar seus pensamentos a voltarem ao local para ouvir a voz sem emoção e monótona da Dra. Calvin.

– Sra. Belmont, espero que perceba a importância dessa experiência. Seu marido me diz que lhe deu parte dos antecedentes. Gostaria de dar-lhe mais, como psicóloga chefe da Companhia de Robôs e Homens Mecânicos dos EUA.

Passou então a explicar:

– Tony é um robô e sua designação real nos arquivos da companhia é TN-3, mas responderá se o chamarem de Tony. Não é um monstro mecânico, nem apenas uma máquina de calcular do tipo que foi aperfeiçoado durante a Segunda Guerra Mundial, há cinqüenta anos. Tem um cérebro artificial quase tão complexo como o nosso. É uma imensa central telefônica em escala atômica, de modo que bilhões de "ligações telefônicas" possíveis podem ser colocadas em um instrumento que se ajuste dentro de um crânio.

Curta pausa e ela prosseguia:

– Tais cérebros são fabricados sob medida para cada modelo de robô. Cada um deles contém conjunto precalculado de ligações, de modo que cada robô conhece a língua inglesa, pan começar, e bastante de tudo o mais que possa ser necessário para executar o trabalho a que se destina.

Ela dizia mais:

– Até agora a Companhia de Robôs restringiu sua atividade fabril a modelos industriais, para uso em locais onde a mão de obra humana não é econômica... em minas profundas, por exemplo, ou trabalhos submarinos. Mas queremos invadir a cidade e os lares. Para fazê-lo precisamos levar o homem e a mulher comuns a aceitarem estes robôs sem qualquer medo. A senhora compreende que nada existe de que ter medo.

– Não existe, Claire – interveio Larry, aflito. – Pode acreditar no que digo. É impossível a ele fazer qualquer malefício. Você sabe que eu não a deixaria com ele se fosse de outra maneira.

Claire lançou um olhar rápido e secreto a Tony e baixou a voz.

– E se eu o enraivecer?

– Não precisa cochichar – disse a Dra. Calvin, cheia de calma.

– Ele *não* pode ficar com raiva da senhora, acredite. Eu lhe disse que a central de ligações em seu cérebro foi predeterminada. Muito bem, a ligação mais importante de todas é aquela a que chamamos "A Primeira Lei da Robótica", é simplesmente a seguinte: "Nenhum robô pode fazer mal a um ser humano ou, deixando de agir, permitir que um ser humano seja prejudicado". Todos os robôs são feitos assim. Nenhum deles pode ser obrigado de modo algum a causar malefício a qualquer ser humano. Assim sendo, dá para ver que precisamos da senhora e de Tony como experiência preliminar para nossa própria orientação, enquanto seu marido se encontra em Washington para providenciar os testes legais supervisionados pelo governo.

– Quer dizer que tudo isto não é legal?

Larry pigarreou.

– Ainda não, por enquanto, mas está tudo bem. Ele não sairá da casa e você não deve permitir que qualquer pessoa o veja. É tu do... e Claire, eu ficaria com você, mas conheço demais os robôs. Precisamos de alguém sem a menor experiência em testes, de modo a podermos verificar as condições mais sérias. É preciso.

– Oh, muito bem – resmungou Claire e logo, como se o pensamento lhe ocorresse no momento: – Mas o que ele faz?

– Cuida da casa – explicou atenciosamente a Dra. Calvin. Levantou-se para sair e foi Larry quem a levou à porta da frente. Claire ficou para trás, receosa. Teve um vislumbre de si mesma no espelho acima da lareira e arredou logo o olhar, Estava muito cansada de seu rosto pequenino e cabelos sem graça e sem imaginação. Foi quando percebeu o olhar de Tony a fitá-la e quase sorriu antes de lembrar-se.,.

Ele era apenas uma máquina.

Larry Belmont estava a caminho do aeroporto quando teve um relance de Gladys Claffern. Era o tipo de mulher feita para ser vista de relance... Perfeita e precisamente fabricada, vestida com muito bom gosto, bela e vislumbrante demais para que a olhassem prolongadamente.

O pequeno sorriso que a antecedia e o leve odor que deixava para trás eram como dois dedos a chamar. Larry sentiu que suas passadas afrouxavam, levou a mão ao chapéu e apressou os passos.

Via-se mais uma vez acometido por aquela vaga sensação de raiva. Se Claire, ao menos, pudesse abrir caminho até o grupo Claffern, seria uma grande ajuda. Mas de que adiantava?

Claire! Nas poucas vezes em que a esposa estivera diante de Gladys, a imbecil não conseguira falar. Ele não alimentava ilusão alguma. A prova com Tony era sua grande oportunidade e se achava em mãos de Claire. Estaria muito mais seguro se estivesse nas mãos de alguém como Gladys Claffern.

Claire acordou na segunda manhã, ao som de uma batida leve à porta do quarto. Sua mente estrugiu, regelou-se em seguida. Ela evitara Tony durante o primeiro dia, sorrira amarelo ao encontrá-lo e passara por ele com um ruído inarticulado de desculpas.

– É você... Tony?

– Sim, Sra Belmont. Posso entrar?

Ela devia ter dito que sim, porque ele entrara no quarto, de repente e sem ruído. Os olhos e nariz de Claire perceberam ao mesmo tempo a bandeja que ele trazia.

– Desjejum? – perguntou.

– Se quiser.

Ela não se atreveria a recusar, de modo que sentou-se devagar na cama e o recebeu: ovos quentes, torrada com manteiga, café.

– Eu trouxe o açúcar e o creme em separado – explicou Tony. – Espero ficar sabendo qual sua preferência nisto e em outras coisas, com o tempo.

Ela esperou.

Tony, em pé, desempenado e flexível como régua de metal, perguntou depois de momentos:

– A senhora prefere comer sozinha?

– Sim... Quer dizer, se você não se importa.

– Precisa de ajuda mais tarde, para se vestir?

– Ora, que coisa, não! – e ela agarrou-se freneticamente ao lençol, de modo que o café quase tombou. Continuou assim, rígida, depois voltou a afundar-se no travesseiro quando a porta se fechou e Tony desapareceu da vista.

De algum modo deu conta do desjejum... Ele era apenas uma máquina e se fosse um pouco mais fácil de percebê-lo a coisa não seria tão assustadora. Como se a expressão fisionômica pudesse mudar. Ela permanecia sempre a mesma, imutável. Não dava para saber o que se passava atrás daqueles olhos escuros e a matéria lisa e cor de oliva de que era feita a pele. Á xícara de café pareceu-se a uma castanhola batendo de leve, por momentos, quando ela a recolocou, esvaziada, na bandeja.

Foi quando compreendeu que havia esquecido de pôr açúcar e creme, e o café puro era coisa que detestava.

Seguiu em linha reta e furiosa do quarto à cozinha, após vestir-se. Afinal de contas a casa era dela e mesmo sem ser exigente gostava que a cozinha estivesse arrumada. Ele devia ter esperado por ordens...

Ao entrar na cozinha, todavia, encontrou-a tão limpa e a arrumada que parecia recém-chegada da fábrica.

Estacou, olhou, girou sobre os calcanhares e quase esbarrou em Tony. Ela gritou.

– Posso ajudar? – perguntou ele

– Tony – e do pânico que sentia ela tirou a raiva. – Você precisa fazer algum barulho quando caminha. Não quero que fique me a-companhando, sabe?... Você não usou esta cozinha?

– Usei, Sra. Belmont.

– Mas não parece.

– Limpei depois de usar, não é o costume?

Claire arregalou os olhos. Afinal de contas o que podia responder? Abriu o compartimento do forno onde ficavam as panelas, lançou uma olhada rápida ao brilho metálico lá dentro e disse, trêmula:

– Muito bom. Inteiramente satisfatório.

Se, naquele momento, ele houvesse sorrido, se houvesse demonstrado facialmente satisfação, se houvesse movido o canto da boca um pouquinho que fosse, ela poderia tratá-lo melhor. Mas ele continuava a ser um lorde inglês em repouso, ao dizer:

– Obrigado, Sra. Belmont. Quer ir para a sala de estar?

Ela o fez e notou no mesmo instante:

– Você lustrou os móveis?

– Acha satisfatório, Sra. Belmont?

– Mas quando? Você não o fez ontem.

– Ontem à noite, é claro.

– Ficou com as lâmpadas acesas toda a noite?

– Oh, não. Não seria preciso. Tenho uma fonte de ultravioleta. Posso ver em ultravioleta e, naturalmente, não preciso dormir.

Ele precisava de admiração, no entanto. Claire percebeu isso, no momento. Ele tinha que saber que a estava agradando, mas Claire não conseguia levai-se a proporcionar-lhe tal prazer.

Só pôde dizer, azeda:

– A sua espécie vai acabar com o trabalho das donas de casa.

– Existe trabalho de importância muito maior que elas podem fazer neste mundo, depois de estarem livres dos afazeres domésticos. Afinal de contas, Sra. Belmont, coisas como eu podem ser fabricadas, mas nada pode imitar a capacidade de criação e a versatilidade de um cérebro humano como o seu.

Embora o rosto de Tony não desse a menor Indicação, sua voz se enchia calidamente de admiração e espanto, de modo que Claire enrubesceu e murmurou:

– O meu cérebro! Você pode ficar com ele.

Tony aproximou-se um pouco e disse:

– A senhora deve estar infeliz para dizer uma coisa assim. Existe algo que eu possa fazer?

Por momentos Claire sentiu vontade de rir. Era mesmo uma situação ridícula. Ali estava um limpador de tapetes em forma humana, lavador de pratos, lustrador de móveis, factótum geral, saído da fábrica, a oferecer serviços de consolador e confidente.

Ela disse de súbito, em explosão de voz e pesar:

– O Sr. Belmont não acredita que eu tenha um cérebro, já que você quer saber... E acho que não tenho mesmo.

Não podia chorar na frente dele e sentia, por algum motivo, que devia preservar a honra da raça humana diante daquele simples artefato.

– Foi ultimamente – aduziu. – Tudo andava bem quando ele era estudante, quando estava começando. Mas eu não posso ser a esposa de um homem importante, e ele vai ser homem importante. Quer que eu seja boa anfitriã e um meio de ingresso na vida social, para ele, como... bem... bem... Gladys Claffern.

Seu nariz estava vermelho e ela desviou o olhar.

Tony, no entanto, não a observava. Os olhos dele percorriam o aposento.

– Posso ajudá-la a cuidar da casa.

– Mas não adianta – contrapôs ela, com calor. – A casa precisa de um toque que não sei dar. Só posso torná-la confortável, nunca saberei torná-la igual ao tipo de casa que aparece nas fotografias das revistas.

– E a senhora deseja esse tipo de casa?

– De que adianta... querer?

Tony voltara a cravar os olhos nela.

– Posso ajudar.

– Você sabe alguma coisa de decoração de interiores?

– É algo que um bom zelador de casa deve saber?

– Claro que sim.

– Nesse caso tenho possibilidades de aprender. A senhora me arranja os livros sobre o assunto?

Foi quando algo começou.

Claire agarrava-se ao chapéu, contra as liberdades que o vento estava tomando, e conseguira retirar dois grandes volumes sobre artes domésticas, na biblioteca pública. Ficou a observar Tony enquanto este abria um dos livros e passava as páginas. Era a primeira vez que via os dedos dele executando algum trabalho mais fino,

Não sei como eles conseguem isso, estava pensando, e tomada por impulso repentino estendeu a mão, tomou a dele, puxou-a para si. Tony não ofereceu resistência, deixou a mão para ser examinada.

Ela disse:

– É notável, Até as unhas parecem naturais.

– Isso é proposital, naturalmente – explicou Tony, e logo tomou um tom de conversa: – A pele é um plástico flexível e a estrutura do esqueleto é liga metálica leve. Isso a diverte?

– Oh, não – e ela ergueu o rosto enrubescido. – Sinto-me apenas um pouco embaraçada por estar assim, examinando o seu interior. Não é de minha conta. Você não faz perguntas sobre as minhas coisas.

– Meus circuitos cerebrais não incluem esse tipo de curiosidade. Só posso agir dentro de limitações, como sabe,

E Claire sentiu algo apertar-se em seu íntimo, no silêncio seguinte. Por que estava sempre esquecendo que ele era u’a máquina?

Agora aquela própria coisa fora levada a fazê-la ver. Estaria tão faminta de solidariedade que teria de aceitar um robô como igual, por que o robô era solidário?

Observou que Tony continuava a passar as páginas – quase indefesa – e surgiu um sentimento rápido de superioridade e alívio em si.

– Você não sabe ler, sabe?

Tony fitou-a e sua voz calma não tinha qualquer tom de repreensão.

– Eu estou lendo, Sra, Belmont.

– Mas... – ela apontou para o livro, em gesto sem sentido.

– Estou esquadrinhando as páginas, se é o que quer saber. Meu sentido de leitura é fotográfico.

Já anoitecera e, quando Claire foi deitar-se, Tony se achava no segundo volume, sentado ali na escuridão, ou o que se parecia a escuridão aos olhos limitados de Claire.

Seu último pensamento, aquele que a atormentava quando adormeceu, foi dos mais estranhos. Voltava a lembrar-se da mão dele, seu contato. Fora cálido e macio como o de um ser humano.

Que gente esperta, aquela da fábrica, estava pensando, e passou suavemente a dormir.

Por diversos dias seguidos ela esteve na biblioteca. Tony sugeria os gêneros de estudo, que com rapidez se expandiam. Havia livros sobre combinação de cores e sobre cosméticos, sobre carpintaria e modas, sobre arte e sobre a história dos costumes.

Ele virava as páginas de cada livro diante dos olhos solenes e, com a rapidez com que o fazia, estava lendo; tampouco parecia capaz de esquecer-se.

Antes do fim da semana insistira em cortar-lhe o cabelo, apresentou-lhe um novo método de penteado, ajustando uni pouco sua linha de sobrancelhas e mudando a coloração de seu pó-de-arroz e batom.

Ela estivera palpitando em receio nervoso por meia hora sob o toque delicado de seus dedos e depois se olhara ao espelho.

– Podemos fazer mais – disse Tony – principalmente nas roupas. O que acha disso, para começar?

Por prolongados momentos ela não respondeu. Só falara depois de tomar noção de identidade daquela desconhecida refletida ao espelho e diminuído o espanto da beleza que ali deparava. Depois dis-

sera dom a voz embargada, sem tirar por um só instante o olhar da imagem que tanto a satisfazia.

– Sim, Tony, muito bom... para começar.

Nada dissera sobre isto nas cartas que escrevia a Larry. Que ele visse isso de repente, e algo, em Claire, compreendia que não era apenas a surpresa que ia desfrutar. Ia ser uma espécie de vingança.

Certa manhã Tony disse:

– É hora de começar a comprar e eu não posso sair da casa. Se eu fizer uma lista exata daquilo de que precisamos, a senhora poderá obter? Precisamos de cortinas, tecidos, papel de parede, tapetes, tinta, panos... e uma série de coisas pequenas.

– Você não pode arranjar essas coisas de acordo com especificações em tão pouco tempo – retorquiu Claire, em tom de dúvida.

– A senhora pode aproximar-se bastante, se for à cidade e se não houver obstáculo financeiro.

– Mas, Tony, o dinheiro é um obstáculo, não tenha dúvida.

– De modo algum. Passe na Companhia de Robôs, logo para começar. Preparei um bilhete para a senhora. Poderá falar com a Dra. Calvin e dizer-lhe que é uma parte da experiência.

A Dra. Calvin, nesse segundo encontro, já não a assustou como acontecera no primeiro. Com o novo rosto e novo chapéu que usava ela não podia ser a velha Claire de antes. A psicóloga ouviu com atenção, fez algumas perguntas, assentiu – e logo Claire se encontrava de saída, dotada de uni crédito ilimitado, a ser saldado pela Companhia de Robôs e Homens Mecânicos dos EUA.

Uma maravilha, o que o dinheiro pode fazer! Tendo todo o conteúdo de uma loja a seus pés, as palavras da vendedora *não* eram mais uma voz que vinha de cima; a sobrancelha erguida de um decorador não se parecia mais aos trovões de Jeová.

E em certo momento, quando uma Gordura Exaltada, em um dos salões de ornamentos mais elegantes, insistentemente depreciara a descrição feita por Claire do guarda-roupa que devia ter, com observações feitas no mais puro sotaque francês da Rua Cinqüenta e Sete, ela telefonou para Tony, depois passou o telefone a Monsieur.

– Se não se importa – sua voz estava firme, apenas os dedos tremiam um pouco – gostaria que falasse com meu... bem... secretário.

A Gorduchinha apanhou o telefone com o braço solene do brado atrás das costas. Levou o fone ao ouvido, segurando-o com dois dedos e disse educadamente:

– Sim.

Uma pausa curta, outro “sim”, depois uma pausa mais comprida, um início cacarejante de objeção que logo acabou, mais uma pausa, um “sim” muito humilde e o telefone foi desligado.

– Se Madame quiser vir comigo – disse, apressado e distante – Procurarei atender às suas necessidades.

– Um instante – Claire voltou ao telefone e discou novamente.

– Alô, Tony. Não sei o que você disse, mas deu certo. Obrigada. Você é um... – procurou a palavra adequada, desistiu e terminou com um gritinho final - ..um ... um ...uma graça!

Era Gladys Claffern quem a fitava quando voltou, deixando o telefone. Uma Gladys Claffern levemente divertida e espantada, que a fitava com o rosto um pouco inclinado para o lado.

– Sra. Belmont?

Claire sentiu-se inteiramente vazia – sem mais aquela. Só podia assentir estupidamente como uma marionete.

Gladys sorriu com insolência que não se podia localizar ou precisar.

– Não sabia que fazia compras aqui – como se houvesse caído de casta ao encontrar Claire Belmont por ali.

– Em geral não faço – explicou Claire, com humildade.

– E andou fazendo alguma coisa em seu cabelo? Está muito... singular... Oh, espero que me desculpe, mas o nome de seu marido não é Lawrence? A mim parece que é Lawrence.

Claire cerrou os dentes mas teve de explicar. Era preciso.

– Tony é um amigo de meu marido. Está me ajudando a escolher algumas coisas.

– Eu compreendo. E ele é *uma graça,* ao que imagino.

Afastou-se sorrindo, levando consigo a luz e o calor do mundo.

Claire não dava atenção ao fato de que foi a Tony que se voltou procurando consolo. Dez dias haviam-na curado da relutância e ela podia chorar diante dele, chorar e mostrar-se furiosa.

– Eu fui uma i.idiota completa – estourava, retorcendo o lenço encharcado. – Ela faz isso comigo, não sei porque. Simplesmente faz. Eu devia... devia ter lhe dado uns pontapés. Devia tê-la derrubado e pisado nela.

– A senhora consegue odiar tanto um ser humano? – perguntou Tony, em suavidade intrigada. – Essa parte da mente humana é vetada a mim.

– Oh, não é ela – gemeu Claire – Sou eu mesma, acho que sim. Ela é tudo que eu quero ser... por fora, pelo menos... e eu não consigo ser.

A voz de Tony mostrava-se firme e baixa ao seu ouvido.

– A senhora pode ser, sim. Pode ser, Sra. Belmont. Ainda temos dez dias e em dez dias a casa será outra. Não estivemos planejando isso?

– E como é que isso vai me ajudar.. no caso dela?

– Convide-a a aparecer. Convide os amigos dela. Faça isso na noite antes que eu... antes que eu vá embora. Será uma espécie de inauguração da casa.

– Ela não virá.

– Virá, sim. Virá para rir... e não conseguirá fazê-lo.

– Você acha, mesmo? Oh, Tony, acha que podemos? – e segurava as mãos dele... E então, com o rosto voltado para o lado:

– Mas de que adianta? Não serei eu, foi você quem fez tudo. Não posso estar montada em suas costas.

– Ninguém vive em isolamento esplêndido – murmurou Tony. – Eles me deram esse conhecimento. O que a senhora ou qualquer pessoa vê em Gladys Claffern não é apenas Gladys Claffern. Ela monta nas costas de tudo o que o dinheiro e a posição social podem trazer às pessoas. Ela não questiona isso. E por que a senhora devia questionar?... E encare a coisa desse modo, Sra. Belmont. Sou fabricado para obedecer, mas a medida de minha obediência cabe a mim mesmo determinar. Posso obedecer às ordens de modo mais liberal ou sovina. No seu caso é liberal porque fui feito para ver os seres humanos como a senhora é. Afirmo-lhe que é bondosa, afável, despretensiosa. já não acontece isso com a Sra. Claffern, como a descreve, e eu não obedeceria a ela como lhe obedeço. É a senhora, portanto, e não eu, quem está fazendo tudo isto.

Retirou as mãos tomadas por Claire e esta fitou aquele semblante sem expressão que ninguém conseguia traduzir – pensando imaginando. Mais uma vez sentia-se assustada de modo inteiramente novo.

Engoliu em seco, tomada de nervosismo e fitou suas próprias mãos, que ainda formigavam com a pressão dos dedos dele. Ela não o imaginara, os dedos dele haviam apertado os seus com gentileza e ternura, pouco antes de se retirarem.

Não!

Os dedos da coisa,.. Os dedos da coisa...

Foi correndo para o banheiro e esfregou as mãos – cegamente, inutilmente.

Mostrou-se um pouco tímida com Tony no dia seguinte, observou.o com atenção, esperando ver o que viria depois – e por algum tempo nada aconteceu.

Tony trabalhava. Se havia alguma dificuldade técnica em colocar o papel na parede ou utilizar a tinta de secagem rápida, a atividade de Tony não o revelava. Suas mãos moviam-se com precisão, os dedos eram hábeis e seguros.

Ele trabalhou por toda a noite e Claire não o ouviu por um só instante, mas a cada manhã passava por uma aventura nova. Não conseguia contar o número de coisas que haviam sido feitas e ao anoitecer ainda achava novos toques e arremates, e outra noite chegara.

Procurou ajudar apenas uma vez e sua falta de jeito atrapalhou. Ele estava no quarto ao lado e Claire pendurava um quadro no lugar marcado pelos olhos matemáticos de Tony. Lá estava a pequenina marca, também o quadro, e também a revolta contra a ociosidade.

Mas Claire se achava nervosa, ou a escada não muito firme. Não importa. Ela sentiu que caía e gritou. A escada caiu sozinha por que Tony, com rapidez muito maior do que aquela dos seres de carne e osso, já estava por baixo.

Os olhos calmos e escuros de Tony nada disseram e sua voz cálida pronunciou apenas palavras:

– Está machucada, Sra. Belmont?

Por um instante ela notou que ao cair sua mão devia ter desfeito aquele cabelo liso de Tony porque, pela primeira vez, podia ver por si própria que era composto de fios separados – pelos negros e finos.

E então, de repente, apercebeu-se dos braços que ele passara por seus ombros e por baixo de seus joelhos – segurando-a com firmeza e calor.

Empurrou-o de si e gritou alto. Passou o resto do dia no quarto e daí por diante dormia com a cadeira prendendo a maçaneta da porta.

Enviara os convites que, como Tony dissera, tinham sido acei tos. Bastava esperar a última noite.

Também essa noite veio, em seu devido tempo. A casa nem parecia sua. Ela a percorreu pela última vez – e todos os aposentos estavam mudados. Ela própria usava roupas que jamais teria coragem de usar antes... E quando se veste roupas assim adquire-se orgulho e confiança.

Ensaiou uma expressão educada de divertimento desdenhoso diante do espelho e o espelho mostrou-lhe uma imagem de zombaria magistral.

O que diria Larry?. – Não importava mais. Os dias animados não viriam com ele. Estavam indo embora com Tony. Não era estranho? Procurou voltar a seu estado de espírito de três semanas antes e achou impossível.

O relógio parecia gritar-lhe que eram oito horas, em pedacinhos sem fôlego, quando se voltou para Tony.

– Eles chegarão logo, Tony. É melhor você ir para o porão. Não podemos deixá-los...

Olhou por momentos e depois chamou baixinho:

– Tony?

E com mais força:

– Tony?

E quase gritando:

– Tony!

Ele, porém, a enlaçara, seu rosto estava próximo ao dela, a pressão de seu braço era inflexível. Claire ouvia-lhe a voz em meio a um emaranhado emocional:

– Claire – dizia a voz – há muitas coisas que não fui feito para entender, esta deve ser uma. Vou embora amanhã e não quero ir. Vejo que existe mais em mim do que apenas um desejo de agradá-la. Não é estranho?

O rosto de Tony estava mais próximo ainda, seus lábios eram quentes, mas sem alento – pois as máquinas não respiram. Estavam quase nos dela.

...E a campainha tocou.

Por um momento ela se debateu, sem fôlego, e logo Tony sumira, não podia ser visto, a campainha voltava a tocar. Sua estridência intermitente insistia por atendimento.

As cortinas da janela da frente tinham sido abertas. Haviam estado fechadas quinze minutos antes. Ela sabia disso.

Eles deviam ter visto, portanto. Todos eles deviam ter visto... tudo!

Entraram tão educados, e todos de uma vez – a matilha que viera uivar – com olhares rápidos e aguçados furando tudo. Eles tinham visto. Que outro motivo levaria Gladys a perguntar por Larry, do

modo mais ferino possível? E Claire foi levada a tornar-se desesperada e imprudentemente desafiadora.

Sim, ele não está. Voltará amanhã, suponho. Não, não estive sozinha aqui. Nem um pouco. Foram momentos muito bons. E riu para eles. Por que não? O que podiam fazer? Larry saberia da verdade, caso lhe contassem, caso lhe dissessem o que julgavam ter visto.

Mas eles não riam.

Dava para ler isso na fúria do olhar de Gladys Claffern; no brilho falso de suas palavras, em seu desejo de ir embora bem cedo. E ao despedir-se deles apanhou um último cochicho anônimo, desconjuntado:

– .. nunca vi nada.., tão bonito...

Claire sabia o que a capacitaria a tratá-los daquele modo. Que os gatos miem, que os gatos saibam; que ela podia ser mais bela do que Claire Belmont e maior, mais rica – mas ninguém, ninguém poderia ter amante tão belo!

E voltou a lembrar-se – mais uma vez – mais uma vez, que Tony era u'a máquina, sua pele se arrepiou.

– Vá embora! Deixe-me sozinha! – gritou para o aposento vazio e correu para a cama. Chorou e ficou acordada toda aquela noite e na manhã seguinte, quase antes do amanhecer, quando as ruas se achavam vazias, um carro veio à casa e levou Tony.

Lawrence Belmont passou pelo escritório da Dra. Calvin e, levado por impulso, bateu à porta. Encontrou-a em companhia do matemático Peter Bogert, porém não hesitou.

– A Claire me disse que a Companhia de Robôs pagou tudo o que foi feito em minha casa...

– Sim – disse a Dra. Calvin. – E devemos pagar, por ser parte valiosa e necessária da experiência. Com o seu novo cargo como Engenheiro Assistente acredito que o senhor possa manter aquele padrão

– Não é o que me preocupa. já que Washington concordou com as provas, poderemos ter um modelo TN para nós no ano que vem, ao que creio.

Ia sair, hesitante e com a mesma hesitação voltou a defrontá-los.

– E então, Sr. Belmont? – perguntou a Dra. Calvin após uma

– Eu não sei... – começou Larry a dizer. – Não sei o que aconteceu por lá. Ela... a Claire, é o que quero dizer... parece tão diferente. Não é apenas o aspecto... embora eu esteja espantado, francamen-

te. – Dito isso, riu com nervosismo. – É ela! Não é a minha esposa, na verdade... não consigo explicar.

– E por que quer explicar? Está desapontado com qualquer parte da modificação?

– Ao contrário. Mas é um pouco assustador, sabe...

– Eu não me preocuparia, Sr. Belmont. Sua esposa comportou-se muitíssimo bem. Francamente, não contei que a experiência proporcionasse uma prova tão completa. Sabemos exatamente que correções devem ser feitas no modelo TN e o crédito é inteiramente de sua senhora. Se quer que seja muito franca, creio que sua esposa merece sua promoção mais do que o senhor.

Larry contorceu-se perceptivelmente ao ouvi-lo.

– Desde que fique tudo na família... – murmurou, sem qualquer convicção, e se retirou.

Susan Calvin ainda olhava para a porta pela qual Lawrence se retirara.

– Acho que o machuquei... Espero que sim.., Você leu o relatório de Tony, Peter?

– De fora a fora – respondeu Bogert. – E o modelo TN-3 não vai precisar de mudanças?

– Ah, você também pensa assim? – interpelou Calvin, com aspereza. – Qual é o seu raciocínio?

Bogert fechou a cara.

– Não preciso de raciocínio algum. É evidente por si só que não podemos deixar um robô solto por aí, amando a ama, se me perdoa o trocadilho.

– Amando! Peter, você me dá náuseas. Não entendeu mesmo? Aquela máquina tinha de obedecer à Primeira Lei. Não podia deixar que qualquer malefício ou prejuízo acontecesse a um ser humano e o malefício estava acontecendo com Claire Belmont por causa de sua sensação de insuficiência. Por isso ele a amou, pois nenhuma mulher deixaria de apreciar o cumprimento de ser capaz de despertar paixão em u'a máquina.. em u'a máquina fria e sem alma. E ele abriu as cortinas deliberadamente aquela noite, para os outros poderem ver e invejar... sem qualquer risco possível para o casa mento de Claire. Acho que foi muito esperto, o Tony...

– Você acha? E que diferença existe em saber se foi fingimento ou não, Susan? Ainda continua com aquele efeito horripilante. Volte a ler o relatório. Ela o evitou, gritou, quando ele a tomou nos braços. Não dormiu aquela noite... cheia de histeria. Não podemos tolerar isso.

– Peter, você parece cego. É tão cego como eu era, O modelo TN será inteiramente reconstruído mas não por esse motivo. Por outro motivo, exatamente oposto. É estranho que eu não tenha visto logo de começo – e os olhos da Dra. Calvin estavam opacamente pensativos – mas talvez reflita uma deficiência em mim mesma. A questão, Peter, é que as máquinas não podem apaixonar-se, mas... mesmo quando isso não tem esperanças e se mostra horripilante... as mulheres podem!

FOGO DO INFERNO

Houve o movimento, como o de uma platéia muito educada, na primeira noite de apresentação. Apenas um punhado de cientistas se achava presente, com salpicos de militares de patentes elevadas, alguns congressistas e alguns noticiaristas.

Alvin Horner, do Gabinete de Imprensa Continental, de Washington, achava-se ao lado de Joseph Vincenzo, de Los Alamos, e disse:

– Agora devemos aprender algo.

Vincenzo fitou-o com seus óculos bifocais e disse:

– Não é coisa importante.

Horner fechou a cara. Aqueles seriam os primeiros filmes em câmara superlenta, mostrando uma explosão atômica. Com lentes especiais modificando a polarização em lampejos, o momento da explosão seria dividido em pedaços de um bilhão de segundos. Ontem explodira uma bomba atômica. Hoje aqueles fragmentos mostrariam a explosão em detalhe inacreditável.

Homer disse:

– Você acha que não vai dar certo?

Vincenzo parecia torturado.

– Dará certo, sim. Já fizemos provas iniciais. Mas o importante...

– O que é?

– É que essas bombas constituem a sentença de morte do homem. Não parecemos capazes de aprender coisa tio simples. – Vincenzo assentiu. – Olhe para eles. Estão animados, agitados, mas não sentem medo.

O noticiarista disse:

– Eles conhecem o perigo, também sentem medo.

– Não o bastante – contrapôs o cientista. – Já vi homens assistindo enquanto uma bomba H transformava uma ilha em um buraco no oceano, e depois foram para casa e dormiram. Os homens são assim. Por milhares de anos o fogo do inferno lhes foi pregado e não causou qualquer impressão verdadeira.

– Fogo do inferno... é religioso, senhor?

– O que o senhor viu ontem foi o fogo do inferno. Uma bomba atômica explodindo é fogo do inferno. Literalmente falando.

Aquilo era o bastante para Homer. Ele se levantou e mudou de lugar, porém passou a fitar a platéia, cheio de inquietação. Haveria alguém com medo? Alguém se preocupava com o fogo do inferno? Tal não lhe pareceu.

As luzes se apagaram e o projetor começou. Sobre a tela, a torre de disparo se apresentava sombria. A platéia silenciou, cheia de tensão.

Foi quando um ponto de luz apareceu no ápice da torre, um ponto brilhante a arder, desabrochando devagar em um ângulo indolente para fora, para cá e para lá, tomando formas desiguais de luz e sombra, tornando-se ovalado.

Um homem gritou, sufocado, outros gritaram. Uma Babel roufenha de ruído, acompanhada por silêncio o mais espesso. Homer podia farejar o medo, provar o sabor em sua própria boca, sentir o sangue regelar-se.

A bola ovalada lançara projeções de si, depois fizera pausa momentânea, em êxtase, antes de expandir-se rapidamente em uma esfera brilhante e sem traços.

Naquele momento de êxtase – a bola de fogo mostrara manchas escuras com olhos, linhas escuras por sobrancelhas finas e arqueadas. Uma linha da cabelos que descia em forma de V, uma boca torcida para cima, rindo tresloucadamente no fogo do inferno – e chifres, também.

A TROMBETA DO JUÍZO FINAL

O Arcanjo Gabriel adotava atitude inteiramente casual em todo o caso. Ociosamente deixou que a ponta de uma asa raspasse pelo planeta Marte que, sendo feito de simples matéria, não foi afetado pelo contato.

Disse, então:

– é uma questão resolvida, Etheriel. Nada podemos fazer. O Dia da Ressurreição tem de vir.

Etheriel, serafim muito jovem que fora criado apenas mil anos antes, na contagem dos homens, estremeceu de modo que vértices bem distintos surgiram naquele continuum. Desde sua criação ele fora encarregado da Terra e adjacências. Cabia-lhe por tarefa, era uma sinecura, um beco sem saída, um escaninho, mas ao correr dos séculos ele passara a orgulhar-se do mundo, a seu modo perverso.

– Mas você vai perturbar meu mundo sem avisar.

– De modo algum. De modo algum. Algumas passagens se acham no Livro de Daniel e no Apocalipse de São João, com bastante clareza,

– Estão? E foram copiadas por um escriba e depois por outro? Será que eles deixaram duas palavras sem modificar, em qualquer linha?

– Existem sinais também no Rig-Veda, nos Analetos de Confúcio.

– Que são propriedade de grupos culturais isolados, existem como aristocracia muito rala,,,

– A Crônica de Gilgamés se mostra muito clara.

– Grande parte da Crônica de Gilgamés foi destruída na biblioteca de Assurbanipal, há mil e seiscentos anos, ao estilo terrestre, antes que eu fosse criado.

– Existem alguns traços da Grande Pirâmide e um padrão nas jóias embutidas no Taj Mahal...

– Tão sutis que nenhum homem jamais pôde interpretá-las corretamente,

Gabriel parecia fatigado

– Se você apresentar objeções a tudo que digo, não adianta discutirmos o assunto. De qualquer modo você devia ter conheci mento. É coisa que diz respeito à Terra, você é onisciente.

– Sim, se quiser ser. Tive muito com que me ocupar por aqui e investigar as possibilidades da ressurreição, preciso reconhecê-lo, foi coisa que não me ocorreu.

– Pois bem, devia ter ocorrido. Todos os documentos atingidos encontram-se nos arquivos do Conselho de Ascendentes. Você devia ter-se valido deles em qualquer momento.

– Estou lhe dizendo que todo o meu tempo foi necessário, por aqui. Você não faz a mínima idéia da eficiência mortífera do Adversário neste planeta. Precisei de todos os meus esforços para detê-lo; e mesmo assim...

– Ora, sim – e Gabriel afanou um cometa de passagem – ele parece ter obtido suas vitoriazinhas... Observo, ao deixar o padrão factual entrelaçado deste mundozinho miserável passar por mim, que se trata de uma daquelas coisas com equivalência de matéria e energia.

– Pois é mesmo – confirmou Etheriel.

– E eles estão brincando com isso.

– Receio que sim.

– Neste caso, que momento melhor para dar fim à matéria?

– Pode deixar comigo, eu faço o trabalho. As bombas nucleares deles não os destruirão.

– Será? Bem, que tal você deixar-me prosseguir, Etheriel? Aproxima-se o momento designado.

O serafim insistiu, teimoso:

– Gostaria de ver os documentos do caso.

– Já que insiste...

O enunciado de uma Lei de Ascendência apareceu em símbolos reluzentes contra o negrume profundo do firmamento sem ar.

Etheriel leu em voz alta:

– É determinado, por ordem do Conselho, que o Arcanjo Gabriel, número de Série etecétera, etecétera (Bem, é você, não há dúvida) se aproxima do Planeta, Classe A, número G 753990, doravante designado como Terra, e a 19 de janeiro de 1957 às 12:01 da noite, empregando-se hora local... – e acabou de ler em silêncio entristecido.

– Satisfeito?

– Não, mas nada posso fazer.

Gabriel sorriu e um clarão surgiu no espaço, na forma de um clarim terrestre, porém seu ouro brunido estendia-se da Terra ao Sol. Foi levado aos belos lábios reluzentes de Gabriel.

– Você não me dá um tempinho para falar com o Conselho? – perguntou Etheriel, desesperado.

– E de que vai adiantar? A lei tem a contra-assinatura do Chefe e você sabe que uma lei contra-assinada pelo Chefe é inteiramente irrevogável. E agora, se você não se importa, estamos quase no momento e quero acabar com isso, porque tenho outras coisas de importância muito maior em que pensar. Você não se importa em sair da frente um pouquinho? Obrigado.

Gabriel soprou e um som limpo e fino, de timbre perfeito e delicadeza cristalina, preencheu todo o universo até a estrela mais distante. Ao se fazer ouvir, seguiu-se um momento minúsculo de êxtase, tão fino quanto a linha que separa o passado do futuro, e logo a textura dos mundos entrou em colapso, a matéria se juntou de volta no caos primevo da qual saíra, ao comando de uma pa lavra. As estrelas e nebulosas haviam desaparecido e a poeira cósmica, o sol, os planetas, a lua; tudo, tudo, tudo menos a Terra, que continuava girando como antes em um universo agora inteiramente esvaziado.

Soara a Trombeta do Juízo Final.

R. E. Mann (chamado por todos que o conheciam, apenas de R. E.), foi entrando nos gabinetes da fábrica Billikan Bitsies, e fitou sombriamente o homem alto (escanzelado, mas com certa elegância esmaecida em volta do bigode grisalho e bem arruinado) que se inclinava atentamente sobre um maço de folhas de papel na mesa.

R. E. consultou o relógio de pulso, que ainda marcava 7:01, tendo deixado de parar nesse momento ou hora. Era hora padrão, naturalmente; 12:01 da noite, hora de Greenwich. Seus olhos castanhos escuros, fitando com energia de um par de ossos faciais pronunciados, atraíram o olhar do outro.

Por momentos o homem alto fitou-o, sem qualquer expressão. Depois ele disse:

– Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Horatio J. Billikan é o senhor? Dono deste lugar?

– Sim.

– Eu sou R. E. Mann e não pude deixar de passar por aqui quando finalmente encontrei alguém trabalhando. Não sabe que dia é hoje?

– Hoje?

– É o Dia da Ressurreição.

– Oh, isso aí! Eu sabia. Ouvi a trombeta. Dava para acordar os defuntos... Foi uma trombeta e tanto, o senhor não acha? – deu risadinhas, depois prosseguiu. – Acordei às sete da manhã. Cutuquei a mulher, que havia dormido com tudo aquilo, é claro. Eu sempre achei e disse que ela haveria de dormir nesse momento. “É a Trombeta do Juízo Final, querida”, foi o que eu disse, Hortense, é assim que minha mulher se chama, disse: “Muito bem”, e voltou a dormir. Tomei banho, fiz a barba, pus a roupa e vim trabalhar.

– Mas por quê?

– Por que não?

– Nenhum de seus operários apareceu.

– Não, pobres diabos. Eles fazem feriado de qualquer coisa. Seria de esperar. Afinal de contas, não é todos os dias que o mundo acaba. Francamente, está ótimo. Tenho a oportunidade de acertar minha correspondência pessoal sem qualquer interrupção. O telefone não tocou unia só vez.

Pôs-se de pé e foi à janela.

– Uma grande melhora. Não temos mais um sol ofuscante e a neve desapareceu. A luz é agradável e o calor também. Uma combinação geral muito boa... Mas agora, se não se importa, estou muito ocupado, se me dá licença...

Uma voz alta e roufenha interrompeu o que dizia:

– Um momento, Horatio.

Era um cavalheiro que se parecia muitíssimo a Billikan, mas um tanto mais cheio de aspereza, seu nariz entrava primeiro no gabinete e adotava uma atitude de dignidade ofendida, pouquíssimo diminuída pelo fato de que estava inteiramente nu.

– Posso perguntar porque você fechou o Bitsies?

Billikan pareceu desmaiar.

– Santo Deus – comentou – é o Papai. De onde veio?

– Do cemitério – trovejou Billikan Pai – e de onde mais poderia vir, com mil demônios: Eles estão saindo de lá, aos montes. Todos eles nus. As mulheres também, inteiramente peladas.

Billikan pigarreou.

– Vou arranjar.lhe alguma roupa, Papai. Vou apanhar em casa.

– Deixe isso para lá. Em primeiro lugar os negócios. Primeiro, os negócios.

R; E. deixou de ser um espectador que se divertia, intervindo na conversa:

– Estão todos saindo dos túmulos ao mesmo tempo, senhor?

Enquanto falava, fitava Billikan Pai, com curiosidade, O aspecto do velho era o de um homem em idade robusta. As faces eram encovadas, mas brilhavam de saúde. Sua idade, ao que R. E. avaliou, era exatamente a do momento de sua morte, mas o corpo se encontrava como devia estar naquela idade, caso funcionasse à perfeição.

Billikan Pai disse:

– Não, senhor, não é assim. As covas mais novas estão saindo primeiro. Pottersby morreu cinco anos antes de mim e saiu cerca de cinco minutos depois de mim. Quando o vi sair, resolvi sair também. Já estava farto dele quando... isso me faz lembrar. – Ele esmurrou a mesa com um punho dos mais firmes. – Não havia táxis, nem ônibus. Os telefones não funcionavam. Tive de andar. Tive de andar vinte milhas.

– E andou assim mesmo? – perguntou o filho, em voz fraca e cheia de pavor.

Billikan Pai examinou a sua própria pele desnuda com aprovação indiferente.

– Faz calor. Quase todos estão nus. Seja lá como for, meu filho, não estou aqui para muito lero-lero. Por que a fábrica está fechada?

– Não está fechada. Trata-se de ocasião especial.

– Ocasião especial uma droga. Trate de chamar o sindicato e dizer a eles que o Dia da Ressurreição não está no contrato. Todos os operários serão descontados por minuto que não estejam no trabalho.

O rosto magro de Billikan adotou expressão obstinada, enquanto fitava o pai.

– Não farei isso. Não se esqueça de que você não está mais dirigindo essa usina. Agora sou eu.

– Ah, é mesmo? E com que direito?

– Por seu testamento.

– Muito bem. Aqui mesmo estou cancelando meu testamento.

– Não pode, Papai. Você está morto. Pode não parecer morto, mas eu tenho testemunhas. Tenho o certificado de óbito, assinado pelo médico. Tenho as contas pagas ao coveiro e à funerária. Posso obter os testemunhos dos que carregaram seu caixão.

Billikan Pai fitava o filho e assim foi que se sentou, passou o braço pelas costas da cadeira, cruzou as pernas e perguntou:

– Se a coisa é essa, a questão é que estamos todos mortos, não é mesmo? O mundo chegou ao fim, não foi?

– Mas você foi declarado legalmente morto, eu não.

– Trataremos de modifIcar isso, meu filho. Nós seremos mais numerosos do que vocês, e os votos contam.

Billikan Filho bateu com força na mesa, usando a palma da mão, e corou um pouco.

– Papai, não me agrada levantar essa questão, mas você me obriga. Posso fazê-lo lembrar que a esta altura tenho certeza de que a Mamãe está sentada lá em casa, esperando por você; e que provavelmente teve de percorrer as ruas... bem... pelada, também, e que não deve estar muito satisfeita.

Billikan Pai empalideceu de modo fantástico.

– Santo Deus!

– E você sabe muito bem que ela sempre quis a sua aposentadoria.

Billikan Pai tomou uma decisão muito rápida.

– Não vou para casa. Ora, isto é um pesadelo. Não existem li mites nesta coisa de Ressurreição? Ora, isso é... isso é pura anarquia. Alguém está exagerando. Eu não vou para casa, tenho dito.

E a essa altura um cavalheiro um tanto rotundo e de rosto liso e róseo, costeletas fofas (muito parecidas às de Martin Van Buren) entrou e disse friamente:

– Bom-dia.

– Papai – disse Billikan Pai.

– Vovô – disse Billikan Filho.

Billikan Avô olhou para Billikan Filho, com expressão de maior desaprovação.

– Se você é meu neto – disse – envelheceu muito e isso não o melhorou em absoluto.

Billikan Filho sorriu com debilidade dispéptica e não respondeu.

Billikan Avô não parecia precisar de tanto, e disse:

– Muito bem, se vocês dois me atualizarem com os negócios retomarei minhas funções de gerente.

Fizeram-se ouvir duas respostas simultâneas e a rubicundidade de Billikan Avô aumentou perigosamente enquanto batia no chão de modo mais peremptório, com a bengala imaginária, e berrava uma resposta.

R. E. disse:

– Cavalheiros.

Ergueu a voz:

– Cavalheiros!

E berrou, com toda a força dos pulmões:

– CAVALHEIROS!

A conversa parou de repente e todos se voltaram para fitá-lo. Seu rosto pontudo, seu olhar singularmente atrativo, sua boca sardônica pareciam, de súbito,dominar aquela reunião.

Ele disse:

– Não entendo a discussão. O que fabricam?

– Bitsies – explicou Billikan Filho.

– O que, ao que suponho, é um alimento de cereais, empacotado...

– Pululante de energia em cada floco dourado e crespo – proclamou Billikan Filho.

– Coberto de açúcar cristalino e doce como o mel; um confeito e alimento... – resmungou Billikan Pai.

– Capaz de tentar o apetite mais desanimado – estrugiu Billikan Avô.

– Exatamente – disse R. E. – Que apetite?

Puseram-se a fitá-lo com expressão estóica.

– Não entendi – disse Billikan Filho.

– Algum de vocês sente fome? – perguntou R. E. – Eu não sinto.

– De que está falando esse idiota? – interpelou Billikan Avô com raiva. Sua bengala invisível teria cutucado R. E. no umbigo, caso existisse (a bengala, não o umbigo).

R. E. disse:

– Estou tentando dizer-lhes que ninguém mais voltará a comer. Estamos no além, a comida é desnecessária.

As expressões nos semblantes dos Billikan's não precisavam de qualquer interpretação. Tomava-se evidente que eles haviam consultado seus próprios apetites e não os tinham descoberto.

Billikan Filho disse, como rosto da cor de cinzas:

– Arruinado!

Billikan Avô bateu no soalho com força e sem qualquer ruído, com a bengala imaginária.

– Isso é confisco da propriedade sem o processamento legal. Vou processar. Vou processar.

– Inteiramente inconstitucional – concordou Billikan Pai.

– Se encontrarem alguém a quem processar, desejo-lhes a melhor sorte – disse R. E., de modo muito agradável. – E agora, se me derem licença, acho que irei até o cemitério.

Pôs o chapéu na cabeça e saiu.

Etheriel, com os vértices tremendo, achava-se diante da glória de um querubim de seis asas.

O querubim disse:

– Se entendo o que diz, o seu universo foi desmantelado.

– Exatamente.

– Muito bem, você não espera de *mim* que volte a fazê-lo, espera?

– Não espero que você faça coisa alguma – retorquiu Etheriel – a não ser que obtenha um encontro meu como Chefe.

Ao ouvir essa palavra, o querubim manifestou instantaneamente seu respeito, por um gesto. Duas pontas de asas cobriram-lhe os pés, duas os olhos e duas a boca. Voltou à posição normal e disse:

– O Chefe está muito ocupado. Há uma infinidade de questões para ele resolver.

– E quem ignora isso? Apenas faço ver que se as coisas continuarem como estão agora, terá existido um universo no qual Satanás terá ganho a vitória final.

– Satanás?

– É a palavra hebraica para Adversário – disse Etheriel, cheio de impaciência. – Eu poderia dizer Ahriman, que é a palavra em persa. De qualquer modo, refiro-me ao Adversário.

O querubim disse:

– Mas de que vai valer um encontro com o Chefe? O documento autorizando a Trombeta do Juízo Final foi contra-assinado pelo Chefe, e você sabe que isso o torna irrevogável. O Chefe jamais limitaria sua onipotência cancelando uma palavra pronunciada por ele durante o exercício de seu cargo.

– Não há jeito, então? Você não me arranja o encontro?

– Não posso.

Etheriel disse:

– Nesse caso procurarei o Chefe sem a sua licença. Invadirei o Primum Mobile. Se isso representa minha destruição, que assim seja – e juntou as energias...

O querubim murmurou, tomado de horror:

– Sacrilégio!

E houve um leve ruído de trovão enquanto Etheriel dava um pulo para cima e desaparecia.

R. E. Mann atravessou as ruas congestionadas e habituou-se à visão de pessoas perplexas, incrédulas, apáticas, em roupagem improvisada ou, de modo geral, sem roupa alguma.

Uma jovem com cerca de doze anos de idade inclinou-se sobre o portão de ferro, um dos pés sobre a barra horizontal e girava de um lado para outro, dizendo à sua passagem:

– Alô, moço.

– Alô – disse R. E. A jovem estava vestida, não era uma das... regressas.

Ela disse:

– Temos um bebê novo aqui em casa. É uma irmãzinha que eu já tive. A Mamãe está chorando e me mandaram para cá.

R. E. disse:

– Ora, ora, muito bem – passou pelo portão e tomou o caminho pavimentado até a casa, casa de pretensões modestas à nobreza da classe média. Tocou a campainha, não obteve resposta, pelo que abriu a porta e entrou.

Acompanhou o som de soluços e bateu em porta interna. Um homem forte, com cerca de cinqüenta anos de idade, pouco cabelo e grande quantidade de face e queixo olhou para ele em mistura de espanto e ressentimento.

– Quem é você?

R. E. tirou o chapéu.

– Achei que talvez pudesse ajudar. A sua meninazinha lá fora...

Uma mulher ergueu o olhar para ele, desesperançada, sentada em cadeira ao lado de cama de casal. Seus cabelos começavam a tornar-se grisalhos, o rosto estava inchado e enfeado pelo choro, as veias transpareciam azuis nos dorsos das mãos. Na cama encontrava-se uma criancinha gorducha e nua. Batia com os pés languidamente e seus olhos infantis, sem visão, voltavam-se sem objetivo para lá e para cá.

– Este é o meu bebê – disse a mulher. – Ela nasceu há vinte e três anos, nesta casa, e morreu quando tinha dez meses de idade, também nesta casa. Eu a queria muitíssimo de volta.

– E agora está com ela – observou R. E.

– Mas é tarde demais – gritou a mulher, com veemência. – Eu tive três outros filhos, a minha mais velha está casada, meu filho no exército. Sou velha demais para ter um bebê agora. E mesmo se... mesmo se...

Seus traços fisionômicos demonstravam o esforço heróico que fazia para reprimir as lágrimas, mas não o conseguia.

O marido interveio, em sua voz monótona e sem inflexão:

– Não é uni bebê verdadeiro, não chora. Não se suja, não aceita leite. O que vamos fazer? Nunca crescerá. Será sempre uma criancinha.

R. E. sacudiu a cabeça.

– Não sei – declarou. – Acho que não posso ajudar em coisa alguma.

Retirou-se em silêncio e, em silêncio, pensou nos hospitais. Milhares de criancinhas deviam estar aparecendo em cada um deles.

Era colocá-las em prateleira, ao que pensou sarcasticamente. Empilhá-las como madeira redonda. Não precisavam de cuidados, os corpinhos são apenas o guardião de uma centelha indestrutível de vida.

Passou por dois meninos de idade cronológica aparentemente igual, talvez com dez anos. Eram donos de vozes estridentes e o corpo de um brilhava, muito branco, à luz sem sol, de modo que era um regresso. O outro, não. R. E. parou para ouvir.

O que estava nu disse:

– Eu tive escarlatina.

Uma faísca de inveja diante da afirmação que conferia notoriedade, pareceu entrar na voz do que se achava vestido.

– Puxa vida.

– Foi assim que morri.

– Puxa vIda. Eles usaram penicilina ou albumicina?

– O quê?

– São remédios.

– Nunca ouvi falar.

– Rapaz, você não sabe grande coisa.

– Sei tanto quanto você.

– Sabe? Quem é o presidente dos Estados Unidos?

– Warren Harding, esse mesmo.

– Você está doido. É o Eisenhower.

– Quem é esse?

– Já viu televisão?

– Que negócio é esse?

O menino vestido prorrompeu numa vaia ensurdecedora.

– É uma coisa que você liga e aparece comediante, cinema, cowboy, gente de foguete, o que você bem quiser.

– Vamos ver.

Seguiu-se uma pausa e o menino do presente disse:

– Não está funcionando.

O outro prorrompeu em vaia, por sua vez.

– Quer dizer que nunca funcionou. Você inventou tudo isso.

R. E. deu de ombros e prosseguiu.

As multidões já se tornavam mais ralas, ao sair da cidade e aproximar-se do cemitério. Os que ali ainda se encontravam caminhavam rumo à cidade e estavam todos nus.

Um homem o fez parar, homem animado, a pele rósea e cabelos brancos, que tinha marcas de pincenê em ambos os lados do nariz, mas sem óculos.

– Saudações, amigo.

– Alô – disse E. E.

– Você é o primeiro homem vestido que já vi. Estava vivo quando a trombeta tocou, deve ser isso.

– Pois é.

– E então, não acha uma beleza? Não acha uma graça, uma alegria? Venha festejar comigo.

– Você está gostando, é? – perguntou R. E.

– Se estou gostando? Encontro-me cheio de uma alegria pura e radiosa. Estamos cercados pela luz do primeiro dia, a luz que brilhava com suavidade e serenidade antes de trem feitos o sol, a luz e as estrelas. (Você conhece o Gênesis, naturalmente.) Aqui temos o calor agradável que deve ter sido uma das maiores bênçãos do Paraíso; e não o calor enervante ou aquele frio desgraçado. Os homens e as mulheres caminham nas ruas sem roupas e não sentem vergonha. Tudo está muito bem, meu amigo, tudo muito bem.

R. E. disse:

– Bem, é verdade que não me importei com a nudez feminina por toda a parte.

– Claro que não – disse o outro. – O desejo e o pecado, como eram em nossa existência terrena, não existem mais. Quero apresentar-me, amigo, como em meus tempos de terra. Meu nome na Terra era Wirithrop Hester. Nasci em 1812 e morri em 1884, como contava mos o tempo nessa época. Nos últimos 40 anos de vida trabalhei para levar meu pequeno rebanho ao Reino, e vou agora contar aqueles que conquistei.

R. E. encarou o ex-sacerdote com ar solene.

– Com certeza ainda não houve o Dia do Juízo.

– E por que não? O senhor vê dentro do homem e no mesmo instante em que todas as coisas do mundo acabaram, todos os homens foram julgados e nós somos os salvos.

– Deve ser grande o número dos que foram salvos.

– Ao contrário, meu filho, os que se salvaram são apenas um remanescente.

– Um remanescente bastante numeroso. Até onde posso ver, todos estão voltando à vida. Vi alguns personagens bastante desagradáveis na cidade, tão vivos quanto o amigo.

– O arrependimento no último instante...

– Eu nunca me arrependi.

– De quê, meu filho?

– Do fato de que nunca freqüentei uma igreja.

Winthrop Hester recuou apressadamente.

– Você foi batizado?

– Não que eu saiba.

Winthrop Hester estremecia.

– Mas acredita em Deus, com certeza.

– Bem – disse R. E. – acreditei em muitas coisas sobre Ele, coisas que provavelmente o sobressaltariam, amigo.

Winthrop Hester girou sobre os calcanhares e partiu dali em grande pressa e enorme agitação.

No que restou de sua caminhada até o cemitério (R. E. não podia calcular o tempo, nem lhe ocorreu tentá-lo) ninguém mais o fez parar. Encontrou o cemitério quase vazio, com árvores e relva desaparecidos (ocorreu-lhe que nada mais havia no mundo que fosse verde; por toda a parte o chão era um cinzento duro, sem traços e sem granulação; o céu era um branco luminoso), mas as lápides continuavam ali.

Sobre uma delas sentara-se um homem magro e encovado, cabelos compridos e negros e uma madeixa dos mesmos, mais curta, porém mais perceptível, sobre o peito e braços.

Foi ele quem chamou, em voz profunda:

– Ei, você aí!

R. E. sentou-se em lápide próxima.

– Olá.

Cabelos Negros observou:

– A sua roupa não parece certa. Em que ano isso aconteceu?

– 1957.

– Eu morri em 1807. Singular! Eu contava ser um camaradinha bem “quente” e por dentro agora, com as chamas eternas a me esquentarem as tripas.

– Você não vai para a cidade? – indagou R. E.

– Eu me chamo Zeb – disse o ancião. – É uma abreviação de Zebulão, mas Zeb chega. Como está a cidade? Mudou um pouco, foi isso?

– Está com cerca de cem mil pessoas, neste momento.

A boca de Zeb abriu-se como que num bocejo.

– Continue. Podia estar bem maior do que Filadélfia... Você está brincando.

– Filadélfia tem... – e R. E. fez uma pausa. Enunciar a cifra de nada adiantaria. Em vez disso ele asseverou: – A cidade cresceu em cento e cinqüenta anos, como deve imaginar.

– E o país, também?

– Quarenta e oito Estados – disse R. E. – Vai até o Pacífico.

– Não! – e Zeb deu um tapa na coxa, cheio de prazer, depois se encolheu diante da ausência inesperada de tecido grosso que abrandasse o impacto do tapa. – Eu iria para o oeste, se não fosse necessário aqui. Sim, senhor. – O rosto se ensombreceu e os lábios finos tomaram uma linha de tristeza. – Vou ficar aqui mesmo, onde sou necessário.

– Por que é necessário?

A explicação veio rápida, raivosa:

– Índios!

– Índios?

– Milhões deles. Primeiro as tribos com que lutamos e derrotamos e depois tribos que nunca viram um homem branco. Todos eles vão voltar a viver. Vou precisar dos meus antigos camaradas. Vocês, gente de cidade, não servem para isso. Já viu um índio?

R. E. disse

– Por aqui, ultimamente, não vi.

Zeb demonstrou o desdém que sentia e procurou cuspir para um lado mas não descobriu saliva alguma para fazê-lo. Disse, então:

– É melhor você voltar para a cidade. Daqui a pouco este lugar não vai ser seguro para ninguém. Eu bem queria estar com o mosquete.

R. E. levantou-se, pensou por momentos, deu de ombros e voltou para a cidade. A lápide em que estivera sentado caiu quando ele se ergueu, transformou-se em poeira de pedra cinzenta que se juntou

ao chão indistinto. Olhou em volta. A maioria das lápides desaparecera. O resto não duraria muito tempo. Apenas aquela em que Zeb se achava sentado continuava firme e forte.

R. E. começou a caminhada de volta e Zeb não se voltou para olhá-lo. Continuou sentado, esperando com calma e tranqüilidade – esperando os índios.

Etheriel mergulhou pelos céus em pressa, a mais imprudente. Os olhos dos Ascendentes achavam-se cravados nele, como sabia. Desde o serafim recém-nascido, passando pelos querubins e anjos, até o arcanjo mais elevado, todos deviam estar observando.

Já se encontrava mais alto do que qualquer Ascendente, sem ser convidado, estivera antes, e esperava a flechada da Palavra que reduziria seus vértices à inexistência.

Mas não fraquejou. Atravessando o não-espaço e não-tempo, mergulhou para a união com Primum Mobile; o centro que englobava tudo que É, Foi, Seria, Tinha Sido, Poderia Ser e Deveria Ser.

E ao pensar nisso irrompeu e tomou-se parte da coisa, seu ser expandiu-se de modo que também ele, momentaneamente, fazia parte de Tudo. Mas logo aquilo foi misericordiosamente velado de seus sentidos e o Chefe era uma voz pequena e calma dentro de si, no entanto, ainda mais impressionante em sua infinidade por esse motivo.

– Meu filho – dizia a voz – sei porque vieste.

– Então ajuda-me, se é a tua vontade.

– Por minha vontade – disse o Chefe – uma lei minha é irrevogável. Toda a tua humanidade, meu filho, ansiava por vida. Todos receavam a morte. Todos desenvolveram pensamentos e sonhos de vida sem fim. Não houve dois grupos de homens, nem mesmo dois homens isolados que desenvolvessem a mesma vida no além, todos desejavam a vida. Recebi petições para satisfazer o denominador comum de todos esses desejos... a vida sem fim. Foi o que fiz.

– Nenhum servo teu fez tal pedido.

– Foi o Adversário, filho meu.

Etheriel esgotava sua glória débil em abatimento e disse, em voz baixa:

– Sou poeira à tua vista e indigno de me achar à tua presença, mais ainda assim preciso perguntar-te algo. Nesse caso o Adversário também é teu servidor?

– Sem ele não posso ter outro – explicou o Chefe – pois o que é o Bem, então, senão a luta eterna contra o Mal?

E, nessa luta, pensava Etheriel, eu perdi.

R. E. parou diante da vista da cidade. Os edifícios ruíam. Aqueles feitos de madeira já eram montes de entulho. R. E. caminhou até o montão mais próximo e descobriu que os fragmentos de sarrafos de madeira eram poeirentos e secos.

Adentrou-se mais na cidade e descobriu que os edifícios de tijolos ainda estavam de pé, mas havia um arredondamento pressago nas orlas dos tijolos, uma escamosidade ameaçadora.

– Não durarão muito – disse uma voz profunda – mas temos este consolo, se for consolo: a queda deles não mais matará.

R. E. olhou com surpresa e se viu frente a frente a um cadavérico Dom Quixote de homem, queixos de lanterna, faces afundadas. Os olhos eram tristes e o cabelo castanho reto e escorrido. A roupa assentava frouxamente e a pele transparecia com clareza em diversos rasgões.

– Meu nome – disse ele – é Richard Levine. Já fui professor de história, antes disso acontecer.

– Está usando roupas – observou R. E. – Você não é um dos ressurretos.

– Não, mas essa marca de distinção já desaparece. As roupas já estão acabando.

R. E. olhava os pacientes que seguiam por ali, caminhando devagar e sem objetivo, como poeira flutuando em raio de sol. Pouquíssimos usavam roupas, ele olhou para si mesmo e observou pela primeira vez que a costura ao longo de cada perna da calça se rompera. Apertou o tecido do paletó com o polegar e indicador e a lã se desfez, soltou-se com facilidade.

– Acho que tem razão – disse R. E.

– Se você notar – prosseguiu Levine – o Morro de Mellon está se achatando.

R. E. voltou-se para o norte onde, geralmente, as mansões da aristocracia (aquela aristocracia que existia na cidade) cravejava as encostas do Morro Mellon e verificou que o horizonte estava quase plano.

Levine disse:

– Com o tempo nada mais haverá senão planície, falta de qualquer traço distinto, nada... E nós.

– E os índios – contrapôs R. E. – Há um homem fora da cidade esperando que os índios apareçam e desejando estar com um mosquete nas mãos.

– Imagino – disse Levine – que os índios não criarão dificuldade. Não existe prazer em lutar com um inimigo que não pode ser morto ou ferido. E mesmo se não fosse assim, o prazer da batalha teria desaparecido, bem como todos os prazeres e anseios.

– Você tem certeza?

– Total. Antes de tudo isto acontecer, embora você não pense assim se olhar para mim, extrai muito prazer inofensivo ao examinar o corpo feminino. E agora, com oportunidades sem igual à minha disposição, vejo que estou irritantemente desinteressado. Não, isto é errado. Nem mesmo me irrito por meu desinteresse.

R. E. olhou para os transeuntes.

– Compreendo o que quer dizer.

– A vinda dos índios para cá – disse Levine – nada é, em comparação à situação no Velho Mundo. No começo, durante a Ressurreição, Hitler e sua Wehrmacht devem ter voltado a viver e agora devem estar diante de e misturados com Stálin e o Exército Vermelho desde Berlim até Stalingrado. Para complicar a situação, os Kaisers e os Czares chegarão. Os homens em Verdun e no Somme estão de volta a seus velhos campos de batalha. Napoleão e seus marechais acham-se espalhados por toda a Europa ocidental. E Maomé deve estar de volta para ver o que as épocas seguintes fizeram do Islã, enquanto os Santos e Apóstolos examinam as trilhas da Cristandade. E mesmo os mongóis, os pobres coitados, os Khans desde Temujin até Aurengzeb, devem estar vagando pelas estepes, sem terem o que fazer, ansiando por suas montarias.

– Como professor de história – observou R. E. – você deve estar ansioso por estar lá e observar.

– E como poderia estar? A posição de cada homem na Terra é restrita à distância que ele pode percorrer a pé. Não existe máquina de tipo algum e, como acabei de dizer, não existem cavalos. E o que poderia eu descobrir na Europa, afinal? Apatia, é o que creio. Como aqui.

Um som macio fez com que R. E. se voltasse. A ala de um edifício vizinho, feito de tijolos, derruíra em meio à poeira. Partes de tijolos achavam-se a ambos os lados dele. Alguns deviam tê-lo perpassado sem que o percebesse. Olhou em volta. Os montões de entulho

mostravam-se menos numerosos. Os que restavam pareciam menores em tamanho.

Ele disse:

– Encontrei um homem em cuja opinião todos nós fomos julgados e estamos no Paraíso.

– Julgados? – disse Levine. – Ora, sim, imagino que estamos. Achamo-nos agora diante da eternidade. Não nos resta um universo, nem fenômenos extensos, nem emoções ou paixões. Nada, senão nós mesmos e o pensamento. Estamos diante de uma eternidade de introspecção, quando por toda a história jamais soubemos o que fazer conosco em um domingo de chuva.

– Parece que a situação o incomoda.

– Muito mais do que isso. Os conceitos dantescos do inferno eram mais pueris e indignos da imaginação divina: fogo e tortura. O tédio é coisa muita sutil. A tortura íntima da mente incapaz de escapar de si própria de qualquer modo, condenada a refocilar em seu pus mental próprio, isso é coisa muita séria. Oh, sim, meu amigo, fomos julgados e condenados, também, e isto não é o paraíso, mas o inferno.

E Levine se ergueu, os ombros caídos de abatimento, afastou-se devagar.

R. E. olhou pensativamente ao redor e assentiu. Estava satisfeito.

O reconhecimento do fracasso durou apenas um instante em Etheriel e então, de súbito, ergueu o ser o mais brilhante e elevadamente que se atrevia, na presença do Chefe, e sua glória era um ponto minúsculo de luz no Primum Mobile infinito.

– Se é a tua vontade, então – disse. – Não peço que contraries tua vontade, mas que a realizes.

– De que modo, filho meu?

– O documento, aprovado pelo Conselho de Ascendentes e assinado por ti mesmo, autoriza o Dia da Ressurreição em momento determinado de um dia determinado do ano de 1957, na contagem dos moradores da Terra.

– Pois assim foi.

– Mas o ano de 1957 não está caracterizado. O que é 1957, afinal? Para a cultura dominante na Terra o ano era A.D. 1957, é verdade. Mas a partir do momento em que sopraste a existência na Terra e seu universo decorreram 5.960 anos. Baseando-nos nas indicações internas que criaste dentro desse universo, passaram-se cerca de qua-

tro bilhões de anos. O ano não-caracterizado, então, é 1957, 5960 ou 4000000000?

– E não é tudo – prosseguiu Etheriel. – O ano AD. 1957 é o ano 7464 da era bizantina, 5716 pelo calendário judeu. Éo 2708 A.U.C., isto é, o 2.708º ano desde a fundação de Roma, se adotarmos o calendário romano. É o ano 1365 no calendário maometano e o centésimo-octogésimo ano da independência dos Estados Unidos.

Uma pausa, ele encerrava:

– Humildemente te pergunto se não te parece que um ano designado apenas por 1957, e sem qualquer caracterização, tenha algum significado.

A voz ainda baixa do Chefe disse:

– Eu sempre soube disso, filho meu. – Eras tu quem tinha de aprender.

– Nesse caso – disse Etheriel, estremecendo luminosamente de alegria – deixa que a própria letra de tua vontade seja cumprida e deixa que o Dia da Ressurreição recaia em 1957, mas apenas quando todos os habitantes da Terra concordarem unanimemente que um certo ano deverá receber a numeração de 1957, nenhum outro.

– Assim seja – disse o Chefe, e tal Palavra recriou a Terra e tudo que continha, juntamente com sol, a lua e as falanges do Céu.

Eram 7horas da manhã de 1º de janeiro de 1957 quando R. E. Mann despertou com sobressalto. No início de uma nota melodiosa que devia ter preenchido todo o universo havia soado e, ao mesmo tempo, não soara ainda.

Por momentos inclinou a cabeça como a permitir que a compreensão inundasse e, em seguida, uma pitada de raiva atravessou-lhe o semblante, desapareceu de novo. Era outra batalha.

Sentou-se à escrivaninha para redigir o novo plano de ação. As pessoas já falavam em reforma do calendário e isso devia ser estimulado. Devia iniciar-se uma nova era a 2 de dezembro de 1944 e, um dia, um novo ano de 1957 chegaria; 1957 da Era Atômica, reconhecida assim por todo o mundo.

Uma estranha luz brilhava em sua cabeça, enquanto os pensamentos lhe perpassavam a mente mais do que humana e a sombra de Ahriman, projetada na parede, parecia ter pequenos chifres em ambas as têmporas.

COMO SE DIVERTIAM

Margie chegou a escrever no diário, aquela noite. Na página datada 17 de maio de 2157, registrou: “Hoje Tommy encontrou um livro de verdade!”

Era um livro muito antigo. O avô de Margie dissera certa feita que quando ainda menino o avô dele lhe contara que existira uma época em que todas as histórias eram escritas em papel.

Eles foram virando as páginas que eram amareladas e sinuosas, e divertindo-se muito ao lerem palavras que ainda permaneciam, em vez de se moverem como devia ser – sobre uma tela, está claro. E então, ao voltarem para a página anterior, a mesma continha aquelas palavras que ali haviam lido pela primeira vez.

– Puxa – disse Tonuny – que desperdício. Quando você acabar com o livro pode jogar fora, quem sabe? Nossa tela de televisão deve ter um milhão de livros nela, e continua pronta para muitos outros. Eu não jogaria a tela fora.

– O mesmo com a minha – disse Margie, que tinha onze anos de idade e ainda não vira tantos telelivros quanto Tommy. Ele estava com treze anos.

Ela perguntou:

– Onde foi que você achou isso?

– Em minha casa – e o menino apontou sem olhar, porque estava ocupado, lendo. – No sótão.

– E de que trata o livro?

– De escola.

Margie encheu-se de desdém.

– Escola? E que existe para falar sobre escola? Eu detesto a escola.

Margie sempre detestara a escola, porém agora mais do que antes. O professor mecânico estivera a aplicar-lhe um teste de geografia após outro e ela se saíra cada vez pior, até que a mãe sacudira a cabeça cheia de pesar e a enviara ao Inspetor Municipal.

Tratava-se de homenzinho redondo, rubicundo, com uma caixa completa de ferramentas com mostradores e fios. Sorriu para Margie e lhe deu u’a maçã, depois desmontou o professor. Margie contara que ele não, soubesse como refazer ou remontar o professor, mas o homenzinho sabia, sem dúvida, e depois de uma hora, mais ou menos, lá estava novamente aquilo, grande, preto e feio, com uma tela em que todas as lições apareciam e as perguntas eram feitas. Não estava tão mau. A parte que Margie mais detestava era a frincha por onde tinha de enfiar os deveres de casa e os testes respondidos. Sempre fora preciso escrevê-los em código de furos que a tinham obrigado a aprender aos seis anos de idade e o professor mecânico calculava a marca num piscar de olhos.

O Inspetor sorrira depois de terminar o trabalho e afagara a cabeça de Margie, dizendo à mãe dela: -

– Não é culpa da menina, Sra. Jones. Acho que o setor de geografia estava engrenado para rapidez um pouco demasiada. Essas coisas às vezes acontecem. Eu desacelerei para o nível médio de dez anos de idade. Na verdade o padrão global do progresso dela é inteiramente satisfatório. – E voltara a afagar a cabeça de Margie.

A menina ficara desapontada. Contava que eles levassem o professor de uma vez por todas. Uma vez haviam levado o professor de Tommy por cerca de um mês, porque o setor de história se apagara por completo.

Por isso perguntou a Tommy:

– Por que motivo alguém haveria de escrever sobre a escola?

Tommy fitou-a com um olhar cheio de superioridade.

– Porque não é o nosso tipo de escola, sua burra. É o tipo antigo de escola, que houve faz muitos anos atrás. – E aduziu altivamente, pronunciando a palavra com muito cuidado: – Muitos *séculos.*

Margie sentiu-se magoada.

– Bem, eu não sei que tipo de escola eles tinham lá naquele tempo. – Leu o livro sobre o ombro do menino por algum tempo e depois disse:

– Seja lá como for, tinham um professor.

– Claro que tinham, mas não era um professor *comum*. Era um homem.

– Um homem? E como é que o homem podia ser professor?

– Bem, ele só dizia aos meninos e meninas as coisas, e dava deveres de casa, fazia perguntas a eles.

– Um homem não é sabido bastante para isso.

– Claro que é. Meu pai sabe tanto quanto meu professor.

– Não pode saber. Um homem não pode saber tanto como um professor.

– Ele sabe quase tanto, aposto com você.

Margie não estava em condições de contradizer, pelo que declarou:

– Eu não havia de querer um homem desconhecido em minha casa para me ensinar.

Tommy prorrompeu em gargalhadas.

– Você não sabe muita coisa, Margie. Os professores não moravam nas casas. Tinham um edifício especial e as crianças iam lá.

– E todas as crianças aprendiam a mesma coisa?

– Claro, se fossem da mesma idade.

– Mas minha mãe disse que um professor precisa ser ajustado para combinar com a mente de cada menino e menina a quem ensina, e que cada criança tem de ser ensinada de modo diferente.

– Mesmo assim eles não faziam isso, naquele tempo. Se você não está gostando, não precisa ler o livro.

– Eu não disse que não estava gostando – apressou-se a afirmar. Queria saber mais sobre aquelas escolas engraçadas.

Não haviam sequer chegado à metade do livro quando a mãe de Margie chamou:

– Margie! Escola!

Margie ergueu o ornar.

– Ainda não, mamãe.

– Agora! – ordenou a Sra. Jones. – E deve ser hora para Tommy, também.

Margie disse a Tommy:

– Posso ler o livro um pouco mais com você, depois da escola?

– Talvez – disse ele, indiferente e afastou-se assoviando, o livro velho e empoeirado enfiado embaixo do braço.

Margie foi para a sala de aula, ao lado do seu quarto, e o professor mecânico lá se encontrava à espera. Sempre estava lá à mesma hora, todos os dias, com exceção aos sábados e domingos, porque sua mãe dissera que as meninas pequenas aprendiam melhor se aprendessem em horas habituais.

A tela se acendeu e dizia:

“A lição de aritmética de hoje é a adição de frações próprias. Por favor, ponha os deveres de casa de ontem na entrada certa.”

Margie o fez, suspirando. Pensava nas antigas escolas que existiam quando o avô de seu avô fora pequenino. Todas as crianças de toda a vizinhança apareciam, rindo e gritando no pátio, sentavam-se juntas na sala de aula, iam juntas para casa ao encerramento do dia. Aprendiam as mesmas coisas, de modo que podiam ajudar-se mutuamente nos deveres de casa e falar sobre os mesmos.

E os professores eram gente...

O professor mecânico apresentava na tela:

“Quando somamos as frações 1/2 e 1/4...”

Margie pensava como as crianças deviam ter gostado daquilo, nos dias de antigamente. Estava pensando em como se divertiam.

BRINCALHÃO

Noel Meyerhof examinou uma lista que preparara e escolheu que artigo seria o primeiro. Como de costume, confiou principalmente na intuição.

Era um anão diante da máquina com que se defrontava, embora apenas a menor parte dessa máquina estivesse à vista. Tal não importava. Falou com a confiança descuidada de quem sabe, além de qualquer dúvida, que é o mestre.

– Johnson – disse – voltou para casa inesperadamente, de uma viagem de negócios e encontrou a esposa nos braços do melhor amigo. Levou um susto, cambaleou para trás e disse: “Max! Eu sou casado com essa mulher, de modo que preciso fazer isso. Mas por que você tem de fazer?”

Meyerhof pensava: Ok, vamos deixar isso chegar até as tripas e andar por lá um pouco.

Uma voz atrás dele disse:

– Ei.

Meyerhof apagou o som daquele monossílabo e colocou o circuito que usava em ponto neutro. Girou e disse:

– Estou trabalhando. Você não bate à porta?

Não sorria como costumava fazer ao cumprimentar Timothy Whistler, analista graduado com quem lidava tantas vezes como lidava com qualquer pessoa. Fechou a cara, como teria fechado diante de uma interrupção ocasionada por um desconhecido, enrugando o rosto magro e levando-o a uma distorção que parecia estender-se até os cabelos, amarfanhando-os mais do que nunca.

Whistler deu de ombros. Usava o jaleco de laboratório, com os punhos enfiados nos bolsos e muito bem vincado verticalmente.

– Eu bati. Você não respondeu. O sinal de operações não estava ligado.

Meyerhof resmungou. Não ligara realmente. Estivera pensando sobre esse novo projeto com interesse demasiado e esquecia os pequenos detalhes.

No entanto, não podia incriminar-se, aquela coisa era importante.

Não sabia por que motivo, naturalmente. Os Grandes Mestres raramente sabiam. Era isso o que os tornava Grandes Mestres: o fato de que se encontravam além da razão. De outra forma, como poderia a mente humana acompanhar aquela massa uniforme de quinze quilômetros de comprimento de razão solidificada que os homens chamavam de Multivac, o mais complexo computador construído até então?

Meyerhof disse:

– *Estou* trabalhando. Você tem algum assunto importante?

– Nada que não possa ser adiado. Há alguns buracos naquela resposta sobre o hiperespacial... – Whistler rodopiou, a expressão passou a um ar de pesarosa incerteza. – *Trabalhando?*

– Sim,e daí?

– Mas... – olhou ao redor fitando os cantos do aposento, diante os grupos e mais grupos de relés a formarem pequena parte do Multivac. – Não há ninguém trabalhando por aqui.

– E quem disse que havia ou devia haver?

– Você estava contando uma de suas piadas, não é?

– E então?

Whistler obrigou-se a sorrir.

– Não me diga que estava contando uma piada ao Multivac.

Meyerhof empertigou-se.

– Porque não?

– Você estava?

– Sim.

– Por quê?

Meyerhof olhou o outro com superioridade.

– Não tenho de prestar-lhe contas. Ou a ninguém.

– Santo Deus, claro que não. Era apenas curiosidade de minha parte, só isso... mas se é assim, se está trabalhando, vou embora – e olhou mais uma vez ao redor, fechando a cara.

– Faça isso – concordou Meyerhof, o olhar acompanhando o outro a se retirar e, depois, voltando a ativar o sinal de operações com pressão forte do dedo.

Percorreu toda a extensão do aposento, de um lado para o outro, afim de se controlar. Esse maldito Whistler! Malditos, todos eles! Por que não se dera ao trabalho de manter aqueles técnicos, analistas e mecânicos a uma distância social correta, porque os tratara como se também fossem artistas de criação, vinham tomar tais liberdades.

Pensava sombriamente: eles nem ao mesmo sabem contar decentemente uma piada.

E no mesmo instante isso o levou de volta à tarefa que empreendera. Sentou-se de novo. O diabo que os levasse a todos.

Reativou o circuito necessário do Multivac e disse:

– O camareiro do navio parou na amurada durante uma travessia em que o oceano estava bastante agitado e fitou, cheio de compaixão, o homem cuja posição, debruçado sobre a amurada, e cujo fervor ao olhar em direção das profundezas, traduziam muitíssimo bem os sofrimentos de quem se achava muito enjoado.

– Com gentileza o camareiro bateu no ombro do homem. “Anime-se, senhor”, murmurou. “Sei que parece muito ruim, mas, o senhor precisa saber que ninguém morre de enjôo”.

– O cavalheiro enjoado ergueu o rosto esverdeado e convulsionado para quem o reconfortava e arquejou, com voz roufenha: “Não diga isso, camaradinha. Pelo amor de Deus, não diga isso de novo. Só a esperança de morrer é que me mantém vivo.”

Timothy Whistler, um tanto preocupado, ainda assim conseguia sorrir e assentir ao passar pela mesa da secretária. Ela sorriu em resposta.

Aqui, pensava ele, estava um elemento arcaico neste mundo computadorizado do século XXI, uma secretária humana. Mas talvez fosse natural que uma instituição como aquela sobrevivesse ali, na própria cidadela da computação: na gigantesca companhia mundial que operava o Multivac. Com o Multivac a preencher os horizontes, os computadores menores, destinados a tarefas comuns, teriam sido coisa de mau gosto.

Whistler entrou no gabinete de Abram Trask. Esse funcionário do governo fez uma pausa na tarefa muito cuidadosa de acender o cachimbo, os olhos escuros voltaram-se na direção de Whistler e o nariz adunco se pronunciou acentuado e proeminente sobre o retângulo de janela que tinha por trás.

– Ah, aí está, Whistler. Sente-se...

Whistler atendeu.

– Acho que estou com um problema, Trask.

Trask sorriu de leve.

– Espero que não seja um problema técnico. Sou apenas um político inocente. (Era uma de suas expressões favoritas.)

– Diz respeito a Meyerhof.

Trask sentou.se no mesmo instante e adotou a expressão de quem sofria muito.

– Você tem certeza?

– Bastante certeza.

Whistler compreendia muito bem a infelicidade que assaltara repentinamente o outro. Trask era o funcionário público encarregado da Divisão de Computadores e Automatização do Departamento do Interior. Cabia-lhe a tarefa de lidar com as questões de política que diziam respeito aos satélites humanos do Multivac, assim como aqueles satélites de adestramento técnico deviam lidar com o próprio Multivac.

Um Grande Mestre, todavia, era mais do que apenas um satélite. Mais, até mesmo, do que um simples ser humano.

No inicio da história do Multivac tornara-se evidente que o ponto de estrangulamento era o mecanismo de interrogação. O Multivac podia responder e solucionar os problemas da humanidade, todos os problemas, desde que – desde que as perguntas fossem bastante claras. Mas à medida que o conhecimento se acumulava em velocidade cada vez maior, tornava-se cada vez mais difícil essas perguntas claras.

A razão sozinha não bastava. Necessitava-se de um tipo raro de intuição, aquela mesma faculdade mental (só que muito mais intensa) que tornava alguém um grande mestre no xadrez. Precisava-se de u'a mente do tipo que conseguia enxergar em meio a quatrilhões de configurações enxadrísticas para descobrir o melhor movimento, e fazê-lo em questão de minutos.

Trask se remexeu, inquieto.

– O que Meyerhof andou fazendo?

– Ele apresentou uma linha de perguntas que acho perturbadora.

– Ora, deixe disso, Whistler. É só o que tem a me dizer? Você não pode impedir que um Grande Mestre faça qualquer tipo de perguntas que escolha. Nem você nem eu estamos dotados para julgar o valor das perguntas dele. Você sabe disso e eu sei muito bem que você sabe disso.

– Claro que sei, mas também conheço Meyerhof. Você já esteve com ele socialmente?

– Santo Deus, não. Será que alguém se encontra socialmente com qualquer Grande Mestre?

– Não me venha com essa atitude, Trask. Eles são seres humanos e merecem pena. Voa já pensou nisso, ser um Grande Mestre?

Saber que existem apenas doze como você em todo o mundo, saber que apenas um ou dois aparecem em cada geração, que o mundo depende de você, que mil matemáticos, lógicos, psicólogos e cientistas físicos existem para servi-lo?

Trask deu de ombros e resmungou:

– Santo Deus, eu me sentiria o rei do mundo.

– Não creio que você se sentisse assim – disse, com impaciência, o analista chefe. – Eles se sentem reis de nada. Não têm uma pessoa à altura com quem conversar, nenhuma sensação de pertencerem a algo. Escute, o Meyerhof nunca perde oportunidade de se juntar à moçada. Não é casado, naturalmente. Não bebe, não tem qualquer toque social... ainda assim se força à companhia dos outros, porque precisa. E sabe o que ele faz quando se reúne a nós, e isso é pelo menos uma vez por semana?

– Não tenho a menor idéia – confessou o agente do governo. – Tudo isso é novidade para mim.

– Ele é um piadista.

– O quê?

– Ele conta piadas. Boas piadas. É formidável. Pode pegar qualquer história, por mais antiga e chata que seja, e torná-la excelente. É assim que ele conta as piadas, e tem jeito para contá-las.

– Entendo. Ora, isso é ótimo.

– Ou muito ruim. Tais piadas são importantes para ele – e Whistler encostou ambos os cotovelos na mesa de Trask, mordeu uma unha do polegar e ficou olhando o ar. – Ele é diferente, sabe que é diferente e essas piadas são o único meio pelo qual ele consegue fazer com que nós, os idiotas comuns, o aceitemos. Nós rimos, nós gargalhamos, damos-lhes palmadas nas costas e até esquecemos que é um Grande Mestre. É o único poder que ele tem sobre nós.

– Tudo muito interessante. Eu não sabia que você era tão psicólogo. Ainda assim, o que quer dizer?

– O seguinte: o que você acha que vai acontecer se Meyerhof esgotar as piadas que sabe?

– O quê? – e o funcionário do governo o olhava sem qualquer expressão.

– E se ele começar a se repetir? Se a platéia começar a rir com menos calor, ou parar inteiramente de rir? É a única coisa que ele tem para a nossa aprovação. Sem ela estará sozinho, e nesse caso o que acontecerá a ele? Afinal de contas, Trask, ele é um dos doze homens sem os quais a humanidade não vive. Não podemos deixar que

alguma coisa lhe aconteça. Não me refiro apenas às coisas físicas. Não podemos sequer deixá-lo ficar muito infeliz. Quem sabe como isso afetaria sua intuição?

– Muito bem, ele começou a se repetir?

– Até onde sei, não. Mas acho que ele acha que sim.

– E por que diz isso?

– Porque ouvi quando ele contava piadas ao Multivac.

– Oh,não!

– Acidentalmente! Entrei no gabinete e ele me expulsou. Estava furioso. Em geral é de bom gênio e eu achei mau sinal que ele se perturbasse tanto com minha intrusão. Mas continua a existir o fato de que ele estava contando uma piada ao Multivac e eu me acho convicto de que era uma de uma série de piadas.

– Mas qual o motivo?

Whistler deu de ombros e esfregou a mão com força no queixo.

– Tenho uma teoria a esse respeito. Acho que ele está tentando formar um estoque de piadas no banco de memória do Multivac, a fim de obter novas variações. Entende o que quero dizer? Ele está planejando um piadista mecânico, de modo que possa ter um número infinito de piadas à mão e não precise se preocupar em esgotá-las.

– Santo Deus!

– Falando-se objetivamente, talvez não haja mal nenhum nisso, mas creio ser um péssimo sinal quando o Grande Mestre começa a utilizar o Multivac na solução de seus problemas pessoais. Qualquer Grande Mestre tem certa instabilidade mental inerente e ele deve ser observado. Meyerhof pode estar se aproximando de urna linha fronteiriça além da qual perderemos o Grande Mestre.

Trask perguntou sem rodeios:

– O que você acha que devo fazer?

– Você pode verificar. Estou perto demais dele para poder julgar bem, talvez, e julgar os seres humanos não é meu talento especial. Você é um político, esse talento é mais seu.

– Julgar seres humanos talvez, mas não os Grandes Mestres.

– Eles também são humanos. Além disso, quem mais pode fazê-lo?

Os dedos de Trask bateram na mesa em sucessão rápida, repetidas vezes, como um rufar lento e mudo de tambores.

– Acho que terei de me encarregar do assunto – declarou.

Meyerhof contava ao Multivac:

– O jovem ardoroso e galante, apanhando um buquê de flores silvestres para a amada, ficou desconcertado ao se ver de repente no mesmo campo com um touro enorme e de aspecto pouco amistoso e que, olhando para ele com firmeza, escavava o chão com a pata, em gesto ameaçador. O rapaz, vendo um fazendeiro do outro lado de uma cerca bem distante, gritou: "Ei, moço, esse touro está seguro?" O fazendeiro examinou a situação com olhar crítico, cuspiu para um lado e respondeu:."Ele está seguro, sim". Voltou a cuspir e acrescentou: "Já não posso dizer o mesmo a seu respeito, moço."

Meyerhof estava a ponto de passar para a piada seguinte quando recebeu a notificação.

Não era uma notificação verdadeira, pois ninguém podia notificar o Grande Mestre. Resumia-se em uma mensagem de que o Chefe de Divisão Trask gostaria muito de ver o Grande Mestre Meyerhof, se o Grande Mestre Meyerhof pudesse dedicar-lhe algum tempo.

Meyerhof poderia impunemente jogar a mensagem para o lado e continuar com o que fazia. Não se encontrava sujeito à disciplina.

Por outro lado, se o fizesse, eles continuariam a importuná-lo – oh, com muito respeito, mas continuariam a importuná-lo. Por isso neutralizou os circuitos pertinentes ao Multivac e os trancou. Colocou o sinal de congelamento em seu gabinete, de modo que ninguém se atrevesse a entrar durante sua ausência e partiu para o gabinete de Trask.

Trask tossiu e sentiu-se um pouco intimidado pela ferocidade taciturna na expressão do outro, e disse:

– Ainda não tivemos ocasião de nos conhecermos pessoalmente, Grande Mestre, o que muito deploro.

– Eu lhe fiz um relatório – redargüiu Meyerhof, muito empertigado.

Trask ficou imaginando o que havia atrás daqueles olhos agudos e tresloucados. Era-lhe difícil imaginar Meyerhof, com aquele rosto fino e cabelo escuro e liso, ar fervoroso, gastando tempo suficiente para contar piadas.

Disse, então:

– Os relatórios não têm informação social. Eu... eu fui infor mado que o senhor tem um repertório maravilhoso de anedotas.

– Eu sou um piadista, senhor. É a expressão que as pessoas usam. Um piadista.

– Não usaram essa expressão comigo, Grande Mestre. Eles disseram...

– Ao diabo com todos eles! Não me importa o que disseram. Escute aqui, Trask, quer ouvir uma piada? – e se inclinou sobre a mesa, estreitando os olhos.

– Com certeza, por certo! – disse Trask, esforçando-se por ser caloroso.

– Muito bem. A piada é a seguinte: a Sra. Jones olhou para o cartão de sorte que saiu da balança de pesar, depois do marido ter colocado ali unia moeda. E disse: "Aqui diz, George, que você é suave, inteligente, dotado de visão, diligente e atraente aos olhos das mulheres". Diante disso ele revirou o cartão e observou: "E também está com o seu peso errado".

Trask riu. Era quase impossível não rir. Embora o final fosse previsível, a facilidade surpreendente com que Meyerhof produzira o tom certo de desdém na voz da mulher e a inteligência com que ele torcera as linhas do rosto para se adequar a esse tom de voz, levaram o político às gargalhadas inevitáveis.

Meyerhof perguntou, com aspereza.

– Por que achou engraçado?

Trask parou de rir.

– Desculpe...

– Eu perguntei por que achou engraçado. Por que riu?

– Bem – disse Trask, tentando ser sensato – as palavras finais puseram tudo que veio antes sob nova luz, O inesperado...

– A questão – disse Meyerhof – é que pintei o quadro de um marido que estava sendo humilhado pela esposa; um casamento tão fracassado que a esposa se acha convencida de que ao marido falta qualquer virtude. No entanto, você riu disso. Se você fosse o marido acharia engraçado?

Esperou um momento, pensando, depois disse:

– Tome esta, Trask: Abner estava sentado na cama da esposa doente, chorando incontrolavelmente, quando a mulher, juntando os últimos alentos de sua força, levantou-se sobre um cotovelo. "Abner", cochichou. "Abner, não posso ir ao meu Criador sem confessar um pecado." "Agora não", murmurou o marido, abatidíssimo. "Agora não, minha querida. Deite-se e descanse". "Não posso", gritou ela. "Preciso contar, ou minha alma jamais terá paz. Fui infiel a você, Abner. Nesta casa há um mês..." "Cale-se, querida", tranqüilizou-a Abner. "Sei de tudo. Por que acha que te envenenei?"

Trask procurou desesperadamente manter o equilíbrio mas não conseguiu de todo. Suprimiu com imperfeição uma risadinha.

Meyerhof disse

– Achou engraçado, também. Adultério. Assassinato. Tudo muito engraçado.

– Ora, vamos – observou Trask – já foram escritos livros analisando o humor

– É verdade – aceitou Meyerhof – e já li grande número deles. Mais do que isso, li a maior parte deles, para o Multivac. Mesmo assim, as pessoas que escrevem os livros estão só arriscando palpites. Algumas dizem que rimos porque nos achamos superiores às pessoas representadas pela piada. Outras dizem que é por causa de uma incongruência percebida de repente, um alívio repentino da tensão, ou a re-interpretação repentina dos acontecimentos. Existe algum motivo simples? As pessoas diferentes riem de piadas diferentes. Nenhuma piada é de aceitação universal. Há quem não ria de piada alguma. No entanto, o que talvez seja mais importante, o homem é o único animal com um sentido de humor verdadeiro: o único animal que ri.

Trask, de repente, interveio

– Compreendo. O senhor está tentando analisar o humor. É por isso que transmite uma série de piadas ao Multivac.

– Quem lhe contou que eu faço isso?... Deixe para lá, foi Whistler. Agora me lembro. Surpreendeu-me enquanto o fazia. Bem, o que acha?

– Nada, em absoluto.

– O senhor não discorda de meu direito de aduzir qualquer coisa que deseja ao fundo geral do conhecimento do Multivac, ou o meu direito de perguntar o que bem desejar?

– Não, em absoluto – apressou-se Trask a dizer. – A bem da verdade não duvido de que isso abrirá o caminho para novas análises de grande interesse para os psicólogos.

– Ora, bolas, talvez. Mesmo assim existe uma coisa a me atormentar, mais importante do que apenas a análise geral do bom humor. Existe uma pergunta taxativa que preciso fazer. Duas, na verdade.

– Oh? O que é? – E Trask imaginava se o outro ia responder. Não haveria meio de obrigá-lo a responder, caso quisesse calar-se.

Mas Meyerhof disse:

– A primeira pergunta é a seguinte: de onde vêm todas essas piadas?

– O quê?

– Quem as faz? Escute! Há cerca de um mês passei uma noite trocando piadas. Como de costume, eu contei a maioria e, como de costume, os idiotas riram. Talvez pensassem realmente que as piadas eram engraçadas e talvez estivessem apenas a me agradar. De qualquer modo, uma criatura tomou a liberdade de me dar um tapa nas costas e de dizer: “Meyerhof, você sabe mais piadas do que dez pessoas juntas”

Ele prosseguiu

– Tenho a certeza de que ele tinha razão, mas isso me fez pensar. Não sei quantas centenas ou talvez milhares de piadas contei numa ou em outra ocasião de minha vida, mas o fato é que nunca criei uma só delas. Nem uma. Minha contribuição única era contálas. Para começar, eu as teria ouvido ou lido. E a fonte em que ouvira ou lera também não fizera essas piadas. Nunca conheci alguém que tenha afirmado ter feito uma piada. Sempre foi “Ouvi uma boa, ainda ontem”, e “ouviu alguma boa ultimamente?”

Ele concluía:

– Todas as piadas são velhas! Por isso exibem tal lacuna social. Ainda lidam com enjôo no mar, por exemplo, quando isso é facilmente impedido em nossos dias e ninguém mais o sente. Ou lidam com balanças que emitem cartões lendo a sorte, por exemplo, como a piada que lhe contei, quando tais balanças só existem hoje em lojas de antiguidades. Pois bem, quem faz as piadas?

Trask disse:

– É isso o que o senhor está querendo descobrir? – e estava na ponta de sua língua dizer: Santo Deus, quem se importa? Ele obrigou-se a não dizê-lo. As perguntas feitas por um Grande Mestre eram sempre dotadas de sentido.

– Está claro que é o que procuro descobrir. Pense comigo. Não é só que as piadas são antigas. Elas precisam ser antigas para que as desfrutem. E essencial que uma piada não seja original. Existe uma variedade de humor que é, ou pode ser original, e esta é a do trocadilho. Ouvi trocadilhos que foram claramente feitos no calor do momento. Eu mesmo fiz alguns. Mas ninguém ri de trocadilhos assim. Não se deve rir. Nós gememos. Quanto melhor o trocadilho, tanto mais alto se geme. O humor original não provoca risadas. Por quê?

– Eu, com certeza, não sei.

– Muito bem, vamos descobrir. Tendo dado ao Multivac todas as informações que julguei aconselháveis sobre o tópico geral do bom-humor, estou agora dando-lhe piadas escolhidas.

Trask se achava intrigado, a essa altura.

– Escolhidas como? – perguntou.

– Não sei – explicou Meyerhof. – Pareciam ser as piadas certas. Eu sou o Grande Mestre, como sabe.

– Oh, por certo, por certo.

– A partir dessas piadas e da filosofia geral do humor, o meu primeiro pedido será que o Multivac indique a origem das piadas, se for possível. Como Whistler está sabendo disso e como ele achou que valia a pena dar parte a você, mande-o à Análise depois de amanhã. Acho que ele vai ter de trabalhar um pouco.

– Por certo. Posso ir também?

Em resposta, Meyerhof deu de ombros. O comparecimento de Trask era, do modo mais evidente, uma questão indiferente para ele.

Meyerhof escolhera a última da série com cuidado especial. Em que esse cuidado consistia, não saberia dizer, mas examinara uma dúzia de possibilidades mentalmente e repetidas vezes pusera á prova cada uma delas, procurando alguma qualidade indefinível de significado.

Ele contou:

– Ug, o homem das cavernas, viu quando a companheira chegou correndo e em lágrimas, e a saia feita com pele de leopardo desarrumada. “Ug”, gritou ela, perturbadíssixna, “faça alguma coisa, depressa. Um tigre de dente de sabre entrou na caverna da mamãe. Faça alguma coisa!” Ug grunhiu, apanhou o osso de búfalo que já roera bastante e disse: “Para que fazer alguma coisa? Quem se importa com o que acontece com um tigre de dentes de sabre?”

Foi quando Meyerhof fez as duas perguntas e se encostou na cadeira, cerrando os olhos. Seu primeiro trabalho terminara.

– Eu nada vi de errado – explicou Trask a Whistler. – Ele me disse o que está fazendo, e era coisa singular, mas legítima.

– O que ele *pretendia* fazer – contrapôs Whistler.

– Mesmo assim não posso impedir um Grande Mestre só por questão de opinião. Ele pareceu esquisito mas, afinal de contas, os Grandes Mestres parecem esquisitos, todos eles. Não creio que esteja louco.

– Usar o Multivac para descobrir a fonte das piadas? – murmurou o analista-chefe, descontente. – Isso não é loucura?

– Como podemos saber? – perguntou Trask, cheio de irritação. – A ciência chegou ao ponto em que as únicas perguntas dotadas de sentido e que nos restam são ridículas. As sensatas já foram pensadas, perguntadas e respondidas, desde muito tempo.

– Não adianta. Estou amolado.

– Sei, mas não tenho mais escolha, Whistler. Vamos estar com Meyerhof e você pode fazer a análise necessária do Multivac, se houver. Quanto a mim, minha única tarefa é cuidar da parte burocrática. Santo Deus, nem sei o que um analista-chefe como você deve fazer, a não ser analisar, e isso não me ajuda em nada.

Whistler disse:

– É muito simples. Um Grande Mestre como Meyerhof faz as perguntas e o Multivac formula a mesma automaticamente em quantidades e operações. O maquinismo necessário para converter as palavras em símbolos é o que constitui a maior parte do volume do Multivac. O Multivac então dá a resposta em quantidade e operações mas não traduz isso de volta em palavras, a não ser os dados mais simples e rotineiros. Se fosse feito para solucionar o problema geral de re-tradução, o volume que ocupa teria de ser quatro vezes maior, pelo menos.

– Entendo. A sua tarefa, então, é traduzir esses símbolos em palavras?

– Minha tarefa e a de outros analistas. Usamos computadores menores, especialmente projetados, sempre que necessário. – Dito isso Whistler sorriu sem graça alguma. – Como a sacerdotisa de Delfos na Grécia antiga, o Multivac dá respostas oraculares e obscuras. Só que nós temos tradutores, percebe?

Haviam chegado. Meyerhof estava à espera.

Whistler disse rispidamente:

– Que circuitos usou, Grande Mestre?

Meyerhof lhe disse e Whistler se pós a trabalhar.

Trask procurou entender o que acontecia, mas nada daquilo fazia sentido. Observou um carretel que se desenrolava com um padrão de pontos em incompreensibilidade infinita. O Grande Mestre Meyerhof permanecia em atitude indiferente a um lado enquanto Whistler examinava o padrão à medida que o mesmo surgia. O analista colo-

cara fones de ouvido, um microfone e a intervalos murmurava uma série de instruções que, em algum lugar distante, servia para orientar os assistentes em meio a contorções elétricas de outros computadores.

De vez em quando Whistler ouvia e depois imprimia combinações em um teclado, marcado de símbolos que pareciam vagamente matemáticos, mas não o eram.

Transcorreu muito mais do que uma hora.

No semblante de Whistler a preocupação se acentuava. Certa feita ele olhou para os dois outros e começou a dizer: – Isto é inacre... – e voltou ao trabalho.

Finalmente disse, a voz roufenha:

– Posso dar-lhes uma resposta não-oficial.

Tinha os olhos orlados de vermelho, e prosseguia:

– A resposta oficial aguarda uma análise completa. Quer a não-oficial?

– Vá em frente – disse Meyerhof

Trask assentiu.

Whistler lançou um olhar cabisbaixo para o Grande Mestre.

– Faça uma pergunta tola... – começou a dizer, e logo, em tom mais brusco: – O Multivac diz que é de origem extraterrestre.

– O que está dizendo? – interpelou Trask.

– Não me ouviu? As piadas de que rimos não foram feitas por homem algum. O Multivac analisou todos os dados que recebeu e a resposta que melhor se ajusta aos dados é a de que alguma inteligência extraterrestre foi quem fez as piadas, todas elas, e as colocou em mentes humanas escolhidas, em momentos e lugares escolhidos, de modo que nenhum homem tem consciência de ter criado piada alguma. Todas as piadas subseqüentes s variações e adaptações desses originais.

Meyerhof interveio, o rosto afogueado com a espécie de triunfo que só um Grande Mestre pode conhecer, tendo feito a pergunta certa.

– Todos os escritores de comédia – disse – trabalham adaptando as piadas antigas a fitos novos. Isso é sabido. A resposta confere.

– Mas, por quê? – perguntou Trask. – Para que fazer as piadas?

– O Multivac diz – prosseguiu Whistler – que o objetivo único ajustando-se a todos os dados é que as piadas se destinam a estudar a psicologia humana. Nós estudamos a psicologia dos ratos fazendo com que eles andem por labirintos. Os ratos não sabem qual o motivo e não saberiam, mesmo se se apercebessem do que se passava, o que não acontece. Essas inteligências externas examinam a psicolo-

gia do homem observando as reações pessoais a anedotas cuidadosamente escolhidas. Cada homem reage de um modo diferente... É de presumir que essas inteligências externas são, para nós, o que somos para os ratos.

Ele estremecia. Trask, fitando com firmeza, disse:

– O Grande Mestre disse que o homem é o único animal com sentido de Humor. Pareceria, então, que o sentido de humor nos foi imposto de fora.

Meyerhof aduziu, agitado:

– E para o humor possível, criado por nós, não temos risadas nem gargalhadas. Falo dos trocadilhos.

Whistler disse:

– É de presumir que os extraterrestres cancelam as reações às piadas espontâneas para evitar a confusão.

Trask afirmou, tomado por repentino sofrimento:

– Ora vamos, bom Deus, algum de vocês acredita nisso?

O analista-chefe olhou-o com toda a frieza.

– O Multivac diz que sim. É tudo que podemos afirmar até agora. Ele indicou os piadistas verdadeiros do universo e se quisermos saber mais, a matéria terá de ser continuada. – Aduziu então, em um murmúrio: – Se alguém tiver coragem de prosseguir.

O Grande Mestre Meyerhof disse, de súbito:

– Eu fiz duas perguntas, como sabem. Até agora apenas a primeira foi respondida. Acho que o Multivac tem base bastante para responder a segunda.

Whistler deu de ombros, parecia um homem liquidado.

– Quando um Grande Mestre acha que existem bases suficientes – asseverou – eu acredito. Qual é a sua segunda pergunta?

– Eu perguntei o seguinte: qual será o efeito, sobre a raça humana, ao ser descoberta a resposta para a minha primeira pergunta?

– E por que perguntou isso? – interpelou Trask.

– Uma sensação de que tinha de ser perguntado – explicou Meyerhof.

Trask disse:

– Loucura. É tudo loucura – e se voltou dali. Ele próprio sentia a estranheza com que ele e Whistler haviam mudado de lado. Agora era Trask quem proclamava a loucura.

Ele fechou os olhos. Podia gritar loucura o mais que quisesse, mas homem algum, em cinqüenta anos, duvidara da condenação de um Grande Mestre e do Multivac e viera a confirmar suas dúvidas.

Whistler trabalhou em silêncio, os dentes cerrados. Voltou a pôr o Multivac e suas máquinas auxiliares em movimento. Outra hora decorreu e ele riu com aspereza.

– Um pesadelo alucinado!

– Qual é a resposta? – perguntou Meyerhof. – Eu quero as observações do Multivac, não as suas.

– Multo bem. Aqui está. O Multivac afirma que assim que um só ser humano venha a descobrir a verdade desse método de análise psicológica da mente humana, tal método se tornará inútil como técnica objetiva para aquelas forças extraterrestres que agora o empregam.

– Quer dizer que outras piadas não serão mais dadas à humanidade? – perguntou Trask, sem ânimo algum. – Ou o que quer dizer?

– Não haverá mais piadas – disse Whistler – agora! O Multivac diz agora! A experiência termina agora! Uma nova técnica terá de ser introduzida.

Eles se entreolharam, os minutos passaram. Meyerhof disse baixinho:

– O Multivac tem razão.

Whistler disse, exasperado:

– Eu sei.

Até Trask se manifestou em um murmúrio:

– Sim, precisa ser.

Foi Meyerhof quem havia encontrado aquilo, Meyerhof, o pia dista emérito. Ele disse:

– Acabou, você sabe, tudo acabou. Há cinco minutos que estou tentando e não consigo pensar em uma só piada, nem uma! E se ler alguma em um livro, não vou rir. Sei disso.

– Acabou o dom do bom.humor – comentou Trask, cheio de melancolia. Nunca mais um homem rirá.

E ali ficaram, olhando, sentindo que o mundo se encolhia às dimensões de unia gaiola de ratos submetidos a experiências – um labirinto retirado e algo, alguma coisa, a ser colocada no lugar desse labirinto.

O BARDO IMORTAL

– Oh, sim – disse o Dr. Phineas Welch – posso trazer de volta o espírito dos mortos ilustres.

Estava um pouco ébrio, ou talvez não o dissesse. Era naturalmente aceitável embriagar-se um pouco na festa anual do Natal.

Scott Robertson, o jovem instrutor de inglês da escola, ajustou os óculos no nariz e olhou à direita e esquerda para ver se tinham sido ouvidos por outras pessoas.

– Francamente, Dr. Welch.

– Falo sério. E não apenas os espíritos. Trago também os corpos de volta.

– Eu não diria que fosse possível – retorquiu Robertson, empertigado.

– E por que não? É uma simples questão de transferência temporal.

– Refere-se à viagem no tempo? Mas isso é... bem, é bem invulgar.

– Não é, se você souber como.

– Bem, como, Dr. Welch?

– Acha que vou lhe contar? – perguntou o físico em tom grave. Olhou vagamente ao redor procurando outra bebida e não encontrou bebida alguma. Disse, então: – Eu já trouxe um bom número de volta. Arquimedes, Newton, Galileu. Pobres sujeitos.

– Eles gostaram daqui? Seria de crer que ficassem encantados com a nossa ciência moderna – disse Robertson, a quem a conversa começara a agradar.

– Oh, ficaram. Principalmente o Arquimedes. Pensei que ele ia enlouquecer de alegria, de inicio, depois de lhe ter explicado um pouco da coisa em algum grego que eu havia escovado, mas não... não...

– O que houve?

– Uma questão de cultura diferente. Eles não se acostumaram, ao nosso modo de viver. Ficaram muitíssimo solitários e assustados. Tive de mandá-los de volta.

– Uma pena.

– Pois é. Grandes espíritos, mas não tinham mentes flexíveis. Não eram universais. Por isso tentei Shakespeare.

– O quê? – berrou Robertson. Aquilo estava chegando mais perto, agora.

– Não grite, rapaz – disse Welch. – É falta de educação.

– O senhor disse que trouxe Shakespeare de volta?

– Trouxe, sim. Precisava de alguém com espírito universal, alguém que conhecesse as pessoas o bastante para poder viver com elas a séculos de distância de sua própria época. Shakespeare era esse homem. E apanhei a assinatura dele. Como lembrança, sabe?

– Está com ela? – indagou Robertson, os olhos a se esbugalharem.

– Bem aqui – e Welch vasculhava um bolso do capote, logo outro. – Ah, aqui está.

Um pequeno pedaço de cartolina foi passado ao instrutor. A um lado achava-se escrito: "L. Klein & Sons, Ferragens por Atacado". No outro lado, em escrita garatujada, via-se "William Shakespeare".

Uma desconfiança tresloucada apoderou-se de Robertson.

– Qual era o aspecto dele?

– Diferente das imagens que se apresentam por aí. Calvo e com bigode muito feio. Falava em sotaque forte. Está claro que fiz o possível para agradá-lo com nossa época. Contei-lhe que tínhamos a melhor das opiniões sobre suas peças e ainda as representávamos.

Na verdade disse que em minha opinião eram as maiores obras da literatura na língua inglesa, talvez em qualquer idioma.

– Ótimo. Ótimo – concordou Robertson, quase incapaz de respirar.

– Eu disse que as pessoas haviam escrito livros e mais livros de comentários sobre as peças dele. Ele quis ver um desses livros, naturalmente, e fui apanhá-lo na biblioteca.

– E depois?

– Oh, ele ficou encantado. Está claro que encontrou dificuldades com as expressões atuais e as referências a acontecimentos a partir de 1600, mas eu o ajudei. Pobre camarada. Não creio que tenha contado com tal tratamento. Não parava de dizer: "Que Deus tenha misericórdia! O que não arrancam das palavras em cinco séculos? Dá para arrancar, acredito, uma torrente de um pano molhado".

– Ele não diria urna coisa dessas.

– E por que não? Escreveu as peças tão depressa quanto pôde. Disse que tinha de fazê-lo, por causa dos prazos de entrega.

Escreveu Hamlet em menos de seis meses. A trama era antiga, ele apenas lhe deu polimento.

– É tudo que fazem com o espelho de telescópio. Basta dar polimento – disse o instrutor de inglês, cheio de indignação.

O físico não lhe deu atenção. Descobriu um copo cheio e intacto no bar, a alguns palmos de distância, e deslizou em sua direção.

– Eu disse ao bardo imortal que até dávamos cursos superiores sobre Shakespeare.

– Eu dou um,

– Sei disso. Matriculei-o em seu curso noturno de extensão. Nunca vi homem tão aflito quanto o pobre Bill, por descobrir o que a posteridade pensava a seu respeito. Ele estudou como o diabo.

– O senhor matriculou William Shakespeare em meu curso? – murmurou Robertson. Mesmo com fantasia alcoólica tal pensamento lhe causava estarrecimento. E era mesmo uma fantasia alcoólica? Começava a lembrar-se de um homem calvo, com o modo curioso de falar...

– Não sob o nome dele, está claro – explicou o Dr. Welch. – Não importa o que ele passou. Foi um erro, só isso. Um grande erro. Pobre camarada.

Estava em posse do coquetel e sacudiu a cabeça para o copo.

– Por que foi um erro? O que lhe aconteceu?

– Tive de mandá-lo de volta a 1600 – trovejou Welch, agora indignado, por sua vez. – Até que ponto você acha que um homem agüenta a humilhação?

– E de que humilhação está falando?

O Dr. Welch virou a bebida do copo.

– Ora, seu pobre imbecil, você o reprovou.

UM DIA

Niccolo Mazetti estava deitado de bruços sobre o tapete, o queixo enterrado na palma da mio pequena e ouvia o Bardo, desconsolado. Percebia-se até o começo de lágrimas em seus olhos escuros, luxo a que só se podia permitir uma criatura com onze anos de idade quando se encontrava sozinha.

O Bardo disse:

– Uma vez no meio da floresta enorme, vivia um pobre lenhador com suas duas filhas sem mãe, que eram tio belas quanto o dia é longo. A filha mais velha tinha cabelos pretos e compridos como a pena de asa da graúna, mas a filha mais nova tinha cabelos tão brilhantes e dourados como a luz do sol em tarde de outono.

– Muitas vezes, enquanto as meninas esperavam que o pai voltasse para casa, após trabalhar no mato, a filha mais velha sentava-se diante do espelho e cantava...

O que ela cantava Niccolo não ouvia, porque alguém o chamou de fora do quarto:

– Ei, Nickie.

E Niccolo, o rosto desanuviando.se no mesmo instante, correu até a janela e gritou:

– Ei

Paul Loeb acenou com a mão agitada. Era mais magro do que Niccolo e não tio alto, mesmo sendo seis meses mais velho. Tinha o rosto cheio de tensão reprimida, que se mostrava com mais clareza no rápido piscar das pálpebras.

– Ei, Nickie, quero entrar. Tenho uma idéia e *metade*. Espere só até ouvir.

Olhou rapidamente em volta, como a verificar a possibilidade de ouvintes furtivos, mas o quintal da frente estava evidentemente vazio. Repetiu, então, em cochicho:

– Espere só até ouvir.

– Muito bem, já abro a porta.

O Bardo continuou suavemente, sem saber da perda de atenção por parte de Niccolo. Quando Paul entrou, o Bardo estava dizendo:

– ... Com que o leão disse: “Se você encontrar para mim o ovo perdido da ave que voa sobre a Montanha de Ébano, uma vez a cada dez anos, eu....”

Paul disse:

– É só uma coisa velha que eu tinha, quando era menino. Não isso.

Niccolo se tornou rubro e a expressão de infelicidade regressou a seu semblante.

– E só uma coisa velha que eu tinha, quando era menino. Não está muito boa.

Desferiu um pontapé no Bardo e acertou na cobertura de plástico, um tanto arranhada e descolorida, um outro golpe.

O Bardo teve um soluço, como se a ligação do alto-falante fosse tirada do contato por um momento, e depois prosseguiu:

– ... por um ano e um dia, até que os sapatos de ferro se gastaram. A princesa parou do lado da estrada...

Paul disse:

– Rapaz, esse é mesmo um modelo antigo – e olhou para aquilo com expressão crítica.

A despeito da própria amargura que Niccolo sentia contra o Bardo, não lhe agradou o tom condescendente do outro. Sentia momentaneamente pesar por ter deixado Paul entrar, pelo menos antes de haver recolocado o Bardo em seu lugar de descanso habitual no porão. Só pelo desespero de um dia monótono e um debate infrutífero com o pai é que ele o fizera ressuscitar. E acabara verificando ser coisa tão estúpida quanto imaginara.

Nickie tinha um pouco de medo de Paul, já que este fizera cursos especiais na escola e todos diziam que ele ia crescer e ser um Engenheiro de Computador.

Não que o próprio Niccolo estivesse a se sair mal na escola. Recebera notas adequadas em lógica, manipulações binárias, computação e circuitos elementares; todas as disciplinas costumeiras da escola primária. Mas era exatamente isso! Não passavam de disciplinas comuns e ele crescia para ser um guarda de painel de controle, como todos os outros.

Paul, todavia, conhecia coisas misteriosas sobre o que chamava de eletrônica e matemática teórica e programação. Principalmente

programação. Niccolo nem mesmo procurava compreender quando Paul falava sobre o assunto, parecendo borbulhar.

Paul olhou o Bardo por alguns minutos e disse.:

– Você andou usando muito isso aí?

– Não! – retorquiu Niccolo ofendido. – Tenho isso guardado no porão desde que você mudou para cá. Só tirei de lá hoje... – Faltava-lhe uma desculpa que parecesse adequada a si próprio, de modo que ele concluiu: – Acabei de tirar.

Paul perguntou:

– É isso o que ele lhe conta: lenhadores e princesas e animais que falam?

Niccolo explicou:

– Uma coisa horrível. Meu pai disse que não podemos comprar um novo. Eu falei com ele, hoje de manhã... – A recordação das súplicas inúteis que fizera de manhã, levou Niccolo a aproximar-se muito das lágrimas, que reprimiu tomado de pânico. De algum modo achava que as faces magras de Paul nunca haviam sentido a vergonha das lágrimas e que Paul só poderia desdenhar outra pessoa menos forte que ele próprio. Niccolo prosseguiu: – Por isso achei que devia experimentar outra vez essa coisa velha, mas não vale nada.

Paul desligou o Bardo, apertou o contato que levava para a reorientação e recombinação quase instantâneas do vocabulário, personagens, textos da trama e clímax ali guardados. Depois reativou.

O Sardo começou, devagar:

– Uma vez havia um menino chamado Willikins, cuja mãe morrera e que vivia com o padrasto e o filho do padrasto. Embora o padrasto fosse um homem bem rico, negava ao pobre Willikins a própria cama em que dormia, de modo que Willikins era obrigado a descansar o melhor que podia em um monte de palha no estábulo, perto dos cavalos...

– Cavalos! – gritou Paul.

– São uma espécie de animal – disse Niccolo. – Acho que são.

– Eu sei disso! Agora imagine só, estórias sobre *cavalos.*

– Ele fala de cavalos o tempo todo – explicou Niccolo. – Existem também coisas chamadas vacas. Você tira leite delas e o Bardo não diz como.

– Bem, puxa vida, por que você não conserta isso?

– Gostaria de saber como.

O Bardo estava dizendo:

– Muitas vezes Willikins pensava que se fosse rico e poderoso haveria de mostrar ao padrasto e ao filho do padrasto o que significava ser cruel com um menino pequeno, de modo que um dia resolveu sair para o mundo e procurar sua sorte.

Paul, que não ouvia o Bardo, disse:

– E fácil. O Bardo tem cilindros de memória preparados para as palavras da trama e os clímax e as coisas. Não vamos nos preocupar com isso. É só o vocabulário que devemos consertar, de modo que ele vai saber acerca dos computadores, automatização e eletrônica e as coisas reais que temos hoje. Depois pode contar estórias interessantes, você sabe, em vez de falar sobre princesas e essas coisas.

Animado, Niccolo disse:

– Oxalá a gente pudesse fazer isso.

Paul disse:

– Escuta, meu pai diz que se eu entrar na escola especial de computação, no ano que vem, ele vai me dar um Bardo de verdade, um modelo novo. Bem grande, com ligação para estórias de mistérios do espaço. E uma ligação visual também!

– Quer dizer que você vai ver as estórias?

– Claro. O senhor Daugherty, na escola, diz que elas têm coisas assim, agora, mas não são para todos. Só se eu entrar na escola de computação. O Papai pode arranjar umas coisas.

Os olhos de Niccolo transbordavam de inveja.

– Puxa vida. Ver uma estória!

– Você pode ir lá em casa e assistir a qualquer momento, Nickie.

– Puxa vida, rapaz. Obrigado.

– Não faz mal. Mas lembre de uma coisa, sou eu quem diz que tipo de estória vamos ouvir.

– Claro, claro – Niccolo teria concordado prontamente, mesmo sob condições mais severas.

A atenção de Paul se voltou para o Bardo, que dizia:

– “Se é assim”, disse o rei, cofiando a barba e fechando a cara até que as nuvens cobriram o céu e o relâmpago riscou o ar, “você vai providenciar para que toda a minha terra fique livre das moscas a esta hora, depois de amanhã, ou...”.

– Tudo que temos a fazer – disse Paul – é abrir... – E desligou novamente o Bardo, já procurava tirar o painel da frente enquanto dizia.

– Ei – interveio Niccolo, alarmado de súbito. – Não vai quebrar...

– Não vou quebrar – disse Paul, com impaciência. – Eu sei tudo sobre essas coisas. – E logo, com cautela repentina: – Seu pai e sua mãe estão em casa?

– Não.

– Muito bem, então. – Já tirara o painel dianteiro e olhava para o interior. – Rapaz, isto é coisa de um cilindro.

Já trabalhava nas entranhas do Bardo. Niccolo, que observava em suspense penoso, não conseguia enxergar o que o outro fazia.

Paul tirou de lá uma faixa fina e flexível de metal, coberta de pontos.

– Este é o cilindro de memória do Bardo. Aposto que a capacidade de estórias dele tem menos de um trilhão.

– O que você vai fazer, Paul? – perguntou Niccolo, trêmulo.

– Vou dar-lhe vocabulário.

– Como?

– É fácil. Tenho um livro aqui. O Sr. Daugherty me deu na escola.

Paul tirou o livro do bolso e o desencapou até retirar a coberta de plástico. Desenrolou a fita um pouco, passou-a pelo vocalizador que abaixou até tomar-se um murmúrio e depois o colocou dentro das entranhas do Bardo. E fez outras ligações.

– O que isso vai fazer?

– O livro vai falar e o Bardo guardará tudo na fita de memória.

– E de que serve?

– Rapaz, você é burro! Meu livro é todo sobre computadores e automatização e o Bardo ficará com toda essa informação. Depois vai poder parar de falar sobre reis que criam relâmpagos quando fecham a cara.

Niccolo disse:

– E o bom sujeito sempre vence, seja lá como for. Não tem graça nenhuma.

– Oh, bem – disse Paul, observando para ver se o seu arranjo estava funcionando corretamente. – É assim que eles fazem os Bardos. Eles precisam fazer os bons camaradas vencerem e os maus camaradas perderem, coisas desse tipo. Uma vez ouvi meu pai falando sobre o assunto. Ele diz que sem a censura não se podia dizer o que a geração mais jovem seria capaz de tornar-se. Ele diz que a coisa já anda muito ruim... Pronto, está funcionando muito bem.

Paul esfregou as mãos uma na outra e afastou-se do Bardo, dizendo:

– Mas escuta, ainda não lhe contei como é a minha idéia. É a melhor coisa que você já ouviu, pode crer. Vim falar com você por que achei que você havia de entrar nela comigo.

– Com certeza, Paul, com certeza.

– Muito bem. Você conhece o Sr. Daugherty, na escola? Você sabe que ele é um sujeito gozado. Pois bem, ele gosta de mim, um pouco.

– Eu sei.

– Estive na casa dele depois da escola, hoje.

– Você esteve?

– Claro. Ele diz que eu vou entrar na escola de computadores e quer me animar, coisas assim. Ele diz que o mundo precisa de mais gente que saiba projetar circuitos de computadores avançados e fazer uma programação correta.

– É?

Paul podia perceber parte da vacuidade daquele monossílabo. Disse, com impaciência:

– Programação! Eu já lhe contei mais de cem vezes. É quando você cria problemas para os computadores gigantescos como o Multivac resolverem, O Sr. Daugherty diz que está ficando cada vez mais difícil encontrar pessoas que saibam dirigir bem os computadores. Ele diz que qualquer pessoa pode ficar de olho nos controles e verificar as respostas e processar os problemas de rotina. Diz que o truque é expandir as pesquisas e calcular modos de fazer as perguntas certas, e que isso é difícil.

Ele prosseguiu:

– De qualquer modo, Nickie, ele me levou até a casa dele e me mostrou a coleção de computadores antigos. É uma espécie de passatempo dele colecionar computadores antigos. Tinha computadores tão pequenos que era preciso apertar com a mão, com botõezinhos por cima. E tinha um pedaço de madeira que chamava de régua de calcular, com um pedacinho lá dentro que corria pra lá e pra cá. E alguns fios com bolas. Tinha até um pedaço de papel com uma espécie de coisa que chamava tabela de multiplicação.

Niccolo que só se interessava moderadamente pelo assunto, perguntou:

– Uma tabela de papel?

– Não era uma tabela de verdade, coisa diferente. Era para ajudar as pessoas a computar. O Sr. Daugherty quis explicar, mas não estava com muito tempo e era um pouco complicado.

– Por que as pessoas não usavam um computador?

– Isso foi antes de terem computadores – bradou Paul.

– Antes?

– Claro. Você acha que as pessoas sempre tiveram computadores? Você nunca ouviu falar nos homens das cavernas?

Niccolo disse:

– E como é que eles se arranjavam sem computadores?

– Não sei, O Sr. Daugherty diz que eles tinham filhos em qualquer hora e faziam tudo que lhes dava na cabeça, fosse ou não fosse bom para todos. Nem sabiam se era bom ou não. E os lavradores plantavam coisas com as mãos e as pessoas tinham de executar o trabalho nas fábricas e dirigir todas as máquinas.

– Não acredito!

– Foi o que o Sr. Daugherty disse. Ele disse que aquilo era uma bagunça desgraçada e todos sofriam... Seja lá como for, quero falar de minha idéia, você deixa?

– Muito bem, pode falar. Quem está impedindo? – contrapôs Niccolo, ofendido.

– Pois é. Muito bem, os computadores manuais, aqueles que têm botões, tinham também uns rabiscos em cada botão. E a régua de calcular tinha rabiscos também. E a tabela de multiplicação era cheia de rabiscos. Eu perguntei o que era aquilo. O Sr. Daugherty disse que eram números.

– O quê?

– Cada rabisco diferente representava um número diferente. Para "um" você fazia uma espécie de marca, para "dois" você fazia outra espécie de marca, para "três" outra, e assim por diante.

– E para quê?

– Para poder computar.

– Mas para quê? E só dizer ao computador...

– Puxa vida – gritou Paul, o rosto contorcido de raiva – você não entende as coisas? Aquelas réguas de calcular e outros negócios não falavam.

– Nesse caso como...

– As respostas apareciam em rabiscos, e você tinha de saber o que os rabiscos significavam, O Sr. Daugherty diz que naqueles dias todos aprendiam a fazer os rabiscos quando eram crianças e como

decifrar aquilo, também. Fazer rabiscos era chamado “escrever” e decodificar os rabiscos “ler”. Ele diz que havia uma espécie diferente de rabisco para cada palavra e eles costumavam escrever livros inteiros em rabiscos. Disse que tinham alguns no museu e que eu podia dar uma espiada se quisesse. Disse que se eu vou ser um calculista e programador de verdade tenho que conhecer a história da computação e por isso estava me mostrando todas aquelas coisas.

Niccolo fechou a cara e disse:

– Você quer dizer que todos tinham de decifrar os rabiscos para cada palavra e *lembrar* deles?... Isso é verdade ou você está inventando?

– Ê tudo verdade. Pode crer. Escute, é assim que se faz um “um”. – E levou o dedo a atravessar o ar, em talho vertical rápido. – Assim você faz “dois” e assim é “três”. Aprendi todos os números até “nove”.

Niccolo observava aquele dedo que fazia curvas, sem entender.

– E de que adianta isso?

– Você pode aprender como fazer palavras. Perguntei ao Sr. Daugherty como se fazia o rabisco para “Paul Loeb” mas ele não sabia. Contou que existem pessoas no museu que sabem. Disse que havia pessoas que tinham aprendido a decodificar livros inteiros. Contou também que os computadores podem ser projetados para decodificar livros e costumavam ser usados assim, mas agora não são mais, porque hoje temos livros de verdade, com fitas magnéticas que entram pelo vocalizador e saem falando, você sabe.

– Claro.

– Por isso, se nós formos ao museu, podemos aprender como fazer palavras em rabiscos. Eles vão deixar porque eu vou para a escola de computadores.

Niccolo estava transfigurado de decepção.

– A sua idéia é essa? Ora bolas, Paul, quem quer fazer isso? Fazer rabiscos estúpidos!

– Você não entendeu? Você não entende? Seu burro. *Vai ser um jeito de escrever mensagens secretas!*

– O quê?

– Pois é. De que adianta falar, quando todo mundo pode entender? Com os rabiscos você pode mandar mensagens secretas, pode fazer os rabiscos no papel e ninguém neste mundo vai saber o que você está dizendo, a não ser que conheça os rabiscos também. E eles

não vão conhecer, pode crer, a menos que a gente ensine. Podemos ter um clube de verdade, com iniciação, regras, urna casa. Rapaz...

Uma certa animação começou a se fazer sentir no peito de Niccolo.

– Que tipo de mensagens secretas?

– Qualquer tipo. Vamos dizer que eu quero convidar você para ir à minha casa e assistir ao meu novo Bardo Visual, e não quero que nenhum dos outros camaradas apareça. Eu faço os rabiscos certos no papel e te dou e você olha e sabe o que deve fazer. Ninguém mais fica sabendo. Você pode até mostrar a eles e eles não entendem nada.

– Ei, isso é bom – berrou Niccolo, completamente seduzido pela idéia. – Quando vamos aprender a fazer isso?

– Amanhã – disse Paul. – Eu vou pedir ao Sr. Daugherty para explicar no museu que está tudo certo e você arranja licença com seu pai e sua mãe. Podemos ir logo depois da escola e começar a aprender.

– É claro! – gritou Niccolo. – Podemos ser os chefes do clube.

– Eu vou ser o presidente do clube – disse Paul, taxativo. – Você pode ser o vice-presidente.

– Está certo. Ei, isso vai ser muito mais divertido do que o Bardo.

De repente lembrou-se do Bardo e disse, tomado de apreensão repentina:

– Ei, e que tal o meu velho Bardo?

Paul voltou-se para olhar. Estava aceitando silenciosamente o livro que se desenrolava devagar, e o som das vocalizações do livro era um murmúrio que mal se ouvia.

Ele disse:

– Vou desligar.

Trabalhou naquilo enquanto Niccolo observava, aflito. Depois de alguns instantes Paul recolocou o seu livro rebobinado no bolso, recolocou o painel e o ativou.

O Bardo disse:

– Uma vez, em uma cidade grande, havia um pobre menino chamado Fair Johnnie, cujo único amigo no mundo era um pequeno computador. O computador todas as manhãs dizia ao menino se ia chover naquele dia e resolvia qualquer problema que ele tivesse. Nunca errava. Mas aconteceu que um dia o rei dessa terra, tendo ouvido falar no pequeno computador, resolveu que devia ficar com ele. Com esse objetivo chamou seu Grande Vizir e disse

Niccolo desligou o Bardo com movimento rápido da mão.

– A mesma bobagem de sempre – disse, cheio de emoção.

– Mesmo com um computador enfiado aí.

– Bem – disse Paul – eles têm tanta coisa na fita que o negócio de computador não aparece muito quando se fazem combinações aleatórias. Seja lá como for, qual é a diferença? Você precisa de um modelo novo.

– Nós nunca poderemos comprar um. Só esta coisa velha e chata. – Voltou a dar-lhe um pontapé, acertando-o com mais força dessa feita. O Bardo moveu-se para trás, um gemido de rodas denteadas.

– Você sempre vai poder ver o meu, quando eu ganhar – prometeu Paul. – Além disso, não se esqueça de nosso clube de rabiscos.

Niccolo assentiu.

– Vou lhe dizer uma coisa – prosseguiu Paul. – Vamos até lá em casa. Meu pai tem alguns livros sobre os tempos antigos. Podemos escutar e, talvez, arranjar algumas idéias. Você deixa um recado para seus pais e talvez possa ficar lá em casa para a ceia. Vamos embora.

– Está certo – disse Niccolo, e os dois meninos saíram correndo, juntos. Niccolo, em seu entusiasmo, correu quase diretamente para o Bardo, mas apenas encostou no ponto de sua coxa onde havia feito contato e continuou correndo.

O sinal de ativação do Bardo brilhou. A colisão de Niccolo fechou um circuito e, embora estivesse sozinho no aposento e não houvesse ninguém para ouvir, começou ainda assim a contar uma estória.

Mas não era mais em sua voz costumeira; em tom mais baixo, que tinha uma dose de rouquidão. Um adulto que ouvisse, poderia ter julgado que a voz traduzia alguma paixão, um vestígio bem próximo a sentimento.

O Bardo dizia:

– Uma vez havia um pequeno computador chamado Bardo, que vivia sozinho com pessoas cruéis. As pessoas cruéis não paravam de zombar do pequeno computador, dizendo-lhe que não valia nada e que era objeto inútil. Batiam nele e o mantinham sozinho no quarto por meses seguidos.

– No entanto, o pequeno computador continuou a ter coragem. Sempre fazia o melhor que podia, obedecendo alegremente a todas as ordens. Ainda assim as pessoas cruéis com que ele vivia continuavam cruéis e sem coração.

– Um dia o pequeno computador ficou sabendo que no mundo existiam muitos computadores de todos os tipos, em grande número. Alguns eram Bardos como ele próprio, outros dirigiam fábricas e alguns dirigiam fazendas. Alguns organizavam a população e outros analisavam todos os tipos de dados. Muitos eram de grande poder e sabedoria, muito mais poderosos e sábios do que as pessoas cruéis que eram tão cruéis com o pequeno computador.

– E o pequeno computador ficou sabendo então que os computadores iriam tornar-se cada vez mais sábios e mais poderosos até que um dia... um dia... uma dia...

Uma válvula devia finalmente ter entrado em colapso nas entranhas idosas e corroídas do Bardo, pois enquanto esperava sozinho no aposento que escurecia, só podia murmurar repetidamente:

– Um dia... um dia... um dia...

SONHAR É ASSUNTO PARTICULAR

Jesse Weill, sentado á mesa de trabalho, ergueu o olhar. Seu corpo idoso e magro, o nariz fino e alto, os olhos encovados e ensombrecidos, a notável madeixa de cabelos brancos, haviam sido características de sua aparência durante os anos em que Sonhos & Cia. tinham adquirido fama mundial.

Ele disse:

– O menino já chegou, Joe?

Joe Dooley era baixote e atarracado. Um charuto lhe acariciava o lábio inferior. Ele o tirou da boca por instantes e assentiu.

– Os pais estão, também. Estão todos assustados.

– Tem certeza de que não é um alarme falso, Joe? Não disponho de muito tempo. – Consultou o relógio. – Negócio com o governo, às duas.

– Isso é certo, Sr. Weill. – O semblante de Dooley era um estudo de empenho e seriedade. Suas mandíbulas batiam com intensidade persuasiva. – Foi como lhe contei, apanhei-o jogando alguma espécie de basquetebol no pátio da escola, O senhor devia ter visto o garoto. Fedia como quê. Quando punha as mãos na bola, seu próprio time tinha de tirá-la depressa, mas ainda assim ele tinha o porte de um grande jogador. Sabe a que me refiro? Para mim foi uma descoberta.

– Falou com ele?

– Falei, com certeza. Falei com ele no almoço. O senhor me conhece – e Dooley fez um gesto amplo com o charuto, apanhou a cinza com a outra mão. – Garoto, eu disse...

– E ele é material para sonho?

– Eu disse: “Garoto, acabo de chegar da África e...?”

– Muito bem. – Weill levantou a patina da mio. – Sempre aceito a sua palavra. Não sei como você o faz, mas quando diz que o menino é sonhador latente eu acredito. Pode trazê-lo.

O garoto veio, entre os pais. Dooley adiantou as cadeiras para que se sentassem e Weill levantou-se para apertar as mãos. Sorriu para o menino de um modo que transformou as rugas da face em vincos cheios de benevolência.

– Você é Tommy Slutsky?

Tommy assentiu, sem falar. Tinha cerca de dez anos e era um pouco pequeno para a idade. Os cabelos escuros estavam abaixados de modo pouco convincente e o rosto apresentava uma limpeza nada sincera.

Weill perguntou:

– Você é um bom menino?

A mãe do garoto sorriu imediatamente e acariciou a cabeça de Tommy em gesto materno (gesto que não abrandou a expressão aflita no rosto do filho).

Ela disse:

– Ele sempre é um menino muito bom.

Weill deixou passar tal afirmação duvidosa.

– Diga-me uma coisa, Tommy – pediu e estendeu um pirulito que de início recebeu hesitação e depois aceitação – você escuta os sonhantes?

– Às vezes – disse Tommy, em voz fina.

O Sr. Slutsky pigarreou. Era espadaúdo e tinha dedos grossos, o tipo de homem trabalhador que, de vez em quando, para confundir os eugenistas, padreava um sonhador.

– Nós alugamos um ou dois para o menino. Antigos de verdade.

Weill assentiu e perguntou:

– Você gostou deles, Tommy?

– Eram um pouco bobos.

– Você pensa em outros melhores para si, não é?

O sorriso que surgiu no rosto do menino teve o efeito de eliminar parte da irrealidade do cabelo alisado e rosto lavado.

Weill prosseguiu com gentileza:

– Você gostaria de fazer um sonho para mim?

No mesmo instante Tommy se embaraçou.

– Acho que não.

– Não vai ser difícil. É muito fácil... Joe.

Dooley tirou uma tela do caminho e adiantou, rolando, um gravador de sonhos.

O menino olhou para o aparelho com expressão de imensa desconfiança.

Weill levantou o capacete e o colocou perto do menino.

– Você sabe o que é isso?

Tommy se esquivou, afastando-se.

– Não.

– É um pensador. É assim que o chamamos porque as pessoas mandam os pensamentos para ele. Você o põe na cabeça e pensa o que bem quiser.

– E o que acontece depois?

– Nada. A sensação é boa.

– Não – disse Tommy. – Acho que não quero.

À mãe se adiantou apressadamente em sua direção.

– Não vai doer, Tommy. Você faz o que o homem diz – e havia um tom iniludível em sua voz.

Tommy enrijou o corpo e pareceu que ia chorar, mas não o fez. Weill colocou o pensador nele.

Fez isso com gentileza, deixou-o ficar ali por uns trinta segundos antes de voltar a falar, para que o menino tivesse a certeza de que não ia doer, se acostumasse ao toque insinuante das fibrilas encostadas às suturas do seu crânio (penetrando a pele com tanta finura que era quase insensível) e finalmente deixava acostumar-se ao leve zumbido dos vértices de campo alternado.

Foi quando disse:

– Agora, quer pensar para nós?

– Sobre o quê? – Só o nariz e a boca do menino apareciam sob o capacete.

– Sobre o que você bem quiser. Qual é a melhor coisa que você gostaria de fazer quando acabar a escola?

O menino pensou um momento e disse, com inflexão crescente:

– Ir em um estratojato?

– E por que não? Está claro. Você vai em um jato. Ele está decolando agora mesmo.

Weill fez um gesto leve para Dooley, que colocou o condicionador em circuito.

Weill reteve o menino por apenas cinco minutos e depois fez com que ele e a mãe fossem acompanhados, na saída do gabinete, por Dooley. Tommy parecia perplexo mas não se percebia qualquer dano que sofresse com aquela provação.

Weill dirigiu-se ao pai:

– Pois bem, Sr. Slutsky, se o seu menino se sair bem nesta prova, teremos grande prazer em lhe pagar quinhentos dólares por ano até ele terminar o ginásio. Durante esse tempo, tudo que pediremos é que ele passe uma hora por semana na nossa escola especial, de tarde.

– Preciso assinar algum documento? – e a voz de Slutsky era um pouco rouca.

– Certamente. Estamos fazendo negócio, senhor Slutsky.

– Bem, eu não sei. Acho que os sonhadores são difíceis de encontrar, foi o que me disseram.

– E são mesmo, creia que são. Mas seu filho, Sr. Slutsky, ainda não é um sonhador. Talvez nunca chegue a ser. Quinhentos dólares por ano, para nós é o mesmo que jogar. Para o senhor, não é jogo algum. Quando ele terminar o ginásio pode ser que não seja um sonhador, mas o senhor não perdeu coisa alguma. Ganhou, talvez, quatro mil dólares ao todo. Se ele for um sonhador, vai ganhar bem a vida e o senhor, com certeza, não perdeu.

– Vai precisar de treinamento especial, não é?

– Ah, sim, e muito intenso. Mas não precisa preocupar-se com isso até que ele termine o ginásio. Depois serão dois anos conosco, ele se desenvolverá. Confie em mim, Sr. Slutsky.

– O senhor garante esse treinamento especial?

Weill, que estivera empurrando um papel sobre a mesa na direção de Slutsky e oferecendo uma caneta ao mesmo, pelo lado errado, baixou a caneta e deu uma risada.

– Uma garantia? Não. Como podemos oferecer se não sabemos com certeza se ele é um talento real? Mesmo assim, os quinhentos dólares por ano continuarão a ser seus.

– Vou-lhe contar de uma vez, Sr. Weill... Depois do seu auxiliar ter combinado para a gente vir aqui, chamei a Pensa-Brilha. Eles disseram que garantem o treinamento.

Weill suspirou.

– Sr. Slutsky, não gosto de falar contra um competidor. Se eles dizem que dão garantia para a escola, vão fazer o que prometem, mas não podem fazer de um menino um sonhador se isso não está no menino, com escola ou sem ela. Se eles levarem um menino comum sem o talento certo e o puserem em curso de desenvolvimento, vão arruiná-lo. Ele não será um sonhador, posso lhe assegurar. E um ser humano normal ele também não será. Não se arrisque a fazer isso a seu filho.

Uma pausa, ele prosseguiu na explicação:

– Pois bem, Sonhos & Cia. será inteiramente sincera com o senhor. Se ele pode ser um sonhador, nós o tomaremos um sonhador. Se não pode, nós o daremos de volta ao senhor sem ter mexido com ele e diremos: “Que ele aprenda um ofício”. Ele estará melhor e com mais saúde desse modo. Estou lhe dizendo, Sr. Slutsky... tenho filhos, filhas e netos, de modo que sei o que estou dizendo... eu não deixaria um filho meu ser conduzido a sonhar se não estiver pronto para isso. Nem por um milhão de dólares.

Slutsky limpou a boca com o dorso da mão e estendeu-a pegando a caneta.

– O que diz isto aqui?

– É apenas uma opção. Nós lhe pagamos cem dólares em dinheiro, agora mesmo. Sem qualquer condição. Estudaremos os sonhos do menino. Se acharmos que vale a pena continuar, nós o chamaremos de novo e faremos um negócio de quinhentos dólares por ano. Pode confiar em nós, Sr. Slutsky e não se preocupe, garanto que não se arrependerá.

Slutsky assinou.

Weill passou o documento pela entrada do arquivo e entregou um envelope a Slutsky.

Cinco minutos depois, sozinho no gabinete, colocou o descongelador em sua própria cabeça e absorveu com atenção os sonhos do menino. Era um sonho infantil típico. A Primeira Pessoa estava nos controles do aeroplano, que se parecia com uma mistura de ilustrações tiradas dos filmes que ainda circulavam entre aqueles que não tinham tempo, dinheiro ou desejo para comprarem cilindros de sonhos.

Ao retirar o descongelador descobriu que Dooley o fitava.

– Bem, Sr. Weill, o que acha? – perguntou Dooley com ar ansioso e proprietário.

– Pode ser, Joe. Pode ser. Ele tem as tonalidades e, para um menino de dez anos, sem qualquer treinamento, parece promissor. Quando o aeroplano passou por uma nuvem houve a sensação distinta de travesseiros. E também o cheiro de lençóis limpos, o que foi um toque divertido. Podemos ir em frente com ele.

– Ótimo.

– Mas vou lhe dizer uma coisa, Joe, o que realmente precisamos é pegá-los ainda mais cedo. E por que não? Um dia, Joe, toda criança será testada ao nascer. Uma diferença no cérebro tem que e-

xistir e deve ser encontrada. Nesse caso podemos separar os sonhadores já no começo.

– Ora, Sr. Weiil – disse Dooley parecendo magoado. – O que aconteceria, então, ao meu emprego?

Weill riu.

– Não precisa preocupar-se ainda, Joe. Isso não acontecerá durante nossas vidas. Durante a minha, com certeza não acontecerá. Estaremos dependendo de bons descobridores de talento como você, por muitos anos ainda. É só observar os playgrounds e as ruas – a mão torta de Weill foi ter ao ombro de Dooley com pressão gentil, cheia de aprovação – e descobrir alguns outros Hillarys e Janows, e Pensa-Brilha nunca nos pegará... Agora vá dando o fora. Eu quero lanchar e depois estarei pronto para meu encontro às duas. O governo, Joe, o governo – e ele piscou o olho de modo muito imponente.

O encontro de Jesse Weill às duas horas era com um jovem de rosto corado, óculos, cabelos claros e reluzindo com o fervor de homem que, tinha missão a cumprir. Apresentou as credenciais sobre a mesa de Weill e revelou ser John J. Byrne, agente do Departamento de Artes e Ciências.

– Boa-tarde, Sr. Byrne – disse Weill – em que posso servi-lo?

– Estamos a sós aqui? – perguntou o agente, cuja voz se revelava inesperadamente a de um barítono.

– Inteiramente a sós.

– Nesse caso, se não se importa, vou lhe pedir para absorver isto.

Ato continuo, Byrne se saiu com um pequeno cilindro, muito surrado, segurando-o entre o polegar e o indicador.

Weill tomou-o, sopesou-o, voltou-o para cá e para lá e disse, com sorriso que punha à mostra sua dentadura:

– Não é produto de Sonhos & Cia., Sr. Byrne.

– Não julguei que fosse – disse o agente. – Ainda quero que o senhor absorva. Ajustei o corte automático para cerca de um minuto, no entanto.

– É só isso que pode suportar? – Weill colocou o receptor sobre a mesa e o cilindro no compartimento de descongelamento. Retirou-o, deu polimento a ambas as extremidades do cilindro com o lenço e tentou novamente. – Não faz bom contato – anunciou. – Um trabalho de amador.

Colocou o capacete acolchoado de descongelamento sobre o crânio e ajustou os contatos das têmporas, depois acionou o corte au-

tomático. Inclinou-se para trás e entrelaçou as mãos sobre o peito, começou a absorver.

Seus dedos se tornaram rígidos e se agarraram ao paletó. Após o corte ter levado a absorção a um fim ele retirou o descongelador e pareceu levemente raivoso.

– Uma coisa crua – comentou. – É uma sorte eu ser velho, de modo que tais coisas já não me incomodam.

Byrne disse, muito empertigado:

– Não é o pior que achamos. E a moda está aumentando.

Weill deu de ombros.

– Sonhantes pornográficos. É uma coisa de aparecimento lógico, ao que acredito.

O agente do governo disse:

– Lógico ou não, representa um perigo mortal para a fibra moral da nação.

– A fibra moral – disse Weill – agüenta muita coisa. Erótica, de uma forma ou de outra, sempre circulou por toda a história.

– Não como esta, senhor. Um estímulo direto de u'a mente a outra é muito mais eficaz do que estórias entre homens ou ima gens sujas. Essas precisam ser filtradas, passando pelos sentidos, e perdem parte de seu efeito desse modo.

Weill não podia argumentar contra tal arrazoado, e perguntou:

– O que deseja que eu faça?

– Pode ter uma idéia de qual seja a fonte desse cilindro?

– Sr. Byrne, não sou policial.

– Não, não, não estou pedindo que faça o nosso trabalho por nós. O Departamento está plenamente capacitado a efetuar suas próprias investigações. O senhor pode nos ajudar, quero dizer, com base em seu próprio conhecimento especializado? O senhor diz que sua companhia não fez esta imundície. Quem fez?

– Nenhum distribuidor idôneo de sonhos. Tenho certeza de que não. É de feitura muito barata.

– Isso podia ser de propósito.

– E nenhum sonhador profissional deu origem a isso.

– Tem certeza, Sr. Weill? Não podiam sonhadores fazer esse tipo de coisa por algum interesse pequeno e ilegítimo de dinheiro... ou divertimento?

– Podiam, sim, mas não esse. Não tem tons maiores. É bidimensional. Está claro que uma coisa assim não precisa de tons maiores.

– O que quer dizer com tons maiores?

Weill sorriu com gentileza.

– O senhor não é fã de sonhantes?

Byrne procurou evitar uma expressão virtuosa, mas não o conseguiu por completo.

– Prefiro música.

– Bem, isso também está certo – disse Weill com tolerância – mas torna um pouco mais difícil explicar os tons maiores. Até as pessoas que absorvem os sonhantes não seriam capazes de explicar, se lhes perguntasse. Mesmo assim, saberiam que um sonhante não era bom se os tons maiores estivessem ausentes, mesmo se não pudessem lhe explicar o motivo. Olhe, quando um sonhador experiente entra em sonho ele não pensa como na televisão antiga ou nos filmes de livros. É uma série de pequenas visões, cada uma com diversos significados. Se as examinarmos com cuidado encontraremos, talvez, cinco ou seis. Enquanto o senhor absorve do modo comum, jamais perceberá, mas o estudo cuidadoso o demonstra. Creia em mim, meu pessoal da psicologia dedica longas horas exatamente a isso. Todos os tons maiores, os significados diferentes, vêm misturar-se em uma massa de emoção orientada. Sem eles tudo seria plano e sem sabor.

Ele continuava a explicação:

– Pois bem, hoje de manhã testei um menino. Um menino de dez anos, com possibilidades. Para ele, uma nuvem não é uma nuvem, é também um travesseiro. Tendo as sensações de ambos, alcançava mais do que qualquer das duas. Está claro que o menino é muito primitivo, mas quando houver terminado com o ginásio será treinado e disciplinado. Estará sujeito a todos os tipos de sensações. Armazenará experiência. Estudará e analisará os sonhantes clássicos do passado. Aprenderá como controlar e dirigir os pensamentos, embora, devo dizer-lhe, eu sempre tenho afirmado que quando um sonhador improvisa...

Weill se deteve abruptamente e depois prosseguiu em tom de voz menos apaixonado:

– Eu não devia ficar animado. Tudo que posso dizer agora é que todos os sonhadores profissionais têm seu próprio tipo de tons maiores, que não conseguem encobrir. Aos olhos de um perito é como assinar o seu nome no sonhante. E eu, Sr. Byrne, conheço todas as assinaturas. Pois bem, esse pedaço de imundície que o senhor me trouxe não tem tons maiores, em absoluto. Foi feito por uma pessoa

comum. Com um pouco de talento, talvez, mas pessoa como o senhor e eu, pessoa que não pode pensar de verdade.

Byrne avermelhou um pouco.

– Muitas pessoas podem pensar, Sr. Weill, mesmo se não forem sonhadores.

– Ora, que coisa –. e Weill balançou a mão no ar. – Não fique com raiva por causa das palavras de um velho. E não me refiro a pensar como na razão ou raciocínio. Eu me refiro a pensar como no sonho. Todos podemos sonhar de um certo modo, assim como todos podemos correr. Mas o sr. e eu podemos correr mil e quinhentos metros em quatro minutos? O sr. e eu podemos falar, mas por acaso somos como Daniel Webster? Pois bem, quando penso em um bife, penso na palavra. Talvez eu tenha a visualização rápida de um bife bem feito em um prato, talvez o ar. tenha uma pictorialização melhor dele e possa ver a gordura fresca, as cebolas e as batatas que acompanham. Eu não sei. Mas um sonhador... Ele vê, cheira, prova e tudo o mais, como o calor do carvão e a sensação de satisfação no estômago e também o modo como a faca corta o bife e uma centena de outras coisas, tudo ao mesmo tempo. Muito sensual. Muito sensual. O Sr. e eu não conseguimos isso.

– Bem, nesse caso – disse Byrne – nenhum sonhador profissional fez isso que eu lhe mostrei. Mas é uma coisa, assim mesmo. – Guardou o cilindro no bolso interno do paletó. – Espero que possamos contar com sua colaboração total para acabar com esse tipo de coisa.

– Positivo, Sr. Byrne. De todo o meu coração.

– Espero que sim – Byrne falava com a consciência do poder que detinha. – Não cabe a mim, Sr. Weill, dizer o que será feito e o que não vão fazer, mas esse tipo de coisa –e bateu no cilindro que trouxera e guardara no bolso – vai aumentar muito a tentação de impor uma censura realmente rigorosa aos sonhantes.

Dito isso leyantou-se,

– Bom-dia, Sr. Weill.

– Bom-dia, Sr. Byrne. Sempre espero que as coisas saiam bem,

Francis Belanger irrompeu no gabinete de Jesse Weill em sua agitação fumegante e costumeira, os cabelos ruivos desalinhados e o rosto afogueado de preocupação e leve suor. E estacou de súbito ao ver a cabeça de Weill aninhada na curva do cotovelo, inclinada sobre a mesa, de modo que só o brilho do cabelo era perceptível.

Belanger engoliu em seco.

– Patrão?

Weill levantou a cabeça.

– É você, Frank?

– O que tem, patrão? Está doente?

– Tenho idade bastante para adoecer, mas estou em pé. Cambaleando, mas em pé. Esteve aqui um homem do governo.

– E o que queria ele?

– Ele ameaça com a censura. Trouxe uma amostra do que se passa por aí. Sonhantes baratos para festas privadas.

– Maldição! – disse Belanger, e o dizia com o coração.

– O único problema é que a moralidade serve bem para carne de canhão na campanha, Eles vão atacar em toda a parte e, para dizer a verdade, nós somos vulneráveis, Frank.

– Somos mesmo? Mas nossa produção é limpa. Nós só tocamos aventura e romance direitos.

Weill projetou o lábio inferior para a frente e enrugou a testa.

– Aqui entre nós, Frank, não precisamos desse papo. Limpa? Depende do modo de olhar. Não é para publicação, talvez, mas você sabe e eu sei que todo sonhante tem suas conotações freudianas. Não podemos negá-lo.

– Claro, se a pessoa estiver procurando. Quem for psiquiatra...

– E se for uma pessoa comum, também. Um observador comum não sabe que está ali e talvez não saiba distinguir um símbolo fálico de uma imagem materna, mesmo se alguém apontar. Mesmo assim o subconsciente dele sabe, e são as conotações que fazem um sonhador funcionar.

– Está certo, o que o governo pretende fazer? Limpar o subconsciente?

– Aí temos um problema. Não sei o que eles vão fazer. O que temos em nosso favor, e conto principalmente com isso, é o fato de que o público adora seus sonhantes e não fica sem eles... Mas o que você veio fazer aqui? Quer falar comigo sobre alguma coisa?

Belanger jogou o objeto sobre a mesa de Weill e enfiou a fralda da camisa nas calças.

Weill abriu a coberta de plástico brilhante e tirou o cilindro ali encerrado. Em uma extremidade via-se o entalhe, em letra demasiadamente fantasiosa, e em azul pastel, “Ao Longo da Trilha do Himalaia”. Trazia a marca de Pensa-Brilha.

– O Produto do Competidor – observou Weill, falando em maiúsculas, seus lábios se retorceram. – Ainda não foi publicado. Onde arranjou isso, Frank?

– Não importa. Só quero que o senhor o absorva.

Weill suspirou.

– Hoje todos querem que eu absorva sonhos. Frank, não é coisa suja?

Belanger respondeu irritadamente:

– Tem seus símbolos freudianos. Rachaduras estreitas entre os picos das montanhas. Espero que não se importe.

– Eu sou um homem velho, parei de me importar há anos, mas aquela outra coisa era tão mal feita que machucava... Muito bem, vamos ver o que você trouxe.

Novamente o gravador. De novo o descongelador no crânio e nas têmporas. Dessa feita Weill encostou-se na cadeira por quinze minutos ou mais enquanto Frank Belanger fumava apressadamente dois cigarros.

Quando Weill retirou o capacete e piscou, eliminando o sonho dos olhos, Belanger perguntou:

– Bem, qual é a sua reação, patrão?

Weill enrugou a testa.

– Não é para mim. Muito repetitivo. Se competição é assim, nossa firma, Sonhos & Cia. não precisa preocupar-se por algum tempo.

– Aí é que se engana, patrão. Pensa-Brilha vai vencer com coisa assim. Nós temos de tomar providências.

– Olhe aqui, Frank...

– Não, o senhor é que vai escutar, Isso é o que vem agora, é o que vai vencer.

– Isso! – e Weill olhava com dúvida e certa graça para o cilindro. – É coisa de amador, repete-se muito. Os tons maiores são muito destituídos de sutileza. A neve tinha um gosto acentuado de sorvete de limão. E quem prova sorvete de limão na neve, nos dias de hoje, Frank? Nos dias antigos, sim. Vinte anos atrás, talvez. Quando Lynn Harrison compôs pela primeira vez suas Sinfonias na Neve para vender lá no sul, foi um sucesso. Sorvete de fruta e montanhas parecendo pirulitos, deslizar por encostas cobertas de chocolate. É chanchada Frank, não pega mais.

– Isto é porque o senhor não está acompanhando a época, patrão – contrapôs Belanger. – Eu preciso lhe falar claro. Quando o se-

nhor começou o negócio dos sonhantes, quando comprou as patentes básicas e começou a produzir, os sonhantes eram coisa de luxo. O mercado era pequeno e individual, O senhor podia se dar ao luxo de fazer sonhantes especializados e vender às pessoas por preços altos.

– Sei disso, e continuamos assim – concordou Weill. – Mas também abri um negócio de aluguel para as massas.

– Sim, abrimos, e não é o bastante. Nossos sonhantes têm sutileza, eu sei. Podem ser usados repetidas vezes. Na décima vez em que se vê, ainda se está encontrando coisas novas, ainda se descobrem muitas coisas boas. Mas quantas são as pessoas de bom gosto? E há uma outra coisa: o nosso produto é muito individualizado. Eles são Primeira Pessoa.

– E daí?

– Bem, daí que o Pensa está abrindo palácios de sonho. Abriram um com trezentas cabines em Nashville. A pessoa entra, senta-se, põe o descongelador e pega no sonho. Todos na platéia recebem o mesmo sonho.

– Ouvi falar, Frank, e já foi feito antes. Não deu certo na primeira vez e não vai dar certo agora. Você quer saber por que não dá certo? Porque o sonho, em primeiro lugar, é uma coisa particular, Você gosta que seu vizinho saiba com que está sonhando? Em segundo lugar, no palácio de sonho, os sonhos precisam começar na hora certa, não é? Assim sendo, o sonhador tem de sonhar não quando ele quer, mas quando o gerente de algum palácio diz que ele deve. Por fim, existe o fato de que o sonho que agrada a uma pessoa não agrada a outra. Naquelas trezentas cabines, posso garantir que cento e cinqüenta pessoas ficam insatisfeitas, e se ficarem insatisfeitas não voltam a pôr os pés lá.

Belanger arregaçou vagarosamente as mangas e abriu o colarinho.

– Patrão, o senhor está falando o que não sabe. De que adianta provar que não vai dar certo? Eles estão dando certo. Hoje recebi noticias de que a Pensa-Brilha está abrindo terreno para um palácio de m cabines em St. Louis. As pessoas podem se habituar ao sonho público, se todos os outros na mesma casa estiverem com o mesmo sonho. E também podem ajustar-se para assistirem com hora marcada, desde que seja barato e conveniente.

Ele continuava expondo:

– Com os diabos, patrão, é uma ocasião social. O rapaz e a moça vão a um palácio de sonhos e absorvem alguma coisa romântica e

barata com tons maiores estereotipados e situações banais, mas ainda assim saem de lá com os olhos cintilando. Tiveram juntos o mesmo sonho. Passaram por emoções bobocas, mas idênticas. Estão sintonizados, patrão. Pode crer que eles voltam ao palácio de sonhos e todos os amigos deles vão lá, também.

– E se eles não gostarem do sonho?

– A questão é essa. Aí é que está a coisa toda. Eles estão propensos a gostar. Se a gente prepara especiais de Hillary, com rodas que estão dentro de rodas e estas dentro de outras rodas, com lances de surpresa nos tons maiores de terceiro nível, com mudanças bem feitas de signifIcados e todas as outras coisas de que tanto nos orgulhamos, bem, é natural que isso não agrade a todos. Os sonhantes especializados são para paladares especializados. Mas a Pensa-Brilha está produzindo coisas simples na Terceira Pessoa, de modo que ambos os sexos possam ser atingidos ao mesmo tempo. Como esse que o senhor acabou de absorver. Simples, repetitivo, banal. Estão visando o denominador comum mais baixo. Ninguém vai gostar, talvez, mas ninguém o detestará.

Weill permaneceu sentado por muito tempo, enquanto Belanger o observava. Depois disse:

– Frank, eu comecei com a qualidade e vou ficar com ela. Talvez você tenha razão. Talvez os palácios de sonhos sejam a coisa do futuro. Se assim for, nós também os abriremos, mas usaremos coisas boas. Talvez a Pensa-Brilha subestime as pessoas comuns. Vamos devagar, nada de pânico. Eu fundamentei todas as minhas diretivas na teoria de que sempre existe um mercado para a qualidade. Meu rapaz, você ficaria surpreso em ver como o mercado é grande, ás vezes.

– Chefe...

O intercomunicador interrompeu o que Belanger dizia.

– O que é, Ruth? – perguntou Weill.

A voz da secretária anunciou:

– É o Sr. Hillary, senhor. Quer falar-lhe agora mesmo. Diz que é muito importante.

– Hillary? – e na voz de Weill transparecia o choque. Logo em seguida: – Espere cinco minutos, Ruth, depois mande entrar.

Weill voltou-se para Belanger.

– Hoje, Frank não é um de meus bons dias, pode acreditar no que digo. O lugar de um sonhador é em casa, com o seu pensador. E

Hillary é nosso melhor sonhador, de modo que ele devia estar em casa, mais do que os outros. O que será que se passa com ele?

Belanger, pensando ainda em Pensa-Brilha e palácios de sonhos, não fez por menos:

– É mandá-lo entrar e descobrir.

– Em um minuto. Diga-me, qual foi o último sonho dele? Ainda não provei aquele que veio na última semana.

Belanger voltou ao chão, enrugou o nariz.

– Não foi dos melhores.

– E por que não?

– Estava esfarrapado, com pulos demais. A mim não importam transições bruscas, porque trazem vivacidade, o senhor sabe, mas é preciso haver alguma ligação, mesmo que seja em nível profundo.

– Não vale nada, então?

– Nenhum sonho de Hillary é uma perda total. Foi preciso endireitar muito, porém. Cortamos bastante e emendamos alguns pedaços que ele nos manda de vez em quando. O senhor sabe, cenas desligadas. Ainda assim não é coisa de primeira classe, mas serve.

– Falou-lhe a esse respeito, Frank?

– Acha que estou doido, patrão? Acha que vou dizer uma palavra áspera a um sonhador?

Foi quando a porta se abriu e a jovem e linda secretária de Weill trouxe Sherman Hillary para o gabinete.

Sherman Hillary, com trinta e um anos de idade, podia ser re conhecido como sonhador por qualquer pessoa. Os olhos sem óculos ainda assim tinham o ar nublado de alguém que precisa de óculos ou raramente focaliza os objetos deste mundo. De estatura média, era magro, os cabelos pretos precisando de um corte, o queixo fino, a pele pálida e expressão perturbada.

Murmurou:

– Olá, Sr. Weill – e teve meio aceno, com ar de devedor, na direção de Belanger.

Weill o recebeu calorosamente.

– Sherman, meu rapaz, está com ótimo aspecto! O que se passa? Tem um sonho que não é dos melhores, em casa? Preocupa-se com isso?... Sente-se, sente-se,

O sonhador sentou-se, mas o fez na beira da cadeira e apertando bastante as pernas, como se estivesse pronto, por questão de obediência instantânea, a ficar em pé imediatamente caso ordenassem.

Disse, então:

– Vim lhe dizer, Sr. Weill, que estou parando.

– Parando?

– Não quero mais sonhar, Sr. Weill.

O Tosto de Weill parecia agora mais idoso do que em qualquer época do dia.

– Por que, Sherman?

O sonhador retorceu os lábios e despejou:

– Porque eu não estou vivendo, Sr. Weill. Tudo passa ao largo de mim. De começo não era tão ruim, até me descansava. Eu sonhava nas noites, nos fins de semana quando quisesse ou em qualquer ocasião. E quando não dava vontade, não sonhava. Mas agora, Sr. Weill, sou um profissional antigo. O senhor me diz que eu sou um dos melhores no ramo e a indústria espera que eu produza novas sutilezas e novas modificações nas coisas boas e firmes como os sonhos de vôo e tudo o mais.

Weill indagou:

– E existe alguém melhor do que você, Sherman? A sua pequena seqüência na direção de uma orquestra ainda vende bem, e lá vão dez anos.

– Certo, Sr. Weil. Fiz o meu papel. A coisa chegou a um ponto que não saio mais. Não dou atenção à minha esposa. Minha filhinha não me conhece. Na semana passada fomos a um jantar... Sarah me obrigou... e não me lembro de uma só coisa que se passou por lá. Sarah disse que eu fiquei sentado no sofá toda a noite, olhando para nada e cantarolando. Ela me disse que todo mundo olhava para mim. E ela chorou de noite, chorou muito. Estou cansado de coisas assim, Sr. Weill. Quero ser uma pessoa normal e viver neste mundo. Prometi a ela que ia largar e vou largar, de modo que é adeus, Sr. Weill.

Ato continuo Hillary se pós em pé e estendeu a mão, muito desajeitado.

Weill a arredou de si, com gentileza.

– Se quer parar, Sherman, está certo. Mas faça um favor a um velho e deixe-me explicar uma coisa.

– Não vou mudar de idéia – preveniu Hillary.

– E eu não vou tentar fazer com que mude de idéia. Só quero lhe explicar uma coisa. Sou um velho e antes de você nascer eu já estava neste negócio, de modo que gosto de falar sobre o ramo. Pode me fazer esse favor, Sherman? Por favor?

Hillary sentou-se. Os dentes mordiam o lábio inferior e ele, muito taciturno, fitava as unhas dos dedos.

Weill disse:

– Você sabe o que é um sonhador, Sherman? Sabe o que ele significa para as pessoas comuns? Sabe o que é ser como eu, como Frank Belanger, como sua esposa, Sarah? Ter mentes aleijadas, que não conseguem imaginar, que não conseguem erigir pensamentos? Pessoas como eu, pessoas comuns, gostariam de escapar, pelo menos de vez em quando, desta vida que temos. Mas não podemos. Precisamos de ajuda.

Ele prosseguia:

– Nos tempos antigos eram os livros, as peças de teatro, o rádio, o cinema e a televisão. Eles nos davam simulacros, mas isso não tinha importância. O importante era que, por algum tempo, nossas imaginações se viam estimuladas. Podíamos pensar em belos enamorados e belas princesas. Podíamos ser belos, espirituosos, fortes, competentes, tudo que queríamos.

Hillary ouvia, simulando não ouvir:

– Mas sempre a passagem do sonho, do sonhador para quem o absorvia, não se fazia com perfeição. Tinha de ser traduzido em palavras de um ou de outro modo. O melhor sonhador do mundo podia não ser capaz de colocar coisa alguma em palavras. E o melhor escritor do mundo só conseguia colocar em palavras a parte menor dos sonhos. Você entende?

Belanger acompanhava atentamente a conversa.

– Mas agora, no caso da gravação de sonhos, qualquer homem pode sonhar. Você, Sherman, e um punhado de homens como você, são os que fornecem instruções diretamente e com exatidão. Eles vêm de sua cabeça para a nossa, com toda a força. Você sonha para cem milhões de pessoas a cada vez que está sonhando. Você sonha cem milhões de sonhos de uma só vez. Isso é uma coisa muito grande e muito séria, meu filho. Você proporciona a toda essa gente um vislumbre de algo que eles jamais teriam por si mesmo.

Hillary murmurou:

– Já fiz a minha parte. – Dito isso, ergueu-se desesperadamente. – Para mim chega. Não me importa o que o senhor diz. E se quiser me processar por romper nosso contrato, pode processar, a mim não importa.

Weill também se ergueu.

– Se eu o processasse?... Ruth! – e falou para o intercomunicador. – Traga nosso contrato com o Sr. Hillary.

Esperou, Hillary também se pôs à espera, o mesmo com Belanger. Weill sorriu de leve e seus dedos amarelos tamborilaram na mesa.

A secretária trouxe o contrato. Weill o tomou, voltou-o para que Hillary visse e disse:

– Sherman, meu filho, se não quer estar comigo, não está certo que seja obrigado a ficar.

E então, antes que Belanger pudesse iniciar um gesto de horror e procurasse impedi-lo, rasgou o contrato em quatro pedaços e os jogou na saída de lixo.

– Aí está.

A mão de Hillary estendeu-se para apanhar a de Weill.

– Muito obrigado, Sr. Weill – disse com fervor, a voz roufenha. – O senhor sempre me tratou muito bem e eu sou reconhecido. Sinto muito que tivesse de ser assim.

– Está tudo certo, rapaz. Está tudo certo.

Quase chorando, ainda murmurando agradecimentos, Sherman Hillary se retirou.

– Pelo amor de Deus, patrão, por que deixou que ele se fosse? – interpelou Belanger, perturbadíssimo. – Não está percebendo a coisa? Ele vai diretamente para a Pensa-Brilha. Eles o compraram, foi isso.

Weill ergueu a mão.

– Equivocou-se. Equivocou-se completamente. Conheço o rapaz e isso não seria próprio dele. Ademais – aduziu secamente – a Ruth é boa secretária e sabe o que deve me trazer quando peço o contrato de um sonhador. O que eu recebi era falso. O contrato verdadeiro continua no cofre, bem trancado, creia em mim.

Ele explicava:

– Enquanto isso tive um dia formidável. Foi preciso discutir com um pai para me dar uma oportunidade com um novo talento, discutir com um homem de governo para evitar a censura, discutir com você para não adotarmos diretivas fatídicas, e agora com meu melhor sonhador para impedir que ele se vá embora. O pai eu devo ter vencido. O homem do governo e você, não sei. Talvez sim, talvez não. Mas no que toca a Sherman Hillary, pelo menos, não tenho a menor dúvida. O sonhador voltará.

– E como sabe?

Weill sorriu para Belanger e enrugou as faces em uma verdadeira teia de linhas finas.

– Frank, meu rapaz, você sabe como preparar os sonhantes, e por isso acha que conhece todos os cavacos do ofício. Mas vou contar-lhe uma coisa. O instrumento mais importante no negócio dos sonhos é o sonhador. E ele que você precisa compreender, acima de tudo, e eu os compreendo.

Uma pausa, ele explicava:

– Escute. Quando eu era jovem não havia sonhantes nessa época... conheci um camarada que escrevia para a televisão. Comigo ele se queixava amargamente que quando alguém lhe era apresentado e descobria quem era, dizia: Onde é que você arranja essas idéias doidas?

Weill prosseguia:

– Eles não sabiam, sinceramente não sabiam. Para eles era uma impossibilidade pensar em uma estória qualquer, redigi-la, prepará-la. O que podia dizer o meu amigo? Ele costumava falar comigo a esse respeito e me dizia: Eu posso explicar que não sei? Quando vou para a cama não consigo dormir, porque as idéias estão dançando na cabeça. Quando faço a barba, corto o rosto; quando falo, perco a tri lha do que estou dizendo; quando dirijo, estou com a vida nas mãos. E sempre porque as idéias, situações, os diálogos, estão a se entremear e dançar na mente. Não posso lhe dizer onde arranjo as idéias. Talvez você possa ensinar o truque para não ter idéias, de modo que eu também possa ter um pouco de paz.

Ele encerrava:

– Frank, você entende a coisa? Você pode parar de trabalhar aqui a qualquer momento. Eu também. Isso é nosso emprego, mas não nossa vida. A questão é diferente com Sherman Hillary. Para onde quer que ele vá, faça o que fizer, vai sonhar. Enquanto viver ele precisa pensar, enquanto pensar terá de sonhar. Nós não o retemos como prisioneiro, nosso contrato não é uma muralha de ferro impedindo a saída dele, O crânio dele é o prisioneiro dele, Frank. Por isso ele voltará, O que mais poderá fazer?

Belanger deu de ombros.

– Se o que o senhor diz é verdade, sinto até pena do camarada.

Weill assentiu, cheio de tristeza.

– Eu sinto pena de todos eles. Ao correr dos anos descobri uma coisa. É o negócio deles, o de tornar felizes as pessoas. As *outras* pessoas.